LIBRARY OF CONGRESS.

[SMITHSONIAN DEPOSIT.]

Chap. DP525

Shelf .L69

UNITED STATES OF AMERICA.

PORTUGAL.

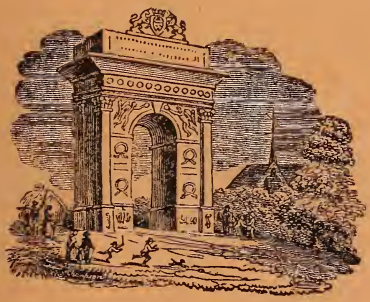
RECORDAÇÕES DO ANNO DE 1842

PELO

PRINCIPE LICHNOWSKY.

TRADUZIDO DO ALLEMÃO.

Segunda edição, correcta e annotada.



LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.
1845.

PORTUGAL.

RECORDAÇÕES DO ANNO DE 1842

PELO

PRINCIPE LICHNOWSKY.

TRADUZIDO DO ALLEMÃO.

Segunda edição, correcta e annotada.

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.

1845.

HP525
.L69

7-19-1904. R.M.W.

SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO.

O consumo rapido da primeira edição, e o havermos deixado de satisfazer a maior parte dos nossos assignantes das provincias, induzio-nos a fazer esta reimpressão.

Juntámos agora algumas notas — poucas e breves para corrigir varias asserções menos exactas, que se encontram no texto. O preço já mui diminuto desta publicação não permittio que dessemos o possivel, e talvez conveniente desenvolvimento a essas observações. Algum de nossos leitores póde ser mesmo vá debalde procurar ás notas o que elle reputa da maior consideração, e se admire e se queixe de outros objectos haverem alli usurpado o logar devido á sua lembrança. Quasi todos os assumptos tem uma importancia relativa: a esphera de enthusiasmo de cada indole diversa abraça uma certa parte do universo: o resto parece indifferente ou desprezivel, ainda que seja assumpto do mais subido valor para outras organisações. Para intentar satisfazer todas as exigencias deveriamos redigir um quadro completo estatistico, politico, artistico, etc. etc. de Portugal. Não faremos o que ninguem fez ainda.

A imperiosa condição de economia de espaço nos determinou a restringir as nossas observações quasi unicamente ás questões de facto. Tudo o que pedia dissertação, deixámol-o ao bom juizo de quem ler a nossa versão. — Perdoem-nos pois os que amam a nossa bella

patria, e principalmente os que ligam a esse amor as illusões de um fanatico mas desculpavel optimismo, perdoem-nos não havermos escripto longas paginas para realçarmos o que existe entre nós capaz de honrar a historia das bellas artes em Portugal: o não havermos demonstrado que a crassa ignorancia não é um *facto nacional*, que a má educação e virulencia não é exclusiva propriedade do nosso parlamento, e do nosso jornalismo, etc. etc. etc.

Pelo que diz respeito á apreciação de caracteres, e acontecimentos politicos a severidade de um ou outro conceito deverá desagradar a alguem. O individuo que se considerar avaliado com injustiça encontrará já feita a sua ampla defeza nos jornaes do seu partido. Haverá até quem possa ler no mesmo jornal — de épocas differentes — o seu pomposo panegyrico, e a mais virulenta accusação.

Ultimamente só quem não tem lido o muito que em paizes estrangeiros se publicou em diversas épocas ácerca de Portugal é que poderá affirmar que o nosso A. é proporcionalmente abundante de mais em inexactidões, e adverso ao merecido elogio do que é bom. Entre o estrangeiro que asseverou, que as noras nos arredores de Lisboa eram dirigidas por Genovezes porque os nossos não sabiam haver-se com aquelles intrincados mecanismos, e o celebre poeta, que nos chamou — vilissimos entre os vís escravos — que longa serie de falsidades e de calumnias não poderá ler com entranhada indignação quem conhece os factos, e quem detesta a injuria filha da má fé, ou da leviana ignorancia?

Emprehendemos esta versão principalmente por julgarmos, que devia interessar muito a curiosidade do publico: foi uma previsão muito mais afortunada do que o merecia a cathegoria litteraria do nosso trabalho, e a diligencia que nelle empregámos. Mas satis-

feita embora essa condição de um interesse positivo, não sômos indifferentes a toda a outra especie de má fortuna, que tenha este livro; e por isso ser-nos-ha permittido, que nos não pareçam rasoavel critica litteraria umas expressões mui desabridas, que ácerca do nosso A. publicou recentemente um mui distincto poeta Portuguez. Nesse conceito ha severidade, que é quasi inteiramente despeito, e ha exaggeração, que seguramente é injustiça. Se nos não aproveitamos aqui da faculdade que por uso é concedida aos traductores — elogiarem amplamente o texto que escolheram, ao menos usâmos o direito que nos assiste para negar a exactidão de uma censura cuja acrimonia nos pareceu destituida de fundamento.

I.

Viagem da Allemanha pela Hollanda, Inglaterra, e Bahia de Bïscaia — Vigo — Os Gallegos — Mindello, e o desembarque de D. Pedro em 1832 — *As Berlengas — Lisboa — Theatro de S. Carlos — Duque da Terceira — Seges, Ruas, e Cães.*

Eis aqui quasi cume da cabeça
Da Europa toda o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.

Camões. Os Lusiadas. Cant. III. Est. XX.

A elegantissima das côrtes Allemãs, situada no mais risonho dos paizes, e hoje solar de tres linhagens de reis, existia ainda profundamente gravada na minha memoria, bem como a lembrança do seu agradavel acolhimento; quando eu, de bordo de um barco de vapor me despedi de Moguncia. O Rheingau e o Rheinthal, seus palacios e castellos, suas recordações de antiga historia e de moderna diplomacia, suas tenebrosas legendas, e agradaveis tradições, tudo isto de mil maneiras descripto e cantado, rapidamente desapparecia de nosso lado, até que, perto de Colonia, as montanhas abatem-se, o terreno aplana-se, e logo depois de Dusseldolf o caracter tão eminentemente Allemão do nosso Rheno já successivamente vai mostrando a approximação da Hollanda.

Chegámos perto da noute a Rotterdam, onde, eu, tendo na mão as cartas de um defuncto, fui procurar o Bath-Hotel, e achei-o tão *confortable*, como o tinha descripto o affamado viajante.

Na manhã seguinte as vagas do Oceano empregaram-se em nos incommodar soffrivelmente em companhia de um tigre de Bengalla, de bastantes papagaios, e macacos, um *Clergyman* Inglez, e alguns negociantes Allemães. Todavia, chegámos sem desagradavel incidente a Londres, que no mais

bello da estação se nos apresentou como enfeitado para uma festa.

O ultimo attentado contra a vida da rainha, (era isto nos principios de Junho), occupava quasi exclusivamente a attenção publica; crime que produzio o maior horror em todas as classes de individuos, visto que não o poderia explicar nem mesmo o delirio do mais exaltado fanatismo politico. Os jornaes estavam cheios de pormenores a tal respeito, e baniam de todas as conversações os *Lions*, e suas aventuras elegantes. As grandes corridas de Ascot tornaram-se de secundario interesse. Rachel, a optima das actrizes tragicas de todos os tempos, pállida e desanimada, foi encontrar na sua primeira apparição nos Horacios de Corneille, uma casa meio vazia, e menos enthusiasmo do que no ultimo anno lhe patentearam os insulanos, que, em abono da verdade, é gente que applaude sempre com bastante frieza. Tudo o mais que excitava o interesse da época, parecia quasi inteiramente esquecido; quando eu procurei na City... von R., e lhe perguntei pelo homem, que, apesar de estrangeiro, tinha n'uma série de annos, e com despotico poder, empunhado o sceptro da moda na capital do mundo; o meu interrogado custou-lhe a fazer reviver as suas lembranças a tal respeito, e só passado algum tempo me informou, que o celebre dandy já não era visivel senão aos domingos, e passava os outros seis dias da semana em companhia da engraçada e espirituosa Lady B, no mais completo retiro, desde que Lord Ch., Sir F. B. e um terceiro, cujo nome me esqueceu. não quizeram mais prestar-lhe protecção alguma.

Passados poucos dias, tive de deixar Londres para me embarcar em Southampton. Confesso que esta separação me não custou o menor sacrificio. Depois do prolongado e benefico descanço da minha vida privada no continente, tinha eu sido, por assim dizer, repentinamente transportado ao centro da effervescencia tumultuosa de Londres, de maneira que me senti fatigado e abatido nos primeiros dias, e foi com grande regozijo meu, que me achei de novo liberto do fetido e do estrondo. O excellente caminho de ferro do sudoeste conduzio-me em tres horas a Southampton, constantemente engaiolado, é verdade, mas livre do incommodo balanço do Taunus. Nessa tarde suspendeu ferro o Little-Liverpool, um amplo e vagaroso vapor da companhia Peninsular e Oriental, que todavia gosava da reputação de muito seguro, e que milhares de vezes tinha resistido ás tempestades da procellosa Bahia de Biscaia. Passámos perto das

Needles, rochedos calcareos aprumados, brancos e destacados, que, como espectros envolvidos em alva mortalha, surgem ameaçadoramenre do azul das ondas para atterrar os navegantes. Em tempos antigos devem ter-se despedaçado muitos navios contra estas pedras; e ainda hoje não julgo isenta de perigo a passagem, visto que a corrente para as *Needles*, entre a terra e a ilha de Wight é muito forte e arrebatada.

Caminhando a pequena distancia da costa, vimos nós durante a noite e a espaços, fulgurarem as luzes alternadas dos pharóes com um fogo vermelho, e branco, ora intenso, ora remisso, até que o crepusculo da manhã nos mostrou o rei de todos os pharóes o celebrado Eddystone. Esta obra prima da architectura hydraulica eleva-se com elegancia e solidez sobre uma ilha isolada a nove milhas da costa até uma altura de 92 pés acima da superficie do mar, o qual todavia nas grandes tempestades chega a innundar até o fastigio do edificio. Conta-se com horror, que a antiga torre derrubada por um violento furacão, sepultou debaixo das ruinas e das ondas, seus solitarios habitadores. A torre actual, construida toda de pedras esquadriadas, e fortemente travada com o rochedo por meio de valentes gatos de ferro, tem até hoje resistido victoriosamente a toda a furia dos elementos. Dois marinheiros de Plymouth habitam nella constantemente, e são rendidos de dois em dois mezes. Têm comsigo as provisões necessarias para o seu sustento, e para a illuminação, e entretem-se na pesca, que é alli muito copiosa e lhes fornece uma facil riqueza. O logar affigurou-se-me romantico de mais para qualquer occupação prosaica. Engolfado nos sonhos Byronicos, poder-se-hia alli, entre o ceu, e o mar, ao reflexo das estrellas, e das luzes, consumir agradavelmente algum tempo na contemplação melancolica, suppondo que não fosse necessario, ter de fazer a panella, pescar peixe, e limpar as lanternas.

Perto do meio dia entrámos na enseada de Falmouth que é vasta e segura, tendo capacidade para as maiores esquadras, e onde se encontravam sómente poucos navios mercantes, e nem um só de guerra. Ao inverso das outras cidades maritimas Inglezas da primeira ordem, Falmouth é destituida de vida e bastantemente immunda. O domingo Inglez, este dia systematicamente enfadonho, fez-nos bem pouco divertida alli a nossa curta residencia. De tarde não se via pelas ruas senão magotes de marinheiros embriagados, e de mulheres impudicas, que aturdiam tudo com selvatica gritaria.

Na manhã seguinte foi trazida para bordo a malla do correio, por cujo transporte semanal para os portos de Vigo, Porto, Lisboa, Cadiz, e Gibraltar, o governo paga annualmente á Companhia a somma de 29:600 libras esterlinas. Um velho tenente de marinha, que tinha servido 37 annos em todos os mares de ambos os hemispherios, acompanhava a malla como agente do almirantado. Este emprego tinha sido a recompensa do seu diuturno serviço. O encanecido maritimo éra o mais jovial dos companheiros, um commensal infatigavel: e para fazer coisa que aproveitasse a seus membros estropeados, nos ultimos tempos tinha feito para cima de oitenta vezes a viagem de Falmouth a Gibraltar. Por isso éra tambem capaz de determinar com a maxima exactidão todos os bancos de arêa, todas as restingas, e todas as distancias; e parecia saudar a cada uma das oudas de per si como antigos conhecimentos. Todo o soldado envelhecido nos trabalhos da guerra, é sem duvida accredor da maior veneração; porém um antigo navegador, que, mesmo durante a mais completa paz, anda exposto a perigos diarios, que subjuga os furacões, e que agora no occaso dos seus dias, ainda sobre o mar, cóme o pão de veterano com satisfação, e contentamento; esse individuo de certo é a mais respeitavel das apparições. Não pude esquivar-me a um sentimento melancolico, quando vi o velho tenente Wise com um chapéo de palha, e uma sobrecasaca azul adornada de dragonas já negras passeando sobre o tombadilho, tão tranquillo, e alegre, como se divagasse na verde praça relvosa diante do hospital real de Greenwich. Muito alheio de todo o charlatanismo da sua profissão, tinha elle sempre as palavras simples de uma compaixão comica para aquelles, que se não podiam conformar com o balancear do pezado vapor; não eram aos seus olhos senão uma raça predestinada de homens infelizes.

Um cavallo Inglez, destinado para Lisboa, e uma porção de carneiros de transporte, que um apoz outro vinham irremissivelmente apresentar os seus *mutton chops* á nossa meza, augmentaram em Falmouth a nossa sociedade. Finalmente não desfraldando as vellas, mas desenvolvendo o vapor, pozemo-nos em movimento, e em poucas horas a ultima ponta de terra da velha Inglaterra, o cabo Lizard, tinha ficado além do alcance da nossa vista.

Não póde ser pretenção deste desordenado esboço transformar-se em epistola maritima, principalmente desde que cahiram em descredito os romances nauticos de Sue, Marryat, e mais collegas. Tambem apezar dos meus bons desejos, tive

o desgosto de não encontrarmos nem barbarescos, nem piratas, nem ao menos negreiros; mas sómente pacificos navios mercantes, e barcos de laboriosos pescadores. Tão pouco veio em nosso auxilio a vantagem da minima das tempestades para tornar mais interessante a viagem; o mar permaneceu constantemente n'uma desesperadora tranquillidade prosaica, mesmo até na Bahia de Biscaia diffamada geralmente pelas suas continuas agitações.

And winds are rude in Biscay's sleepless bay.

Persistia comtudo naquella magestosa tranquillidade um espectaculo pomposo, para cuja fruicção dava mais energia ainda o sentimento da perfeita segurança.

Apezar de «o mar estar como um rio» segundo a expressão dos marinheiros, apenas tinham ficado em boa disposição de saude alguns officiaes inglezes de terra, e de mar, um negociante de cerveja do Porto de Santa Maria, e o meu companheiro de viagem o Conde Alexandre Teleky. O resto da nossa sociedade dentro em poucas horas tinha-se todo refugiado na camara: eram Hespanhoes de todas as côres politicas, e uma Miss ingleza alta, loura, e magra como são todas ellas, a unica senhora, que havia a bordo, a qual, apezar de tudo, e *faute de mieux*, nos teriamos resolvido a galantear um pouco, se ella não tivesse estado constantemente doente, tornando-se a mostrar de novo, unicamente quando chegámos á vista de Lisboa. Até mesmo escolhemos dentre nós um parlamentario, e para o que foi designado o velho tenente, afim de lhe rogar, que se dignasse apparecer; mas tudo foi baldado.

A unica distracção digna de reparo foi-nos fornecida por algumas balêas, que a pequena distancia do navio nos mostraram seu dorso collosal, e arrojavam a agua para o ar em elevadissimos repuxos. Pareciam estar cheias de regozijo, e brincavam umas com outras, semelhando por assim dizer a casas dançantes: o que não dava logar a um espectaculo muito elegante. Como é sabido, estes cetaceos, depois de uma ausencia de muitos seculos, encontraram-se de novo naquelle mar ha pouco tempo para grande regozijo dos pescadores: e tinham sido vistos pela primeira vez ha dois annos em frente de S. João da Luz.

Na tarde do terceiro dia descobrimos á luz do crepusculo os escabrosos rochedos do cabo Ortegal. Á noite dobrámos a ponta de Finisterra, e ao nascer do sol entrámos por entre as ilhas de Sayas, e Bayonna na magnifica bahia de Vigo. Centenares de barcas de pescadores balouçavam-se nas

aguas espelhadas, que ao reflexo dos primeiros raios do sol brilhavam graciosamente como matizadas de milhares de estrellas. Grupos destacados de rochedos, pequenas ilhas, restingas, e bancos de arêa, fecham a bahia, deixando dos dois lados abertas duas entradas de milha de largura. Vigo está edificada em uma encosta ao meio da bahia; e no fundo della a duas milhas de distancia vê-se Redondella, onde desde a guerra da successão jazem sepultados os galeões que vinham carregados de prata da America. A esquadra ingleza então alliada da Austria, tinha acommettido os galeões no mar alto, tinha-os posto em fuga, e perseguido. O almirante hespanhol retirou-se para o porto de Vigo, e fechou a entrada junto á ilha de Cangas por meio de uma pezada cadêa de ferro, quasi como o fizeram os Turcos no Danubio diante de Vienna. A frota ingleza não pôde penetrar dentro, e deveu contentar-se com bloquear a entrada, o que adormeceu o almirante em tão genuino desleixo hespanhol, que não tratou de pôr em terra, e segurança, a sua riquissima carregação. Passadas muitas semanas chega de repente uma machina de Inglaterra, que, adaptada á prôa de um navio, partio com extrema facilidade a cadêa, e forçou a entrada. Quando o almirante hespanhol observou isto, fez submergir no fundo do mar toda a sua flotilha argentina, onde tem existido até hoje; de modo que quando o tempo está claro, ainda se percebem os vultos dos galeões, mergulhados em grande profundidade, meio cobertos de arêa e de limos. Ultimamente como a miseria, e as privações têm successivamente tornado mais industriosos os hespanhoes, formou-se ha pouco uma companhia, que vai occupar-se na pesca das velhas patacas, havendo para isso obtido um privilegio do governo, o qual deve receber 5 por cento dos lucros obtidos. Espera-se diariamente de Inglaterra um sino mergulhador com o qual se deve immediatamente começar a operação. Assim por uma singular coincidencia tiveram de vir do mesmo paiz duas machinas, uma que fez submergir os milhões, outra que deve salval-os. Será por ventura isto um presagio de que a Inglaterra, que tanto tem trabalhado para a decadencia da Hespanha, alguma vez se venha a occupar em favorecer a sua prosperidade?

No castello de Vigo tremulava a bandeira hespanhola, vermelha côr de sangue, e amarella côr de ouro; o vento que atravessava o monte Faro, vinha lançar-se contra aquelle panno comprido e agitava-o violentamente sem lhe permittir o minimo repouso. Com o coração opprimido saudei eu esse nobre estandarte real, que éra para mim tão rico de recor-

dações. Lançou-se ferro e desembarcámos em terra. Assim achava-me eu de novo sobre o solo Hespanhol, pela vez primeira depois de um dia acerbo, e eternamente memoravel para mim; porém desta vez vinha só como pacifico viajante, sem trazer a espada em punho bem longe da cavalleirosa Biscaia, da Catalunha selvatico-romantica, e da encantadora Valencia.

Galliza, e Gallego, duas palavras em ambos os reinos da peninsula pronunciadas com notavel desprezo, significam sómente agoadeiros, bombeiros, carregadores, e um povo montanhez rude, e immundo sem enthusiasmo na guerra, e sem industria na paz. A primeira apparencia de Vigo não tende a desfazer esta opinião antecipada; e quem, dominado pelas idéas poeticas da alvejante, e fascinadora Cadiz, ou da romantica Alhambra, pela primeira vez entra por alli no territorio hespanhol, accreditará mais facilmente achar-se em uma aldêa de vandalos, do que em uma iberica cidade maritima. E que tropas hespanholas, que alli fui encontrar! A minha vaidade militar teve de soffrer uma humilhação bem penosa, quando os altivos Bretões, preoccupados com as suas idéas de severa disciplina divisaram os nossos «*vencedores*» em uma gente miseravel, e sem uniforme. Era o regimento provincial de Orense; uma tropa gallega, que antecedentemente se tinha batido em todas as provincias. A guerra parecia tel-os dizimado consideravelmente; pois que, á excepção dos officiaes inferiores, os velhos soldados haviam todos desapparecido das fileiras, sendo substituidos por rapazes imberbes, que, envolvidos nas suas miseraveis fardetas, espreitavam desgostosos por baixo das suas grandes barretinas, como se na primeira occasião favoravel quizessem antes largar as armas, do que servir-se dellas. Os officiaes igualmente não pareciam pertencer á flôr do exercito hespanhol. As dragonas pendiam-lhes soltas sobre um peito coberto de fitas de todas as côres; e os condecorados com tantos signaes de victoria, não podiam occultar um confuso desagrado de se acharem expostos ás vistas indagadoras de estrangeiros, pois que facilmente podiam lêr em nossos olhos a nossa admiração. Os sargentos porém, ésta tão poderosa e temivel classe na Hespanha, tinham uma apparencia muito melhor. As suas fardas abotoavam justas ao corpo, manejavam as armas com facilidade, e reconhecia-se em suas figuras bellicosas, em seus rostos morenos, e cobertos de barba, que estavam mais acostumados a manobrar nos acampamentos, do que nas paradas, e que tinham sido educados entre os perigos das batalhas.

Descobri nelles immediatamente esses veteranos, que attacavam com tanto ardor, que se defendiam com tanta firmeza, guardas pretorianas de Espartero, que de grau em grau o elevaram ao supremo poder, e que elle depois licenciou com tanta ingratidão, e tanto desacerto.

Tinhamos longamente contemplado este batalhão sobre a esplanada da cidadella, quando chegou um velho official superior, montado em um tisico sendeiro. O pobre animal devia ter passado as mais das vezes a meia ração, e á sua vista lembraram-me muitas miserias passadas; senão quando rufaram os tambores, tocaram as trombetas, e começou a velha marcha hespanhola « *Los Hespañoles y los Wallones son los primeros soldados del mundo.* » Era já de mais para o meu nobre coração: retirei-me rapidamente d'alli.

Defronte da casa do consul Portuguez encontrei o nosso agente do almirantado, praguejando com impaciencia, e esperando pelo *visto* dos seus papeis maritimos. O consul dormia ainda, e o seu criado não ousava acordar *su señoria*. Finalmente o nome Inglez teve aqui o prestigio que tem em toda a parte: os papeis foram sellados e assignados, e nós descemos para o embarcadouro por uma rua estreita e mal calçada. Immensos botes pequenos se apinhavam em torno do vapor, e offereciam á venda peixe, lagostas, ostras, e toda a especie de comestiveis. No Liverpool havia um excessivo movimento, e a tolda estava cheia de Gallegos, que ajustavam a sua viagem para Lisboa, onde íam desempenhar o tão conhecido cargo de agoadeiros. Havia tambem entre elles, velhos soldados, que, tendo acabado o seu tempo de serviço, queriam tambem agora trabalhar para si, esperando tirar mais lucro a encher barrís do que em requerer ao governo o pagamento dos seus soldos atrazados; dividas que traziam authenticadas em documentos perfeitamente regulares; mas que elles venderiam pelo minimo preço. — Cada um pagava proximamente uma libra esterlina pela sua passagem, e alcançava assim o direito de occupar na proa o espaço do seu corpo debaixo do sol, da chuva, e do relento. Milhares d'estes individuos desembarcam annualmente no Porto, e em Lisboa; alli associam-se em companhias especiaes, fazem fretes, e vão buscar agua aos chafarizes: no Porto em cantaros, e em Lisboa, em barrís. São muito robustos, activos, e de comprovada honradez. Fizeram-me lembrar os carregadores allemães, e os *forts de la halle* de París. Passados cinco ou dez annos regressam de novo á sua provincia, tendo as mais das vezes reunido uma soffrivel fortuna. Quando an-

tigamente os thesouros do Brazil vinham exclusivamente derramar-se na mãi-patria, o seu emprego era ainda mais lucrativo, por isso que todo o ouro e prata era carregado sobre os seus hombros, do porto para os escriptorios dos negociantes. A nosso bordo viriam talvez uns cem Gallegos, que em apathico repouso olhavam imbecilmente uns para os outros, até que, no alto mar, um d'elles apresentou-se com o instrumento nacional das montanhas da Galliza — a gaita de folles, — e em tons melancolicos tocou aos seus patricios a *muñeira*. Então flammejaram todos os olhos, levantaram-se todas essas figuras musculares e lançaram saudosas vistas para a escabrosa cordilheira, que com uma côr terrena e nebulosa se perdia em remoto horisonte.

Não posso ouvir a *muñeira* sem me recordar de uma época notavel dos tempos passados. Era no outono de 1838, quando o conde de Hespanha exercia um importante commando na Catalunha. Tinha alli recebido aviso que haviam chegado tropas de reforço ao exercito inimigo; então ordenou que se fossem procurar gaitas de folles a Berga, e que se formassem alguns batalhões philarmonicos, que deviam aprender aquelle instrumento. Os habeis musicos Catalães sentiram-se humilhados por deverem trazer aquelles folles só proprios de camponezes; e alguns officiaes, na ausencia do general, escarneciam d'elle abertamente. Comtudo, quando o velho guerreiro ordenava, era forçoso obedecer: aprendeu-se a gaita de folles. Poucas semanas depois estavamos nós na serra Boxadera abaixo de Cardona, e em frente do inimigo. A pequena distancia scintillavam ao cahir da noite as luzes de ambos os acampamentos. Quando foi mais tarde perguntou o general aos seus espiões, qual era o nome das tropas que estavam defronte. Eram os batalhões provinciaes de Corunha, e Santiago de Compostella, chegados, havia pouco, da sua patria. Então o conde de Hespanha ordenou aos gaiteiros, que passassem aos postos avançados, e que começassem a tocar a *muñeira*. Aos primeiros tons da musica-patria accorreram alguns transfugas anhelantes, e commovidos, como se fossem chamados pela tuba encantada de Oberon, e antes do despontar da manhã estavam já comnosco para cima de oitenta transfugas gallegos. Isto faz lembrar a canção do soldado Suisso ao serviço Francez, que foi fuzilado por desertar na fortaleza de Strasburgo, porque o tinha seduzido um rapaz que tocava a buzina dos Alpes. Ouvi já este romance cantado tão agradavelmente por dois rouxinoes, que constantemente me lembro delle.

Com o mais bello vento e tempo chegámos á embocadura do rio Minho, que fórma os limites entre a Hespanha e Portugal. As torres de la Guardia, e de Caminha, povoações arraianas de ambos os paizes, eram ainda visiveis, quando n'uma direcção opposta uma comprida faxa de fumo attrahio sobre si os olhos de todos; dirigiram-se para lá os oculos, e içaram-se signaes e o pavilhão. Bem depressa fluctuou a cruz de Santo André d'Inglaterra dominando sobre as ondas, e seguio-se depois um tiro de peça. Depois de pequeno intervallo subio rapidamente um galhardete de signal no tope do mastro grande do navio fronteiro. Então desfraldou elle tambem a bandeira Ingleza, e saudou-nos com um tiro. Seguio-se um vivo colloquio de silenciosas perguntas e respostas por meio da côr, e da fórma de muitas pequenas bandeiras, lingua só intelligivel para um maritimo. É o *Royal Tar*, disse o nosso capitão; regressa de Gibraltar, e diz que não ha novidade.

Depois d'esta pequena interrupção reunio-se a nossa sociedade para o *lunch*, que foi servido com o luxo e gosto, que sómente se encontram nos navios Inglezes. Durante isto deu-se de comer a muitos bois que traziamos a bordo; e é de notar que as hervas que se lhes davam em pasto, v. g. a salada — eram temperadas com vinagre; o que faz que os animaes as comam com mais facilidade no mar.

De Vigo em diante a costa está quasi sempre á vista. Offereceu-se então aos nossos olhos a antiga provincia de Entre Douro e Minho, extraordinariamente pittoresca, entre rapidas encostas, e valles risonhos. Vimos Vianna assentada em uma planicie magestosa; depois Villa do Conde com um pequeno porto, importantes aqueductos, e um espaçoso edificio, que D. João V, este rei edificador, construio para as religiosas Carmelitas. Estas, como a maior parte das freiras Portuguezas, ficaram na posse do seu convento, pois que o *furor de abolição* estendeu-se a todas as casas de frades, e attingiu apenas poucos recolhimentos de freiras.

Ao longo da costa Portugueza elevam-se, a pequena distancia, castellos e torres de vigia, edificados pelos Mouros contra as invasões salteadoras dos Normandos, e que, em parte, foram aproveitados, ha pouco tempo, por D. Miguel, quando este quiz impedir o desembarque de seu irmão. — Um grande numero d'elles existem abandonados, e em ruinas; outros têm sómente pequenas guarnições de poucos veteranos. Comtudo desenham-se ainda na sua caducidade com aquelle pensamento poetico que é proprio de

todas as edificações dos Arabes, que ainda nas cousas mais vulgares nunca offendiam as regras da belleza. Estas torres, como os castellos de vigia Allemães, e semelhantes a ninhos de aguias, pendem em summa elevação sobre o vertice de rochedos, e denominam-se arabicamente — *atalayas;* ou elevam-se sómente sobre linguas de terra pouco salientes, e então recordam as torres de Carlos Martell ao longo das costas da Provença e de Corsega; restos de milhares de annos d'antiguidade de um poder desapparecido, os quaes, como nova invenção, com grande despendio de erudição e de ouro, se fazem surgir actualmente em Lintz, e em outros logares.

Bem depressa vimos em uma praia achatada, e diante de um logarejo insignificante, um obelisco em começo, e que é o monumento em memoria do desembarque de D. Pedro, em 8 de Julho de 1832, defronte do logar denominado Mindello. (*a*)

É isto um tão importante acontecimento da moderna historia portugueza, que não posso abster-me de dizer poucas palavras a tal respeito, ainda que não possa tornar-se assumpto da minha narração a historia d'uma guerra, á qual fui inteiramente extranho, e em que tomaram parte do lado do partido vencido muitos de meus amigos, e ulteriores companheiros de guerra. Devo porém necessariamente no contexto deste esboço, inserir alguns traços de uma época, que tem uma tão intima relação com a actual situação do paiz, por mim visitado. Desse tempo datam todas as individualidades, que hoje representam um papel de consideração em Portugal; abriram-se então feridas, que em parte sangram ainda, e fizeram-se reviver instituições, que ainda hoje vigoram, e que nos combates parlamentares são attacadas, ou defendidas pelos homens, que antecedentemente tinham gostosamente exposto a sua vida nos reductos para defendel-as. A questão de direito de D. Miguel, e a censura dos seus actos existem fóra do alcance da vista do individuo, que só viaja para recrear-se. Não escrevo um manual de direito politico; e nas questões ácerca dos reis, apenas posso entrar como soldado com a espada, e não como critico com a penna.

O que deve surprehender immediatamente a quem, desprevenido e imparcialmente contempla o aspecto da costa

---

(*a*) O obelisco inteiro deve ter 75 pés de altura, e ser construido de granito, por meio de uma subscripção; actualmente apenas está collocado o sócco.

junto ao Mindello, é a illimitada apathia, inhabilidade, e cobardia, (perdoem-se-me estas rigidas palavras; não posso exprimir-me d'outro modo), que mostraram as authoridades miguelistas no desembarque de D. Pedro. Foi no dia 7 de Julho, á tarde, que o vigia do telegrapho de Villar de Paraiso na margem esquerda do Douro, no momento em que elle estava a encerrar a sua parte diaria, descubrio primeiro com o seu oculo uma parte da esquadra inimiga. Nesta hora contou elle 28 vélas no horisonte, ao norte do Porto; ás nove horas da noute tocaram a rebate os tambores, e tudo estava em alarma. Apesar disto, nada se fez para impedir o desembarque, ou no caso de elle se effeituar, para com um energico ataque bater aquelle punhado de gente. D. Pedro entrou nessa mesma tarde sem impedimento, no pequeno porto de Villa do Conde, e fundeou nelle. Toda a sua frota consistia em 2 fragatas, 1 corveta, 2 brigues, 4 escunas, e 42 transportes, a bordo dos quaes vinham 3 peças de campanha desmontadas, e 8:300 homens, entre elles 7:500 combatentes, dos quaes 1:500 eram estrangeiros. Com esta escassa força de guerra vinha elle para conquistar um reino, a que era extranho havia tantos annos, e cujo regente lhe podia oppôr um exercito de perto de 55:000 homens, (*a*) á disposição do qual estavam todos os meios de subsistencia de um paiz ricamente dotado pela natureza, todas as cidades e praças fortes, armazens e arsenaes.

No dia 8 mandou D. Pedro um parlamentario ao brigadeiro Cardoso, governador de Vianna, homem respeitado por

---

(*a*) Segundo Eschwege, e Chaumeil de Stella, o exercito de D. Miguel compunha-se neste tempo de 5 divisões, e de uma columna movel: a 1.ª divisão occupava Lisboa sob o commando do Visconde do Pezo da Regoa: a 2.ª estava acantonada em Alcobaça e Caldas, e apoiava o seu flanco esquerdo em Torres Vedras; obedecia ao general Povoas: a 3.ª occupava Torres Vedras e Cintra, sob as ordens de Pinto, e estendia-se além daquellas duas povoações: a 4.ª, capitaneada pelo Visconde de Santa Martha, existia no Porto e margens do Douro: a 5.ª divisão estava posta á disposição do governador do Algarve Visconde de Mollelos; ao sul de Lisboa entre Almada e Setubal, manobrava a columna movel, que era composta de milicianos. O exercito permanente era formado das tropas seguintes: 3 regimentos de artilheria com 29 peças e 7 obuzes; 8 regimentos de cavallaria e 5 esquadrões de policia (5:546 homens com 2:852 cavallos), 16 regimentos de infanteria, 4 ditos de sapadores, e a guarda da policia (24:136 homens), e além disto 49 batalhões de realistas (18:336 homens e 209 cavallos), e 50 regimentos de milicias (27:508 homens), os quaes se não serviam muito para o serviço do campo, podiam comtudo ser aproveitados para guarnições.

todos os partidos. A resposta foi negativa e conforme aos principios da honra militar. Esta primeira tentativa desgraçada parece ter produzido uma certa consternação no exercito de D. Pedro. A flotilha abandonou Villa do Conde na manhã seguinte, lançou ferro a duas legoas do Porto na Bahia do Mindello, (antigamente chamado — *Arnoza de Pampelido*), e começou perto do meio dia o desembarque das tropas á vista dos postos avançados do Visconde de Santa Martha, cuja divisão de 12:000 homens, acantonada no Porto, e margens do Douro, prolongava o seu flanco direito até Villa do Conde. Estas forças permittiram, que o desembarque se fizesse com todo o descanço, e sómente á tarde fizeram um debil fogo de mosquetaria: o mesmo Santa Martha, que tinha comsigo 4:000 homens, á primeira noticia da marcha do inimigo, passou o Douro, e retirou sobre Oliveira, abandonando consideraveis materiaes de guerra, o forte de S. João da Foz, que defendia a entrada do rio, e a vantajosa posição do convento da Serra, que dominava a cidade. D. Pedro entrou pois no mesmo dia no Porto sem desembainhar a espada, e foi enthusiasticamente recebido pela cidade, na sua grande maioria constitucional. Estas poucas linhas bastam para representar o injustificavel procedimento do general miguelista. Não ha exemplo de tal na historia moderna de todos os outros povos; oom tudo neste paiz durante a ultima campanha apresentaram-se tantos casos similhantes, que já se não póde admirar o que acima transcrevemos.

Examinei detidamente a costa aplanada do Mindello, e as collinas, que a cercam como fortificações naturaes, e como se quizessem mostrar aos defensores daquelle ponto, que ellas são destinadas a sustentar baterias e a conservar a praia desoccupada. O Liverpool passou entretanto a distancia do pharol de Nossa Senhora da Luz, e parou logo depois á barra do Porto, diante da fortaleza de S. João da Foz. Antecedentemente tinhamos visto uma pequena capella perto do mar não longe do logar de Mattosinhos. Foi edificada em honra de um braço bumano, que se achou na arêa naquelle logar, e que dizem ter sido muito milagroso: a capella chama-se do Senhor da Arêa, e tem perdido muito do seu credito depois do periodo constitucional.

A entrada na barra do Porto apresenta uma perspectiva magnifica: o Douro a cada momento parece perder-se nas circumvoluções dos risonhos outeiros, que limitam ambas as margens. No fundo do quadro vê-se uma parte da cidade, as mais das vezes meio envolvida em transparentes exhala-

ções. Logo á barra vieram barcas para receber a correspondencia e os passageiros. Á noute passámos pela embocadura do Mondego, e na manhã proxima achavamo-nos entre o grupo das Berlengas, e o promontorio de Peniche ou Feizerão — lingua de terra de seis milhas maritimas de comprimento, que se prolonga pelo mar dentro. O grupo das Berlengas consiste na ilha principal a Berlenga, e em muitos pequenos rochedos, que a cercam. A primeira tem uma altura moderada, pequeno circuito, e uma superficie plana. Uma grande cavidade divide o rochedo verticalmente, no sentido de todo o comprimento em duas partes isoladas, que se denominam — o Carreiro dos cações, e o Carreiro do mosteiro. As margens são escarpadas. Ao sudoeste do mosteiro corôa um castello uma rocha elevada, que está ligada á Berlenga por meio de uma estreita ponte; uma vereda mui apertada conduz ao cume, cujo cabeço mais elevado de oeste, tem um pequeno pharol, que durante a noute indica aos navegantes este grupo singular, e suas restingas, cujos dentes ponteagudos saiem mesmo fóra da agua. As Berlengas são os rochedos mais perigosos dos mares da europa, e só encontram cousa, que com elles possa comparar-se, nas Antilhas, e nas aguas do archipelago austral.

A doze milhas nauticas do Cabo Peniche dobrámos o alto promontorio Cabo da Roca, chamado commummente pelos maritimos Inglezes *the rock of Lisbon*, e que fórma a ultima ramificação da serra, que de Cintra se dirige para o Oceano. Dalli podemos descobrir toda a cordilheira: eleva-se com fantasiosos contornos, e com fórmas vulcanicas até á altura de quasi 1800 pés sobre as planicies de Mafra, e Lisboa. Em um dos mais elevados cabeços vê-se meio envolvido em nuvens o castello da Penha. Parece daquella posição sobranceira imperar livre e ousadamente sobre o mar, e a terra. Esta formosa Penha que eu mais tarde tantas vezes, e com tanto prazer visitei, affigurou-se-me sempre como a habitação de uma aguia real; e seguramente foi um feliz pensamento do principe cavalheiroso, que a Allemanha deu como rei a este paiz, edificar o seu castello feudal sobre aquelle cume, onde ElRei D. Manoel ía todos os dias aguardar o regresso da frota de Vasco da Gama. Actualmente já nenhum rei de Portugal dirige as suas vistas para o Oceano; a sua terra já d'alli não póde esperar coisa alguma. Este cume alevantado possue comtudo ainda um caracter ricamente symbolico. D'ahi contemplam-se inferiormente muitos valles, campos, e planicies; a deserta Mafra, que semelha o sarcophago

de um gigante; o soberano Tejo, que vai correndo desamparado, e que já não reflecte em suas aguas azuladas as flammulas de todas as nações; toda a miseria em Lisboa, e no resto do paiz; e finalmente, essa região em que tanto se ostenta a munificencia divina, e que todavia offerece uma apparencia tão excessivamente melancolica, como se estivera a ponto de succumbir. Isto tudo patentea-se diariamente naquella altura aos olhos do joven principe real, e seguramente deve elle sanar muitas destas feridas, se Deus lhe conceder uma vida dilatada.

A partir do Cabo da Roca substitue-se ao primeiro quadro, um outro igualmente encantador; pharóes, castellos, casas de campo, e aldêas mostram-se na praia; vêm depois as duas torres de S. Julião, e Bugio, semelhantes a duas vedetas avançadas para guardar o Tejo. Em poucos minutos entrámos na corrente desse grande rio. Lisboa tem sido descripta tantas vezes, que não intentarei eu renovar debil, e descoradamente essas impressões, que traçaram tão brilhante, e variadamente uma talentosa escriptora allemã nos ultimos tempos, e antes della dois poetas de fundada reputação. A magestade, e a pompa do Tejo excedem toda a expectação. Faltam porém aqui as riquezas, e a vida; é entrada mais propria de uma capital do mundo, do que da côrte de um pequeno reino. Vulgarmente se tem comparado a vista gozada pelo ingresso no Tejo com a dos portos de Napoles, e Genova; devo porém confessar, que não acho fundamento algum para semelhante paridade. Genova e Napoles mostram repentinamente tudo quanto tem a offerecer como um panorama, ou uma decoração de theatro; em Lisboa trocam-se os quadros, cresce o interesse, e finalmente no ultimo plano é coroada a expectação. Logo ao entrar, a mais larga torrente de aguas do antigo continente; o mar verde, o rio azul, torres, aldêas, pharóes, e castellos, Cascaes, e Oeiras, á esquerda os montes de Cintra, á direita a serra da Arrabida, que se prolonga pelo mar em remotissimo horisonte até ao Cabo de Espichel; depois segue-se Belem com a sua velha torre mourisca, tenebrosa prizão de estado do ultimo Duque de Aveiro, e da bella Condessa de Tavora; em uma elevada collina as dimensões collosaes do palacio da Ajuda, e como *pendant* o castello, e o monte de Almada; finalmente por terceira apparição, Lisboa, tão grande, e tão sombria, tao nobre, e tão negligente, como formosa mulher, que se tivesse esquecido de que.... porém não quero progredir neste pensamento.

O Tejo achava-se bastantemente vasio como lhe succede quasi sempre depois da separação do Brasil. Um navio de guerra Inglez, e outro Francez, existiam fundeados como representantes de duas potencias, que de boa vontade dominariam sobre aquellas aguas; depois seguia-se o navio Portuguez de registo, a Fragata Duqueza de Bragança, uma embarcação elegante, e que parece bem equipada; finalmente duas naus desarmadas, e desapparelhadas; a D. João 6.º, (que levou ao Brasil a Archiduqueza d'Austria) e o Vasco da Gama, ultimas reliquias da magestade passada, depois que Portugal perdeu o dominio dos mares, e mais recentemente D. Miguel soffreu, que á sua vista lhe arrebatassem a sua esquadra, cujos restos foram batidos por Napier no Cabo de S. Vicente. Centenares de barcos de pescadores, e de transporte, alguns navios mercantes, principalmente Americanos, e vaporés pequenos, que navegam dentro do Tejo, eram unicamente os que davam ainda alguma vida a este rio. Finalmente lançámos ferro a pouca distancia de terra.

Uma ordem da embaixada Portugueza em Londres, poupou em Lisboa a minha bagagem ao exame muitissimo incommodo do costume: o escaler do inspector da Alfandega foi-me offerecido, e appressei-me a desembarcar.

O que deve surprehender immediatamente a todo o estrangeiro, é encontrar por toda a parte neste paiz uma grande elegancia em tudo que diz respeito ao serviço publico, apezar do estado decadente das finanças. Os escaleres da Alfandega estavam aceadamente pintados, os assentos cobertos de almofadas, e sobre os toldos pendiam as armas Portuguezas illuminadas com vivas côres. Os remeiros traziam camisolas brancas de neve com colleirinhos azues, cintas vermelhas, chapéos de couro envernisado, com o nome do estabelecimento em iniciaes douradas. Trabalhavam com a cadencia ingleza, e poseram-me rapidamente no caes da Praça do Commercio. Á primeira vista d'esta praça grande e regular, das ruas que della decorrem paralellamente entre si, e em geral da moderna parte da cidade, accredita-se poder assegurar que é Lisboa a mais brilhante das capitaes da Europa mesmo em relação á elegancia. Imaginem-se trinta a quarenta mil casas edificadas sobre a encosta do Sul de sete risonhas collinas, e que como uma orla bordam o Téjo, desde Belem até Xabregas em um comprimento de seis milhas inglezas; formosas praças, bellos e grandes edificios publicos, um aqueducto igual ás obras dos Romanos, o branco zimborio, e torres do Coração de Jesus, o gothico mourisco convento de Belem,

e o agradavel terrasso de S. Pedro de Alcantara. Esta é a vista, que hoje apresenta Lisboa: da velha, sombria, e angulosa cidade, que existia antes do terremoto de 1755, já muito pouco se vê hoje, principalmente nos bairros baixos. A muralha, que antigamente circumdava a cidade, era flanqueada por 77 torres, que todas caíram por terra; actualmente é a cidade defendida pelas linhas de Torres Vedras, contra as quaes se baldaram todos os esforços de Massena, e por meio dos reductos da planicie de Ourique, que D. Pedro elevou em 1833. O velho palacio real na margem do Téjo, cuja figura originaria ainda se vê em plantas, e perspectivas antigas — foi inteiramente victima das commoções terrestres (*a*), e em seu logar prolongam-se caes elegantes. O espirito energicamente creador do edificador da Lisboa actual, o grande Marquez de Pombal, reconhece-se immediatamente em todas as suas obras; todas ellas têm o cunho de um genio poderoso, e é a prova maior da decadencia moral desta nação, acontecer que um dos seus homens mais celebres, havendo apenas 70 annos, que desappareceu da scena politica, cada vez encontra menos reconhecimento. Sómente na bocca do povo tem sempre sido acatado o seu nome, e ha muitos individuos da classe infima, que ainda hoje se lembram, (e talvez com intenção allusiva), do epigramma, que andava nas boccas de todos por occasião da queda de Pombal; «Mal por mal, melhor Pombal.» Quando se lê com attenção a historia deste homem admiravel, deve surprehender a sua notavel semelhança com o Cardeal de Richelieu; seria dificil prestar ao ultimo um elogio sem restricção; comtudo eram as circumstancias dos dois paizes muito differentes, e o que poderia ser exprobado a Richelieu, deve talvez a respeito de Pombal ser considerado como a exigencia de uma imperiosa necessidade. De qualquer modo, que sejam julgadas — a sua severidade contra a prepotente, e desmoralisada nobreza, a execução dos dez conjurados, (Aveiro, Tavora, etc.) e principalmente a expulsão dos jesuitas, todas as opiniões devem fazer justiça ás grandes instituições que elle pôz em vigor a beneficio da sua patria; e a sua incansavel actividade, e sabias providencias depois do terremoto,

(*a*) Immensas riquezas devem ter-se perdido então. Este palacio estava cheio de objectos de arte, e thesouros de toda a especie, cuja perda é orçada na quantia de seis milhões de cruzados. A totalidade de metaes preciosos, joias, quadros, estatuas etc. da cidade, que foram sepultados no seio da terra, calcula-se na somma monstruosa de 954 milhões.

ficam acima de todo o louvor, e lhe asseguram um brilhante logar na historia. Lisboa, no seu estado actual, é o monumento, que elle proprio elevou á sua immortalidade. Não só Portugal, muitos outros paizes, mesmo sem terem padecido a catastrophe de um terremoto, necessitariam ainda hoje um Marquez de Pombal.

Dirigi-me por baixo das arcadas, que circumdam a praça, e lhe dão uma engraçada apparencia; os seus edificios, que são todos repartições publicas, são uniformes, pesados, e no estilo dos collegios dos jesuitas. No meio acha-se uma estatua equestre de D. José I, bastantemente destituida de gosto; no seu socco tinha a principio sido collocado o busto em bronze de Pombal; comtudo foi arrancado pelos seus inimigos na vespera da coroação de D. Maria I, e substituido pelas armas da cidade. Da Praça do Commercio, seguindo a larga, e bella rua do Arsenal, vai-se dar á Praça do Pelourinho, no meio da qual existe um formoso obelisco em fórma de columna, e que mais tarde me disseram ter servido antigamente para *forca dos fidalgos*. Ainda chegou a funccionar no tempo de D. Miguel, e sómente com o restabelecimento da Constituição, que destruio muitos privilegios da nobreza, perdeu aquella prerogativa funebre.

Fui recebido na rua d..... em uma hospedaria..... A dona da casa uma *ci devant* bella mulher com ainda classicos vestigios de depostos encantos, esteve antigamente na posse de ternas relações com D. Miguel: ha mesmo alguem assaz atrevido para chegar a assegurar, que existem provas vivas daquella predilecção real. Creio que ella depois dessa epocha nunca mais foi tão exigente ácerca da jerarchia dos seus adoradores. Conduzio-me para um soffrivel quarto com a mais encantadora vista para a praça dos Romulares, para o caes do Sodré, e para o bello Téjo, que eu sempre me alegrava de poder vêr. Os quartos eram espaçosos, altos, arejados, e tinham camas largas, d'onde se poderiam talhar quatro ou cinco denominados leitos de uma só pessoa segundo a escala das hospedarias provinciaes da Prussia. Para mim essas apertadas tumbas são abominaveis; e por isso apoderei-me com regosijo da minha nova habitação. O chão, como se usa em todo o Portugal, era coberto com esteiras finas, d'um amarello claro, que são tecidas de junco, e são muito elegantes, e agradaveis. Esta especie de alcatifas seria muito para recommendar nos nossos pavilhões, e casas de campo, e sómente se não cos-

tuma estendel-as nas salas de baile. Por experiencia propria conheci o genero de martyrio, que é ter de walsar sobre taes tapetes.

Logo que foram feitos os meus primeiros arranjos, encarreguei tudo de que tinha necessidade a um corpulento Gallego, especie de *factotum* mais semelhante a um golphinho, do que a um homem. Tenho para mim que para quem viaja em um paiz qualquer, o mais rasoavel de tudo, é abraçar o modo material de viver dos seus habitantes; aliàs necessariamente se vai figurar na cathegoria daquelles libertadores da patria Brandeburguezes, que na Champagne apaleavam os seus estalajadeiros, porque estes lhes apresentavam o seu bello vinho gazoso, e nem se quer uma gota de cerveja branca.

Quando domina o terrivel calor, que durante o dia paralisa no verão a todo o homem, quem não é negro, nem agoadeiro, deve tanto, quanto é factivel, tractar de todos os seus negocios muito cedo, muito tarde, ou de noite. O mesmo acontece com o comer *cette manière agréable de satisfaire à un besoin impérieux*, como disse uma mulher gastronoma muito instruida, e espirituosa, que sempre foi muito amavel para comigo, e que deve aqui reconhecer-se de novo, se tiver tempo para lêr este humilde bosquejo. A alta sociedade e as classes ociosas jantam em Portugal perto das oito horas da noite. Acceitei tambem esta hora, e devorava então um jantar soffrivelmente *mangeable*, ainda que em geral o modo de cozinhar em Portugal seja pesado, e gorduroso, e os homens deteriorem o que a terra e o mar lhes offerecem dotado das melhores qualidades; pelo contrario todas as fructas crúas, ou de conserva são optimas, os vinhos preciosos, mas muito fortes mesmo os que em Lisboa se usam como vinhos de mesa, — o tinto Collares, e o branco de Arinto. No interior do paiz o vinho é mau em muitos logares; no Districto do Porto, o vinho fraco, que se exporta pouco, é agradavel, chama-se *vinho maduro do alto Douro* em contraposição do *vinho verde*, que tem um sabor detestavel. Como todos os povos meridionaes, os Portuguezes dão grande apreço á sobremeza; não necessito mencionar as fructas de todas as zonas, e principalmente as laranjas celebres no mundo inteiro, de cujo sabor formâmos pouca idéa, quando comemos o fructo de casca grossa agro, e filamentoso, que é cultivado nas nossas estufas septemtrionaes entre a geada, e o estrume em arvores encarceradas; ou as denominadas tangerinas ita-

lianas das lojas de confeiteiro da Allemanha do Norte, as quaes por causa do transporte têm de ser colhidas antes de estarem maduras.

Em contraposição destas magnificencias, o leite, e todos os lacticinios são muito maus. As vaccas, como em Hespanha, são ordenhadas com parcimonia e sómente no monte, com o receio que ha geralmente de prejudicar aos vitellos obrando d'outro modo; e por isso bebe-se muito leite de cabra, e come-se manteiga velha, e rançosa. A predilecção pelo ranço é quasi geral entre os Portuguezes; e por isso gostam só do azeite, que tem adquirido pelo decorrer do tempo um travo desagradavel. Quando, ha algum tempo, o embaixador d'Austria recebeu de Hespanha uma remessa de azeite novo de mesa, provaram-no os empregados da Alfandega de Lisboa para conhecerem o conteúdo das vasilhas, e admiraram-se altamente do extraordinario paladar do diplomata do Norte, que gostava de azeite sem cheiro, e que não requeimasse a lingua. Ás loucuras gastronomas, que têm em particular todas as nações, e que consistem as mais das vezes em mandar vir de longes terras, e por um preço elevado, objectos, que no proprio paiz se encontram e de muito melhor qualidade, a estas loucuras pertence o facto de em quasi todo o Portugal, e principalmente nas grandes cidades, consumir-se exclusivamente o queijo hollandez em grande quantidade, ao passo que na serra da Estrella se preparam excellentes queijos por um preço modico semelhantes ao *stilton* Inglez, e muito preferiveis ao queijo prato.

Depois do jantar, aproveitei a noite, dirigindo-me ao theatro italiano. Nas muitas viagens que tenho feito, os theatros parecem-me sempre como um meio rapido de receber em grosso impressões sobre as differentes classes da sociedade, quando ainda se não ha tido tempo para indagar os pormenores. O Theatro de S. Carlos em Lisboa é um dos mais bellos, e mais consideraveis edificios desta cidade; e sem contestação póde ser collocado a par dos primeiros da Europa. Foi edificado em 1773 no espaço de cinco mezes por um Italiano chamado José da Costa, e é exclusivamente destinado á opera italiana, e á dança, ao que infelizmente nos ultimos tempos se reuniram peças politicas denominadas — representações patrioticas — que particularmente são exploradas nos dias de galla, quando assiste ao espectaculo a côrte, e tudo o que lhe pertence em grande uniforme. Para um espectaculo desta especie são trazidos sobre o palco os mais importantes acontecimentos, e as mais dis-

tinctas personagens da historia contemporanea com o indispensavel acompanhamento de fumo de polvora, de musica turca, de colophonia, e de fogo de Bengala; n'uma palavra é como uma peça do estabelecimento de Franconi; e pareceu-me isso inteiramente indigno de um theatro serio, e da presença da familia real. No dia da minha chegada a Lisboa, foi dada a *Rainha de Golconda*, que alternando-se unicamente com as *Prisões de Edimburgo*, me perseguio constantemente durante os dois mezes da minha residencia naquella cidade. O palco é elevado, e amplo, as decorações mediocres, e a guarda-roupa pobre, e deficiente; porém a companhia italiana pareceu-me admiravelmente boa; póde soffrer parallelo com as de cidades italianas de segunda ordem. A sala é grande e pomposa; tem cento e vinte camarotes fechados, dispostos em cinco ordens desde a scena até á tribuna da Rainha, que é fronteira ao palco, sustentada sobre columnas, e que alcança em altura desde a primeira ordem até junto do tecto. No proscenio acha-se de um lado o pequeno camarote real, onde Suas Magestades vão nos dias ordinarios; no lado opposto adereços iguaes distinguem o camarote do conde de Farrobo — financeiro, cujo pai no fim do seculo passado alcançou uma grande fortuna, e ao qual, em recompensa dos dinheiros, que adiantou para á construcção do theatro, se concedeu ridiculamente aquelle insolente privilegio. Nunca em cidade alguma da Europa vi cousa, que mais tivesse o caracter da ostentação da altivez pecuniaria; ainda que talvez podessem tambem ser citados como facto analogo os dois camarotes forrados de vermelho, dos A., comtudo esses, segundo me disseram, não são camarotes hereditarios como o do conde de Farrobo. Uma disposição muito vantajosa no theatro de S. Carlos, são as chaves, de que se dá uma particularmente para cada camarote. Têm o seu numero n'uma chapa de metal e sómente abrem a respectiva porta. Quando se aluga um camarote, recebe-se, em vez de um bilhete immundo ou de uma senha morosa, uma chave, que sómente se pede de nôvo, quando acaba o tempo do alugel, ou a assignatura. Em compensação desta boa medida o interior dos camarotes é muito miseravel; paredes nuas, nem um tapete, bancos compridos sem almofadas, com toda a dureza da madeira de qne são feitos, e a falta total de commodidades, que deve ser muito extranhada por quem está acostumado á requintada elegancia, e conforto da Opera de Paris, ou de Londres. Todavia, acontece em Lisboa, que sendo os camarotes fechados, e tendo paredes lateraes, no

logar que se pagou, está-se á vontade e como em casa propria, livre da curiosidade indiscreta dos visinhos, ao contrario do que sempre succede em tantos theatros mesmo das côrtes de Allemanha. Seria tambem conveniente, que destes ultimos fosse transportada para Lisboa alguma cousa da severa policia, que nelles se emprega contra o fumar. Durante todo o tempo do espectaculo, e mesmo quando a côrte está presente, o salão, e todos os corredores estão sempre cheios de fumo como em um café dos mais frequentados, conversando-se em voz alta, e correndo-se para um, e outro lado — com essa mania passeadora, que é tão propria dos povos da peninsula iberica. Não seria de certo possivel isto nos corredores estreitos, e cavernosos do theatro de Vienna; os de Lisboa porém são largos, altos e abobadados. A representação dura muito tempo; e segundo o costume italiano, sendo a mudança de peças mui pouca, acontece que, á excepção dos bocados mais validos, ou da entrada do principal actor — todos conversam nos camarotes, fazem-se visitas, e apinha-se nos corredores a gente da platéa.

O ornato da sala, é, se bem me lembro, branco e dourado, e no tecto elliptico estão representados os corpos celestes, e o systema planetario; sobre o proscenio está collocado um grande relogio que é sustentado á direita por Saturno, e da esquerdo pelas Musas, e sobre a caixa delle está encostado um Cupido bastantemente grande que olha para baixo, talvez com repugnancia, sobre as bellas damas lisbonenses, que se enfeitam pouco para apparecer diante delle. Estas vão ao theatro as mais das vezes com chapéos, e com vestidos *en negligé*, e os homens com sobrecasacas de passeio, e com luvas detestaveis. As senhoras tiram então ordinariamente os seus chapéos, como costumam fazel-o os homens em muitos paizes, quando entram em um quarto, e sentam-se alli com o cabello descoberto, e com leques compridos, não se voltando senão metade para o publico, e entretidas em activa conversação para dentro dos camarotes; nos quaes, por via de regra, o ultimo individuo que chega, desaloja segundo o uso da Italia, o visitante anterior; e isto continúa assim até perto da meia noite em que o panno cáe pela ultima vez,

Na manhã seguinte visitei o duque da Terceira. Pertence elle innegavelmente ás mais importantes apparições do Portugal de hoje, e eu estava cheio de curiosidade por conhecer um homem, a cuja brilhante valentia, espirito cavalheiroso, e severa rectidão, todas as fracções politicas fazem

completa justiça. A sua primeira apparencia é attrahente; reune, de um modo extraordinario, o caracter franco de um soldado ás mais delicadas maneiras da boa sociedade, e a uma timida modestia verdadeiramente admiravel, e como de donzella, quando se vem a fallar ácerca da sua celebridade. O duque é um homem, como se diz — ainda em boa idade; e posto que as feridas, e as campanhas tenham atacado fortemente a sua saude, comtudo seus movimentos desembaraçados, seus olhos animados, e a graça elegante das suas maneiras, indicam mais a primeira virilidade, do que a posição elevada de uma idade mais madura. O que eu, no tracto ulterior com o duque, notei constantemente, é um espirito desassombrado de todas as intrigas, uma benevolencia cheia de lealdade, os bens mais preciosos da vida. Quem, depois de uma tão longa e tão penosa experiencia, não chega a mostrar-se insensibilisado, e a todos acolhe com benevolencia tão cordeal, esse de certo deve sentir com ufania, que lhe coube em sorte uma alma verdadeiramente nobre e generosa. Ainda que nos ultimos dez annos se tenha escripto muito ácerca do duque da Terceira, não posso prescindir de esboçar com ligeiros traços esta vida activa, que teve uma influencia tão decisiva sobre os destinos da sua patria.

D. Antonio José de Sousa Manoel e Menezes Severim de Noronha, actualmente marechal do exercito e duque da Terceira, antecedentemente conhecido como conde de Villa Flor, nasceu em 18 de Março de 1792, e pertence a uma das poucas casas nobres de Portugal, que são consideradas pelos reis como parentes seus (*a*), Alistou-se no exercito em 1803, subio todos os postos, e tomou uma parte distincta na guerra peninsular contra os Francezes. Em 1816 embarcou para o Brazil, onde se offerecia um vasto campo para a sua actividade: collocado lôgo no anno seguinte á testa de um regi-

(*a*) *Titulos e familias que gosam das honras de Parente*, segundo a expressão portugueza; precedem a todas as outras, e possuem varios privilegios, entre outros o de poderem dar aos seus criados a libré da casa real: são ao todo doze; tres duques, (Cadaval, Lafões, e Terceira); quatro marquezes, e cinco condes, e entre estes dois estrangeiros o duque de Villa-Hermosa, debaixo do titulo de conde da Moita, como legitimo descendente do rei D Pedro o Cruel, e da celebrada D. Ignez de Castro, e o Principe da Paz Godoy com o titulo de conde de Evora-Monte. A grande casa Egmont era tambem conde Parente com a honra da *Grandeza*, a dignidade de principe do reino, e com o principado de Gavre; esta casa, e Villa-Hermosa são os dois unicos exemplos.

mento em Pernambuco, pouco depois foi feito governador do Pará, e em 1820 da Bahia. Tres annos depois, regressou com D. João VI á Europa. Aqui foi, durante muitos annos, empregado em differentes commissões militares e diplomaticas, até que o regresso de D. Miguel em 1828, o obrigou a expatriar-se. No mesmo anno tomou parte na revolta constitucional, que então rebentou no Porto, que chegou ao seu ponto culminante nas acções da Cruz dos Marouços, e da Ponte de Marnel (no Vouga), e que teve seu rapido fim com a demissão de Saldanha, e o embarque a bordo do Belfast. O activo pondonor de Villa Flor, não podia satisfazer-se com a resignação a uma má fortuna, que elle considerava como uma mancha da sua reputação militar. Não descançou um momento, e brevemente projectou em Inglaterra com o duque, então marquez de Palmella, um novo plano de operações. Em consequencia do que embarcou Villa Flor em 8 de Junho de 1829 no Havre, em companhia só de poucos officiaes. Teve a fortuna de poder atravessar o bloqueio da esquadra miguelista, e a 22 do mesmo mez desembarcou com aquelle punhado de gente na Villa da Praia, na Ilha Terceira. Esta ilha era o unico ponto em que nunca se tinha reconhecido a authoridade de D. Miguel: o batalhão 5 de caçadores (*a*), que alli se achava de guarnição, tinha proclamado a Rainha, reunindo-se-lhe o povo pela recordação da diuturna resistencia de seus antepassados contra Filippe II de Hespanha. A situação da ilha no meio do Oceano, a sua distancia da mãi-patria, e os ventos rijos que dominam ordinariamente naquella paragem, facilitaram a defeza: rochedos escarpados, elevadas montanhas volcanicas, cujos flancos escabrosos mergulham rapidamente no mar — tudo isto difficultava o desembarque na maior parte dos sitios. Assim protegida, a ilha limita-se quasi aos seus proprios productos, que felizmente são bastantes para o sustento dos seus habitantes; colhe-se trigo, milho, e vinho em abundancia, e ha rebanhos numerosos; sobre este pequeno torrão medram as producções de todas as zonas; o ananaz, os côcos, limões, laranjas, e bananas, amadurecem junto dos morangos, e da pera do norte. Mirtos, freixos, e castanheiros crescem em bosques espessos; os prados sempre verdes, um ceo perpetuamente azul, o mais ameno dos climas, brizas tepidas do mar e fontes thermaes; 60 mil habitantes

(*a*) Que foi depois o batalhão escolhido de D. Pedro, e do Duque Augusto de Leuchtemberg.

e uma pequena e bella capital — Angra. — Por uma tal descripção deste peqneno Eden, conceder-se-ha, sem pertender deprimir o merecimento daquelles guerreiros, que o principio da sua empreza bellicosa não offerecia nem os afans de uma campanha da Russia, nem as privações da guerra das montanhas vascongadas. Villa Flor, logo depois da sua chegada, tomou o commando superior, dissolveu o governo provisorio, e fortificou os pontos de desembarque. Bem depressa se apresentou a esquadra miguelista, que todavia foi batida em 11 de Agosto em Villa da praia. Esta primeira victoria deu aos defensores da Rainha confiança no seu futuro; foi nomeada uma regencia, a cuja frente estava o duque de Palmella, e tudo se pôz em pratica para organisar um pequeno exercito, para occorrer ás necessidades do resto da povoação, e para estabelecer a melhor ordem na administração; com o metal dos sinos cunhou-se dinheiro; pôz-se em circulação papel moeda; os barcos de pescadores foram obrigados a formar uma esquadrilha de guerra; todo o individuo, que chegava á ilha, ou fosse official ou empregado, era sujeito a um serviço pesado, e a ninguem se concedeu mais do que uma ração. Como apesar de tudo isto, os recursos diminuiam, a terra empobrecia-se, desapparecia a esperança, e mais do que isso começavam já a apparecer symptomas de insubordinação, e desesperação; tomou a regencia a resolução de emprender a conquista das restantes ilhas dos Açores. Por singular que haja de parecer a narração que a tal respeito vou fazer, é perfeitamente exacta; e tal qual a escrevo, foi-me litteralmente communicada pelo duque de Palmella. Por outro lado até um exame escrupuloso dos factos torna muito natural o acontecido, visto que para os individuos inclausurados na Terceira, não poderia por muito tempo ser duvidosa a escolha entre a certeza de ter de succumbir miseravelmente na propria ilha, e a possibilidade de por meio da posse das outras alcançar importantes auxilios.

Foi em Abril de 1831, que Villa Flor embarcou com trezentos homens em um pequeno brigue, e quatro barcos; tomou logo sem resistencia a ilha do Pico, em seguida S. Jorge em 31 de Maio seguinte depois de duas acções victoriosas, (Urzelina, e Calheta), e finalmente se apoderou do Fayal (*a*) ilha muito mais consideravel. Flores, Santa Ma-

---

(*a*) Em signal de reconhecimento á regencia dos Açores por estes acontecimentos, a Rainha em 1834 concedeu ao duque de Pal-

ria, Graciosa, e Corvo tiveram dentro em pouco a mesma sorte. Ainda restava em poder do inimigo a ilha de S. Miguel, a mais importante dos Açores. Tinha uma população de 50:000 habitantes, 4:000 homens de guarnição, uma artilhéria numerosa, e era a séde do governador miguelista. Villa Flôr reunio todas as forças disponiveis da regencia, e desembarcou na noute do 1.° d'Agosto, em um rochedo escarpado, que tinha sido reputado inaccessivel pelo inimigo. Subio-se por encostas alcantiladas, saltaram-se precipicios, e ao romper d'alva estavam já occupadas algumas posições. Nessa manhã teve logar um combate na Ladeira da Velha. O corpo miguelista foi derrotado, e tomada Ponta Delgada capital da ilha. A este importante acontecimento, que terminou a conquista dos Açôres, reuniu-se o regresso de D. Pedro á Europa; regresso, que teve uma influencia decisiva sobre o destino de Portugal. Na ilha de S. Miguel recebeu Villa Flôr essa noticia, por meio d'uma carta do Imperador, escripta a bordo da fragata Ingleza *La Volage* no porto do Fayal, e que por mão de um pescador foi entregue secretamente ao general da parte do consul Inglez. D. Pedro agradecia com as mais calorosas expressões, e promettia a sua energica cooperação. Desde então não só as esperanças, mas tambem as operações, subiram a muito maior escala; o que até alli se assemelhava talvez mais a proezas da idade média, e a emprezas romanticas, converteu-se agora em um serio plano de campanha. D. Pedro então resolveu-se a vir á Terceira, e a collocar-se á frente da regencia. Desembarcou na ilha em Março de 1832, e a 8 de Julho do mesmo anno pôz o pé no territorio Portuguez junto ao Mindello. Villa Flôr, que a principio tinha sido nomeado commandante general das forças expedicionarias, resignou, passados alguns mezes, esse cargo, que se tinha tornado insustentavel na presença de um soberano, e de intrigas de toda a especie; contentou-se com cooperar activamente na defeza do Porto, como primeiro ajudante do Imperador.

A conhecida diversão para o Algarve, que elle imaginou, e tão felizmente condnzio, é um dos periodos mais brilhantes da carreira militar do actual Duque da Terceira. Desembarcou á testa de 2:500 homens em Cacella

---

mella o titulo de Marquez do Fayal para todos os primogenitos de sua casa, e elevou em 1832 a duque da Terceira o conde de Villa Flôr.

na costa do sul do Algarve a 24 de Junho de 1833; atravessou velozmente esta provincia, e o Alemtéjo, e por meio de um rapido movimento illudio o general Mollelos, que o aguardava em Béja com 6:000 homens, e obteve deste modo sobre elle um avanço de dois dias; accommetteu Setubal; bateu a 21 de Julho a divisão do brigadeiro Freitas, e a 23 Telles Jordão em Cacilhas; e na manhã do dia 24 entrou em Lisboa, a qual tinha abandonado poucas horas antes o duque de Cadaval com forças quatro vezes superiores, apesar de que a largura do rio, e uma numerosa artilheria facilitavam tanto a defeza, que a menor resistencia de Cadaval teria posto o duque da Terceira na impossibilidade até de ousar um attaque sobre Lisboa. Mau grado todos estes obstaculos, o general de D. Pedro estava tão seguro do resultado, que na vespera, quando ainda as tropas de Cadaval guarneciam Lisboa, escreveu ao Imperador annunciando-lhe a tomada da Capital (*a*).

O duque da Terceira, encarregado da defeza das linhas de Lisboa, foi ferido em 5 de Setembro, apesar do que pouco depois commandou o corpo de observação de Santarem, e finalmente foi collocado por D. Pedro á testa da expedição, que devia operar no Norte de Portugal. Embarcou-se com o seu bastão de general no 1.° d'Abril de 1834, cinco dias depois saio do Porto á frente da sua columna, percorreu, e submetteu as provincias do Minho, Traz-os-Montes, e Beira, e a 16 de Maio alcançou a decisiva victoria da Asseiceira, que teve por consequencia a convenção de Evora Monte, que terminou a campanha. Essa batalha foi tambem

(*a*) Tenho em meu poder o original desta carta memoravel; é o seguinte o seu contheudo: — Senhor! Tenho a honra de annunciar a Vossa Magestade, que neste momento acabo de bater completamente as tropas de Telles Jordão. 3 esquadrões, 15 peças, e 700 homens d'infanteria acham-se em meu poder. O comportamento das forças do meu commando fica acima de todo o elogio. Espero datar do Castello de Lisboa o meu proximo bolletim. Beijo respeitosamente as mãos de Vossa Magestade. — *Duque da Terceira.* — Cacilhas em 23 de Julho de 1833.

Sobre este officio, que tem o cunho da modestia, e da simplicidade dos antigos, escreveu a rogos meus a formosa Duqueza da Terceira o seguinte sobrescripto: — *Carta do Duque da Terceira ao Imperador na vespera da entrada em Lisboa.* Tomei a liberdade de lhe propôr que substituisse por *tomada* a palavra *entrada*, ao que retorquiu immediatamente o Duque « *Tomada não, porque o inimigo não sustentou a sua posição; foi unicamente uma entrada.* » Quantos affamados redactores de bolletins seriam capazes de dar uma resposta semelhante?

a que encerrou a carreira militar do duque da Terceira; hoje conserva embainhada a sua espada, e é muito de esperar, que não tenha necessidade de a empunhar para o futuro, visto que Portugal não tem guerra alguma actualmente, e só necessita uma dilatada, e profunda paz. É tambem este o sentir do nobre duque, e por isso não recusou ao Governo a sua grande popularidade, e ao paiz todo o auxilio das suas faculdades. No tempo da minha residencia em Lisboa, era elle Presidente do conselho de ministros, e encarregado das pastas da guerra, e dos negocios estrangeiros. A classica tranquillidade, que lhe é propria na presença de um chuveiro de ballas, não o abandona tambem na tempestade dos debates parlamentares. Em uma occasião vi-o apparecer na sala da muitas vezes gritadora Camara dos Pares, no meio da mais exaltada discussão, e impor respeito com a dignidade da sua entrada placida, e circumspecta, o que fórma um notavel constraste com a maioria dos seus compatriotas.

A côrte estava em Cintra, onde costuma passar a maior parte dos mezes do verão. A minha apresentação por meio do duque da Terceira, então exercendo as funções de Mordomo Mór, sómente podia ter logar alguns dias depois, quando Suas Magestades voltassem a Lisboa. Aproveitei este intervallo para conhecer algumas pessoas distinctas, e examinar a cidade.

Uma das primeiras noites passei-a em casa da duqueza da Terceira. Hoje em dia está em moda, fazer passar a vida intima dos salões, das conversações privadas, para o dominio do publico; antigamente essas particularidades liam-se unicamente em Memorias, ou quando as personagens tinham morrido havia muito; actualmente mesmo escriptores notaveis, e de genio, abandonam-se á exploração desta curiosidade do publico, e ao recreio da maledicencia; a mim sempre tal me pareceu uma grande indiscrição, e creio que ninguem se deleita, em que as suas palavras, ditas em uma conversação cheia de intimidade, sejam expostas á multidão, que lê, commentadas, e disseccadas por ella. Por isso os viajantes escriptores, (por officio, ou por divertimento), não se devem admirar, se são tratados como Parias em muitos logares, quando chegam a observar até as vistas incuriosas, e a espiar reconditos mysterios domesticos, para dahi tirarem consequencias *à la face d'Israel;* ou se se pergunta diante de meia Europa, por quanto foram pagos os macios tapetes, que pizou o viajante obsequiosamente recebido, ou as pol-

tronas em que se recostou. Como eu, mesmo para louvar, não quero cair em semelhante vicio, mau grado meu renuncio ao desejo de descrever a agradavel habitaçao da duqueza da Terceira, que está adornada com toda a elegancia, e commodidades do luxo inglez, e de cujas janellas, a prumo sobre o rio, se extende uma das mais encantadoras vistas sobre o Téjo, Aldêa Gallega, e castello de Palmella. A amavel dona da casa é não sómente uma muito bella mulher, mas tambem e muito *une grande dame;* seja-me perdoada esta expressão algum tanto aristocratica, a qual neste logar indica sómento o garbo senhoril, a dignidade, e maneiras delicadas; essas qualidades tão fascinadoras e ao mesmo tempo tão raras nas senhoras de elevada gerarchia, particularmente nas que têm regularmente reuniões em sua casa.

Excellentes jantares, cujas disposições são dirigidas com singular intelligencia pelo marechal duque, contribuem de um modo notavel para augmentar ainda as delicias do seu domicilio. Muitos dos seus ajudantes, que eu conheci em casa delle, são officiaes de um tracto elegante; um delles D. Manoel da Camara, irmão do Conde da Taipa, teve ulteriormente a extrema complacencia de encarregar-se de ser meu Cicerone; é um cavalheiro distincto, a quem por esta occasião expresso o meu intimo reconhecimento pela extraordinaria paciencia, que elle mostrava sempre, quando eu me demorava, mais do que era devido, a examinar cada um dos objectos, que encontrava.

Em Lisboa vela-se muito; por isso era já tarde bastante, quando eu deixei o palacio de S. João da Praça, habitação do duque, e entrei para a minha sege. As seges são um genero de viatura primitiva, que tem sido descripta por todos os viajantes: fazem lembrar forçosamente a primeira metade do seculo passado, e os incommodos meios de transporte desse tempo, em quasi tudo o mais, bastantemente agradavel. Imagine-se uma caixa meio fechada, pendendo, ou para melhor dizer, balanceando violentamente entre duas rodas enormes, vindo a ser uma especie de termo medio entre o *Droschke* de Berlim, e o *Fiacre* de Paris; termo medio horrivel na verdade. Entretanto, convenho, que são adaptadas ás ruas escabrosas de Lisboa, e por isso mais idoneas para tal fim do que os nossos *Cabriolets*, e *Carricles;* mas tambem accredito que poderiam ser muito mais commodas, e mais elegantes, sem prejuizo algum da sua preconisada idoneidade. A sege é puchada por dois cavallos, ou dois machos, um dos quaes vai entre as varas, e o outro é montado pelo

cocheiro, e serve unicamente para a bolêa. Quando se pára, o boleeiro desce da sella, e vai tirar do fundo da caixa, um fueiro de quatro pés de comprimento; esta operação já incutio alguma receiosa suspeita a um certo viajante allemão; todavia, este fueiro, vai apenas, o mais pacificamente que é possivel, collocar-se debaixo das varas para descanço da sege; feito o que, o boleeiro, notavel por suas enormes botas de montar, e pesadissimas esporas, abre o alçapão anterior, e vem ajudar ao amador de passeios a sair da sua gaiola. Para que um criado se possa sustentar atraz destas seges no logar que lhes é destinado, é indispensavel ou a natureza particular dos lacaios portuguezes, ou uma erudição muito especial em estudos de equilibrio. Na falta do moço, que eu tinha ajustado para me servir durante a minha residencia em Lisboa, mandei um dia a um dos meus criados, que me acompanhasse na trazeira da sege por um par de ruas, que eu tinha a percorrer; porém o homem desceu tão fatigado do seu tremulo puleiro, que me declarou pesarosamente, que antes quereria voltar a pé para Allemanha do que tornar a andar na trazeira d'uma sege. Ao contrario, o meu portuguez, por nome João, rapaz robusto vermelho-moreno, passava horas inteiras naquelle exercicio com reconhecida vantagem dos seus membros. Trazia ordinariamente esporas compridas, e na mão uma canna da India, o que parecendo extranho entre os nossos criados, é todavia muito natural em Lisboa, onde a maior parte das visitas se fazem a cavallo: e assim estava o rapaz sempre prompto para montar; a hengalla porém era destinada para enxotar os cães, quando elle, sem ser nas pernas d'outrem, passeava pelas ruas.

Já que fallei de cães, ser-me-ha permittido dizer uma palavra sobre os cães vagabundos de Lisboa, em desabono dos quaes tanto se tem dito na Europa, e que todavia já não importunam tanto como acontecia antecedentemente, visto que de vez em quando se tem applicado como remedio contra esta praga alguns proficuos banhos de sangue: pouco antes da minha chegada, tinham-se morto 900 em uma semana. São porém muito protegidos pelos habitantes mais necessitados, principalmente dos bairros mais montanhosos, e elevados da cidade, gente naturalmente preguiçosa, que para limpar suas casas dos sobejos da cozinha, e de toda a outra especie de immundicie, aproveitam o meio mais facil, e prompto; á noite lançam tudo á rua sem a menor distincção: o solido sae immediatamente pela porta da rua, e o liquido desce das janellas com o prévio grito de «*agua vai.*» Nos bairros

mais elegantes, nas praças, e nas ruas largas da cidade baixa é verdade que não acontece isto; mas é frequentissimo esse uso repugnante nos becos tortuosos, e nas estreitas travessas da cidade alta. É por isso que os cães se hospedam ahi á sua vontade, espojam-se ao sol para fazerem a sua sesta nos estreitos passeios, de maneira, que é indispensavel ou passar-lhes por cima, ou enxotal-os. De noite divagam pelas ruas, uivando lamentosamente. Se alguem infelizmente vem ao encontro delles, em quanto devoram a sua hedionda refeição, accreditam logo provavelmente que se pretende alcançar no seu gremio a honra de commensal, e então accommettem cavalleiros, e peões, com um ladrar furioso, e nem sempre se limitam a estas pacificas demonstrações de indignação. Estes animaes nauseabundos, que sómente se encontram em Lisboa, têm-se ahi de tal modo naturalisado, que ha mui poucos Portuguezes, que concedam a possibilidade da sua extirpação total. Quando eu um dia exaltava as vantagens de uma tal medida, opinaram alguns individuos presentes, aliàs distinctos, e respeitaveis, que não se poderia lograr isso, que não era exequivel. Foi apenas o attilado duque de Palmella, que com a sua physionomia constantemente prasenteira, e onde se não sabe se é o riso, ou o escarneo, que deve ler-se, ousou asseverar, que de modo algum chegaria á altura de um dos trabalhos de Hercules, a empreza de se ver livre desses brutos vagabundos.

Com o acompanhamento do seu latido incessante, atravessei eu na minha sege compridas ruas então desertas, e silenciosas; parecia uma cidade abandonada, ou morta, posto que, mesmo durante o dia, tem Lisboa uma apparencia tristonha, não só por causa da uniformidade das casas, que são todas edificadas sob o mesmo plano, mas tambem pela pouca vida das ruas, e povoação parca para tão vasto espaço; e todavia brilha superiormente um sol formoso, e benefico! Quando cheguei ao Caes do Sodré, de sanguinolenta memoria, havia muito tempo já que um tiro de peça do navio chefe tinha communicado ao trafego do rio a prescripção do repouso! O Téjo ostentava-se magestoso na sua tranquillidade solemne; essas casas de madeira fluctuavam paradas sobre sua superficie azul-escura, nem uma aragem se movia; os botes amarrados uns aos outros pareciam condemnados a perpetua immobilidade: sómente algumas canôas morosas, deslisavam-se brandamente sobre as aguas; e n'uma compassada carreira deixavam a poz si um sulco branco. A lua clarissima, e as estrellas, que no ceu meridional scintillam tão

pura, e ardentemente, illuminavam aquella vasta superficie; era uma planicie resplandecendo com fulgor argentino. Semelhante a um negro phantasma se apresentavam os contornos da Torre de Belem; em Almada brilhavam ainda algumas raras luzes; Cacilhas estava sepultada em somno profundo, e no sentido da maior largura do Téjo, perdiam-se na noite, e nas aguas, as primeiras casas de Aldêa Gallega.

A paizagem de Lisboa comtemplada do caes durante a noite, é uma vista tão magica, que não seria possivl sonhala sequer, com a nossa lua desmaiada, com as nossas estrellas pallidas, e com as nossas noites frigidas.

II.

Cintra — Dietz — Lord Howard — Tractado de Commercio com a Inglaterra — Queluz — Aqueducto de Alcantara — Quintas nos arredores de Lisboa — observações botanicas, e geognosticas — Bemfica, e Quintella — Palacio das Necessidades — O Rei e a Rainha — O exercito — Embaraços nos negocios da Igreja — Procissões, e ingerencia do Clero na politica — O Duque de Palmella.

Lo! Cintra's glorious Eden intervenes
In variegated maze of mount and glen.
Ah me! what hand can pencil guide, or pen,
To follow half on which the eye dilates,
Through views more dazzling unto mortal ken
Than those whereof such things the bard relates,
Who to the awe-struck world unlock'd Elysium's gates.
Childe Harold.

E nas serras da lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço,
Cintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço.
Camões.

Cintra, *glorious Eden* de Byron, lusitano paraizo, quem deixa de sonhar comtigo, ou de retraçar a si proprio esse logar encantado, pintando-o com brilhantissimas côres como quadro radiante da phantasia! É por isso que todo o estrangeiro se apressa o mais que póde em visitar Cintra. para ali á primeira vista, ou desfallecer-lhe o enthusiasmo forçado, ou sentir a convicção de que não fôra preenchida a sua expectação. Quasi sempre é o que acontece á cerca de todos os objectos, que gosam de uma denominada reputação européa, e dos quaes por muito tempo, e excessivamente se tem ouvido fallar.

Todos encontraram Paris mais pequeno, o Monte-Branco menos elevado, e o Rheno mais estreito do que se tem escripto; outro tanto me succedeu em Cintra. No fim de tres dias de residencia em Lisboa, quasi que me envergonhava de não ter ainda visto Cintra; quando porém a vi, achei-me desencantado; e com estranheza e admiração, procurava com ardor o momento importante em que deveria desenvolver-se a meus olhos o occulto prestigio da preconisada Cintra. Foi baldado o meu empenho; todavia, quanto mais tempo me demorava em Cintra, tanto mais aprazivel me parecia, e mais sonhadamente romantica; até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão intimo desgosto, que de todo se tornou manifesto para mim, que alli havia muito mais do que aquillo, que aprincipio tinham descuberto meus olhos profanos. O pesar da minha separação era a vingança do encantamento que eu desconheci. Essas frescas veredas cobertas de folhagem, o crescimento magestoso, e exuberante da vegetação; as cascatas e frigidos regatos, as montanhas, e penedias, a perspectiva das campinas, e do Oceano, tudo isso nunca o esquecerei, e com a authoridade de Byron, e de Camões, com a opinião dos poetas, e dos illiteratos de todos os tempos, e de todos os povos, proclamarei Cintra o mais bello de todos os sitios da terra.

Cintra está collocada a quatro legoas portuguezas de Lisboa; a cadêa das suas montanhas limita o horizonte da capital, e prolonga-se escarpada, e alterosa, com selvaticos, e extravagantes contornos do NE. para o SO. até ao cabo da Roca. O caminho de Lisboa para Cintra, talvez a unica estrada de Portugal, nem está bem conservado, nem é agradavel; corre por incultas, e pedregosas collinas, e por bancos de arêa, e de pedra calcarea. As montanhas proximas são formadas de rocha granitica, com quartzo branco, algum feldspatho vermelho, e pedra calcarea branco-cinzenta, e lamellosa. Para o lado do sul, o solo é arido, nú e requeimado; rochedos escalvados, e acastellados dão ao todo uma apparencia sombria e triste. Comtudo, como debaixo deste ceu tudo prospéra mesmo sem assiduos desvellos, vêem-se aqui, e alli alguns prados, que apresentam uma vista mais animada: milho elevado, searas espessas de trigo, mas muito poucas arvores, que pela maior parte são oliveiras entiriçadas ou nodosos sovereiros; piteiras elevadas acompanham as orlas da estrada, e dirigem melancolicamente para o ceu suas folhas ponteagudas. Nesta região deserta existe Queluz, palacio real de recreio, e semelhante a um pequeno

oasis. Comtudo, apenas se chega ao Ramalhão, a vista muda-se inteiramente; a descida é suave, e enramada; agradaveis casas de campo resplandecem na planicie, e nas encostas entre jardins, abundantes relvas, e massas espalhadas de rochas vulcanicas; em torno das habitações accumulam-se em matas espessas, carvalhos de muitas especies, pinheiros, limoeiros, larangeiras, myrtos, loureiros, e figueiras. Sobre os muros, e terrassos ostentam-se cactos da altura de homens, romeiras sombrias, vides carregadas de cachos, rosas, dahlias, flôres de toda a especie; por toda a parte sussurram regatos, que sahem das fendas das montanhas, e serpèam sobre tapetes de verdura. Nos jardins medram, até alcançar a corpulencia de arvores, arbustos tropicaes, que, transportados ha muitos seculos das ilhas portuguezas, alli se aclimataram perfeitamente, como aconteceu ao medronheiro *(arbutus unedo)*, á *phillyrea*, e á *myrica faya* da Madeira.

Sobre os dois cabeços mais elevados da serra existem a Penha, e as ruinas de um castello mourisco; muito mais inferiormente entre a montanha e o valle, está edificado o palacio real, com suas chaminés singulares, semelhantes a minaretes, e tão cheias de recordações christãs, e mouriscas, com as suas agivas, arcadas, e fontes; tudo tão adaptado para os torneios como para os prazeres do galanteio. Mas o que verdadeiramente dá a Cintra encantos, como se não encontram em logar algum do mundo, é a frescura perpetua das suas alamedas, e bosques. Quando parti de Lisboa, o calor tinha subido até 30° de Réaumur; porém ao approximar-me á montanha, vinha bafejar-me uma aragem tão amena ao longo da estrada larga, e abobadada por um tecto de folhagem, que conduz do Ramalhão até á praça de Cintra; o ar achava-se tão deliciosamente tepido, como se fôra n'um bello dia de verão no Rheno, ou no Danubio. Isto não era de modo algum uma excepção; porque ordinariamente a differença de temperatura entre Lisboa, e Cintra sóbe de 8° até 10° R.

Cintra, desde muitos annos, é o Brighton dos fidalgos portuguezes, que, attrahidos pela côrte, têm alli edificado palacios, e casas de campo mesmo entre os rochedos com o maximo aproveitamento possivel do terreno, e das prespectivas. D. Miguel quasi nunca residia em Cintra, porque não podia alli exercitar-se a sua notavel propensão para as corridas de touros, em que pessoalmente tomava com frequencia uma parte importante; actualmente os nobres passam annualmente muitos mezes em Cintra, o que lhe tem singular-

mente augmentado o interesse. Sómente estão abandonadas uma ou outra quinta de fidalgos empobrecidos, ou emigrados : todas as outras estão occupadas. Quem não possue casa, aluga-a ; e igualmente uma parte do corpo diplomatico segue o exemplo da côrte, de maneira, que nas poucas hospedarias que ha, raras vezes se encontra logar, principalmente depois que se tornou moda em Inglaterra fazer romarias ao logar encantado, que Byron tornou tão celebre. A continuar desse modo, dentro em algnns annos virá a ser tão insupportavel a vida em Cintra, como já aconteceu na Suissa, e no Rheno, por causa da mania viajadora dos insulanos.

Por grande felicidade ainda encontrei alguns quartos devolutos, e apressei-me em participar a minha chegada ao commendador Dietz, secretario privado d'ElRei, e ao qual devia entregar algumas cartas, e encommendas, que trazia para Sua Magestade. Veio procurar-me immediatamente ; e n'uma longa conversação, que então tivemos, assim como nas seguintes, offereceu-se-me occasião de conhecer esse homem, que tão impiedosamente ha sido atacado pela imprensa periodica, e que em consequencia disso attrahio sobre si a attenção da Europa, mais do que aliàs aconteceria mesmo depois de uma residencia mais diuturna. Não me pertence formular um juizo sobre assumptos tão delicados, visto que, tendo-me demorado pouco tempo no paiz, só pude alcançar ácêrca do seu estado um conhecimento superficial ; e em Portugal, mais do que em qualquer outra terra, são necessarios muitos annos para poder encarar devidamente os negocios politicos através da têa inextricavel das intrigas ; com tudo, mesmo sem hesitação de consciencia, posso proclamar o cavalheiro Dietz como isento de toda a macula deshonrosa ; tenho-o por um homem completamente probo, um servidor fiel, e dedicado ao seu rei, e á casa delle, e que constantemente tem em vista, e promove com os mais ardentes desejos a imperturbavel felicidade domestica, e a aprazivel vida de familia dos dois jovens esposos reaes. Posto que lhe sobrem a classica lealdade germanica, e uma razão constantemente segura ; conhecendo, como conhece, mesmo os pormenores dos negocias locaes, e harmonisando sempre o seu juizo com as mais louvaveis intenções, todavia prescinde absolutamente de exercer uma ingerencia effectiva nos assumptos politicos. Póde acontecer que alguns portuguezes, mesmo pessoas conspicuas, e honradas, tivessem desejado como condição favoravel aos interesses do paiz, que o rei, ao entrar

na sua patria adoptiva, se separasse inteiramente de todos os individuos com que tinha sido educado, seguindo desse modo o exemplo de um sabio, e circumspecto rei, da sua propria familia. Porém, a um principe que abandona os seus parentes, e a sua patria, que renuncia a um futuro destituido de inquietações, e a todos os respeitos hrilhante, para atrevés de extensos mares, e em remotas regiões ir habitar um reino ainda gotejando o sangue da guerra civil, e profundamente abalado nos seus alicerces; quem lhe poderá levar á conta de sensura, que elle para esta nova patria, e entre pessoas totalmente extranhas, traga comsigo alguns dos conselheiros, e dos directores da sua infancia? O rei conhece muito de perto Portugal, e todas as suas circumstancias: falla perfeitamente a lingua do paiz; e tendo attingido totalmente o conhecimento das necessidades publicas, e havendo penetrado o caracter de todas as notabilidades politicas, não precisa do auxilio de conselheiros nem de sujeitar-se a inspirações alheias. O tacto singular e o seguro juizo de que tem dado tantas provas, fazem rejeitar inteiramente a idéa, de que haja para com elle uma influencia preponderante, ou seja de um estrangeiro, ou de um Portuguez. O principe D. Fernando de Saxe- Coburgo-Gotha é hoje rei de Portugal, e por isso Portuguez; padece com os soffrimentos, e se regosija com as prosperidades de Portugal sua unica patria; não pertence a nenhuma fracção politica; é sobranceiro a todas ellas. Ninguem sabe isto melhor do que elle proprio; toda a esperança de o fazer vacillar, é criminosa; toda a diligencia para o conseguir, é insensata — qualquer que seja o individuo, que tal empreenda. As minhas observações sebre tudo isto são inteiramente imparciaes, e sem preoccupação, visto que as escrevo a muitissimas leguas de distancia daquelle paiz. Não conservo relações algumas com Portugal, e bem difficil me será tornar a vêr essa formosa terra; não tenho portanto incentivo para callar alguma cousa, ou para dizer aquillo, que não acredito.

Logo depois da visita do conselheiro Dietz, fui procurar Lord Howard, o embaixador inglez, que por uma residencia de muitos annos no paiz está familiarisado com tudo o que lhe diz respeito, e se tornou por assim dizer meio Portuguez. Habitava uma agradavel casa de campo a dez minutos de caminho da villa de Cintra. Os meios de transporte reduzem-se alli unicamente a machos pequenos, e burros, que se alugam por horas, ou por todo o dia. Sómente pou-

cas personagens, diplomaticos, ou fidalgos chegam até ao luxo de ter um cavallo, que raras vezes alcança as dimensões do *pony* inglez inteiro. Sobrepõe-se ao burro uma albarda informe; os pés do cavalleiro apoiam-se em estribos de madeira, e um moço criança, e esfarrapado, por montes, e por valles vai correndo atraz do animal, armado com uma comprida chibata. Quando se quer visitar algum conhecido o moço vai bater á campainha da porta, e espera-se a cavallo até mandarem entrar. Quando se sóbe, o garoto de pé descalço deita-se a dormir á sombra de uma arvore, junto do seu burro incansavelmente soffredor, e faz-se accordar depois com o grito «ó rapaz».

Com o mesmo laconismo disse ao meu moço — o Lord inglez, e galopei para casa de Lord Howard, que me recebeu com a mais cordial benevolencia na sua deliciosa habitação. Junto á sua casa está um bello jardim cheio de plantas exoticas. Lord Howard tem sabido crear para si em Portugal a vida mais cheia de commodidades que é possivel, e isto com aquella intelligencia só propria dos seus compatriotas. Ácerca da sua amavel negligencia contam-se interessantes scenas; uma particularmente que aconteceu entre elle, e um diplomata do Norte, que costumava ordinariamente receber as suas communicações diplomaticas, por meio da embaixada ingleza, e um dia expressou o desejo de as mandar buscar na manhã seguinte antes das 6 horas; isto excitou uma universal, e estrondoza gargalhada em todos os que se achavam presentes, pois que é sabido em Portugal inteiro, que exceptuados casos extraordinarios, mesmo até para officios diplomaticos, a casa do nobre Lord está hermeticamente fechada até ás 11 horas da manhã. Quando o eu vi pela primeira vez, achava-se extremamente occupado, porque foi pouco tempo antes da conclusão do ultimo tractado de commercio, e do tractado para a abolição do trafico da escravatura.

Nos paizes estrangeiros acredita-se commummente que um embaixador inglez em Portugal, é uma especie de proconsul romano na côrte dos reis tributarios de Africa, ou de Asia; esta opinião têm-na propagado, particularmente entre todos os fazedores de politica, as declamações de muitos jornaes ácerca da influencia predominante, e oppressiva da Inglaterra. Uma curta residencia no paiz é sufficiente para reconhecer a exaggeração de taes asserções. Na verdade, a posição do embaixador inglez é mais consideravel, do que a dos representantes das outras potencias, que pouco ou

nada se inquietam ácerca de Portugal, e que durante mais de dez annos tinham deixado de conhecer as circumstancias do seu governo, cedendo só ultimamente á urgencia de uma necessidade imperiosa para de novo enlaçar as relações por tanto tempo interrompidas. Pelo que diz respeito a esses, não ha pois motivo para se fazerem comparações. Porém, mesmo em presença dos embaixadores de França e de Hespanha, apesar das ligações de familia, e relações de visinhança, mantem-se por si mesmo a supremacia do diplomata Britanico — simplesmente, naturalmente, e mesmo sem que para isso elle contribua com activos esforços. Os Hespanhoes e Portuguezes odeiam-se desde muito tempo, desde a batalha de Aljubarrota, e desde a usurpação de Filippe II; e quando Napoleão em Bayona perguntou ao conde de Lima «*Que pretendeis, vós outros Portuguezes, quereis ser Hespanhoes?*» o embaixador recuou repentinamente, levou a mão aos punhos da espada, e bradou «*non*» tanto do intimo do peito, e com voz tão elevada, que as abobadas do palacio Marrac echoaram longamente. Naquelle momento tinha penetrado ao conde de Lima uma scentelha do animo de D. João I, e do grande Albuquerque. O embaixador Hespanhol só alcança em Lisboa alguma importancia quando ameaça; e a protecção contra taes ameaças encontra-se sempre na amisade da Inglaterra, visto que a França — ha 12 annos a esta parte — ainda não protegeu ninguem, que tenha depositado confiança no seu governo.

Quanto maior tempestade, quanto mais sangue derramado perturbam a Hespanha, tanto mais altiva, e insolente se torna a linguagem de Espartero, e tanto mais intimamente se abraça então Portugal com a Inglaterra apesar de todas as manipulações das Tulherias. Pelo que respeita ao ultimo tractado de commercio, póde asseverar-se que está mui longe de ser tão oneroso como o representou a imprensa franceza, e o repetio depois della a imprensa allemã. Anteriormente, é verdade, que a Inglaterra tinha o privilegio, de pagarem as suas mercadorias 15 por cento de direitos de entrada nas alfandegas, ao passo que as das outras nações eram oneradas com 30 por cento; além disto, era sufficiente, que a descarga se fizesse debaixo da bandeira ingleza, para que a declaração sobre o valor dos objectos fosse acceita sem mais amplo exame, uma vez que a dita declaração viesse assignada pelo consul Portuguez residente em Inglaterra; por isso acontecia muitas vezes que a indicação dos manifestos era muito inferior ao valor real, e como

a alfandega portugueza tinha apenas o direito de poder comprar as mercadorias por um preço 10 por cento acima do indicado nas declarações, seguiam-se dahi perdas consideraveis para o Thesouro. Comtudo, depois da revolução de 9 de Setembro de 1836 os setembristas victoriosos, a instancias da França, apressaram-se immediatamente a pôr um termo a este privilegio denominado o monopolio da Inglaterra. A publicação de uma nova pauta das alfandegas foi um dos seus primeiros actos; esta medida sujeitou todos os productos estrangeiros sem distincção a um direito de entrada de 15 por cento. A revolução de 27 de Janeiro de 1842 manteve a tarifa universal dos setembristas, e igualmente o ultimo tractado não deu preferencia alguma á Inglaterra; pelo contrario, até a reciproca reducção dos direitos que ainda pende de resolução, não offerece grande probabilidade de se decidir vantajosamente para a Inglaterra, apesar desta potencia offerecer toda a especie de concessões. E assim em Outubro ultimo (1842) a commissão portugueza, encarregada da dita reducção reciproca de direitos, apresentou o seu *ultimatum*. em que se recusava a diminuir os pezados direitos de exportação sobre os vinhos, ao passo que a Inglaterra propunha reduzir a metade os seus direitos sobre os mesmos vinhos. Adduzio-se como fundamento para aquella recusa, que a Inglaterra era sufficientemente indemnisada pela diminuição que se fazia nos direitos sobre os seus productos, posto que o principal delles, isto é, os lanificios, fosse onerado agora nas alfandegas de Lisboa e Porto com quasi 25 por cento sobre o preço do fabrico, e outras mercadorias de menos importancia devessem pagar até 30 por cento e mais ainda.

O commercio total entre a Inglaterra, e Portugal monta annualmente a 1$100:000 libras esterlinas proximamente; o valor dos vinhos exportados sobe (uns annos por outros), á quantia de 900:000 libras esterlinas, álem do que se exportam fructas, (250 navios no ultimo anno) sal, azeite, e cortiça. A importação consiste principalmente em lanificios; estes montam á quantia de quasi 400:000 libras esterlinas annuaes; do que todavia só uma pequenissima parte é consumida no paiz; o resto passa como contrabando para Hespanha. O aço e as quinquelharias formam o segundo ramo de importação. Em lençarias, e em vidros já a Inglaterra não póde fazer senão poucas e más vendas, visto que desde muito tempo os productos bohemios, saxonios, e silesios têm adquirido uma fundada reputação, e têm em

seu favor as vantagens da modicidade do preço, e excellencia da qualidade. *(a)*

Em geral as importações, e exportações equilibram-se. Na verdade, se o povo fosse mais trabalhador, e industrioso, se os campos se cultivassem devidamente, e se se erigissem fabricas, então Portugal poderia occorrer ao menos em grande parte ás suas necessidades; porém seriam necessarias para isto tantas condições difficeis de attingir, que por muitos annos ainda — não é licito pensar em semelhante prosperidade. Antes de tudo é indispensavel que desappareça, ou ao menos se torne inoffensiva, a mania das mudanças, e das revoluções, que é propria dos habitantes das grandes cidades

---

(*a*) Fóra de duvida, o consumo dos productos allemães soffreu muito com a interrupção das relações diplomaticas das cortes allemãs com os dois estados da Peninsula iberica principalmente nos primeiros annos; comtudo não aconteceu isto na proporção, que poderia acreditar quem lêsse certos queixumes das folhas allemãs. Os consulados permaneceram sempre, e ainda que lhes fosse retirado o *exequatur* authentico, continuaram todavia a funccionar *officiosamente;* mesmo até os agentes de alguns governos eram, e em parte ainda são authorisados para em casos de collisão, e quando as authoridades do paiz recusam protecção, ou suscitam difficuldades, sollicitarem a intervenção da embaixada de uma potencia em boa harmonia com o governo de Portugal, ou de Hespanha; (hoje tem isto logar sómente em relação á Hespanha); e essa mediação era sempre acceita. Deste modo os agentes consulares austriacos na Hespanha tem ordem de encarregarem a solução dessas dissidencias á embaixada franceza em Madrid. Este exemplo foi até seguido por estados alheios á confederação germanica; v. g. a Sardenha cujos consulados na Hespanha tomavam por medianeira a legação Belga. Apesar de tudo isto não se póde duvidar, que principalmente durante as primeiras commoções da guerra, soffreram uma certa estagnação alguns mercados, visto que essa estagnação era em parte promovida pela vantajosa posição commercial, que obtiveram os paizes, que adheriram immediatamente á nova ordem de cousas dos estados além dos Pyrinéos. Póde portanto haver acontecido, que a longa demora de um reconhecimento formal désse occasião a alguns mercados de Portugal aprovisionarem-se com fazendas inglezas de preferencia ás da Bohemia, e da Silesia; porém nada se perdeu irrevocavelmente, visto que as relações continuavam ainda, posto que com mais tibiesa. Eu proprio encontrei em todas as cidades consideraveis de Portugal, e nas costas de Hespanha viajantes commerciaes bohemios, e allemães, que todos me asseguravam terem concluido em todos os annos precedentes os mais importantes negocios. Segundo me consta existe no Porto uma casa, que se occupa exclusivamente com a compra, e venda de lençarias da Silesia, e da Saxonia; e o grande armazem de vidros em Sevilha pertence a dois bohemios, que têm nelle empregados muitos mancebos seus compatriotas.

e dos seus caudilhos; devem todos esquecer-se, e consolar-se da perda do Brasil, que com os seus thesouros sustentava, e enriquecia a mãi patria, e a tornava preguiçosa, apathica, e incapaz de qualquer esforço.

Foi-me forçoso deixar Cintra naquella mesma tarde; porque na manhã seguinte devia ter logar a minha apresentação no palacio de Lisboa. Infelizmente vim n'uma sege que, durante horas inteiras, me fazia saltar penosamente por cima das pedras soltas da calçada; era um verdadeiro eculeo. Junto ao palacio de Queluz apeei-me para um pouco alliviar, e distender meus membros martyrisados. Queluz existe n'uma baixa, sem prespectiva, e cercado de collinas humildes, e destituidas de vegetação. O palacio, agglomeração sem gosto de *asas*, e *pavilhões*, e edificado no estilo ruim da primeira metade do ultimo seculo, fornece ao menos uma completa solução á pergunta — que immediatamente occorre — como fora possivel construir-se tão enorme edificio naquelle sitio: quem foi capaz de elevar uma tão hedionda massa de pedra, não admira, que escolhesse um local tão detestavel. Tudo alli é tristonho, desolado, deserto; nesse logar parece que vaguea um genio malfazejo, que roja sobre aquella terra um ar que opprime, e todas as recordações são de uma natureza ou melancolica, ou repugnante. Alli habitou uma grande personagem; e tudo o que d'elle se relata, e se mostra, semelha as legendas de Guilherme de la Marche, o herdeiro de Ardennes, ou faz lembrar o Redgauntlet de Walter Scott; são acontecimentos que não parecem do nosso tempo; porém a duvida tremenda é obrigada a recuar diante da evidencia. Aqui nasceram D. João VI. e seu filho D. Pedro, e aqui morreu este, cujo espirito inquieto, que a si proprio se devorava, anhelou tanto para talvez alcançar tão pouco. Aqui existe uma vasta poltrona de marroquim vermelho, onde jazeu enfermo D. João VI, onde D. Miguel padeceu com a fractura de um fémur, e onde D. Pedro exhalou o ultimo suspiro. Ousei deitar-me nella, apesar da consciencia do pouco que eu valho; e a primeira cousa, que divisei, foram dois olhos severos e ardentes, que me contemplavam solemnemente, quasi com o gesto da reprovação. Essas feições de tão conhecida gravidade, essa barba loura, esse nariz da casa de Bourbon. . . . .; tinha por longo tempo servido o original daquelle retrato; tinha-o visto em momentos muito decisivos, para jamais poder esquecel-o.

O pavimento inferior é formado de uma longa serie de

camaras; porém é só digna de consideração a sala do throno; grandes vasos de mayolica, e de porcellana chineza existem em multidão sobre todos os moveis; alguns bellos espelhos, más pinturas a fresco, e o todo, disposto no genero dos pequenos quartos de Versailles. É coisa singular que o aposento em que falleceu D. Pedro, denomina-se — *a sala de D. Quixote* — e é ornado exclusivamente com scenas tiradas das aventuras do cavalleiro da triste figura. A pouca distancia está a capella forrada de damasco vermelho, e carregada de douraduras, e em um dos seus angulos existe uma formosa columna de agatha, presente, que o Papa Pio VII, enviou a D. João VI; pareceu-me muito maior do que aquella que o mesmo Papa deu ao principe de Metternich, a qual, segundo creio, ainda está collocada n'uma sala da chancellaria d'estado. Todavia a columna de Queluz tem sobre aquell'outra a vantagem de não estar desfigurada com o vandalismo de uma prancha de metal sobreposta, e pregada, especie de taboa votiva. Em uma sala de jantar algum tanto remota pendem os retractos do Duque de Bordéus, de sua mãi, e do principe de Metternich; depois do tempo de D. Miguel, ficaram alli esquecidos. O jardim no velho estilo francez com estatuas, tanques, e repuxos, é provavelmente arranjado pelo plano do antigo Marly; encontram-se n'elle algumas flôres exoticas, e arbustos de particular belleza, como magnolias, e o geranium do Cabo. As arvores estão limpas, e cortadas á thesoura; e têm uma altura excessiva as alamedas do parque proximo. Ainda que depois da morte de D. Pedro, Queluz se ache deshabitado, achei tudo, tanto o palacio como os jardins, n'uma ordem aprazivel, e muito bem conservados; o que em vista da pequena somma que em tal é empregada, redunda muito em elogio, do então intendente dos edificios reaes, o Comm. A. Algum tempo depois fiz conhecimento com elle, e achei-o uma pessoa agradavel, de maneiras delicadas, e de um tracto distincto; talvez sómente com o pequeno defeito de pensar algum tanto de mais na sua belleza. É um dos poucos portuguezes, que tem uma idéa sufficiente do que se passa nos paizes estrangeiros. Na ultima refórma da côrte o seu logar foi considerado como *sine cura* e abolido, obtendo elle então a sua demissão de guarda joias. Deste modo o Comm. A. perdeu o seu principal rendimento de perto de 10$000 francos; perda que immediatamente lhe compensou a Imperatriz viuva. Escreveu-lhe com as expressões mais obsequiosas, que elle obteria uma pensão d'aquella impor-

tancia em memoria dos serviços, que havia prestado a seu esposo. Fazendo eu menção desta princeza, que nos ultimos tempos teve de experimentar um destino bem duro, e bem inclemente, ser-me-ha permittido dizer, que ácerca della, na bocca de todos os portuguezes, não ha senão uma voz de louvor, e de benção. Nesta terra, em que o odio e a calumnia mancham de preferencia com a sua baba todas as jerarchias elevadas, nunca ouvi se quer uma palavra ambigua relativamente a esta distincta personagem; vive exclusivamente para a educação de sua filha; e quando apparece em publico, é só para ir como anjo benefico soccorrer os pobres, e os orfãos. Como nunca entrei em seu palacio, estes factos chegaram unicamente ao meu conhecimento por meio da opinião publica, e geral.

Começava já a anoitecer quando deixei Queluz; algum tempo depois vieram desenhar-se á minha vista em um ceu obscuro as dimensões collossaes do aqueducto de Alcantara pallida, e sinistramente illuminado pelos raios da lua. Rinsey diz com razão no seu *Portugal illustrated*, que á primeira vista deste aqueducto, se poderia dizer a expressão de Rousseau ácerca do *Pont du Gand* em Nimes; isto é, que effectivamente parece aquillo uma obra dos gigantes que restaram ainda dos tempos heroicos; qualquer que seja a grandeza da expectação com que se vá prevenido, excede-a inevitavelmente a primeira impressão. Os Arcos das Aguas-Livres, como os portuguezes lhes chamam commummente, têm a sua principal nascente no logar de Canessas a duas legoas proximamente de Lisboa: comtudo ha ainda alguns outros mananciaes, cujas agoas são encaminhadas para dentro do aqueducto. Este atravessa com 35 arcos o valle de Alcantara; 14 d'entre elles, inclusivamente o maior do meio, terminam em ogiva, os outros em semicirculo. A abertura do arco principal de base a base é de 107 pés, e a altura até ao parapeito 230. O comprimento de todo o aqueducto é proximamente de 2400 pés, e tem de largura mais de 24 pés. Dentro existe uma galeria abobadada, que corre ao longo de toda a linha interior do aqueducto, offerecendo um espaço livre para ahi trabalharem os individuos encarregados da collocação das calhas, limpeza dos canaes, e melhoramento das obras de alvenaria. As torres abertas, e estreitas que se elevam em intervallos diversos, e que ordinariamente se não costumam encontrar nos aqueductos, não contribuem para o aformoseamento do todo, porém são muito proprias para conservar fresco, e para renovar constantemente

o ar do interior do edificio. Um canal semicylindrico de 13 pollegadas de diametro corre de ambos os lados da galeria coberta; e conforme as medições dos guardas, serve para permittir ou impedir a passagem da agua. A vereda que conduz ao aqueducto, vai dar a um commodo passeio, que o acompanha lateralmente por todo o comprimento — d'onde se gosa o mais magestoso ponto de vista, e tem além d'isso a vantagem de encurtar consideravelmente, para quem vai a pé, o caminho de Lisboa para a agradavel povoação de Bemfica. Diz-se em Lisboa, e tem sido repetido por um ou dois viajantes Allemães, que esse caminho é perigoso, visto que muitas vezes sobre os arcos ha ladrões que esperam os passageiros, que os roubam, e os precipitam d'aquella altura; nada d'isso observei, nem o que se tem relatado ácerca dos grandes perigos a que se anda exposto nas ruas e nas estradas, e ácerca dos projectos homicidas dos sacristães armados de molhos de chaves; tudo isso são ficções de phantasias vulgares, que transportadas repentinamente da sua patria para este terreno vulcanico, fazem a mesma figura que as maçãs de Borsdorf enxertadas na piteira. Pelo que respeita ao caminho sobre o aqueducto de Alcantara, passei por lá só e a todas as horas, antes e depois do pôr do sol, e não encontrei nunca senão creaturas tão inoffensivas como eu proprio.

O aqueducto inteiro, que iguala os monumentos mais consideraveis dos Romanos, é obra de Manuel da Maia, e custou muitos milhões a D. João V; não se acha actualmente em um estado perfeito de conservação, o que provavelmente se deve attribuir á negligencia universal do governo de D. Miguel, d'onde resultou uma tão grande deterioração, que não foi possivel depois, por causa do desarranjo das finanças, emprehender nenhuma reparação feudamental. Por isso tambem a agoa não é já tão boa e tão abundante como antigamente acontecia, de maneira, que os habitantes da cidade baixa recorrem á agoa nativa das margens do Tejo, e abastecem-se por meio da barcaça que costumam fazer vir d'Almada.

Contemplei por largo tempo esses pomposos indicios de uma grandeza passada, atè que a depressão do terreno me occultou os ultimos arcos, chegando então ao logar de Bemfica. As povoações á roda de Lisboa estão cheias de palacios, e casas de campo de fidalgos portuguezes, e de ricos habitantes da capital. Estes edificios, frequentemente construidos no melhor gosto, cercados de agradaveis jardins

fornecem aos arrabaldes de Lisboa um encanto especial, que entre todas as capitaes da Europa apenas póde reproduzir Vienna, ainda que de um modo menos animado; porque faltam ás margens do Danubio o brilho meridional, o azul escuro do ceu lusitano, e aquelle resplendor da natureza, como o de um montão de pedras preciosas de todas as côres. Esse fulgir da vegetação é o que dá a graça particular, que possuem os jardins á roda de Lisboa. Para um habitante dos paizes do Norte particularmente — é assumpto da maior surpreza, ver aqui medrarem livremente e com robustez todas as plantas que penosamente, e com mil cuidados são cultivadas em mesquinhos vasos nas nossas apertadas estufas. As mais bellas magnolias, tamareiras, e bananeiras carregadas de flôres brotam ao ar livre; o *geranium* do Cabo, todas as especies de *cereus* americano formam as sebes, e o *mesembryanthemum* trepa ao longo dos muros, e os cobre com espessa folhagem á semelhança da nossa hera. As plantas mais singulares encontram-se em todas as quintas; porém as mais das vezes, com um ciume verdadeiramente mourisco, vedadas mysteriosamente aos olhos do publico por meio de muros elevados, cujos topes em geral armados com uma camada de ponteagudos fragmentos de garrafas prohibem a entrada aos visitadores não convidados. Estes muros dão uma apparencia tristonha, e meio oriental a muitas estradas dos confins da cidade, e dos arrabaldes, as quaes se cruzam em todas as direcções; e corre-se o perigo de se transviar nellas, e de as percorrer por horas inteiras, sem encontrar outra cousa além da côr pardacenta da alvenaria, e aqui ou além uma porta cuidadosamente trancada. Isto póde ser attribuido a um caracter sombrio e desconfiado dos habitantes, ou a qualidades semelhantes a essas; o certo é, que aquelles muros parecem mais reductos de uma fortaleza, do que os limites de pacificos jardins. As quintas dos individuos da classe media costumam ter uma grande extensão, e são subordinadas mais á grandeza do rendimento, do que á vantagem do recreio, apesar do que, são necessariamente bellas em uma terra em que as larangeiras e as vinhas substituem com tanta primazia o logar das nossas maceiras, e das nossas plantações de batata. Ordinariamente ha um pavilhão ou casa de campo, edificada dentro da fazenda; e então o todo recebe o nome de quinta. A lingua portugueza tem muitos termos para indicar a palavra allemã *garten;* os terrenos cultivados que se encontram na parte posterior das habitações chamam-se *quintaes;* os que têm um des-

tino particular, denominam-se *jardins;* e *hortas* aquelles em que se cultivam hortaliças, e são, ou inteiramente abertas, ou apenas cercadas por sebes. Estas ultimas são raras no norte, porém muito communs na margem esquerda do Téjo. Ainda que, á excepção das quintas ao redor de Lisboa, pertencentes a individuos poderosos, não seja n'ellas empregada grande arte para o seu arranjo e conservação, comtudo offerecem quasi sempre uma vista agradavel; muitas vezes consistem apenas em uma quantidade de loureiros, que se elevam esbelta e graciosamente até á altura de trinta pés á borda de uma torrente. Para o lado de oeste, por de traz de Lisboa, o terreno em geral não é bem cultivado; em sitios montanhosos é escalvado e pedregoso: em outros porém excede na fertilidade a todo o resto do paiz. Isto tem logar, em especial, relativamente ás montanhas de basalto; esta pedra, por meio da decomposição, converte-se em argilla fecunda, e com as pezadas chuvas do inverno produz as mais bellas flores da primavera. Sobre uma pequena collina, posteriormente á fabrica de polvora de Alcantara, encontrou um naturalista Allemão quinze especies do trevo dos prados commum, e o botanico francez L'Écluse, que herborisou alli ha dois seculos e meio, elogia a riqueza de vegetação d'aquella collina. Junto a Lisboa os prados acham-se quasi sempre situados nos outeiros: pois que alli, como na maior parte dos paizes meridionaes, os terrenos baixos e quentes não se transformam facilmente em prados cobertos de espessa relva como acontece no norte. O solo, em que está edificada a cidade, compõe-se de pedra calcarea e basalto; em muitos logares tem uma côr branca de sulphato calcareo, que offusca desagradavelmente a vista, e fornece pedra muito propria para servir nas construcções, ainda que é de uma contextura grosseiramente granulosa de mais para os trabalhos de esculptura. A maior parte dos ornamentos cinzelados, e dos baixos relevos do convento de Belém e do palacio da Penha, são feitos com aquelle material; comtudo é de uma qualidade muito melhor, e trazido de muitas milhas de distancia. Ha tambem á roda de Lisboa uma singular pedra calcarea, especie de petrificação, que está situada em outras camadas, e sómente se encontra em uma certa profundidade. As grandes massas de basalto dos arrabaldes, em que, de espaço a espaço jazem camadas de pedra calcarea, prolongam-se por algumas milhas em torno de Lisboa até Bellas, e Cabeça de Montachique. É cousa muito singular que o basalto encontra-se unicamente n'esta região e no cabo de

S. Vicente, logares ambos em que o terremoto de 1755 produzio os maiores estragos. Todavia, Belém, que assenta immediatamente sobre uma rocha basaltica, soffreu menos do que as partes da cidade, que são edificadas sobre pedra calcarea. A estas ultimas pertencia o antigo palacio real, que, como se sabe, foi inteiramente devorado pela terra, ao passo que a familia real, que no momento do mais violento abalo se achava casualmente passeando nas ruas de Belém, não soffreu o menor incommodo.

Estas observações botanicas e geognosticas tinham-me affastado bastante já de Bemfica, quando algumas elegantes casas de campo, e um palacio que pertence ao marquez de Fronteira, excitaram a minha attenção. Este ultimo é edificado em estilo italiano, e tem uma apparencia exterior summamente bella. Posteriormente passei muitas horas agradaveis n'esta casa, cuja dona é uma das senhoras mais amaveis, e mais espirituosas da sua terra. O marquez, illustre fidalgo, no velho sentido d'esta palavra, reune a uma fortuna consideravel uma nobre independencia de posição, e de opiniões. Na sua sala de jantar vi, em grandeza natural, e feita em relevo, uma figura equestre de um de seus avós, D. Pedro de Mascarenhas, vice-rei das Indias, e ultimo prior do Crato, que não proveio de raça real (*a*). A quinta, elegantemente disposta no velho gosto francez, com as suas escadarias e terraços, é contigua ás salas; sobre um tanque de marmore bastantemente grande, e cercado d'estatuas e grutas, fluctuam dois pequenos escaleres, onde eu um dia, depois de jantar, tive a felicidade de passear em companhia de duas das mais amaveis senhoras de Lisboa. Toda a habitação do marquez está montada com todas as prescripções do maximo conforto, e em muitas cousas faz bem recordar o facto da constante alliança de Portugal com a Inglaterra, ainda que n'outros objectos conserva a pureza da indole portugueza, como por exemplo, na falta absoluta de pavimentos enxadrezados. Estas palavras não levam comsigo a menor intenção de censura relativamente ao hospitaleiro marquez; mas significam unicamente que na sua terra não

---

(*a*) O priorado do Crato (priorado maltez de Portugal), foi depois incorporado na corôa, e, ou era retido pelo rei, ou concedido a um infante (D. Miguel foi prior do Crato); é o mais importante priorado de Portugal; — os das tres ordens militares — a saber: de Christo, em Thomar; de S. Bento, em Aviz; e de S. Thiago, em Palmella foram tambem, como se sabe, incorporados na corôa.

é usada aquella especie de solhos, e elle provavelmente não quiz insurgir-se contra o costume predominante. Este uso na verdade difficulta bem o dançar a um estrangeiro, principalmente quando se exige que se escorregue rapidamente por cima de grandes taboas por polir. Descontada esta pequena fatalidade, achei inteiramente agradavel, e muito de interessar uma *soirée dansante* a que eu assisti no palacio de Bemfica; estava reunida a flor da sociedade lisbonense: todas as damas tinham bellos olhos, algumas eram formosas, e um par dellas vinham bem vestidas. As suas maneiras, todo o seu tracto fazem recordar muito a amavel familiaridade das hespanholas, e os attractivos arrebatadores das francezas; é na verdade um *juste milieu* encantador, apesar do que perdoar-me-hão urbanamente as damas portuguezas, se eu não curvo sempre e inevitavelmente o joelho diante de todas as suas outras qualidades.

Vindo de Bemfica para Lisboa, passa-se por Quintella, quinta do conde de Farrobo. Nunca me foi possivel participar da admiração, quasi geral, ácerca desta quinta, ainda que eu talvez tenha estado pouco em circumstancias de avaliar devidamente o seu merecimento, porque só a observei de fóra por entre as gradarias, e através da grande porta d'entrada, a cujos lados se acham dois enormes baluartes, sendo coroada por um grande Q, que engenhosamente allude ao nome do logar, e ao do proprietario (*a*). Disseram-me porém que não havia nada mais a vêr, alem do que se observa á primeira vista, e então senti-me saciado de mais com essa accumulação sem gosto de edificios, de construcções, de umbellas, e d'outras cousas analogas, já desde muito tempo banidas das grandes quintas inglezas; o todo produzio em mim a mesma impressão que me faria uma loja de quincalharia.

Quando cheguei ás primeiras ruas de Lisboa, já era noite cerrada; numerosas patrulhas a pé, e a cavallo percorriam todas as ruas e praças, por isso que se receava que as proximas eleições, as primeiras depois da restauração da carta, poderiam dar occasião aos inquietos anarquistas para tentar algum movimento tumultuoso com o auxilio da multidão ociosa e desenfreada. Comtudo, nada chegou a mover-se; e perto de meia noite já se não encontrava ninguem nas ruas.

(*a*) O proprietario, ha alguns annos conde de Farrobo, era anteriormente barão de Quintella; seu pai foi um rico banqueiro, e deu o seu nome áquelle predio.

Na manhã seguinte veio buscar-me o conde de R. para me levar ao palacio das Necessidades, onde habitam ordinariamente Suas Magestades, visto que o vasto palacio da Ajuda, que está ainda por concluir, por causa da grande distancia em que está, e da incommoda distribuição das salas, é só aproveitado em dias de grande festividade. O edificio das Necessidades não corresponde de modo algum á idéa de um palacio real; e do seu destino anterior (Nossa Senhora das Necessidades era um convento de freiras), conserva ainda muitas reminiscencias tanto no exterior como no interior. É um edificio elevado de um só andar, rebocado de vermelho, e feito de tijolo, sem architectura designada, com um frontespicio de 30 janellas, quando muito, e algumas humildes columnas que sustentam a varanda, tendo um campanario ao lado, dois pateos interiores, em torno dos quaes estão dispostos os differentes aposentos, junto ao que se acha um jardim insignificante: tudo isto encerra apenas espaço sufficiente para alojar as augustas personagens e o seu sequito habitual. Como deverá parecer apertada esta habitação ao herdeiro dos maiores palacios da Hungria! — A escadaria geral do palacio conduz a um par de salas de grandeza mediana, uma das quaes se chama a sala dos marechaes, em honra dos retratos que pendem nas suas paredes, e representam os marechaes Terceira e Saldanha, e o capitão Sir Charles Napier, que tem o posto de almirante em Portugal: segue-se uma camara em que Suas Magestades recebem o corpo diplomatico, e em que se acha um retrato da rainha muito mal executado. Dois porteiros com um antigo trajo negro portuguez semelhante ao vestido de côrte dos francezes, e alguns archeiros, encontram-se no alto das escadas e na ante-sala. Estes ultimos formam um corpo muito differente do exercito permanente, composto de individuos domiciliados, chefes de familia, e exercendo toda a especie de profissões; gosam de varios privilegios ligados á honra hereditaria, que possuem, de pertencer ás guardas reaes, e são commandados nominalmente pelo duque de Palmella. Tem uniformes vermelhos á feição do ultimo seculo, e com galões amarellos em todas as costuras, e são armados com alabardas, que fazem bem triste figura nas mãos destes pacificos *Trabants* (*a*). Uma pequena força de tropa de linha fórma a guarda exterior. O duque da Terceira, com uma elegante farda de marechal, azul, dourada, com dragonas, e

(*a*) Soldados Allemães da guarda imperial.

bastante semelhante ao uniforme francez, achava-se já na sala dos marechaes, perto do seu retrato, o que me fez lembrar involuntariamente de outro celebrado marechal, e duque, que no palacio da sua soberana ia collocar-se com muito prazer debaixo de um quadro de batalha, conhecido no mundo inteiro, e em que elle na verdade representa o primeiro papel. A respeito do duque da Terceira, aquella approximação foi innegavelmente irreflectida. O marquez de Santa Iria, camarista de semana, conduzio-nos ao gabinete diplomatico, em que Suas Magestades nos receberam. Seria falta de discrição e de gosto, pretender traçar aqui de novo um retrato dessas augustas personagens: fui tão obsequiosamente recebido, que receio pareça apenas um vão comprimento o que, segundo a minha convicção, seria a mais restricta verdade. O rei estava com um trajo civil simples, como geralmente se costuma vestir todo o elegante mancebo de boa sociedade, sem nenhuma condecoração, nem o menor indicio da sua alta cathegoria. A rainha trazia um vestido de passeio, do melhor gosto, e que mais pertencia ás margens do Sena, do que ás do Téjo. Seus olhos azues, e seu cabello louro são herança da casa d'Austria: o rei é um verdadeiro principe allemão de uma casa muito antiga e muito cavalheirosa; ambas estas cousas no mais amplo sentido da palavra. Como a rainha não falla o allemão, ainda que, segundo julgo, o entende perfeitamente, fallou o rei comigo no francez mais puro; depois tive tambem a honra de fallar com Sua Magestade na sua lingua materna. Todos os portuguezes concordam, que quando o rei emprega o idioma da sua nova patria, se lhe não percebe o mais ligeiro accento estrangeiro. Na apresentação do meu companheiro de viagem, o coude Teleky, o rei praticou largamente com elle no hungaro o mais fluente, com bastante admiração de muitas personagens presentes do corpo diplomatico, que não perceberam nem uma só palavra da conversação real.

Saindo da audiencia encontrei alguns corpos de tropa formados no largo fronteiro ás Necessidades. A frequente reunião do exercito portuguez ao britannico, bem como o commando superior que teve o marechal Beresford, deram em grande parte ao uniforme portuguez, a fórma ingleza; e o que ainda faltava para inteira semelhança, teve logar ultimamente, quando foi modificado o fardamento quasi inteiramente pelo padrão inglez, com a conservação porém da antiga cor principal. As tropas que eu vi, tinham a apparencia a mais elegante possivel, e formavam um contraste

singular com os soldados hespanhoes, desde alguns annos completamente desorganisados, e miseravelmente equipados. Os lanceiros, particularmente, apresentam-se com o melhor arranjo; o regimento que fornece as guarnições de Lisboa, e Cintra, corpo tão frequentemente nomeado na historia da ultima guerra portugueza como os dragões de Chaves, estava montado exclusivamente em cavallos inglezes, e tinha golas encarnadas, com galões amarellos, e bonés vermelhos, inteiramente como os ulanos polacos. A infanteria tem muito bellos uniformes azues, calças brancas, e barretinas de fórma algum tanto ponteaguda. Os caçadores foram os que mais me admiraram; tive o desgosto de não poder ver o celebre batalhão 5, porque fôra mandado transferir para uma guarnição do sul de Portugal, em castigo de agitações politicas. Mais tarde tive occasião de observar outro batalhão formado em parada; julgo que era o segundo. Os caçadores é gente inteiramente escolhida, de figura reforçada, pareceram-me bem formados, e com a mais perfeita proporção de membros; tem em geral um pouco mais de 4 pés e 10 pollegadas de altura, e movem-se com a agilidade só propria dos povos meridionaes; as barbas, singularmente compridas, não deixam de ficar bem áquelles rostos sombrios, onde se veem brilhar qnasi sempre olhos ardentes. Os uniformes são de uma elegancia grave, mas apurada; fardetas de côr escura com golas, e carcellas pretas, cordão, e dragonas da mesma côr, barretinas conicas de couro recosido, espingardas curtas inglezas, e patronas prezas a um cinturão; o todo vem a formar de uma maneira distincta, um termo medio entre o *rifle* inglez, e o *chasseur* de Vincennes francez. Nunca tive occasião de assistir ás manobras destas tropas, e assim não posso formar conceito da sua pericia; comtudo é um facto reconhecido, e confirmado em todas as guerras deste seculo, que o soldado portuguez bate-se excellentemente, todas as vezes que é bem commandado. O verificar-se esta ultima circumstancia actualmente, é assumpto talvez algum tanto difficil de asseverar. Julgo poder fazer a observação, de que me parece, que os officiaes se occupam tanto, e quasi tão exclusivamente com a politica, que pouco tempo lhes restará para o licito exercicio da sua profissão. Segundo me consta, todo o official em serviço pertence a algnm club politico, ou a um systema de maçonaria, interessa-se vivamente, e activamente pelo triumpho, ou pela queda de um partido, ou de um ministerio, e protege as vistas da corôa, ou oppõe-se a ellas. Em virtude destas circumstancias, foi

transferido um batalhão para o solitario convento de Mafra, por causa de intrigas politicas; e disse-se mesmo, que seria necessario desligar todos os officiaes, por isso que todos eram setembristas, e decididamente adversos ao governo. A esta situação infeliz accresce ainda, que em consequencia das continuas revoluções, ha em Portugal tres, ou quatro vezes mais officiaes, do que exigia o serviço do exercito, mesmo em tempo de guerra, visto que, todo o partido que triumpha, demitte os que lhe são conhecidamente adversarios, e provê todos os postos, até mesmo os capitães e subalternos, com creaturas, que lhe sejam affeiçoados, a fim de poder contar com o exercito em momentos decisivos. Os officiaes demittidos, bem como uma grande parte da officialidade de D. Miguel, licenciada depois da convenção de Évora-Monte, que se aproveitou da amnistia, e não emigrou, (*a*) formam uma classe constantemente inquieta, que é geralmente conhecida pelo nome de *reformados, e retirados*, e que são inimigos acerbos de toda a ordem permanente de cousas. Como em consequencia do deploravel estado das finanças, que nem permitte satisfazer á despeza corrente, o governo está na impossibilidade de fazer cousa alguma em favor destes individuos frequentemente reduzidos a extrema penuria, é indispensavel ter sobre elles a maior vigilancia, para prevenir da sua parte um perigoso influxo sobre o exercito activo. Pelo que respeita aos soldados, deve-se dizer em seu louvor, que seguem com inteira obediencia os caudilhos, que os conduziram á victoria; disto se tem observado muitos exemplos nos ultimos tempos, e é uma prova desta asserção a illimitada influencia, que o Duque da Terceira exerce sobre o espirito das tropas. A ordem severa, que ha alguns mezes se tem introduzido com a maior energia em todos os ramos de administração, a confiança da grande maioria do povo no actual ministerio, (do que forneceram uma demonstração completa as penultimas eleições, e ainda mais as ultimas em Junho, e Novembro de 1842), deixam conceber a esperança de que em breve tempo os males acima apontados desapparecerão totalmente. Portugal necessita unicamente tranquilidade, e confiança

(*a*) A maior parte dos emigrados tem já regressado, e de maneira alguma são molestados pelo governo; a tolerancia chega até a ponto de muitos delles serem recebidos na côrte. Vi por exemplo o marquez de Vianna, que fôra ajudante de D. Miguel, ir com sua esposa a Cintra fazer os seus cumprimentos a Suas Magestades, e ser recebido muito cordealmente.

para curar todas as suas feridas; — e quanto não é mais feliz do que a nação visinha, onde infallivelmente terá de correr ainda muito sangue; e é necessario talvez que assim aconteça, até que a Hespanha chegue á situação politica em que hoje se acha Portugal.

Voltando á formação do exercito portuguez, confesso que não entendo por que se fazem vir cavallos de Inglaterra por um preço muito subido, quando em todo o paiz se cria uma raça robusta, encorpada e fogosa. Os cavallos portuguezes, é verdade que não são tão pernalteiros, nem possuem tão grande alcance como os inglezes; se porém os ultimos são muito preferiveis para o serviço da guerra, é cousa de que muito se póde duvidar; o certo é, que as cavalgaduras nacionaes são muito mais appropriadas para os caminhos pedregosos, e frequentes montanhas de um paiz quasi destituido de estradas. É verdade que nos ultimos tempos têm degenerado algum tanto as caudelarias em Portugal, de maneira que talvez o paiz não possa agora fornecer de repente o numero necessario para o consumo; mas poder-se-hia objectar, que para um reino de quasi quatro milhões de habitantes (*a*), não seria muito difficil, fazer a remonta de uma cavallaria de 3680 cavallos, que é o que figura no orçamento; finalmente parece-me que o melhor meio de contribuir para o aperfeiçoamento das caudelarias, era favorecer esta industria, fazendo as compras exclusivamente no paiz (*b*).

Antes da guerra com a França, era empregado o maior desvelo em Portugal com a cavallaria; muitos cavallos vinham da Andaluzia, e os restantes dos districtos arraianos da provincia da Beira, da Estremadura portugueza e de Tras-os Montes; então a cavallaria portugueza gosava da fama de rapida, e vigorosa; muitas vezes esquadrões inteiros, em linha cerrada, saltavam por cima de vallados, e de sebes; comtudo a sua pericia, e disciplina eram objecto muito contestado. Antigamente as tropas portuguezas, estavam acantonadas por larguissimo tempo no mesmo logar, donde

---

(*a*) 3:940:920 habitantes. segundo o ultimo recenseamento, incluindo a Madeira, os Açores, e Cabo Verde; 5:198:420 habitantes, contando todas as colonias ultramarinas.

(*b*) A côrte tem empregado as maiores diligencias, para favorecer as caudelarias nacionaes; uma grande parte dos cavallos das reaes cavalhariças são portuguezes; o rei monta nelles frequentemente, e nos dias de gala o côche da rainha, é puchado por seis escolhidos, e bellos cavallos de raça portugueza.

se seguiam os males, que são a consequencia necessaria de uma medida tão absurda: a este inconveniente occorreu-se ultimamente, segundo tive occasião de observar, ainda que para o conseguir, offereceram-se muitas difficuldades a respeito da cavallaria, por quanto os pastos diversificam tanto nas differentes provincias, que não póde fazer-se comparação, com o que acontece nos maiores paizes, por singular que isto pareça em um reino de tão pouca extensão.

Antigamente os soldados portuguezes de cavallaria recebiam soldo dobrado, o que já hoje não succede. Das muitas tropas, e officiaes estrangeiros, que constantemente ha perto de um seculo, tem estado ao serviço portuguez, apenas e difficilmente se encontrará algum vestigio, e só por tradicção se falla ainda dos regimentos *Royal Emigré*, da infanteria de Dillon, Montmart, e Castres: as grandes guerras dos primeiros dez annos deste seculo, as tropas inglezas, e Beresford apagaram inteiramente a lembrança dos emigrados francezes, e dos mercenarios suissos; apenas do conde de Lippe, ha ainda uma memoria geral, e favoravel; todavia a lembrança de Beresford, de Lippe, e de todas as nações cedem agora o passo ás narrações animadas — (hoje na bocca de todos) — ácerca da ultima campanha. Das tropas estrangeiras, que D. Pedro trouxe ao Porto, segundo creio, existem apenas mui pequenos restos no paiz; e dos antigos officiaes allemães, que antecedentemente serviram em Portugal, sómente conheci um, que é digno da menção mais honrosa; é o coronel Eschwege, que foi alistado pelo governo portuguez, juntamente com alguns officiaes allemães, para se empregarem na exploração das minas. Este official, conhecido no jornalismo e na litteratura germanica, parece não ter grande motivo para se regosijar pela gratidão dos portuguezes; por quanto, apesar de longos, e distinctos serviços, ainda não foi promovido ao posto de general. Tive o prazer de travar conhecimento com elle em Cintra, onde foi encarregado por el-rei, da edificação do palacio da Penna. Os trabalhos até hoje concluidos são verdadeiramente primorosos, e dão um testemunho tão grande do gosto delicado do real edificador, como da erudição especial e intelligencia do barão de Eschwege. Outro allemão, o general Schwalbach, actualmente barão de Setubal, não me foi possivel vel-o infelizmente, visto que se achava com o commando superior do Algarve: a sua espada tem em Portugal uma boa reputação.

Da espada para o baculo ha uma transição natural;

desejo porém dizer só poucas palavras ácerca da questão religiosa, ainda pendente, e cuja solução exigirá mais intelligente firmeza, e mais sabia condescendencia do que muitas questões politicas dos tempos recentes. Depois de todas as abominações, que accarretou comsigo, e apoz si, uma medida tão violenta, e injusta como foi a abolição dos conventos, devia offerecer as maiores difficuldades a reconciliação com a côrte de Roma. D. Pedro, dominado por um enthusiasmo fanatico, em favor da revolução franceza de Julho, não soube possuir nem moderação, nem plano rasoavel nos seus primeiros decretos, e reunio de um modo singular na sua pessoa, um libertador constitucional, e um dictador absoluto; em todas as cousas cedeu-se ás primeiras impressões, e a um exame superficial. Desse modo foram abolidos os conventos; as propriedades ecclesiasticas inconsideradamente confiscadas, muitos edificios religiosos profanados, e muitos milhares de frades arrojados repentinamente para o mundo, com tão escassos meios de subsistencia, que um egresso, e um mendigo vieram a ser quasi synonimos. Os bispados foram providos a arbitrio; D. Pedro progredio tão longe na sua omnipotencia ecclesiastica, que se persuadio até que podia crear bisdos *in partibus*, e nomeou arcebispo de Lacedemonia o conhecido padre Marcos, esmoler da rainha, e hoje deputado cartista pelo Porto. Era claro, que se devia pôr um termo a esta desordem, uma vez que a Igreja lusitana não houvesse de separar-se da cadeira papal. Na verdade já foram relevadas algumas faltas, e erros grosseiros, como por exemplo o bispado *in partibus* acima mencionado. Depois de tantos debates, seria actualmente muito difficil, até aos proprios plenipotenciarios, designar com exactidão, até que ponto as negociações se têm approximado da sua conclusão (*a*). O Papa, como se sabe, enviou a Lisboa

---

(*a*) Depois de escriptas estas linhas, chegou a noticia, (que até hoje 2 de Janeiro de 1843 não era affiançada), de que as negociações do governo portuguez com Monsignor Capaccini haviam chegado a um termo satisfactorio. A conciliação resultou, segundo se diz, de que o Patriarcha de Lisboa dirigiu por escripto ao Santo Padre, a sua submissão canonica, e Capaccini acceitou esta carta, na qual sem se prejudicarem as regalias da Igreja Lusitana, reconheceu-se sufficientemente a supremacia do Papa. Os possuidores dos quatro arcebispados e bispados providos pela corôa, são confirmados pelo Papa, e em relação ás quatro outras sés episcopaes Sua Santidade, e Sua Magestade repartem entre si o direito de nomeação. A respeito das dispensas o Papa deve por ellas perceber um certo rendimento,

um dos diplomatas mais eminentes da curia Romana, Monsignor Capaccini; e o governo da rainha encarregou especialmente o duque de Palmella, desta espinhosa negociação. Se para o desenlace de um negocio tão sagrado, como é a reconciliação com a igreja, são necessarias a simplicidade da pomba, e a esperteza da serpente; nesse caso a balança penderá inevitavelmente em favor do diplomata ecclesiastico, ao qual não falta nenhuma d'aquellas duas qualidades apostolicas. Occulta debaixo de um exterior modesto, e sem pretenções, um juizo recto, e perspicaz. A sua politica é uma observação tranquilla, e desconfiada, mas segura e activa. Um homem de intelligencia traçou ácerca d'elle o seguinte conceito «Capaccini, como a maioria dos dignitarios ecclesiasticos da sua patria, é muito particular entendedor das bellas artes, para ignorar, que no Apollo antigo a força muscular do braço é reunida a todas as graças dos contornos. Este soldado da igreja militante, dá golpes profundos sem fazer estrondo, nem visagens, e á semelhança de Harmodius, traz a sua espada envolvida em um ramo de myrtho.» Ha muita verdade n'estas palavras: e como poderia elle deixar de se conduzir com atilada, e previdente cautela depois de acontecimentos de tão grave importancia, entre as intrigas incessantes que o circundam, e em presença do diplomata com quem tem de tratar? Quanto ao mais, o Santo Padre tem já dado muitas provas da sua reconciliação, e da sua munificencia papal: ha perto de um anno, mandou á rainha a rosa de ouro, distincção que desde seculos não era concedida á casa de Bragança; e Monsignor Capaccini, uma semana depois da sua chegada, levou ao baptisterio em nome de Gregorio XVI, o infante D. João duque de Béja; apezar do que — a curia romana não póde concordar, e de certo não concordará nunca em *certas cousas*. se é que estamos authorisados a tirar uma consequen-

---

e sobre essa base ratificar-se-ha immediatamente uma concordata. As noticias recebidas não dizem nada ácerca dos sacerdotes, e frades expulsos, nem do antigo direito dos reis portuguezes, de prover os bispados catholicos nas grandes possessões inglezas da India; direito que foi confirmado por um decreto do tribunal supremo da presidencia ingleza de Calcutá com a data de 27 de Março de 1840 Por ventura tudo isto que deixo escripto, se achará desde muito tempo já confirmado, ou contradito quando estas paginas chegarem ao dominio do publico; com tudo o grande affastamento em que estou do logar da impressão, inhibe-me de rectificar esta nota em presença de ulteriores informações.

cia de todos os precedentes, tanto dos tempos antigos, como dos modernos.

Maugrado esta desharmonia ecclesiastica, não tem soffrido cousa alguma a religiosidade do povo, o que é particularmente digno de elogio, se isto se compára com a desmoralisação das grandes cidades hespanholas. Quando visitei um domingo a cathedral de Cadiz, achei-a quasi inteiramente solitaria durante a missa cantada; em Lisboa pelo contrario, todas as igrejas em dias sanctificados, encontram-se atulhadas de gente. Durante o transito das procissões publicas, ainda em uso em todo o Portugal, nunca vi uma só cabeça coberta, nem observei qualquer perturbação indecente; posto que algumas partes d'estas festividades; semelhem muitas vezes mais a uma farça de entrudo, do que a uma cerimonia religiosa. Ha varios paizes muito catholicos, e que se acham na melhor intelligencia para com Roma, a respeito dos quaes se não poderia asseverar o que acima deixo transcripto. Comtudo, as procissões portuguezas fornecem materia bastante, para observações comicas. Não se observa aqui essa marcha compassada de massas de povo, que caminham — dois a dois — com uma respeitosa gravidade, como acontece nos paizes do Norte; nem se poderia, sequer, formar um parallelo com as irmandades mascaradas de differentes côres, dos prestitos italianos. Infelizmente cheguei muito tarde a Lisboa, para poder assistir á procissão do Corpo de Deos, unica que é verdadeiramente bella, e grandiosa. O rei, e toda a côrte, costumam acompanha-la; os cavalleiros das tres antigas ordens militares (Christo, Aviz, e S. Thiago), trazem então as suas dalmaticas brancas, ornadas com os distinctivos da ordem, e que produzem um effeito muito pictoresco; excluio-se d'esta festividade muita miscellanea ridicula, que antigamente havia n'ella, e por isso tanto mais incrivel é o que acontece nas outras procissões: pouco tempo depois da minha chegada, vi uma d'ellas, que teve logar por occasião de uma festa de igreja em Cacilhas, defronte de Lisboa na margem esquerda do Téjo. Uma parte da guarda nacional, e alguns officiaes de diligencias vinham na vanguarda do acompanhamento, seguia-se a musica; vinham depois dançando pares mascarados, da classe infima do povo com trajos semelhantes ao dos *Majos* hespanhoes, ou ao dos Figaros da nossa opera: quando digo pares, pertendo só fallar no estilo figurado, porque eram todos do mesmo sexo com a differença, que os dançarinos barbados appareciam com vestidos masculinos, e os a quem faltava

aquelle distinctivo de virilidade, representavam de dançarinas; é verdade porém, que os ultimos faziam uma figura horrivel. Alguns cavalleiros, em completo armamento, ou com trajos turcos, escoltavam este corpo de baile; apoz estes vinha uma longa serie de trombetas, de tambores, e de porta-bandeiras, todos montados em burros, seguia-se um troço de pretos, e finalmente as notabilidades do sitio e das circumvisinhanças, quasi todos a cavallo com chapéos de chuva abertos para se livrarem dos raios do sol. Além d'isto, viam-se de espaço a espaço desemboccar das esquinas da rua, prestitos grutescos de todas as fórmas; comtudo impedio-me de os vêr por mais tempo o calôr ardente que fazia; pois que toda a cerimonia tem logar no pino do meio-dia, em ruas destituidas de toda a especie de sombra, em quanto os raios do sol eram reflectidos tão horrivelmente pela calçada, e pelas paredes brancas, que havia grande perigo de ficar alli inteiramente assado. Tambem, a minha curiosidade depois de uma hora de contemplação, ficou totalmente satisfeita, e refugiei-me para debaixo da abobada um pouco mais fresca da pequena igreja, onde um religioso de Lisboa prégava com animada gesticulação, diante de uma muito apertada multidão de pios ouvintes, e ao mesmo tempo ia misturando toda a sorte de allusões politicas, com textos sagrados. Esta incongruencia é aliás sufficientemente geral em Lisboa, e no Porto, que são quasi os unicos logares do paiz, onde se observa interesse pela politica, pela maçonaria, e por outras cousas analogas. N'essas cidades porém trata-se d'isso com empenho tão exaggerado, que vem a ficar inteiramente compensada a indifferença das outras povoações.

A mania politica tem accommettido todos os habitantes da capital, desde o fidalgo e o par do reino até ás fezes da plebe. Apenas os pobres pretos das possessões portuguezas de Africa, que passeiam aos milhares pelas ruas de Lisboa, são os unicos que não discutem em politica, ao menos segundo me consta; mas tambem não são tractados como homens pelos portuguezes, porém como uma raça ruim de animaes domesticos. Cáiam, durante o maximo ardor do sol, as paredes exteriores das casas, e no fim das corridas de touros, lançam-se contra a furia exacerbada d'aquelles animaes. Quando chegam a envelhecer, arrastam-se mendigando pelas ruas de Lisboa, contaminados de enfermidades nauseabundas, com barbas encanecidas, que produzem um effeito hediondo nos seus rostos negros.

Voltando ao clero de Lisboa, a sua ingerencia na politica do paiz é muito natural, por quanto as leis vigentes concedem-lhes, como na Belgica, todos os direitos constitucionaes dos outros cidadãos, e occupam até as cadeiras tanto da camara hereditaria, como da electiva. Comtudo, obrariam muito melhor, se não pretendessem transplantar esta actividade mundana para o exercicio das suas funcções ecclesiasticas. As cousas chegam a ponto de que um dignitario da igreja, que tem ligações de mais de uma especie com a corôa, habituou-se por tal modo a converter as suas homilias em dissertações politicas, que, por ordem superior, lhe foi prohibido continuar a proceder d'esse modo.

Entre os muitos portuguezes com que tratei, sómente encontrei um, que não falla nunca em politica diante de pessoas extranhas, e comtudo, teria elle muito para contar, e poderia ter a certeza de que havia de ser escutado todas as vezes que quizesse: fallo do duque de Palmella (*a*). Não me

---

(*a*) D. Pedro de Sousa Holstein, primeiro duque, primeiro marquez, e primeiro conde de Palmella é filho do conde de Sanfré, no Piemonte, e nasceu em Turim a 8 de Maio de 1781. Seu pai foi accreditado como diplomata ao serviço portuguez, junto ás côrtes de Copenhague, Berlim, e Roma, por uma longa serie de annos. O actual duque entrou primeiramente no serviço militar, e em 1796 era capitão ajudante do duque marechal general. Em 1802 foi enviado a Roma, como secretario d'embaixada de seu pai: como este morreu n'aquelle anno, o actual duque tomou interinamente a direcção do expediente da missão, e em 1805 foi confirmado encarregado de negocios; em 1809 encontramo-lo de novo com as armas na mão combatendo os francezes, e despachado major; porém, no mesmo anno, foi enviado embaixador junto á regencia de Cadiz. Nomeado em 1814 para Londres, figurou, como se sabe, um anno mais tarde, no congresso de Vienna como um dos plenipotenciarios de Portugal. (No conhecido quadro de Isabey: *Séance des plenipotenciaires des huits puissances signataires du traité de Paris*, vê-se, muito bem representada a sua figura, que ainda hoje, 27 annos depois, mostra vestigios de semelhança. Palmella acha-se alli sentado junto a Castlereagh, que olha para o lado com indifferença; Metternich está defronte d'elle, e parece estar a doutrina-lo; posteriormente vê-se Nesselrode encostado, e sorrindo agradavelmente). Em 1816 foi Palmella embaixador para Londres, e em 1818 encarregado de differentes missões em Paris. Em 1820, sendo promovido marechal de campo (patente que elle depois resignou) foi, no mesmo anno, chamado por D. João VI ao Rio de Janeiro, para alli exercer o cargo de ministro dos negocios estrangeiros. Pouco depois acompanhou o rei á Europa, e retirou-se da vida publica. Não poude aproveitar por muito tempo este descanço; em 1823 entregou lhe de novo D. João VI a pasta dos estrangeiros; mandou-o em 1825 embaixador para Londres, representando primeiro alli D.

acho em estado de decidir se é unicamente uma inclinação, que lhe ficou desde o tempo do congresso de Vienna, o deleitar-se em fallar ácerca das artes e da litteratura, assim como outro grande estadista da mesma epocha, se entretem de preferencia com as descobertas industriaes, com as machinas, e com anecdotas licenciosas.

Porém seguramente a conversação do espirituoso duque não se torna por isso menos interessante, visto ter elle proficiencia em differentes ramos (*a*), ser muito erudito, e muito versado no conhecimento das bellas artes, tendo uma louvavel liberalidade com que se esforça em resistir á completa decadencia dos muito admiraveis restos que ficaram a Portugal da sua grandeza passada. As suas edificações e restaurações no convento da Arrabida, entre Setubal e o Cabo de Espichel são uma prova do que deixo dito.

O duque de Palmella estava residindo no seu palacete do Lumiar, quando eu cheguei a Lisboa; as nossas cartas cruzaram-se, e fiz-lhe por isso uma visita baldada. Quando uma manhã — veio ter comigo rapidamente, furtivamente —; um homemsinho de insignificante estatura, rosto pallido, nariz adunco, e feições decididamente italianas; a sua figura não inculca nem distincção nem authoridade. Apenas uns olhos vivissimos e um singular sorriso dão indicio de uma individualidade acima do commum. Não acredito que jámais agradasse a alguem este sorriso, ainda que o duque é tido por magnanimo, amigo dos seus amigos, e benefico mesmo em certos casos. Talvez que esse sorriso seja uma qualidade diplomatica, assim como o rir estrondoso, que um diplomatico da Hungria empregou com successo em Inglaterra, e no continente, e que ainda emprega talvez. O duque de Palmella, apesar da sua figura pouco importante, apresenta-se de um modo magnifico, quando na abertura das Camaras se

---

João VI, e posteriormente D. Pedro IV, depois da morte d'aquelle em 10 de Março de 1826. Depois da vinda de D. Miguel, destituido dos seus empregos e honras, viveu em muito apuradas circumstancias nos reinos estrangeiros, tomando parte em 1828 na mallograda revolta do Porto. A sua posição actual data de 1830, em que foi feito presidente da regencia da ilha Terceira. Em recompensa dos seus serviços, a Rainha lhe concedeu a honra ducal em 1833; tinha sido nomeado conde por D. João VI em 1803, e marquez em 1812.

(*a*) O duque de Palmella possue uma veia poetica muito feliz, a que elle se abandona gostosamente nas suas horas de ociosidade. Ha concluida uma sua traducção dos Lusiadas, que faz a honra maior á sua habilidade, por isso que o duque transporta para um idioma estrangeiro os versos da sua lingua patria.

enthronisa com um traje hespanhol na sua elevada cadeira de presidencia. Mais magestoso ainda é o seu palacete do Lumiar, nobre habitação, adornada com extremo gosto e com o luxo mais moderno. A duqueza deve ter sido bella, e, como todas as portuguezas, possue um par d'olhos pomposos, cujo brilho é ainda realçado por uma decidida expressão; é uma senhora muito distincta, e que tem a fortuna de descender de Vasco da Gama; desejo-lhe que algum de seus netos possa igualar seu grande progenitor. Não me foi possivel ver o primogenito do duque, actualmente marquez de Fayal, porque se achava então viajando. Desposou-se com a mais rica herdeira de Portugal, D. Maria Luiza de Sampaio, filha do conde da Povoa, de cujos milhões se contam historias fabulosas em Portugal. Tem agora apenas dezesseis annos, e comtudo acha-se casada já desde 3 de Julho de 1836. Ácerca da historia singular d'este casamento, com o qual estão entrelaçadas scenas de rapto da idade media, fallaram largamente os jornaes d'aquella epocha. Julgo superfluo discutir de novo esse assumpto, e tanto mais que eu não conheço qual é a verdadeira versão entre as muitas que a tal respeito appareceram, nem sei qual o duque desejaria antes que fosse impressa. Comtudo, é fóra de duvida, que se chegou a haver roubo, o que eu ignoro, o objecto roubado acha-se muito a seu contento; ninguem poderá dizer que a joven marqueza tenha a menor apparencia de victima. Estive um dia sentado junto d'ella á mesa, vi-a animada, satisfeita, e, como costumam dizer os inglezes, n'aquelle estado interessante em que os maridos gostam de vêr as suas consortes. Tem já um filho, que, como é proprio a toda a criança de boa familia, parece-se excessivamente com o pai e com a mãi. A casa do duque está montada excellentemente: os seus jantares são delicadissimos, e a mesa curva-se sob o peso da prata; em uma formosa baixella de sobremesa de porcellana ingleza estavam representadas as suas armas com a legenda «*veritatem regibus.*» Quando a eu li, accrescentou o duque «*et populo*» e asseverou-me, pouco depois, que havia já muitos annos que tinha mandado fazer aquelles pratos.

Os motivos de gratidão de que o duque de Palmella é credor, para com a Rainha, e com o estado presente de Portugal, são incontestavelmente grandes, e reconhecidos em todo o paiz. Durante a emigração prestou os mais valiosos serviços na Inglaterra e na ilha Terceira, como presidente da regencia, e como ministro dos negocios estrangeiros, por-

tando-se sempre com a maior actividade, perseverança, e intelligencia. Depois do desembarque na costa do Mindello, e na formação de uma regencia provisoria em Lisboa, cooperou constantemente com o maior zelo. Ainda nos annos de 1834 e 1835 presidio o conselho de ministros, e teve a pasta dos negocios estrangeiros. Em combinações ministeriaes vio-se, pela ultima vez, figurar o seu nome durante os poucos dias, que passaram desde a revolução no Porto, n'este anno, até á completa restauração da carta. Actualmente é presidente da camara dos pares, cargo que já exerceu em 1833, e que na verdade traz ligada a si uma grande dignidade; porém que exime o nobre duque de toda a especie de responsabilidade, ficando fóra do alcance de todas as fluctuações ministeriaes. Isto mesmo será talvez a posição que elle desejava alcançar. O duque de Palmella está hoje muito rico, muito saciado de honras e dignidades; a sua popularidade acha-se mui seguramente estabelecida, e de certo, sem uma vantagem positiva, não pretenderá expor-se a perder todas essas cousas tão bellas e tão substanciaes. Quando se tem vegetado nas tribulações e na miseria; quando no exilio se tem padecido necessidades quasi sem esperança, então aprende-se a apreciar dobradamente as alegrias e vantagens de uma vida commoda e agradavel, e deseja-se tambem gosa-la completamente. Pareceu-me muito claramente que era este o fundamento do proceder do duque; principalmente quando essas disposições estiveram a ponto de produzir uma crise ministerial, e já então achei que o seu comportamento era inteiramente justificavel, e até muito natural. Agora que passou essa epocha, e que, sem a sua presença no ministerio, o gabinete se conserva firme e poderoso, agora principalmente, aquelle proceder é de todo excellente, e uma prova segura de grande juizo prudencial. Finalmente, o duque de Palmella padeceu e trabalhou muito; deve agora descançar. Está proximo dos seus sessenta e dois annos de idade, e póde lançar com prazer as vistas sobre sua prolongada vida, que não passou nem destituida de gloria, nem de resplendor.

Escrever mais extensamente ácerca d'elle, deixo-o aos seus biographos; não lhe faltarão de certo, por quanto elle preenche uma grande pagina na historia da sua patria.

III.

Costa Cabral, e os partidos politicos — Abertura das Camaras — Eleições; Oradores — Cavalhariças reaes — Corridas de touros = Alhandra, e Sobralinho — O Conde de Villa Real — Igrejas e edificios de Lisboa — Belem — Ajuda.

> Ac mihi multa agitanti constabat, paucorum civium egregiam virtutem cuncta patravisse, eo que factum uti divitias paupertas, multitudinem paucitas superaret.
>
> Sallust. *Catilina — Cap.* 53.

Antes de passar além n'este esboço da situação presente de Portugal, é forçoso fazer menção do homem, que actualmente representa o primeiro papel na scena politica, e em torno do qual — como centro — se move toda a actividade governativa; fallo do ministro do reino, Costa Cabral. Confio que no meu juizo a tal respeito, me não deixarei seduzir pelas opiniões divergentes, que nos ultimos tempos têm sido publicadas ácerca d'esse estadista, e pelas quaes ora é exaltado como o unico salvador do seu paiz, ora o accusam de illimitada ambição de poder, e de criminosas intrigas. Esforçar-me-hei de julgar só pelo testemunho dos factos, não me deixando preoccupar pelo conceito que formo das qualidades brilhantes de Costa Cabral; *amicus Galba, magis amica veritas.*

Não pretendo decidir se Costa Cabral alcançaria uma identica importancia em uma nação tranquilla, e regularmente constituida, e unitariamente governada; talvez se podesse assegurar, que n'esse lento progresso de uma secular organisação politica, o seu fogoso caracter seria consumido em inutil actividade. Poderia mesmo elle grangear menos reputação n'esses paizes, em que uma constituição livre, tradicionalmente estabelecida tem collocado perante o grande fôro dos salvadores publicos — hereditarios, e eleitos, e

em uma linguagem reconhecidamente franca, e constantemente livre — a maior parte das transacções, dos fundamentos, dos recursos, e dos mysterios do estado. Nos primeiros paizes não podem existir, ou não ousam apparecer partidos politicos, nem opiniões activas; nos ultimos transmittem-se por herança, e não podem vacillar, e transformar-se no cerebro de um unico homem. Nada d'isto acontece em Portugal; e assim acredito facilmente, que Costa Cabral no logar de primeiro ministro em um governo monarquico puro, ou no ministerio dos negocios estrangeiros, não desempenharia talvez cabalmente o seu encargo; assim como tambem duvido se Metternich, e Peel, transportados ás margens do Téjo, poderiam substituir com vantagem o activo, ardente, e ousado ministro Portuguez.

Costa Cabral, mais do que todos os outros, tem conhecido as tendencias, e as necessidades do seu paiz, e é forte e poderoso, porque reune em si o que falta á maioria dos seus compatriotas. Não póde de modo algum ser intenção minha negar a primeira das qualidades, e aquella, sem a qual não ha prosperidade possivel no mundo — a um povo, que tão gloriosamente figurou em annaes de muitos seculos; todavia em Portugal, apesar de tantas revoluções, intrigas e fracções politicas — é muito para surprehender o como raras vezes se resignam os chefes de partido a comprometter-se pessoalmente, e a tornarem-se por assim dizer, responsaveis com o seu corpo, e com a sua vida. A sympathia, a dedicação por uma convicção politica cessam ordinariamente quando periga a segurança individual; nesta terra parece que os homens activos, e energicos, os que a si proprios se sacrificam, são ainda mais raros do que nos outros paizes. Comtudo, estas qualidades necessarias em todas as situações politicas, alcançam uma importancia muitissimo maior, quando são indispensaveis — a fortaleza phisica, e o valor militar; quando o punhal dos insurgentes, os decretos sanguinarios das sociedades secretas, e as revoltas do povo ameaçam todos aquelles, que se esforçam pelo restabelecimento da ordem. Valor desta especie ninguem o nega ao actual ministro do reino, nem mesmo os furiosos jornaes opposicionistas, cujas desenfreadas diatribes fazem bem ver, que a liberdade de imprensa é para elles uma dadiva muito recente, de que ainda se não sabem aproveitar. Os redactores destas folhas temerarias parece que exultam de regosijo por poderem dizer tudo o que lhes passa pela cabeça — como excitados por uma ebriedade voluptuosa, destituidos de ra-

zoaveis pensamentos, e abandonados a um *immaturo enthusiasmo*, segundo a classica expressão de meu amigo Dahlmann.

Duas exprobrações têm sido feitas a Costa Cabral principalmente fóra do paiz; a sua mudança de côr politica, e a sua ingerencia nas sociedades secretas. Uma lista dos juramentos da camara dos pares franceza, e tudo o que nestes ultimos annos tem sido publicado para defeza das denominadas defecções necessarias, seriam talvez a melhor resposta á primeira accusação; e de certo a rigida escalla dos governos monarquicos puros não deve achar applicação alguma nessas nações, em que ministerios, constituições, e mesmo dynastias, substituem-se mais rapidamente do que naquelles se muda o pessoal da chancellaria mór.

Pelo que respeita ás sociedades secretas, se não é impossivel a sua extirpação em Portugal, é certo pelo menos que ellas têm tão grandes e tão poderosas ligações, tanto pessoaes como materiaes que prohibem até o pensar na sua abolição. O seu influxo é innegavel, a sua propagação universal, e as suas tendencias inteiramente diversas da acção philantropica, e regular de outros systemas de maçonaria. A tendencia das lojas portuguezas é exclusivamente politica, e até aqui tem sido preponderantemente revolucionaria.

Ninguem duvidará, de que em taes circumstancias será até mui desculpavel, e sabia precaução, aproveitar como alavancas governativas essas associações, que se tornam tão poderosas, e temiveis, se se abandonam nas mãos de inimigos. Costa Cabral, o grão mestre da maçonaria em Portugal, e que exerce uma influencia extensamente dilatada nas eleições, as quaes sendo favoraveis ao governo, lhe asseguram a permanencia, póde talvez ser accusado pelos clubs revolucionarios; porém nunca pelo partido monarquico. Na verdade, esta posição lhe fornece um poder independente da corôa, que em caso de collisão poderia ser perigoso para ella, se a corôa mesmo não tivesse já obtido provas sufficientes da honradez, e da moderação do seu ministro. Quem tiver obtido um conhecimento, embora superficial, do estado da politica portugueza pela leitura dos jornaes, saberá que nelles se falla muito de um illimitado poder dictatorial de que Costa Cabral tem feito um uso tão moderado e tão constitucionalmente legal, que devem sentir-se envergonhados aquelles de seus adversarios, que pretendem ver nelle um segundo Espartero.

Tornam-se necessarias aqui algumas poucas palavras

sobre as fracções politicas, para poder desenhar Costa Cabral, e a sua situação debaixo de um verdadeiro ponto de vista. Com excepção dos miguelistas, que quasi geralmente se conservam tranquillos, ou se reunem aos pouco numerosos anarchistas nas revoltas, e nas eleições, ha actualmente tres partidos activos nas camaras; digo intencionalmente nas camaras, e não no povo: porque este, e particularmente fóra das grandes povoações, é quasi totalmente indifferentista. Os tres partidos nas camaras são — os setembristas, os cartistas propriamente ditos, e os cartistas dissidentes. Os primeiros estiveram á frente do governo depois do dia 9 de setembro de 1836; ha entre elles caracteres distinctos, e do fundo do coração addictos á causa monarquica; homens que têm prestado ao seu paiz os maiores serviços; por modo que admira vel-os inscriptos em um partido imperfeitamente constituido, indefinivel para si mesmo, e que percebe tão pouco os seus proprios interesses, que mesmo no tempo em que vigorava a sua constituição os seus decididos adversarios sucessivamente se foram apoderando das posições mais importantes. Os setembristas em geral não são republicanos; desejariam porém reduzir quasi á nullidade as prerogativas da corôa, concedendo-lhe sómente uma auctoridade nominal. Dilatariam irreflectidamente a applicação do principio eleitoral a todas as rodas da machina politica; a sua constituição tinha as mesmas deficiencias, e erros, que ainda persistem hoje em dia na constituição Belga, e principalmente na origem eleitoral de ambas as camaras, d'onde resulta faltar ao movimento, á tendencia para a mudança, e á turbulenta actividade da segunda camara, a compensação de um defensor natural da estabelidade, vindo a ser deprimida a primeira camara á condição de accessorio impotente da segunda. Ninguem accreditou jamais, nem em Portugal nem fóra d'elle, na duração da constituição de 1838. Porem apesar d'isso a prova maior da sua debilidade forneceu-a a sua queda rapida, e incruenta. Cartistas conhecidos, como Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Costa Cabral, estavam no ministerio; as eleições de 1840 tinham já reconduzido ás camaras um grande numero de senadores, e deputados cartistas, o que foi por muitos considerado como o primeiro passo para a restauração da Carta; foi mesmo suggerido por alguns, restabelecer em vigor aquelle codigo por meio de um acto regular, e em harmonia com a corôa; comtudo este arbitrio deixou de ser acceito.

Finalmente, Costa Cabral partio para o Porto; a Carta

foi alli proclamada em 27 de Janeiro de 1842, e dentro em treze dias foi reconhecida por todo o reino, como o pacto fundamental do estado. Os descontentes todos não deixaram de propalar, que Costa Cabral se dirigira ao Porto em perfeita harmonia com Suas Magestades, e em virtude de secretas promessas da corôa; e que tudo o que ulteriormente aconteceu fôra a consequencia d'essas instrucções superiores. Todavia tal opinião é inteiramente falsa, e destituida de fundamento; e deve antolhar-se logo como absurda para quem medianamente conhece os factos, e lhes analysa as relações. Ninguem, nem mesmo os amigos de Costa Cabral previam o que devia acontecer; talvez elle proprio ignorasse os successos, que o esperavam. Todos se lembravam que as tentativas antecedentes haviam sido infelizes; ninguem podia prophetisar com confiança; e mesmo triumphando no Porto Costa Cabral, não era de modo algum seguro, que outro tanto acontecesse na capital. Felizmente para Portugal a empreza foi bem succedida. Que tal era a opinião predominante do paiz, provam-no não só a influencia cada vez maior de Costa Cabral, mas tambem a maioria alcançada desde então em duas eleições successivas. Na verdade, formou-se um partido, cuja existencia, em vista das combinações, que costumam fazer-se em outros paizes constitucionaes, nem se podia prever, nem se poderia entender; fallo dos cartistas descontentes ou antes renegados. Estes individuos, que constantemente tinham sido cartistas, que combateram no campo contra os setembristas, quando estes dominavam, aggridem hoje o ministerio, e especialmente Costa Cabral, com uma animosidade, de que se não percebe o fundamento, a não querer-se duvidar da pureza dos principios constitucionaes de quem assim procede. Como taes principios não são manifestos, se talvez alguns dos mencionados cartistas dissidentes no fundo do seu coração desejavam um regresso para a antiga fórma de governo, se sonhavam com ella, e confiavam n'uma mudança da opinião publica n'esse sentido; então de certo erraram inteiramente seus calculos, e suas esperanças murcharam de todo. Se tal não é o caso, ou se se não acceita esta hypothese. então a actual opposição cartista é inconsequente, ignorante, e talvez absurda. A Carta por elles tão amada, e tão chorada, foi restabelecida rapidamente, incruentamente; constituiose um ministerio monarquico, e cartista, objectos pelos quaes elles tanto tempo e tantas vezes tinham trabalhado baldadamente; muitos d'esses partidarios sentam-se de novo na ca-

mara hereditaria, o que era o alvo de seus constantes desejos; outros tem a esperança de tarde, ou cedo alcançarem o mesmo. Isto tudo devem-no aos homens, que hoje hostilisam; e por isso á opposição que actualmente promovem, só se póde designar como motivo, o não terem cooperado para a restauração; terem obtido tranquillamente o que talvez desejavam conquistar, e o que estimariam mais terem-no elles proprios dado a si, do que havel-o recebido como uma dadiva.

Antonio Bernardo da Costa Cabral nasceu em 1803 em Fornos de Algodres na Beira-Alta, e procede de uma familia se não de antiga nobreza — ao menos de abastada fortuna. Seu pai deu a todos os seus filhos uma educação melhor do que é costume dar-se em Portugal: tres delles alcançaram mesmo durante a sua mocidade serem membros das côrtes, e obtiveram a investidura dos mais importantes cargos na magistratura, e no tribnnal do Thesouro Publico. Antonio Bernardo começou aos quinze annos os estudos superiores na Universidade de Coimbra, e obteve ahi o grau de bacharel em direito. Logo depois abraçou a carreira da advocacia, que bem depressa abandonou por desejos da sua familia, para se dedicar á magistratura. Foi primeiramente nomeado juiz de fóra de Penella, e depois membro da Junta de Justiça, (tribunal de 2.ª instancia), estabelecida na Terceira, havendo tambem servido alli no tempo da regencia como supplente do supremo tribunal de guerra. No Porto servio como secretario da auditoria geral do exercito, concedendo-lhe depois D. Pedro a procuração regia perante a relação daquella cidade. Seguidamente foi feito juiz da relação dos Açores, e depois da relação de Lisboa. Quando em 7 de Março de 1838, Soares Caldeira em consequencia da anarquia que diariamente crescia, foi demittido do seu emprego, Costa Cabral o substituio, vindo a exercer um dos cargos mais importantes da administração publica. Aqui patenteou-se-lhe um brilhante ensejo para desenvolver aquella energia, de que mais tarde tantas provas tem dado. A capital, abandonada aos excessos de uma situação anarquica, achava-se na mais completa desordem; todas as ligações sociaes estavam mui perto da dissolução; aos ministros, que intentavam fazer face a este estado, faltavam-lhes talento, e resolução; a praça do commercio, e as lojas fechavam-se; não se fazia negocio algum; o povo inteiro estava com as armas na mão, e reforçava os vinte batalhões da guarda nacional, que na maior parte era formada pelos mais exaltados revoluciona-

rios, e era capitaneada por individuos das mesmas opiniões; o perigo chegava a ameaçar o throno. Foi então, que Costa Cabral empunhou as redeas da administração. Em cinco dias foram descobertos, e desarmados todos os desordeiros, e Lisboa vio com reconhecimento, aos dias de inquietação e de anarquia, seguir-se a mais perfeita tranquillidade, e segurança. Costa Cabral desde 1835 tinha constantemente sido membro do parlamento. A sua situação nelle tornou-se bem depressa importante, e em 1839 tinham-lhe dado uma tal reputação os seus serviços no anno precedente, que apesar da sua mocidade, a rainha o chamou ao seu conselho nomeando-o ministro da justiça, e dos negocios ecclesiasticos. Sendo destituido deste logar por decreto de 28 de Janeiro de 1842, por causa do movimento que na vespera desse dia tivera logar no Porto, (o que tinha sido communicado a Lisboa por noticia telegraphica), entrou de novo para o gabinete em março seguinte, como ministro do reino. A elle devem os portuguezes muitas leis importantes, que projectou, e sustentou nas côrtes; uma reforma do processo judicial, outra do codigo administrativo, e uma nova organisação da guarda nacional. Durante os ministerios de que elle tem sido membro, foram de novo restabelecidas as relações diplomaticas com as potencias do norte; encetaram-se negociações com a Curia Romana, fizeram-se tractados sobre o commercio em geral, e com a Inglaterra, sobre a abolição do trafico da escravatura, e celebrou-se uma convenção de commercio e navegação, com os Estados-Unidos da America do norte. Apoiado na sua grande maioria, prosegue hoje Costa Cabral, apresentando ás côrtes propostas que tendem a estabelecer um systema de regulada economia, e a extinguir toda a sorte de abusos; do mesmo modo o occupam actualmente, um projecto de administração interior, e algumas medidas ácerca da segurança publica. Ultimamente nomeou uma commissão, composta dos Deputados mais instruidos, e dos homens mais intelligentes, e encarregada de organisar a instrucção publica; estes trabalhos estão já muito adiantados, e na sessão proxima (1843), deve a respectiva lei ser apresentada ás camaras. Ás communicações internas do paiz, este ramo tão importante, e em Portugal tão desprezado, é o objecto do especial desvélo deste activo ministro, apezar das muitas difficuldades que para tal intento necessariamente devem offerecer, os estragos que têm feito nas estradas a negligencia de mais de meio seculo, o desarranjo das finanças, e um solo pedregoso, e cheio de

montanhas. Em conclusão, tudo justifica a esperança de que debaixo de uma tão activa administração, e que existe em perfeita harmonia com a corôa, esta formosa terra, tão ricamente dotada por Deos, ha de elevar-se do seu estado de abatimento, se todavia as intrigas, e a opposição hostil d'esses individuos e fracções, que se inculcam monarquicos, e amigos da ordem — não estorvarem a marcha do governo, e não destruirem, ou perturbarem as suas auspiciosas medidas.

Costa Cabral, na primeira apparencia, offerece grande semelhança com Thiers. A mesma rapida comprehensão, activa mobilidade, e regosijo na lucta e no ardimento, surprehendem tanto mais em ambos, quanto são raras estas propriedades nos actuaes estadistas dos paizes constitucionaes, assim como dos governos absolutos. Tambem os não dessemelha o aspecto exterior; em ambos uma estatura baixa e macilenta, olhos que vibram brilhantemente, vistas ardentes, e a tez pallida do soffrimento, que dá testemunho de vigilias e de trabalhos, e que denuncia uma consumpção interior. Se a conversação se anima, ou se dirige para um thema favorito, então é visivel igualmente em ambos um tumultuar apaixonado, uma physionomia inspirada, e uma decisiva tendencia para o elevado enthusiasmo. Sómente nas camaras é o seu porte diverso, e seria para desejar, que o ministro portuguez possuisse algum tanto aqnella tranquillidade ironica que nunca abandona o deputado de Aix, quando se vê exposto ao energico accommettimento de um seu collega, ou á tempestuosa effervescencia de muitos delles. Todavia deve ser mais difficil permanecer tranquillo no edificio de S. Bento, do que na presença dos ataques do palacio Bourbon; por quanto do Luxemburgo já se vê, que se não poderia fallar. Os ciscumspectos pares de França são sempre sisudos; e as suas censuras raras vezes maliciosas, nunca chegam a ser offensivas. Porém igualmente a camara dos deputados franceza, é mais bem educada, e mais attenciosa; agita-se sobre o pavimento, e sobre os tapetes, e se ás vezes progride muito, e se enfurece de mais, divisa-se ainda nos representantes o caracter de uma nação altamente civilisada; não se abatem nunca ao rasteiro plebeismo; os seus ataques, com raras excepções, são cheios de urbanidade; são o espirituoso epigramma parisiense, os dardos da boa sociedade, e nunca pesada clava, ou grosseiro bordão, com que brutalmente se vá derrubando, e esmagando tudo quanto se encontra no caminho. Uma tal differença póde facilitar a Thiers o conservar a sua placidez, e fazer-se res-

peitado por causa della. Ás muitas e destacadas interrupções com que de todos os lados o apostropham, ou não dá consideração, ou sorrí delicadamente, e lhes responde passado algum tempo com uma agudeza. Perturbam-no acaso — suffocam-lhe a voz — suspende-se um momento, bebe um copo de agua assucarada, e permanece tranquillo na tribuna, de braços cruzados, até que possa de novo ser ouvido, e então continua exactamente desde o ponto em que tinha parado o discurso.

As camaras portuguezas, tanto a hereditaria como a electiva, procedendo de um modo diverso, usam provavelmente dos direitos que possuem, muito novos ainda para os saberem apreciar, e para que possam polir devidamente os seus discursos, e isental-os de toda a especie de immundicie, e asquerosidade.

É por esta razão, que a sala das côrtes se affigura quasi sempre menos como uma reunião civilisada, e urbana do que como a espelunca de um club revolucionario; não se tracta aqui de phrases assetinadas, nem de ostentações de cortezia. Está-se como no meio da rua; atiram uns aos outros, por assim dizer, com lodo, e pedras de calçada; em vez de sal attico, enfeitam-se os discursos com as mais grosseiras injuras; *des gros mots*... Um membro da opposição diz a um ministro da corôa, « *Sob a tua administração é tudo concussão e simonia* »; o ministro levanta-se e interrompe: « *Quando tu estiveste no gabinete, roubaste com muito maior atrevimento.* » « *Não*, clama o outro, *tu és o maior dos ladrões.* » O presidente faz em vão soar a campainha, com toda a força do seu braço; ninguem faz caso de tal, ninguem ouve o que os outros dizem; a maior parte levantam-se, agitam-se em torno dos seus logares, e peroram simultaneamente, ao passo que as galerias, fazendo tambem descer á sala os eccos do seu tumulto, associam-se a esta scena de orgia. Que com uma tal disciplina não possa um zeloso, e activo ministro da corôa conservar o seu sangue frio, isso não deve admirar a ninguem, particularmente se se reparar que é sangue portuguez, o que correr nas suas veias. Eu mesmo tive occasião de assistir a uma sessão desta especie, e desejára muito achar-me junto de Costa Cabral, para lhe apresentar a consuetudinaria agoa assucarada, todas as vezes que elle se irritava e gritava de mais, o que lhe aconteceu tantas veves, que por fim enrouqueceu. Foi isto na camara dos pares; tinham já fallado muitos oradores; o objecto da ordem do dia passou-me da memoria. Um apoz outro, atacava o

ministro do reino, e cada um com mais virulencia do que o seu preopinante, como que havia rivalidade na acrimonia, de maneira que os attaques succediam-se em um muito regular *crescendo*, até que por fim soltou o conde de Lavradio uma torrente de personalidades antiparlamentares, que proferia com debil, e sibilante voz, e que ninguem esperaria ouvir da bocca de um diplomata, e de um cavalheiro de culta sociedade. No mesmo dia foi na camara hereditaria, discutida a admissão dos pares miguelistas, questão ponderosa, e muito delicada em Portugal, visto que aquelles pares, que em casa do duque de Cadaval tinham assignado a conhecida representação a D. Miguel, para a acceitação do governo absoluto, pertencem todos ás maiores casas do paiz, gozam n'elle em parte muita consideração ainda; são ricos, e por muitos laços apparentados com a maioria dos pares, que têm assento na Camara. Apesar de tudo isto, muitos d'estes cavalheiros foram designados nominalmente como perjuros, e traidores, mau grado a amnistia da Soberana, e a campainha do presidente.

Estes modos descortezes estendem-se a tudo, o que pertence ao dominio da politica, e devem admirar tanto mais, quanto é certo que os portuguezes, como todos os povos do sul da Europa, e mais do que os outros até, possuem uma certa cultura de maneiras, derramada geralmente entre as classes abastadas. Apesar da crassa e geral ignorancia, que sómente cessou parcialmente em consequencia da ultima emigração politica, e apesar de uma frequente corrupção, e pravidade, (entre nós desconhecidas), de idéas moraes, e politicas, encontra-se todavia uma urbanidade, ainda que superficial, bastante commum, um certo tom de amabilidade, um verniz de delicadeza, e maneiras agradaveis de apresentar-se, qualidades que faltam as mais das vezes, e em grande proporção aos homens mais eruditos, mais habeis, e mais leaes da nossa excellente patria. Esta mascara fagueira, mas tenue dos portuguezes, cahe immediatamente como se fôra esmalte ruim, logo que o assumpto dá azo a paixões politicas; os rostos, que sorriam agradavelmente, transformam-se subitamente em malignas, e hediondas visagens; perde-se a pacifica indifferença, progride-se de excessos em excessos, accumula-se o insulto sobre a injuria, e isto tudo n'uma escala tão colossal, que por fim deixa até de produzir effeito algum semelhante exaggeração. Por exemplo — nas eleições de Junho de 1842, um eleitor eleito (*a*) pela Estremadura vota a

(*a*) As eleições são indirectas em Portugal; cada uma das sete

favor do ministerio, em quanto os seus amigos politicos esperavam o contrario d'elle. Dias depois apparece com caracteres runicos na *Revolução de setembro*, orgão dos setembristas, o seguinte anathema. «Por traição e deslealdade aos seus amigos politicos, por affronta ao collegio eleitoral da Estremadura, por coadjuvação, e serviços ao mais damnoso de todos os governos, é exposto ao desprezo publico: — João Antonio Rodrigues de Miranda, juiz de direito de Thomar.»

Durante a minha residencia em Lisboa, teve logar a abertura das camaras. Todos aguardavam este dia com a maior expectação, principalmente por ser a primeira vez que se reuniam os deputados depois da restauração da Carta, e a primeira vez que funccionava a camara dos pares depois de uma interrupção de seis annos. As eleições tinham sido ministeriaes por uma grande maioria; porém apesar d'isto parecia não se ter estabelecido ainda uma confiança universal. Espalhavam-se noticias atterradoras, fallava-se em uma sublevação dos anarquistas, e até se propalavam receios ácerca da condição futura das jerarchias mais elevadas, noticias que encontravam echo tanto maior, quanto é certo que nos paizes convulsamente agitados, ha quasi sempre uma grande predisposição, para acceitar como provavel o extraordinario. Muitas personagens do corpo diplomatico accreditavam ainda alguns dias antes com inteira convicção, que se estava sobre a cratera de um vulcão. Apesar do que — tudo se passou com a maior tranquillidade; e o ministerio que se dizia estar em tanto perigo, tem adquirido cada vez mais estabilidade depois daquella epoca.

Na manhã do dia 10 de Julho, com um tempo magnifico, dirigimo-nos atravéz das ruas por onde devia passar o cortejo, que se achavam ornadas ricamente, e apinhadas de immenso povo. De muitas janellas pendiam alcatifas, e fluctuavam bandeiras com as novas côres nacionaes (*a*), O trajo hungaro do conde Teleky attrahia muitas vistas curiosas, e algumas extremamente formosas. Na maior parte das ruas formavam álas a tropa de linha, e guarda municipal, e ambas

---

provincias elege um numero de eleitores, os quaes elegem depois os deputados da sua provincia por meio de listas em escrutinio secreto.

(*a*) As antigas côres nacionaes, azul e encarnado foram na ilha Terceira mudadas em azul e branco, para evitar equivocos principalmente nas bandeiras, por isso que as primeiras tinham sido conservadas pelos miguelistas.

rivalisavam em elegancia. As côrtes reunem-se em S. Bento, antiga abbadia benedictina, que se converteu em propriedade nacional: em 1821 como é sabido, celebravam as suas sessões nas Necessidades. S. Bento é um grande edificio, cujo frontispicio tem 150 pés de comprimento. No tempo de seus religiosos habitadores, estavam alli estabelecidas a torre do tombo, e a aula de diplomatica, para que eram destinadas as casas de abobada á prova de fogo. O convento contém actualmente as salas de ambas as camaras, e as suas respectivas secretarias, e mais repartições. Os deputados occupam uma grande sala cercada de tribunas, na qual a Rainha faz a abertura das camaras. Quando deve ter logar esta solemnidade, remove-se a cadeira do presidente, e em seu logar se estabelece um throno com baldaquino. Os pares occupam o lado direito do throno, e os deputados collocam-se á erquerda; o intervallo do meio fica livre para o prestito real. As duas tribunas do lado do throno são reservadas para a côrte, e para o corpo diplomatico; as das tres outras paredes são destinadas para o publico; nestas assim como nas outras, entra-se só por meio de bilhetes. A tribuna diplomatica achava-se muito cheia, circumstancia que seguramente foi notada por todos, visto que seria muito difficil observar o mesmo nos annos anteriores. Occupavam o primeiro logar os habitos talares de monsignor Capaccini; sua intelligente fysionomia tinha a expressão da maxima tranquillidade, e benevolencia, e por de traz delle via-se o rosto expressivo, e ascetico do abbade Vizzardelli; junto a Capaccini achava-se o diplomata de Austria com seu uniforme branco, e com um semblante já quasi meridional. A pouca distancia lord Howard sorria indifferentemente, e olhava para toda a parte cheio de satisfação, em quanto o magro e comprido pescoço, e o rosto de abutre de Aguilar, o agente de Espartero, procuravam aproximar-se delle. Tive o gosto, de ver tambem alli as côres nacionaes da minha patria, em um chefe de missão recentemente chegado, e conhecido por grande entendedor em Bellas-Artes, e em um joven e elegante secretario desembarcado havia pouco, e filho de um celebre professor. A Suecia, Dinamarca, Belgica, Hollanda, Brasil, e Sardenha, (julgo que não esqueço nada), tinham tambem alli os seus representantes; e um rapaz adamado, e de cabello louro, representava a França, segundo me disseram. Passados poucos momentos, entrou a imperatriz na tribuna diplomatica para se dirigir á que lhe era destinada: o seu mordomo-mór o

marquez de Rezende, um homemzinho velho carregado de condecorações, tinha a honra de a acompanhar. Trazia um vestido de luto cravejado de diamantes, e ao peito o retrato de D. Pedro circumdado dos maiores brilhantes. Tinha-se já reunido grande numero de deputados; uns estavam sentados junto ás suas banquetas, outros agrupados em torno dos seus chefes. Muitos traziam os seus uniformes militares, os membros dos tribunaes vinham com as suas becas negras, os ecclesiasticos com habitos talares, e outros vinham de casaca. Todos pareciam affectar uma certa liberdade de maneiras, e contrastavam singularmente com a solemne gravidade dos pares, que se sentavam circumspectamente nas suas cadeiras, ou passeavam ostentosamente com seu antigo trajo hespanhol de velludo preto, e de arminhos — verdadeiros, ou falsos. Hoje em dia é muito difficil trajar com dignidade vestidos da idade média, sem se tornar ridiculo; por quanto é muito facil passar de um a outro extremo, e semelhar ou um principe de theatro, ou um cabide de fato; e é tambem o que acontecia aos bons pares portuguezes, com poucas excepções; a estas pertence inteiramente o duque da Terceira; ostentava-se como a antiga imagem de algum grande guerreiro da corôa, que deposita inteira confiança na sua espada, e nos que a ella estão subordinados. O duque de Palmella pareceu-me tambem apresentar-se magestosamente, como já disse: tinha tido a precaução de mandar elevar algum tanto mais a sua saliente cadeira de presidencia; comtudo talvez teria sido prudente, fazer forrar de novo aquella cadeira, cujo velho estofo verde azulado estava já gasto, e desbotado. Muito tempo antes da abertura, sentou-se o nobre duque com toda a distincção no seu logar; o grande collar do tosão de ouro balouçava-se-lhe pomposamente sobre as rendas que lhe cingiam o pescoço, e os arminhos, que lhe cobriam os hombros, e sobre o ceo estrellado de condecorações, que lhe pendiam ao peito. Proximo a elle estava o seu cunhado, o conde de Villa-Real, com uma physionomia distincta, e uma testa elevada e deserta de cabellos. Em vão procurei com a vista o mais gentil de todos os pares, aquelle em quem esse trajo devia produzir um effeito magnifico. O marquez de Loulé, com os vestidos dos grandes de Philippe II, pareceria de certo um Buckingham, ou o bemquisto de todas as rainhas galanteadoras dos tempos feudaes. Infelizmente não se achava presente, e só mais tarde me foi possivel vêr esse portuguez admiravelmente bello, e verdadeiramente perigoso, e então se tor-

nou claro para mim, como elle tinha enlouquecido tantas cabeças femininas. Contemplámos por algum tempo a variegada multidão, que se achava na sala, onde a estreita passagem do meio parecia separar o intervallo de tres seculos, quando alguns tiros de peça annunciaram a sahida da Rainha. Correram todos a occupar os seus logares; muitos que se achavam nos corredores, e salas adjacentes entravam apressadamente na sala, e todas as vistas se dirigiam para os dois chefes do gabinete, que n'aquelle momento iam tomar as suas cadeiras ministeriaes. O duque da Terceira estava tão tranquillo, e senhor de si, como se estivesse no campo de batalha em frente do inimigo: nos olhos, na expressão, em toda a figura do outro parecia haver um turbilhão, que punha em actividade toda a sua organisação.

Finalmente um certo movimento, e um breve susurro denunciou a approximação das personagens reaes. Levantaram-se todos, e immediatamente appareceram na porta central os porteiros da camara com as suas maças de prata; seguiram-se logo, dois a dois, os reis d'armas, e os seus passavantes com trajos da côr do decimo quarto seculo, os grandes officiaes da casa real, as damas de honor da Rainha, a bandeira nacional, a espada real, e as mais insignias do paço, que eram levadas pelos respectivos officiaes da corôa. A Rainha appareceu então com um vestido de cauda côr de rosa, de riquissima seda, bordado a matiz e ouro, e litteralmente coberto com a mais pomposa pedraria de ambos os hemispherios. Um diadema, e uma pequena corôa de brilhantes adornavam a sua joven cabeça. Deu o braço a ElRei, e visivelmente se conhecia estar agitada. Atravessou a sala com a maior dignidade, subio ao throno, e collocou-se á direita. O Rei occupou um logar ao lado d'ella: trazia a farda portugueza de marechal de campo, e as condecorações regias das tres ordens militares reunidas. Os adornos militares ficam muito bem á sua estatura alta, e bella figura. Quando a Rainha se sentou, Costa Cabral approximou-se ao throno, curvou o joelho, e apresentou a Sua Magestade o discurso do throno. A Rainha leu-o em voz alta, a principio algum tanto commovida, e logo depois com toda a segurança; é o seguinte:

«Dignos pares do reino, e senhores deputados da na-
«ção portugueza. — O voto nacional espontaneamente mani-
«festado n'estes reinos, Me determinou, em desempenho do
«mais sagrado dever, a declarar em vigor, como lei fun-
«damental do estado a carta constitucional da monarquia,

«outhorgada por Meu Augusto Pai de saudosa (*a*) memoria.
«É vossa missão consolida-la; e Eu confio em que a desem-
«penharcis. Continúo a receber dos Soberanos meus allia-
«dos satisfactorias demonstrações de amizade e harmonia;
«e não cessa o Meu governo de procurar estender as nossas
«relações politicas e commerciaes.

«Com plena satisfação minha Vi chegar a esta côrte o
«internuncio de Sua Santidade. As muitas virtudes e luzes
«do Summo Pontifice são mui seguro penhor de concordia,
«e de que a igreja Lusitana, sem quebra das prerogativas
«da corôa, que o Meu governo ha de sempre manter, gosará
«da paz de que tanto se carece para a conservação da or-
«dem publica, e tranquillidade das consciencias. É tambem
«com grande prazer que vos Annuncío haverem igualmente
«chegado a esta côrte, e terem apresentado as suas creden-
«ciaes os representantes do Rei da Prussia e do de Sar-
«denha.

«Estão assignados, e vos serão presentes immediata-
«mente, depois de ratificados, dois tractados que celebrei
«com Sua Magestade a Rainha da Grã-Bretanha; um d'elles
«para a repressão do trafico da escravatura; o outro para
«firmar as mutuas relações de commercio e navegação. O
«orçamento da receita e despeza para o corrente anno eco-
«nomico vos será apresentado.

«Espero do patriotismo das côrtes todo o desvelo no
«desempenho das suas funcções, para se fixarem uma vez
«as bases do systema de fazenda, desenvolver de novo os
«importantes recursos das Possessões Ultramarinas; e aper-
«feiçoar todos os ramos d'administração d'estes reinos.

«Está aberta a sessão.»

Este discurso do throno — como todos os discursos do throno — póde muito bem ser que não diga coisa alguma ponderosa, ou elevada; comtudo é engenhosa, e atilada a maneira como se falla da revolução do Porto e da restauração da carta, ainda que a opposição censurou muito o alludir-se alli á espontaneidade da nação em favor da carta. Ao todo estavam presentes vinte e cinco até trinta pares, e talvez quarenta e tantos deputados. Dos primeiros faltavam muitos sem motivo justificado, outros por se acharem exercendo cargos nas provincias, ou nos paizes estrangeiros; como o marechal, marquez de Saldanha, em Vienna; o visconde da Carreira, em París; os barões de Moncorvo, e

(*a*) Saudade em allemão *Sehnsucht* é palavra que unicamente possuem a lingua portugueza, e a allemã.

Rendufe, em Londres e Berlim, e o velho conde de Terena, actualmente reitor da universidade de Coimbra : grande numero de deputados tambem não tinha ainda chegado, e faltava ainda preencher dezesete vacaturas, por haverem os ministros accumulado em si a eleição de muitos collegios eleitoraes. Esta accumulação de eleições tornou-se, para as notabilidades politicas, uma especie de vaidade, que degenera frequentemente em notavel irregularidade. Ao passo que nas camaras francezas occorrem poucas eleições duplicadas, e só excepcionalmente apparecem triplicadas, é pelo contrario muito de uso em Portugal, serem os chefes de partido, ou os ministros eleitos por seis dos sete collegios eleitoraes, o que equivaleria a um deputado em França obter os votos de duzentos circulos eleitoraes. Esta accumulação apresenta-se então em todas as occasiões como um titulo de honra, e muitas vezes se ouvem exclamar individuos, aliàs intelligentes, que este ou aquelle ministro seu amigo obtivera os votos de todas as reuniões eleitoraes, á excepção de uma, em quanto os mais notaveis dos seus adversarios alcançaram sómente o voto de quatro ou cinco collegios. Ainda é mais extraordinario, que os mesmos eleitores escrevam na mesma lista os nomes de candidatos diametralmente contrarios; de maneira que, por exemplo, o ministro Costa Cabral e seu adversario cartista, Rodrigo da Fonseca Magalhães, foram ambos simultaneamente eleitos pelo mesmo collegio, e pelos mesmos eleitores. O pequeno numero de collegios eleitoraes, e as eleições indirectas dão ao influxo do governo uma acção dupla e variada, que primeiro se extende ás grandes massas, e depois se restringe a um numero limitado de individuos. Por isso accredito que primeiramente, na eleição dos eleitores, se empregam os meios usados em Inglaterra para corroborar o animo e o estomago das turbas famintas, depois lança-se mão provavelmente da agiotagem, tornada proverbial em França, e que se faz com as administrações do tabaco, com meios, e inteiros ordenados, e com outras cousas analogas, e a que se dá um emprego semelhante, conforme o exigem as circumstancias. Este duplicado systema de rodagens da machina eleitoral complica naturalmente a ingerencia sobre as eleições por parte do governo. Esta ingerencia torna-se aqui ainda mais necessaria, do que em muitos outros paizes; por quanto se tal não acontecesse, em presença das constantes machinações dos clubs, e das sociedades secretas, e se a incançavel actividade de muitos intrigantes encontrasse do lado do governo

sómente uma contemplação inactiva, e uma concessão sem limites, então da urna eleitoral não sairia a expressão da vontade da maioria, porém sim o resultado de ardilosas combinações. A consequencia necessaria d'este systema vicioso, é que essa interferencia do governo, (que aliàs tem logar publicamente), toma muitas vezes uma vereda tortuosa, e que parece até incompativel, mesmo com a indole usual d'aquellas tão confusas operações eleitoraes. A tal respeito acontecem em Portugal casos verdadeiramente extraordinarios; por exemplo, nas eleições de Junho de 1842 foram simultaneamente eleitos em Lisboa, pelos mesmos eleitores quatorze deputados da opposição, e seis ministeriaes; e como alguem se admirasse, de que saisse sequer um nome ministerial no escrutinio, uma vez que a maioria do collegio eleitoral era formada de adversarios do governo, respondeu a isto com a maior naturalidade possivel, um dos mais conspicuos ministeriaes portuguezes, que isso acontecera, porque se havia negociado com os chefes da opposição no collegio da capital, e que se lhes tinha rogado que inscrevessem nas suas listas, junto aos seus amigos seis adversarios, entre estes tres ministros; ao que elles accederam com a maior benevolencia.

Apesar de um methodo tão intrincado, a camara dos deputados é muito melhor constituida, do que se poderia suppor, em relação ao que é a camara dos pares. Tive occasião de ouvir muitos jovens oradores, que se expressavam com muita dignidade, e que mostravam graude merito oratorio, ainda que ás vezes os dominava muito a fogosidade meridional; com tudo absolve-os desta falta a circumstancia de fallarem todos do seu logar, e o serem obrigados a esforçar de mais a voz, por a sala não ser construida segundo os preceitos acusticos. O presidente, está sentado no meio de um dos lados mais compridos do longo parallelogrammo, achando-se por isso em logar muito desvantajoso para a voz, que todavia poucas vezes se faz ouvir. Os oradores voltam-se para elle, e a elle endereçam o discurso, repetindo as palavras: *Senhor presidente*, a todos os momentos e com a maior superabundancia, provavelmente para preencherem as lacunas do pensamento, ou da memoria. Na abertura das camaras disse-se, que o padre Marcos, o esmoler mór da rainha, tinha grande esperança de ser presidente da camara dos deputados; porém aconteceu o contratio, e tomou esse logar um individuo idoso, de pacifica physionomia, e cujo nome me esqueceu. A nomeação do

presidente é feita pela corôa sobre uma lista de cinco candidatos que lhe apresenta a camara.

No flanco esquerdo do edificio de S. Bento, acha-se a camara dos pares; é pequena, destituida de elegancia, e impropria da dignidade inherente ao primeiro corpo collectivo do estado. Um miseravel retracto da actual rainha, pintado a oleo, e que fornece um triste documento do estado da arte em Portugal — é o unico ornamento da casa. Debaixo delle enthronisa-se o duque de Palmella como presidente, na sua velha cadeira, a mesma que vi no acto da abertura das camaras, e que costuma transportar-se para a outra camara em occasiões de solemnidade. Os pares sentam-se em cadeiras dispostas em amphitheatro, têm estantes diante de si, fallam do seu logar, dirigindo tambem o discurso ao presidente, o que parece improprio de uma camara de pares. Ha uma só galeria, que é mesmo na sala defronte do presidente, e que chega até junto das cadeiras dos pares — sendo apenas mais elevada algumas pollegadas — á semelhança da tribuna reservada da camara dos deputados; de maneira que o publico acha-se em contacto immediato com os pares. Um delgado tabique, junto ao qual se accumulam os expectadores, separa a galeria publica da tribuna diplomatica. Os pares apparecem em trajo civil de passeio, entram e sahem a cada momento, sentam-se ou levantam-se como lhes apraz, e comportam-se inteiramente *sans façons*. Junto á cadeira do presidente agrupam se muitas vezes deputados, que visitam a primeira camara como espectadores; e os parentes dos pares encostam-se ás portas, que conduzem da sala para os corredores, e repartições da casa. Nenhum dos dignos pares me pareceu um orador distincto; o duque de Palmella, que abandona frequentemente o seu elevado logar para tomar a palavra como par, gesticula com demasiada energia, muito á italiana, e não com bastante propriedade; falla com muita rapidez, e não se eleva acima do tom usual da conversação. O conde de Lavradio estava rouco, ou é dotado naturalmente de uma voz muito debil: como já tive occasião de mencionar, entrega-se com frequencia ao excesso de proferir expressões anti-parlamentares, e acerbas personalidades, que surprehenderiam menos em um declamador apaixonado, mas que seguramente são realçadas pela fria circumspecção, e pela natural incivilidade; suas feições deformes contrahem-se naquelles momentos em uma expressão repugnante de ardilesa, e de falsidade. O conde de Villa-Real é um excellente cavalheiro, mas que de certo

não nasceu para orador; muitas vezes chega a pronunciar o contrario do que projectava dizer, e então as vistas de surpreza de seus amigos politicos reconduzem-no de novo ao verdadeiro caminho. Um dos mais incançaveis oradores é o conde da Taipa representante da antiga casa dos Camaras. Fazia ao ministerio uma opposição furiosa, gritava tão alto, e com tão insolitos ademanes, que mais semelhava a um orador de um *meeting* irlandez, que em campo descoberto troveja do alto da sua carruagem, do que ao nobre membro de uma reunião, que possue o tratamento de excellencia. Um certo visconde de Laborim, que falla muitissimo, e sempre com a maior satisfação de si proprio: — um dia particularmente — usou tantas vezes da palavra, que o presidente o advertio, de que devia tambem deixar fallar os outros. O que nelle me surprendeu unicamente, é o costume censuravel que possue, de conservar durante os seus discursos ambas as mãos collocadas sobre uma parte, que é occultada pela pudica, mas desengraçada casaca moderna por meio de suas amplas abas pendentes. O formoso marquez de Loulé, fallou tambem algumas vezes melodiosamente; porém com voz tão suave, e olhos tão modestamente abatidos — que o resultado do seu discurso seria de certo o mais perfeito, se se tractasse de uma declaração de amor; porém seja isto dito não como censura, nem com temeraria intenção, por quanto o marquez é um cavalheiro amavel, e distincto. Sá da Bandeira, o conhecido general todo crivado de ballas, é um dos chefes dos setembristas, circumstancia para mim inexplicavel. Os seus ferimentos tornaram-no surdo, de maneira que para ouvir melhor, deixa o seu logar, e vai pôr-se mesmo em contacto com os oradores, fitando a vista directamente sobre a bocca delles, o que tem muito de singular, principalmente quando fallam os seus adversarios. Gagueija, e confunde-se alguma cousa; porém tudo isto se lhe perdoa, visto ser pessoa tão digna de respeito. Achei nelle um homem de vastos, e variados conhecimentos. Parece ter-se mui particularmente entregado ao estudo da arte da guerra, e da historia natural, sciencias que aliàs é um pouco raro achar reunidas n'uma só cabeça. Aconteceu-me não ter nunca occasião de ouvir na camara o duque da Terceira; os outros pares, que uma ou outra vez tomam a palavra, são quasi inteiramente desconhecidos no resto da Europa. Pelo que respeita ao ministerio, é Costa Cabral quem as mais das vezes combate, e responde; pareceu-me que elle occupava uma posição mui

semelhante á que Nothomb sustenta na Belgica com igual habilidade, e fortuna.

Depois de a Rainha ter lido a falla do throno, levantou-se, e pelo braço de seu real esposo, deixou a sala pela mesma ordem com que tinha entrado. Nas ante-salas, e corredores reunia-se um grande numero de pessoas em torno de Suas Magestades, para lhes beijarem a mão segundo o uso da côrte. O par real subio então para um formoso *coupé* Inglez, amarello forrado de setim branco. Era puxado por seis magnificos cavallos brancos de raça portugueza, que da almofada dirigia um muito habil cocheiro inglez; parece-me que val a pena fazer menção d'este individuo eminente na sua arte, mesmo até pela razão das suas funcções haverem dado occasião a um debate extremamente ridiculo. Os patriotas setembristas, no tempo em que governaram, tinham reputado deshonroso para a sua nação, que a carruagem da Rainha fosse guiada nos dias de solemnidade por um bretão, e não por um portuguez; e por algum tempo se condescendeu com esta absurta exigencia. Ultimamente a Carta de novo restabelecida, reconduzio o expulso Automendon para o seu assento agaloado, o que foi innegavelmente uma rasoavel restauração, visto que elle dirige os seus fogosos cavallos por ruas ingremes com muito mais segurança, e destreza do que os seus rivaes portuguezes. A repartição das cavalhariças reaes, a que naturalmente sou levado a fallar, existe na melhor ordem possivel; e deve ás sabias disposições, e rigida disciplina do duque da Terceira a apparencia brilhante, que apresenta, ficando a par das melhores cavalhariças do continente, e sómente terá que ceder ás de Inglaterra. O marechal duque, que junto a muitos cargos, e dignidades possue tambem o logar de estribeiro mór, occupa-se com o maximo desvello de todos os pormenores d'aquella repartição. Teve a bondade de por meio de seus ajudantes me fazer examinar tudo, e tive occasião de observar então muitas cousas interessantes nas cavalhariças, e cocheiras, ainda que alli se tenham effeituado muitas reducções importantes, e o paço retenha sómente o numero indispensavel de cavalgaduras. Para uso particular de Suas Magestades, acham-se nas Necessidades sessenta cavallos, entre os quaes muitos inglezes. É notavel, que pela maior parte são cinzentos, ou brancos. A cavalhariça é mantida com o accio inglez; as manjedouras são de ferro, as pias de pedra, e os pilares aceadamente pintados de verde a oleo; no chão ha

uma camada da palha, e debaixo d'ella argilla calcada, o que é muito recommendavel principalmente em paizes quentes; segundo o uso de Inglaterra, todas as passagens são cobertas de fina arêa vermelha feita de tijolos pizados. Alguns cavallos eram de singular belleza, entre elles um garanhão encorpado, denominado Rob-Roy, e um cavallo de caça pardo, chamado Hector, que o Rei monta de preferencia. Um grande coche da coroação de D. João VI, coberto de muitas pinturas, e douraduras, e algumas carruagens novas inglezas para uso da Rainha, acham-se na cocheira, que pertence áquella cavalhariça. No Calvario a pouca distancia do palacio real de Belem, em um edificio construido de proposito por D. João V, acha-se uma collecção de coches antigos, talvez a mais admiravel que existe no mundo. É muito notavel o coche de galla do rei D. Affonso Henriques, (governou de 1128 até 1185), que tem sete bellos vidros Venezianos, cada um de oito a nove palmos em quadrado, assentos de estofo tecido com fio de ouro, pinturas, dourados, e ornatos de bronze dourado; particularmente os objectos de bronze dourado igualam os mais bellos trabalhos de *or-moulu* dos francezes, ou talvez os excedem. Junto acha-se um desengraçado coche feito no Brasil, e coberto de ouro por toda a parte. Outro coche igualmente rico do grande rei D. Manoel, é todavia coberto de aprimorados relevos. Encontra-se tambem alli o coche de galla do rei D. Diniz, (que reinou de 1279 até 1325); a caixa tem flores e escudos de armas, pintados com a maior perfeição sobre um fundo de ouro; interiormente é forrada com brocado de ouro. Acha-se tambem uma serie de coches feitos em Madrid de dois, e quatro assentos, que em 1728 trouxeram a Portugal a infante de Hespanha D. Maria Anna Victoria, filha do rei D, Philippe V, quando ella se despozou com D. José I, então principe do Brasil (*a*). Estes coches Hespanhoes são ricos, mas pela maior parte incommodos; são sobrecarregados de veludos, galões, e douraduras. Ha igualmente um grande numero de carruagens singulares, que formam um termo medio entre os carros dos triumphadores romanos, e os *tilburys* modernos, e que eram destinados para conduzir os santos nas procissões. Existem alli tambem em grande multidão as berlindas dos infantes, e pequenos coches que são puxados por burros, velhos carrinhos,

---

(*a*) Desde 1645 até 1822 o herdeiro presumptivo da corôa de Portugal tinha o titulo de principe do Brasil.

e seges — tudo construido tão grosseiramente como se fossem carroças de transporte, com grande profusão porém de pinturas de varias côres, e de douraduras. Terminam finalmente esta collecção, alguns pezados coches desengraçados e menos ricos, que nos ultimos annos do seculo precedente mandou fazer a París D. João VI, então principe regente: todos trazem vestigios desse periodo de transição em que tinha cessado a antiga, e solida pompa, e se não havia achado ainda a commoda elegancia moderna.

Depois de eu ter examinado este deposito historico de carruagens, visitei ainda uma cavalhariça de machos, que achei no melhor aranjo; alta, arejada, provida de agua nativa, e mantida com mais aceio do que os palacios Polacos, ou os quarteis Russianos. Existem alli setenta machos; estes animaes, como se sabe, são tidos em grande apreço em Hespanha, e em Portugal, e com frequencia, puxam pelas carruagens reaes, prestando principalmente o mais util serviço durante o grande calor, em máos caminhos, e regiões montanhosas. Actualmente Suas Magestades conservam só aquelles setenta machos, e cento e vinte cavallos. No tempo d'El-Rei D. José I, e de sua filha a raiuha D. Maria I, achavam-se dois mil cavallos, e machos nas cavalhariças reaes, D. João VI, reduzio esse numero a metade conservando ainda mil cavalgaduras; D. Miguel, teve alguns centenares dellas. Não se entende para que seria necessario esse numero tão consideravel, se se ignorar, que não só todas as personagens dependentes da côrte, officiaes, e empregados da mais alta cathegoria, se serviam das seges, e carruagens da casa real, mas que tambem quasi todos os fidalgos, e grandes do reino alcançavam com muita facilidade poderem rodar por toda a cidade desde pela manhã até á noite, á custa do Paço. Bastava para isso uma ordem por escripto do estribeiro-mór, ou mesmo de um seu subordinado. Essa ordem era promptamente executada na respectiva repartição das cavalhariças, e continuava em execução por annos inteiros; com tudo existiam ainda então os thesouros do Brasil, que permittiam toda a especie de loucuras, e cubriam todas as despezas.

Para celebrar a abertura das camaras foi dada uma corrida de touros; tinha eu já assistido a diversas em Lisboa, e Alhandra, por isso que é um expectaculo, que tem para mim os maiores attractivos. Na verdade em Portugal este divertimento é representado a todos os respeitos com bastante mediocridade, e é *muito innocente,* como o

designa mui competentemente a condessa Hahn-Hahn. O circo em Lisboa no campo de Santa Anna, foi edificado de madeira no tempo de D. Miguel: é quasi tão grande como o de Cadiz, terá uns cincoenta camarotes, e póde conter talvez oito a dez mil espectadores. Faltam-lhe elegancia, aceio, e boa conservação, e é desengraçadamente coroado junto á ultima ordem de camorotes, por uma serie de tropheos, vasos, e obeliscos, tudo feito de madeira. Em domingos alternados dão os emprezarios uma representação, que é annunciada com as expressões mais pomposas. Eis-aqui o que eu li na esquina de uma rua. «Hoje dar-se-ha na bellamente edificada, e agradavel praça do campo de Santa Anna um admiravel, e recreativo combate de treze ferozes, e monstruosos touros, para o que é convidado o respeitavel publico desta celebrada capital. Os emprezarios, constantemente desvelados por corresponder em tudo á expectação da magnanima, e distincta nação portugueza, protectora tão generosa destes espectaculos — tem a maior satisfação em poderem annunciar, que se não pouparam nem a trabalhos, nem a despezas a fim de alcançar os mencionados touros, que pertencem a um riquissimo proprietario do Riba-Tejo, que possue os mais robustos e valentes touros nas suas manadas, e que prometteu mandal-os para o circo, a fim de ahi poderem apparecer na corrida, que ha de ser dada esta tarde.» Seguia-se a isto o elogio do sangue frio, e da espantosa agilidade dos toureadoures, e depois oito estancias lyricas, que celebravam a braveza dos touros, os golpes terriveis das suas armas, e os milhares de perigos do combate: finalmente, apparecia uma descripção do «admiravel fogo de vista,» que devia terminar este «pomposo» espectaculo. Apesar destas grandiloquas expressões, ficaria inteiramente desapontado quem fosse assistir ao circo portuguez, com as idéas antecipadas, e com a expectação de uma corrida de touros hespanhola. O combate de vida e morte, tanto para os homens como para os animaes, cessou desde o tempo do governo da rainha D. Maria I, e este divertimento perdeu por esse modo o seu maximo interesse, os seus horriveis attractivos. Acabaram as funcções do *matador de espada*, já se não educam em Portugal bons toureadores, e os mais celebres hespanhoes como Montes, e antes delle Costillares, Perico Corchao, Pepe Illo, e Romero, já não se apresentam nas praças de touros do paiz visinho. No tempo da minha residencia em Portugal, tinham chegado de Hespanha Trigo, um bom matador de segunda ordem, e um joven toureador discipulo de

Montes : vi-os trabalhar em Alhandra, e mais tarde em Lisboa ; com tudo percebia-se bem, que tinham sido arrancados aos habitos da sua patria, vendo-se obrigados, em vez de brandir a espada, a arrastarem as puerís e innocentes *capas*. As corridas de touros portuguezas, assim como as hespanholas começam sempre por um grande cortejo a cavallo ; em Portugal porém desde algum tempo acabaram já as ridiculas evoluções militares, que são muito de uso em Hespanha. Quando a côrte está presente, é um estribeiro da casa real que desempenha o logar de *picador*, (em portuguez *cavalleiro*), e serve-se então dos melhores cavallos das cavalhariças reaes. Assim montado effeitua os passos, e manejos da antiga equitação hespanhola, e sauda a côrte, e o publico, o que se chama as *cortezias de cavalleiro*. Então solta-se o touro que é recebido pelo cavalleiro, e depois o perseguem o mais que podem os *banderilheiros*, (em portuguez *capinhas*), com as suas garrochas, e capas. Alguns capinhas são destros ; a maior parte porém são pesados, e medrosos, ainda que o perigo não seja muito grande, visto que os touros são embollados. Os capinhas mostram a apparencia dos seus collegas hespanhoes, posto que não vêm tão bem vestidos, nem trazem *montera*, a conhecida bolça do cabello feita de seda preta. O cavalleiro pelo contrario não tem a menor semelhança no vestuario com o picador hespanhol ; e bem se conhece pela maneira de trajar do primeiro, que lhe não está eminente um serio combate. Em vez das espessas botas de montar, muitas vezes guarnecidas de madeira, o cavalleiro apparece com polainas brancas fixadas sobre o joelho, com engraçadas rosetas. Traz um vestido de côrte, segundo o antigo uso francez, feito de brilhante velludo, ou de seda de varias côres, e um chapeo de tres pontas, com grandes plumas azues e brancas. O estribeiro real, que vi em Alhandra desempenhando as funcções de cavalleiro, montava excellentemente, ficava-lhe muito bem aquelle trajo, e distinguia-se durante o combate por um prudente resguardo, e constante cautella pela sua segurança pessoal. Quando o touro não é bravo, ou não se interessa pelo combate, ou quando tem já sido muito acossado, são lançados contra elle os gallegos, ou os pretos, que prestam então um serviço analogo ao dos cães, que o povo hespanhol costuma pedir com instancia, por meio do grito conhecido «perros» todas as vezes, que o touro se mostra pacifico de mais. Os gallegos tomam parte em todas as corridas de touros portuguezas ; apparecem com chapeos redondos, calções de anta estufados,

trazem forcados de dois dentes, e por isso têm a denominação de *homens de forcado*. O seu logar é debaixo da tribuna real, onde estão formados em fileira, e onde quando o touro se aproxima, o recebem a pé quedo em uma linha de puas de ferro. Junto delles acha-se uma especie de ajudante a cavallo, com o antigo trajo hespanhol, capa curta, e chapeo de plumas, encarregado de transmittir aos differentes pontos da praça as ordens das authoridades, mantendo-se sempre o mais possivel em uma prudente distancia do touro. A um dado signal, os gallegos, (e não os capinhas) lançam para o lado os seus ancinhos, e correm sobre o touro; o que é mais animoso posta-se em frente delle, provoca-o, e aproveita o momento em que o animal se precipita de cabeça baixa, e olhos fechados, para lhe saltar entre as pontas, ás quaes se agarra fortemente deixando-se levar violentamente de rojo. Os outros gallegos lançam-se immediatamente sobre o touro segurando-o pelas pernas, pontas, e cauda, ou mesmo montam sobre elle, até que o animal, que muitas vezes arrasta uma duzia daquelles individuos, é obrigado a parar. Chama-se a isto *agarrar o boi á unha*, e é cousa que parece agradar especialmente ao povo portuguez, e por isso tambem naquelle momento applaude-se sempre com o maior enthusiasmo. Fazem-se então sair para a praça algumas vaccas munidas de chocalhos, e o touro já solto segue pacificamente a trote as suas companheiras para fóra do circo. Curam-se-lhe depois as feridas, e ou o mandam para casa de seu dono, ou é reservado para a corrida seguinte. Os pretos apparecem com menos frequencia, e melhor seria, que não apparecessem; por quanto a parte, que tomam no espectaculo não é muito bella, nem merece o nome de lucta corajosa; é apenas uma deshumanidade repugnante. Estes desgraçados negros alugam-se por alguns crusados para representarem o papel o mais abjecto, que se póde exigir no nosso tempo da *imagem de Deos*. Quando o touro é preguiçoso, ou indifferente, ou simplesmente quando o publico o reclama, entram em scena os pretos. São oriundos das possessões portuguezas de Africa, muitos delles d'uma constituição robusta, e musculosa, apparecem com a cabeça emplumada á semelhança dos reis selvagens que se mostram nos theatros provinciaes alemães, e vêm mettidos em uns toscos cavallos de papelão a que se chama *cavallinhos de pasta*. Lançam-nos assim ao encontro dos touros, que por via de regra os deitam por terra, e frequentemente os maltratam horrivelmente. Vi algumas vezes pretos, que tinham

soffrido já muitas contusões, e não queriam continuar mais a trabalhar; comtudo o povo gritava, os directores da praça obrigavam-nos, e os pobres diabos tinham de figurar de novo dentro dos seus monos de papelão, com verdadeiro desprezo da morte. O que se devia fazer em Portugal, era — desembollar os touros, armar de espadas os toureadores, e despedir os pretos inermes juntamente com os seus cavallinhos de pasta. O espectaculo ganharia muito com tudo isso.

Já que fiz menção de Alhandra, e das suas corridas de touros, vem muito a proposito commemorar um agradavel episodio da minha residencia em Portugal. É a festa de S. João, (a 24 de Junho), que é celebrada todos os annos com procissões, corridas de touros, e arraiaes na villa de Alhandra situada junto ao Tejo a quatro legoas acima de Lisboa. O concurso de muitos milhares de pessoas, que alli vem ter por mar e por terra, a presença de Suas Magestades, da côrte, e de muitos fidalgos, ministram a esta funcção um caracter mixto de cidade e de campo, que não deixa de ter interesse. Estava eu ainda perplexo, ignorando se me resolveria a ir presenciar tudo aquillo em despeito do calor ardentissimo que então fazia, quando me veio destruir toda a hesitação um bilhete do duque de Palmella em que me dizia: *pour un voyageur qui désire recueillir des impressions, c'est une occasion qu'il ne faut pas perdre.* No dia 24 quiz assistir a uma funcção de igreja na cathedral de Lisboa, e a uma procissão em Cacilhas, e por isso apenas me foi possivel partir para Alhandra na manhã seguinte. Os pequenos barcos de vapôr — Sertorio, e Viriato — que navegam no Tejo até Villa-Franca, e Villa-Nova da Rainha, iam tão atulhados de gente, que preferi alugar um bote com quatro remadores. A principio fomos perfeitamente ajudados pelo curso das aguas do Tejo, e por uma ligeira briza, que mantinha sempre enfunado o seio da nossa pequena vela latina, de maneira que os remadores quasi que não necessitavam trabalhar. Passada porém uma hora, tivemos o desgosto de ver cessar todas estas vantagens: o vento mudou de direcção, e a corrente era-nos contraria. Apezar de todos os esforços dos meus remadores, andavamos com desesperadora morosidade, e foi forçoso desembarcar junto a um moinho a meia milha de Alhandra, e puz-me a caminho a pé com um calor de trinta gráos. Como uma desgraça nunca vem só, aconteceu-me tambem que ao saltar em terra, tomei um pantano por terreno firme, e mergulhei até ao joelho em um lodaçal infecto. Nesta agradavel situação, (realçada ainda pela circum-

stancia de eu trazer calças brancas), fui obrigado a penetrar com trajo tão modesto por entre a multidão buliçosa de Alhandra, adornada de festivas galas. Depois de procurar por muito tempo, achei finalmente a habitação que tinha tomado para mim o meu moço portuguez, e felizmente encontrei alli já os meus criados, e cavallos. Um enorme dente de madeira, dependurado por um fio de arame a uma das janellas, symbolisava a profissão do meu estalajadeiro, o qual, aproveitando-se com discrição da vantagem das circumstancias, exigio-me por dia uma moeda pelo aluguel de dois pequenos quartos, e uma cavalhariça. Concedidos alguns momentos ao toucador, para fazer desapparecer o meu desalinho, montei a cavallo e dirigi-me ao Sobralinho, quinta do duque da Terceira, a meia hora de caminho de Alhandra, a fim de fazer os meus comprimentos a Suas Magestades, que alli tinham estabelecido a sua residencia.

Este sitio, bem como toda a margem direita do Tejo, até Villa-Franca, é muito fertil, e aprasivel: prados perfeitamente cultivados alternam-se com voluptuosos jardins e estendem-se sobre pequenos outeiros ao longo do Tejo. Começam ahi os terrenos baixos, que são designados pelo nome de lezirias de Villa-Franca; occupam uma superficie de 68 milhas inglezas, e são formados por algumas ilhas rasas, banhadas pelo Tejo, e ricas especialmente na producção de trigo, e de vinho. Muitas aldêas, algumas dellas consideraveis, casas de campo destacadas, e uma população a que não falta nenhuma das necessarias commodidades da vida, dão a esta margem direita uma apparencia afortunada, que não offerecem as charnecas arenosas, e os bosques de folhagem acicular do lado esquerdo do rio.

O Sobralinho é uma casa de campo muito elegante no estylo das *cottages* inglezas, e montada com mais conforto do que é de esperar em Portugal. Em honra dos reaes hospedes tinham-se elevado alguns arcos triumphaes, e construio-se uma cidadella em miniatura, onde tremulava o estandarte victorioso do marechal, e d'onde Suas Magestades, quando entravam, ou sahiam, eram saudadas por alguns tiros de peça. Uma sociedade bastante numerosa tinha-se reunido nos salões da duqueza da Terceira: varias damas jogavam o whist, e os homens tinham-se agglomerado em torno de um bilhar. Infelizmente o amavel duque estava impedido de apparecer por causa de um ligeiro ataque de gota. Alguns momentos depois entraram Suas Magestades; como no campo desapparece toda a especie de etiqueta as damas estavam

com vestidos de passeio e os homens de sobrecasaca. E é isto mesmo o que talvez seria muito para recommendar em algumas côrtes allemãs, onde todos os dias, todos os annos, desde pela manhã até á noite, são todos obrigados a apparecer de uniforme rigorosamente abotoado. Dentro em pouco estavam promptos um *phaetonte* puchado a quatro, destinado para Suas Magestades, algumas carruagens para as damas, e cavallos para os homens, e então partiram todos para a corrida de touros de Alhandra. Para esta festividade tinha-se construido de madeira um circo provisorio junto á margem do Tejo, e estava todo coberto de bandeiras, e de tapeçarias de varias côres. Da tribuna real via-se por detraz das cabeças dos espectadores fronteiros desenrolarem-se as vagas azues do caudaloso rio, por onde se deslisavam os vapores, e muitos barcos á vela, o que tudo contribuia para tornar ainda mais animada a perspectiva, que d'alli se gosava. A maior parte dos espectadores eram camponezes — até de sitios muito remotos, ou habitantes das aldêas pescadoras das margens do Tejo. Apezar do grande calor que fazia, quasi todas as mulheres traziam os longos e escuros capotes, que usam, e um lenço envolvendo a cabeça, coisas que ambas ellas em nada contribuem para realçar as graças da figura. Os homens que traziam cintas vermelhas grandes, e largas, eram pescadores; os que tinham barretes azues ponteagudos, e jaquetas escuras, pertenciam ás regiões montanhosas em torno de Cintra, ou á planicie de Mafra; outros de chapeos redondos e com o trajo dos nossos camponezes da Suabia, eram agricultores do Alemtejo; havia tambem alguns chapeos conicos de veludo com borlas semelhantes ao sombrero hespanhol; os seus donos eram naturaes de terras mais ao norte até junto das romanticas regiões da Serra da Estrella. Todos estavam sentados com a maior gravidade e solemnidade, comportando-se com muito commedimento, applaudindo séria e systematicamente, certos pontos capitaes da representação, principalmente quando o estribeiro real cavalgava junto delles e os saudava, o que parecia dar-lhes o maior prazer. No fim do combate foi posto um touro á disposição do povo. Immediatamente saltou á praça um certo numero de rapazes, que entre si repartiram os papeis, que deviam representar. Moviam-se com bastante destreza, e mostravam maior arrojo do que os proprios individuos do officio. Segundo ouvi, eram camponezes das planicies do Tejo, nas quaes se criam principalmente as maiores manadas, e por isso aquelles individuos desde a infan-

cia se habituam, e se familiarizam com os touros mais ferozes. Depois de se terem entretido por algum tempo com o boi negro, que lhes foi concedido, deu-se o signal para terminar o espectaculo; e então os *curiosos*, como amadores enthusiastas, quizeram tambem desempenhar as funcções que exercem os gallegos na praça: um delles lançou-se contra o touro, agarrou-se-lhe ás armas, os outros fizeram parar o animal, e com isto se poz termo á funcção. Os habitantes da cidade, e as altas cathegorias trajavam todos segundo a moda, bem destituida de gosto mas geralmente usada hoje em dia.

Os reaes consortes, no momento da sua chegada, e no da partida, foram saudados pela multidão com o mais vivo jubilo; o rei, no fim de cada corrida, lançava dinheiro aos mais habeis capinhas, e homens de forcado, os quaes se apresentavam junto á tribuna da côrte, e faziam as mais respeitosas reverencias. Voltámos a casa perto da noite; ás 8 horas deu-nos o duque da Terceira um optimo jantar, (onde eu, e outros conterraneos meus, bebemos com patriotica alegria, excellente vinho do Rheno), e dançámos depois durante algumas horas. Entre as damas presentes achava-se a infanta D. Anna de Jesus, antigamente esposa do Marquez de Loulé. ElRei teve a bondade de me apresentar a ella; tinha eu notavel curiosidade em conhecer uma princeza, de quem havia concebido uma imagem muito particular, e na qual julguei ver resolvido o enigma de uma cabeça ao mesmo tempo forte, e leviana. Acontece com frequencia neste mundo, que as imagens, que de longo tempo formamos, que a phantasia illumina com todas as côres, e que desenhamos com a maior minuciosidade, achamos depois, que se não conformam com a original. Não ouso porém decidir, se realmente isto me aconteceu a respeito da infanta; parece uma senhora cheia de vivacidade, de grande intelligencia, e conservava manifestos vestigios de grande formosura, posto que por um modo singular o lado direito do seu rosto não corresponde de maneira alguma ao esquerdo; restam-lhe todavia os seus bellos olhos negros, e as vistas animadas que delles sabe lançar ainda.

Na segunda noite, depois de terminadas as festas, e tendo-nos despedido de Suas Magestades, voltei a cavallo para Lisboa na companhia do conde de Villa-Real. Partimos de Alhandra ás onze horas, com uma tepida, e magnifica noite de verão, e perto da manhã chegámos a Lisboa. Os logares de Alverca, Povoa, e Sacavem, por onde passámos, não nos prenderam a attenção; todavia a igreja da ultima povoação

parece ser digna de consideração. Sacavem é notavel por causa de suas grandes adegas. Dalli caminhámos ao longo do Tejo, e passámos junto da fabrica de polvora de Beirolas, e por Braço-de-Prata, e Marvilla. Os ultimos logares formam os arrabaldes de Lisboa e estão cheios de quintas em seguimento umas das outras.

A companhia do conde de Villa-Real tornou-me esta jornada extremamente agradavel, e instructiva; e ainda o seria mais, se o passo rapido do seu cavallo me não tivesse obrigado a um violento esforço de muitas horas para de algum modo poder caminhar com igual celeridade no meu modesto ginete. Todos sabem quão pouco esse trabalho continuo permitte ao espirito a susceptibilidade de attenção. O pai do conde de Villa-Real, D. José Maria de Sousa Botelho, conhecido no mundo litterario sob o nome de morgado Matheus, immortalisou-se com a grande, e celebrada edição dos Luziadas, que deu á luz, que se considera como a unica absolutamente correcta, e que se não encontra á venda em livreiro algum, visto que o editor reteve a maior parte dos exemplares, e com o mais apreciavel desinteresse fez delles presente ás grandes bibliothecas de Portugal, e dos paizes estrangeiros, tendo cada exemplar estampado no frontispicio o nome do estabelecimento a que era destinado, como é de uso em casos semelhantes. Vi esta magnifica edição nas bibliotecas de Lisboa, Mafra, e Coimbra: é adornada com bellas gravuras em cobre, e póde ser posta a par da pomposa edição de D. Quixote, que foi publicada por ordem do rei de Hespanha D. Carlos 3.º D. José de Sousa aproveitou a sua residencia em Paris, (onde era acreditado como embaixador portuguez, e onde falleceu), para herdar á sua patria esse legado da sua actividade litteraria. Seu filho, o conde de Villa-Real, distinguio-se muito na guerra peninsular principalmente nas batalhas de Bussaco, Albuhera, e Salamanca, e nos assaltos da Ciudad-Rodrigo, e Badajoz. Depois de concluida a paz, dedicou-se á carreira diplomatica, e foi embaixador para Madrid, onde negociou os esponsaes das infantas portuguezas D. Maria Isabel, e D. Maria Francisca, com o rei D. Fernando 7.º e com seu irmão D. Carlos. Posteriormente foi nomeado plenipotenciario para Londres, onde tambem depois servio como enviado; e em 1828 foi feito ministro da guerra por D. Miguel, quando este principe tomou conta da regencia do reino. O conde de Villa-Real fallou-me com emoção cavalheirosa, e nobre ingenuidade ácerca deste periodo tão interessante da sua vida continuamente

agitada. Não occultou de modo algum, que havia sido amigo, e partidario de D. Miguel, e lamentou sinceramente os desvarios em que veio a cair uma personagem, que o destino collocou n'uma posição tão elevada. De todo o seu discurso resultou para mim claramente, que só por causa da mais monstruosa incapacidade pôde acontecer que perdesse de um modo tão miseravel um jogo, quem nelle tinha já obtido completa vantagem. D. Miguel perdeu a sua partida com treze trunfos, como disse com acerto um engenhoso diplomata austriaco, que esteve em Portugal no tempo de D. Miguel, e com quem fallei na Italia no meu regresso de Portugal.

Ordinariamente aproveitava eu as frescas horas da manhã para percorrer Lisboa em todas as direcções, o que exige muito tempo por causa da grande extensão da cidade; pois que, por exemplo, de minha casa até á Ajuda, tinha de andar a extenção de uma legoa. É quasi ocioso declarar que vi a maior parte das igrejas, conventos, palacios, e mais objectos notaveis; porém julgo dever abster-me de aqui descrever tudo isso, visto havel-o feito recentemente mui cabal, e minuciosamente a condessa Hahn-Hahn nas suas *Cartas de um viajante*. Reporto-me pois inteiramente a esse livro talentoso; e confessarei apenas, que as igrejas de Lisboa não me parecem nem tão bellas, nem tão grandiosas, que merecessem um exame muito demorado, até porque nellas se não encontra nem um só quadro, ou esculptura, que se elevem acima da mais deploravel mediocridade. Parece tambem que nenhuma das duzentas e quarenta igrejas e capellas da cidade obteve uma protecção especial da parte dos soberanos; porque nenhuma dellas é comparavel aos grandes edificios no interior do paiz — Mafra, Alcobaça, e sobre todos elles, a regia Batalha, que ainda está por concluir. A cathedral é sufficientemente vasta, e poderia talvez chamar-se pomposa: comtudo pareceu-me muito triste e sombria, e foi essa a principal impressão, que produzio em mim. As suas duas torres por acabar, ou antes demolidas, dão-lhe uma apparencia de imperfeição, que é ainda augmentada por muitos vestigios do terremoto, cujas devastações foram incongruentemente restauradas no estylo moderno. Tambem me não posso conformar com o uso que domina geralmente, de em certas solemnidades sobrecarregar as igrejas de adereços, e forral-as de pannos: as antigas cathedraes ostentam mais gravidade, e pompa nos seus austeros, e frios ornatos de pedra, do que nos emprestados andrajos de multi-cores alcatifas, e bor-

dadas tapessarias. Isto tudo me tornou insupportavel a vista da Sé, porque foi justamente em um dia de grande festividade, que eu a visitei pela primeira vez.

Ha uma igreja mais moderna, edificada depois do terremoto, e que é considerada como a mais bella de Lisboa: é o Coração de Jesus, no largo da Estrella, que fica sobre a primeira e mais alta collina, que, junto ao limite occidental da cidade, começa na ponte de Alcantara, e se estende até á rua de S. Bento. A igreja acha-se quasi de todo isolada; sobre ella um zimborio, e duas torres elevam-se com bastante graça e elegencia; e principalmente a uma certa distancia apresentam um especto muito pictoresco, dando ao edificio uma tal, ou qual simelhança com a igreja de S. Pedro em Roma. Os zimborios, e torres das igrejas de Lisboa não são feitos de marmore branco, como lisongeiramente acreditaram muitos viajantes; mas sim de bella pedra calcarea branca, o que lhes dá uma apparencia ainda melhor, postoque são talvez de mais as muitas esculpturas com que os revestem. A rainha D. Maria 1.ª edificou esta igreja, e o annexo convento de freiras, a fim de que Deus lhe concedesse dar á luz um filho e herdeiro; e dedicou essa edificação piedosa ao Coração de Jesus, como o indicam as quatro figuras humanas do retabulo do altar mór, que representam as quatro partes do mundo; a Europa acha-se personalisada em uma mulher a cavallo, com metade do corpo nú. No lado do norte do altar mór, existe o mausoléo da fundadora. Transcreverei aqui o epitaphio, que póde servir como specimen da latinidade portugueza: prescindirei de discutir o fundamento da verdade historica do seu contheudo;

Quam viventem Lusitani videre haud poterant, nisi lætitia gesti,
Entes ejus emortuæ signum quis sine lacrymis aspiceret?

No extremo de uma nave lateral, acham-se algumas janellas de grades, onde as nobres feiras assistem ao serviço divino. As grades são formadas por grossos varões de ferro dourados, que se cruzam a mui pequena distancia uns dos outros, e de mais a mais armados com um grande numero de aguçadas pontas. Fazendo eu reparo d'este luxo de cautella a um conhecido prelado, que figura na côrte, e nas camaras, disse-me elle: «Já uma occasião me aconteceu dar alli com a cabeça; aquellas pontas são uma pura necedade, porque quem se dará ao incommodo de se ferir n'ellas, havendo cá fóra tantas mulheres por toda a parte.»

A pouca distancia d'esta igreja, que se denomina: Real basilica do santissimo coração de Jesus, encontra-se o ce-

miterio protestante, cuja erecção foi concedida por um privilegio especial aos inglezes, no fim do ultimo seculo, com a clausula todavia, de collocarem sobre a entrada a inscripção: «Hospital da feitoria ingleza» e não, « Cemiterio dos protestantes.» É innegalvelmente o mais bello de Lisboa, contém alguns monumentos soffriveis, é arranjado em fórma de jardim, e mantido com todo o esmero dos estabelecimentos inglezes. Acha-se alli plantado um grande numero de ciprestes, e de olaias, o que dá ao todo uma apparencia oriental. Na primavera, esta ultima arvore cobre-se de flores vermelhas, que brilham dobradamente atravéz dos obscuros ciprestes. Ahi repousa tambem Fielding: um tocante epitaphio designa a sepultura do poeta inglez; *Luget Britannia gremio non dari fovere natum.* No portico, ou casa de entrada, existe a inscripção: *Impensis Britannorum et Batavorum* 1794.

Os cemiterios portuguezes são de creação muito mais moderna. Ainda no tempo de D. Miguel não havia nenhum, e os naturaes do paiz tinham o costume de sepultar nas igrejas os seus defuntos. Foi D. Pedro que primeiro erigio um cemiterio no *campo santo* junto á *quinta dos prazeres*, e dahi proveio o nome singular de *cemiterio dos prazeres.* Esta medida soffreu a principio uma grande apposição, e deu logar a energicas reclamações; a final submetteram-se todos a ella.

A capella de S. Roque tem sido mil vezes descripta; assemelha-se propriamente a um thesouro, e é mais digna de reparo pela sua riqueza do que por um verdadeiro merito artistico. — A mais antiga parochia de Lisboa denomina-se a igreja dos Martyres; foi edificada no logar em que D. Affonço I em 1147 derrotou os mouros com o auxilio dos cruzados, e do seu chefe o conde Arnolfo de Arschott, e assegurou a entrega da cidade, por meio da applicação de uma torre de madeira. Em consequencia d'isto a parochia dos Martyres em todas a occasiões de festividade religiosa, tem sempre precedencia a todas as outras igrejas da capital. A igreja que visitei, logo depois, foi a da Graça, que contém unicamente de notavel o tumulo do grande Albuquerque vice-rei da India. Estive depois em S. Vicente de Fóra onde repousam os principes da casa de Bragança; jaz aqui tambem o joven descendente da familia de Napoleão, principe, cujo destino deve tocar a todo o coração sensivel. As grandes ruinas da igreja dos Carmelitas, que dominam a praça do Rocio, tem a apparencia de restos do tempo dos Roma-

nos. Aquella praça, depois da do Commercio é a maior, e mais regular de Lisboa, o que é dizer muito, por quanto ha poucas cidades, que proporcionalmente contenham um tão grande numero de praças. No lado do norte do Rocio, existia o palacio da inquisição, que foi depois occupado por repartições publicas, e agora se trata de edificar alli o theatro nacional. Entre o Rocio e a praça do Commercio correm parallelamente entre si, as tres mais bellas ruas de Lisboa — a rua Augusta, a do Ouro, e a da Prata; são regularmente atravessadas por outras em angulo recto; toda esta parte da cidade foi mandada levantar pelo Marquez de Pombal. Ao oriente do Rocio acha-se o mercado denominado, praça da Figueira, onde na vesperade certos dias de festa, abrem-se os logares de venda, e durante a noite inteira ao clarão de muitas lanternas, e lampiões, e por entre as mercadorias, e os compradores apparecem bandos grotescamente vestidos, e têm logar danças nacionaes. Apesar de todo este jubilo a funcção muitas vezes não acaba sem se dar alguma facada; comtudo nunca tal observei, ainda que me demorasse por muitas horas no meio do maior apertão, tendo só a cautella de metter o dinheiro e o lenço na algibeira junto ao peito. Tem-se fabulado muito ácerca de scenas de assassinio, e de roubo nas ruas de Lisboa; o que eu observei é que os bairros remotos de outras grandes capitaes, são muito menos seguros ainda. Ácerca da falta de policia, e de providencias ninguem realmente se póde queixar; porque em parte alguma percorre as ruas um tão grande numero de patrulhas como n'essa Lisboa, cujo abandono policial tanto se tem censurado.

A pouca distancia da praça da Figueira levanta-se sobre a terceira collina o castello de Lisboa, *(Castello dos Mouros, ou de S. Jorge)*. É pequeno, sem importancia militar, domina sómente uma parte da cidade, e apenas poderá resistir a um ataque de arma branca. Os bairros que o circumdam são innegavelmente os mais antigos, como se deprehende da sua architectura; as ruas são ahi muito estreitas, irregulares, e mal calçadas; encontram-se muito poucas casas, que tenham alguma belleza; a maior parte são estreitas, altas, compostas de um grande numero de andares de pouca altura, e sobrecarregadas de ornamentos gothicos. Com razão se abandonou este systema de architectura por causa dos frequentes terremotos; digo — frequentes — porque desde o terremoto de 1755 têm havido differentes abalos de não pequena con-

sideração. (*a*) O coronel Eschwege que tem feito uma serie continua de observações meteorologicas no castello da Pena, assevera até, que não passa anno algum em que mais, ou menos não haja commoções sensiveis. Deve-se attribuir a esta permanente espectação de um tremor de terra a especie de antipathia, que os portuguezes têm contra as torres. Á excepção talvez da America do Norte, não ha paiz nenhum, onde as grandes cidades tenham tão pequeno numero de torres como em Portogal. Em Lisboa não ha torre nenhuma de consideravel altura, e no Porto ha apenas uma unica. As duas torres da Sé, foram derrubadas pelo grande terremoto, e dopois delle não se reedificaram. Já que vim a fallar outra vez da cathedral, farei menção de uma nova rua, que se acha na sua proximidade, em cuja visinhança se descobriram no fim do nltimo seculo as ruinas de um theatro Romano. Comtudo parece que se não prestou grande attenção a estas recordações de milhares de annos de antiguidade, pois que difficilmente se encontram hoje vestigios d'esse theatro de que deixaram memoria nos seus escriptos Kinsey, Murphy, Balbi, e outros.

Visitei tambem a alfandega, e o arsenal de marinha, talvez os maiores edificios publicos de Lisboa. Pareceu-me haver em ambos sobeja ordem, mas mui diminuta actividade. A ultima circumstancia explica-se facilmente pelos recentes acontecimentos politicos: creio que fórma grande contraste com o que acontecia ha cincoenta annos: todavia não pretendo inculcar por mui competente o meu juizo; por quanto havendo eu deixado de munir-me previamente com uma licença especial, apenas vi o que está patente a todos.

O edificio mais notavel de Lisboa, é sem duvida o mosteiro de Belem (*b*), que el-rei D. Manoel o grande, começou a edificar em 1499 no logar onde dois annos antes — a 8 de Julho — se embarcou Vasco da Gama, para a sua immortal viagem de descobrimento, havendo o intrepido navegador passado toda a noite precedente em oração na capella de Belem, ou Bethlem situada na praia. O mosteiro é edificado

---

(*a*) Balbi no seu *Essai Statistique* conta desde o anno 370 da nossa era, até 1807 dezoito diversos terremotos.

(*b*) Desde o tempo d'el-rei D. José — Belem fórma parte da cidade; antigamente era um dos seus arrabaldes; comtudo D. José deu-lhe um corregedor de bairro, pelo que ficou sendo uma parte integrante da cidade.

em um estylo meio mourisco-bysantino, e meio normando-gothico; é uma confusa mistura da qual surge aqui, e alli com primitiva pureza, uma peça de qualquer das mencionadas architecturas, como triumphando completamente do contagio de liga estranha. O material de que se formou o edificio, é o bello calcareo branco primitivo, que com tanto acerto se empregou no Coração de Jesus, na Pena, em Mafra, e na Batalha, e que possue as duas excellentes propriedades, de se deixar talhar com facilidade, e de endurecer com o contacto do ar; porém pelo andar do tempo obscurece-se, e faz-se amarello como o marfim antigo. No mosteiro de Belem encontram-se os mais formosos lavores, delicadamente arrendados, e feitos com toda a fecundidade da mais caprichosa fantasia. O claustro particularmente é magestoso, coberto de elegantissimas esculpturas, que parecerão inimitaveis a quem não tiver visto a Batalha. Foram executadas por um esculptor, que D. Manoel, (e não como já se disse, a rainha D. Leonor sua irmã, viuva de D. João II.), havia primeiro encarregado de concluir o seu mausoléo na Batalha, visto que o artista que o começara falleceu antes de a obra se achar em meio. Logo porém no primeiro arco, viu o rei que o esculptor não attingia a proficiencia do seu predecessor, e encarregou esse individuo, que aliás era habil, de trabalhar nas esculpturas do mosteiro de Belem. É pelo menos o que vulgarmente se ouve contar na Batalha. Murphy não diz nada a tal respeito. A igreja em si — não é tão bella, nem tão harmonica. Ao passo que a capella mór, que talvez foi feita quarenta annos mais tarde, é edificada no estylo italiano, as outras tres partes não desdizem do pensamento do resto do mosteiro. Na capella mór achamse quatro mausoléos; os tumulos de marmore vermelho descançam sobre elephantes cinzentos da mesma pedra. Acha-se alli sepultado o grande, e afortunado fundador, que agradeceu a Deos, por meio da edificação d'aquelle mosteiro, o regresso de Vasco da Gama. Sua esposa a rainha D. Maria, terceira filha de D. Fernando o catholico; seu filho D. João III, que proseguio a obra de seu pai, (*a*) e sua esposa Catha-

(*a*) El-rei D. Manoel falleceu antes de concluido o mosteiro de Belem, cuja edificação continuou seu filho D. João III., como o indica a seguinte inscripção sobre a entrada:

Vasta mole sacrum divinæ in littore matri
Rex posuit Regum maximus Emmanuel.
Auxit opes hæres regni, et pietatis. Uterque
Structura certant, religione pares.

rina de Austria filha do rei D. Filippe I. de Hespanha — repousam nos outros tres mausoléos. Esse tempo tão brilhante, tão rico em maravilhas, e que foi celebrado pelos versos de Camões, é caracterisado grandiosa, e perfeitamente pela altiva linguagem da inscripção, que se lê sobre o tumulo de D. Manoel:

Littore ab occiduo qui primi ad lumina solis
Extendit cultum, noticiamque Dei;
Tot reges domiti cui submisere thiaras,
Conditur hoc Tumulo maximus Emmanuel.

Um grande numero de altares sobrecarregados de douraduras, de ornatos, e de pequenas imagens de madeira occupam a parede principal da parte antiga da igreja, a qual é sustentada por seis pilares de pedra calcarea branca, dois corpulentos, e quatro mais delgados. São feitos no estylo mourisco, e cobertos com os baixos relevos mais extravagantes, que semelham os sonhos phantasticos de Pantagruel, ou as visões de Hoffmann. Veem-se crianças núas montadas sobre dragões, aos quaes abrem violentamente a bocca com as mãos, e debaixo d'esses animaes pendem prezos pela cauda pares de sapos. Encontram-se tambem aqui e alli grupos ainda mais difficeis de descrever. Ha dois pulpitos um em frente do outro; o seu trabalho artistico é de pequeno valor; porém são feitos de formoso marmore vermelho, e cinzento escuro, semelhante ao que é cortado nas pedreiras de Cracovia, e que orna tão magestosamente a cathedral d'aquella veneravel cidade real. Alguns florões metalicos, que se acham no cruzamento dos artezões offerecem uma bella apparencia; são esmaltados de varias cores, e representam alternadamente as armas reaes portuguezas, e a cruz da ordem de Christo. A par de todos estes ornamentos, dizem muito mal as columnas jonicas agrupadas da nave, e perturbam singularmente a impressão total, que produz a contemplação do edificio. Toda a igreja tem 130 passos de comprimento; infelizmente não me foi possivel medir a altura; terá dois terços do comprimento: pela incrivel ignorancia dos sacristães, foi-me impossivel saber d'elles cousa alguma a tal respeito. O côro guarnecido com cadeiras de espaldar, é situado na parte posterior da igreja junto ao orgão; é feito de bella madeira rouxa, *(palixander)*, e ornado com delicadas laçarias, e arabescos. Geralmente em todo o Portugal não só nas igrejas, mas até em casas particulares de remotas provincias, encontram-se os mais bellos lavores ta-

lhados n'aquella especie de madeira, que excedem muito na invenção, e no acabado dos promenores a todas as obras de esculptura moderna, e que poderiam abastecer por muitos annos os bazares de Paris e de Londres, onde se reunem todas as curiosidades da epocha do renascimento. Sobre a porta principal, acha-se a estatua de D. Henrique o grande duque de Viseu. Foi el-rei D. Manoel, que ahi a collocou, e teve assim a gratidão de honrar a memoria de um principe, ao genio do qual o povo attribue com razão o aperfeiçoamento da navegação, as descobertas no Oriente, e toda a grandeza de Portugal.

O claustro já mencionado — com as suas elegantes janellas, e arcos — tem 75 pés em quadrado, e cinge um pateo ornado de bancos de pedra, fontes, tanques, e taboleiros de relva; tudo isto se acha porém bastante deteriorado ainda que felizmente o grande terremoto poupou este mosteiro, e sómente o pilar medio do arco principal, foi tão violentamente abalado, que veio a cahir um anno depois. O resto soffreu pouco; comtudo a poesia desappareceu d'alli inteiramente, e um ferrete de degradação é diariamente impresso sobre aquelles porticos romanticos. Esperava eu encontrar em cada cella um veneravel religioso de S. Jeronymo, e aquelles bancos de marmore pareciam-me só feitos para os franzidos habitos dos velhos monges. Hejo porém o mosteiro de Belem acha-se transformado em um recolhimento de orfãos, e de expostos. Depois de se haverem expulsado os possuidores legitimos, arrojando-os para o mundo sem se lhes conceder nem abrigo, nem subsistencia, foi ainda aquelle o destino mais decente, que se poderia dar á despovoada casa de Deos, e muito melhor do que se a tivessem convertido em uma fabrica, ou em um armazem. Esse estabelecimento está actualmente mantido com a melhor ordem, e acha-se debaixo da portecção especial, e activa da Imperatriz. Apesar d'isto porém — não sou de modo algum seguidor do systema utilitario.

Algumas salas que percorri, estavam dispostas com soffrivel arranjo; o methodo de ensino é o de Lancaster, os rapazes tinham uma boa apparencia: como é facil de perceber, não vi as crianças do outro sexo. Ao todo haverá alli 900 crianças. Uma comprida galeria, metade da qual é occupada pelas repartições da Casa-Pia — contém os retratos de quasi todos os reis de Portugal. São mal executados, porém excitam o interesse pela circumstancia de terem sido pintados durante a vida d'aquelles monarchas. D. João II, esse

grande rei, empunha uma pesada maça de armas. A physionomia de D. Manoel é pallida, delicada, e intelligente, e não deixa de ter uma certa expressão de melancolia; parece um dos Stuarts. O joven heroe D. Sebastião está em pé com a espada meio desembainhada, e parece querer saltar do retabulo para o pavimento, e dahi para a actividade do mundo. Em um dos cantos, quasi na obscuridade acha-se a imagem de D. Pedro I. o cruel, ou o justiceiro como a historia o denomina; são aquellas mesmas feições, nobres e ternas, que se vêm sobre a sua pedra tumular em Alcobaça, como que voltando-se ainda depois da morte para a formosa D. Ignez. Vê-se tambem alli representado o rosto hediondo, a figura de rã do rei D. João VI. Quando observei as suas duas mãos disformes, e monstruosas, fez-me essa copia pensar com nausea no par original, que nunca se lavava, e o qual tinham de beijar os mimosos labios das formosas damas de Lisboa. O quadro não apresenta as conhecidas calças de ganga, que o rei usava até cairem aos pedaços: provavelmente tinham-nas mandado á lavadeira naquella occasião, o que só acontecia raras vezes, e clandestinamente sem que sua magestade tivesse o menor presentimento a tal respeito. A proposito deste tratamento real; parece que D. João VI. se deleitava tanto com elle, que o empregava até — fallando de si proprio na terceira pessoa, e dizendo v. g. *sua magestade quer passear, caçar, comer, ou dormir*. Além destas palavras — muito pouco mais costumava dizer.

A pequena distancia do mosteiro, junto ao Téjo, e sobre um saliente banco de arêa, existe a torre de S. Vicente de Belém, construida por D. João III. filho, e successor de D. Manoel (*a*), para defeza do mosteiro. Este veneravel edificio de architectura mourisca, faz recordar o antigo Donjon de Gisors, e alguns outros castellos semelhantes do Sul da França. Comtudo desfiguraram-no horrivelmente com novas construcções, cujas paredes brancas, fazem um contraste barbaro com a côr secular da torre, e offendem desagradavelmente a vista de qualquer espectador. Se a minha voz tivesse alguma authoridade em Portugal, seria meu primeiro cuidado fazer com que desapparecesse essa monstruosidade, que dá uma idéa mui desvantajosa do gosto, e juizo artistico dos portuguezes de hoje — logo ao entrar no seu bello paiz,

---

(*a*) Outros, por ex. Balbi, asseveram, que foi el-rei D. Manoel quem edificou a torre de Belem segundo o plano, que tinha adoptado D. João II.

e no seu rio magestoso. No interior da torre ha algumas prisões, cujas solitarias frestas engradadas dão superiormente para o pavimento das casa-mattas. Ao ver aquelles tenebrosos carceres — lembrou-me immediatamente a torre das serpentes, em que foi lançado o rei Regnar Lodbrog, segundo a tradição do Norte. Houve um tempo, e não vai mui longe, em que todos esses carceres estavam atulhados de presos politicos; felizmente desde o tempo do governo actual, têm estado sempre vasios. Sobre a platafórma estão montadas seis peças, que mais competentemente seriam collocadas em um museu de artilheria; são tres antigas peças portuguezas de calibre 12, e tres valonas de calibre 4; todas cobertas de escudos de armas, e outros ornatos. Este monumento de architectura feudal, é coroado prosaicamente por um telegrafo, que se corresponde com a torre de S. Julião, com Cintra, e com Lisboa. O logar de governador da torre de Belem é uma pecuniosa sinecura dos officiaes generaes, do mesmo modo que o governo da Tower, de Plymouth, e dos Cinco portos de Inglaterra. Presentemente é governador o duque da Terceira, o que lhe não rende tanto como acontecia antigamente, mas dá-lhe ainda perto de seis mil cruzados, pois que todo o navio que passa junto da torre, paga um certo direito de entrada. Além disto o governador tem a posse de uma casa de campo — (em Pedrouços), muito bem disposta, e admiravelmente situada, que se acha proxima á torre, e offerece no verão uma agradavel residencia, sendo muito appropriada para o uso dos banhos de mar. No ultimo dia da minha estada em Lisboa, assisti a um excellente jantar, que foi dado naquella formosa habitação, na companhia da mais escolhida sociedade.

Uma bella linha de cáes feitos de canteria e edificada por Pombal estende-se da torre com pequenas interrupções até á quinta de Belem, e fórma em frente desta um desembarcadouro para os hiates, e escaleres reaes. Esta quinta foi feita no fim do seculo precedente, e era a residencia predilecta de D. Miguel, e da rainha D. Carlota; o antigo palacio, que era habitado pela familia real depois do terremoto de 1755 (*a*), e que ainda se achava em

(*a*) Como este palacio não era assaz espaçoso para alojar a côrte, o rei se retirou para um pavilhão que estava situado na proxima collina junto á capella dos navegantes denominada de Nossa Senhora da Ajuda; o bello ar, e ponto de vista daquelle logar agradaram tanto a D. José 1, que o marquez de Pombal lhe propoz edificar alli uma nova habitação real. Como é sabido o antigo *Paço* tinha sido submer-

muito bom estado, foi consumido pelas chammas, e por isso no logar delle, se estabeleceu esta quinta. Algumas grutas, estatuas de pouco valor, tanques com pequenos repuxos, e vasos com plantas anãs occupam a parte interior do jadim. A casa tem só um andar, e além dos guardas, é sómente habitada por algumas aguias vivas, e outras aves de rapina. Por de traz deste edificio ha uma quinta cingida de loureiros, com ruas de arvores, e toda a pompa da vegetação portugueza.

Deveria ainda fallar do palacio da Ajuda, e ver se desse modo podia terminar este capitulo com algum periodo cheio de animação. Que interesse poderá todavia excitar em mim essa enorme, e fria massa de pedra, que permanece tão deserta, sem passado, e sem presente — incompletas ruinas modernas, que nada apresentam, e nada recordam! O estylo ruim do seculo passado, as deformes estatuas da entrada, os aposentos nús — isto tudo não póde agradar de modo algum — só porque em tal obra se gastaram oitenta milhões de cruzados, e porque viria a ser muito grande se se tivesse podido concluir. Diz-se que o duque Augusto de Leuchtemberg projectára edificar o quarto flanco do edificio, para o que se podia aproveitar a grande quantidade de pedras, que se acham alli a pouca distancia. Era precisa para isso a somma de cem mil libras esterlinas, ainda que todo o edificio, que então formaria um corpo concluido, preencheria apenas a terça parte do plano primitivo. O duque pretendia fazer as despezas á custa do seu bolsinho; e seria na verdade um elevado pensamento, digno de um parente de Napoleão, celebrar a sua entrada no seu novo reino com a conclusão dos paços reaes; todavia nem desse modo a Ajuda se tornaria habitavel; mas talvez não é isso condição essencial para um palacio real. Em todo o caso, o parque da Ajuda, que existe a pequena distancia do palacio, devia juntar-se a elle; acham-se alli bellissimas palmeiras, que encerram mais poesia do que se contém em todas as construcções do palacio reunidas. Pelo que respeita aos promenores delle, reporto-me de novo ás cartas da condessa Hahn-Hahn; satisfarão a todas as exigencias: a nobre condessa tem muito mais engenho, e mais paciencia do que eu.

---

gido no mar em consequencia do grande terremoto; existia no logar da actual praça do commercio.

IV.

Viagens, e livros — O Barão de Renduffe — Viagem sobre o Téjo — Valle de Zebro — Castello de Palmella — Setubal, e Troia — Arrabida, Calhariz, e Azeitão — A infanta D. Isabel no Ramalhão — A côrte, e a camarilha — Os palacios da Pena, e de Cintra — Arredores de Cintra — O convento de cortiça, e Penha-Verde — D. João de Castro — Seteais — Mafra.

Nous partons.....
LAMARTINE
Jocelyn. Deuxième époque.

TINHA sempre sido minha intenção percorrer o interior de Portugal, e não me limitar unicamente a observar Lisboa, Cintra, e quando muito Mafra, como o fizeram alguns viajantes modernos, aos quaes pareceram muito penosas as excursões de maior alcance. Actualmente, em virtude da maior commodidade, e rapidez dos meios de communicação, as exigencias do publico têm augmentado seguramente; e todavia, aconteçendo que se póde chegar a Lisboa em quatro dias, vindo de Londres, ou em vinte horas, vindo de Cadiz, ha muitos viajantes escriptores, que acham sufficiente visitar aquelles logares aonde se póde ír de sege, ou de omnibus. É notavel o contraste, que a tal respeito fazem os viajantes antigos: o duque du Chatelet, que visitou Portugal em 1777, percorreu todo o paiz, e deu informações interessantes ácerca do seu estado no principio do reinado da rainha D. Maria I. Vio o poderoso ministro de D. José I. no proprio logar do seu desterro, na villa de Pombal, onde vivia solitario, e onde falleceu n'uma idade mui avançada. (*a*)

(*a*) Em geral todos os estadistas que chegam a possuir um poder illimitado, alcançam tambem uma grande velhice; é isto um problema ainda algum tanto difficil, para a solução do qual, servirão

Ninguem de certo lerá, sem plena satisfação, esse curioso episodio da viagem de du Chatelet. Vinte annos depois, (1797), chegou Link por terra a Portugal em companhia do conde de Hoffmannsegg, depois de ter visto uma grande parte de Hespanha. Não lhe esqueceu provincia nenhuma, e até logar nenhum consideravel do reino Lusitano, e publicou em tres volumes as suas copiosas indagações, que são de grande valia, principalmente em relação á Botanica, e á Geognosia. O architecto inglez James Murphy tinha já antes dado á luz um volume, que todavia se limita quasi exclusivamente a noticias architectonicas; em 1798 appareceu uma segunda parte dedicada a observações physicas, politicas, e litterarias; deveria talvez ser menos diffuso. A melhor obra deste auctor é o seu conhecido Altas ácerca da Batalha, primorosamente executado a todos os respeitos, e digno do grandioso objecto, que representa. Murphy desenhou essas plantas, e prespectivas no anno de 1789, em uma residencia de tres mezes, que fez no mosteiro. Terei ainda occasião de voltar a este assumpto. Algumas obras militares modernas, principalmente francezas, occupam pela sua importancia, um logar a par das precedentes: o interesse, que devem inspirar, é sobejamente affiançado pelos nomes de seus auctores — Dumouriez, Dumas, e Foy. O *Essai statistique* de Balbi, obra geralmente conhecida, talvez volumosa de mais, é muito util para se consultar, e excellente guia para as jornadas no interior do paiz, ainda que algum tanto lisongeirista, e optimo. É a publicação mais perfeita, que possuimos ácerca de Portugal; gosa o melhor credito neste paiz, e tem sido copiada repetidas vezes; em especial Kinsey, capellão de Lord Auckland, que viajou em Portugal em 1827, no seu livro nitidamente impresso, aproveita-se com frequencia dos trabalhos de Balbi. O religioso inglez, cujas observações são bastante superficiaes, declarando por exemplo que, apesar de todas as suas diligencias, não pôde encontrar a sepultura do seu compatriota o poetico Fielding, expressa sempre que póde, do modo mais repugnante, o seu odio anglicano contra o catholicismo, e contra o clero catholico. Quanto ao mais, tudo lhe parece formoso; agradam-lhe até os pessimos quadros, e as estatuas detestaveis; com tudo o seu livro tem uma certa valia, e lê-se com inteiro prazer. A historia litteraria de Portugal, de Ferdinand De-

---

talvez as palavras de Alexandre Dumas « *Les égoistes vivent cent cinquante ans, comme les perroquets.* »

nis, é classica, como tudo o que é tratado pela penna desse erudito bibliothecario, como são, por exemplo, as suas notas á traducção dos Luziadas feita por Fournier. O barão de Eschwege, nosso compatriota, publicou tambem muitos escriptos interessantes ácerca de Portugal, que elle conhece perfeitamente; porém o distincto coronel emprega talvez nos seus quadros côres demasiado negras. Alguns livros perfunctorios, que nos ultimos tempos appareceram na Allemanha, e em França, merecem tão pouco ser postos a par das obras acima citadas, como este superficial esboço, que eu redijo. Uma, ou duas publicações mais extensas, que vieram á luz principalmente em tempos antigos, entre ellas, por exemplo, a viagem de William Dalrymple á Hespanha, e a Portugal, essas não as cito, porque não tive occasião de as lêr.

Os poucos livros, que folheei antes da minha vinda a Portugal, e durante os primeiros tempos da minha residencia neste paiz, tinham-me feito nascer um vivo desejo de ver algumas provincias; e era induzido a isso particularmente pela circumstancia de que em virtude de todas as descripções, aquella jornada devia offerecer muitos pontos de semelhança, com um dos periodos mais animados da minha vida passada. Accresciam ainda as narrações de um joven diplomata austriaco, que tinha regressado, havia pouco, tendo percorrido as diversas provincias, de um modo muito mais completo, do que eu o pude fazer posteriormente, Faltavam-me ainda algumas cartas, que deveriam dicidir sobre a demora da minha residencia em Portugal; chegaram finalmente por intervenção officiosa do embaixador portuguez em Berlim, o barão de Renduffe; (*a*) e foi-me então possivel af-

---

(*a*) Tenho conhecido apenas um pequeno numero de personagens da diplomacia portugueza; comtudo, os que conheci, mostraram-se para comigo tão amaveis, e obsequiosos, que a poder eu formar por elles um conceito geral dos seus outros collegas, resta me sómente o pesar de que o grande affastamento e outras circumstancias me não permittissem de travar relações com elles. Entre todos occupa um dos mais distinctos logares, o barão de Renduffe. Como apóz uma interrupção de muitos annos, foi este diplomata o primeiro, que representou Portugal na côrte do meu soberano, ser-me-ha permittido transcrever aqui algumas informações ácerca delle, esperando que a modestia do nobre barão me perdoará, se eu tão perto hoje do seu circulo de actividade, ouso expôr á publicidade a sua vida animada e laboriosa.

O barão de Renduffe pertence a uma das mais antigas familias de Portugal, e começou em 1821 a sua carreira publica na magistratura. Antigos privilegios asseguravam a posse de quatro graus na jerarchia judical, aos filhos, e netos de individuos, que tivessem exer-

fastar-me por largo tempo de Lisboa. Tinha resolvido começar a minha digressão pelo sul de Portugal; porém vi-me abrigado a não a dilatar tanto quanto desejava, pois que considerações que me eram pessoaes, impediam-me de visitar o

---

cido os cargos superiores nos tribunaes, uma vez que elles houvessem frequentado os cursos da universidade, e tivessem obtido o grau de bacharel, e as mais provas publicas. Em consequencia desta prerogativa, o barão de Renduffe começou logo com o importante logar de desembargador. Como dentro em pouco tempo foi proclamada a Constituição de 1822, o barão de Renduffe, bem como todos os que possuiam firmes convicções politicas, pronuncion-se contra uma ordem de coisas, que era defeituosa pela sua origem, e impossivel pela sua organisação. Isto teve logar em 1823, quando o influxo da invasão franceza, que tinha exercido uma influencia analoga sobre as massas em Hespanha, chegou tambem a abalar a constituição portugueza. D. Miguel proclamou em Santarem, em nome de seu pai, a antiga fórma de governo, e Renduffe foi um dos primeiros, que se lhe reuniram. Pouco tempo depois D. João VI. sahio de Lisboa, e dirigio-se a Villa-Franca, onde se declarou no pleno exercicio de seus direitos reaes, abolio a nova constituição, e prometteu adaptar as antigas instituições do paiz ás exigencias do presente. Então foram chamados para o conselho do rei o actual duque de Palmella, os condes de Subserra, e da Povoa, e o barão de Renduffe, que propozeram unanimemente como unica politica, que devia seguir-se, esquecimento do passado, e maior previdencia, e circumspecção ácerca do futuro. O novo ministerio reconheceu-se dentro em pouco tempo na impossibilidade de cumprir as promessas do soberano, pois que todas as tentativas para uma reorganisação constitucional encontraram uma opposição formal, e irresistivel nas grandes potencias do continente. Accrescia a isto, que os ultra-realistas, apoiados pela Hespanha, combatiam a tendencia constitucional do governo, ao passo que os liberaes sustentavam mui debilmente o ministerio, por verem que se diffiria indefinidamente o cumprimento das promessas reaes. A defecção do Brasil nestes momentos criticos, tinha produzido a impressão mais profunda, e causado um mal incuravel: foi então que rebentou a revolução de 30 de Abril de 1824, a qual, se fosse conduzida com prudencia e firmeza, deveria assegurar aos raelistas um resultado o mais completo; commetteram-se porém tantos, e tão enormes erros, que veio a perder-se de todo o momento favoravel. O rei, e muitos dos seus mais fieis servidores, foram presos, e deveram sómente a sua salvação á firme e corajosa intervenção do corpo diplomatico, e principalmente ao embaixador francez Hyde de Neuville. Finalmente, pôde evadir-se o rei para bordo da nau Ingleza Windsor-Castle. Renduffe foi tambem preso no dia 30 de Abril, e mandado para o palacio de Queluz, residencia da rainha D. Carlota Joaquina; comtudo, o indigno tratamento que alli se houve para com elle, não teve poder para o induzir a assignar alguns papeis, e declarações, que lhe pareceram contrarios á sua honra, aos seus principios, e á fidelidade, que tinha jurado ao seu rei. No fim de tres dias de martyrio, encarceraram-no na torre de S. Julião, onde

Algarve, em um tempo em que as guerrilhas que alli existiam sob a bandeira de D. Miguel, de bom grado pretenderiam declarar-se associados aos que defenderam uma outra ordem de tentativas politicas. Foi-me pois forçoso restringir

---

a 13 de Maio foi achado em uma situação deploravel, depois de se haver já espalhado a noticia da sua morte. D. João VI. que ainda permanecia em Windsor-Castle, mandou vir Renduffe á sua presença, e ordenou-lhe, que de novo reassumisse a posição que tinha occupado no ministerio. Debalde Renduffe sollicitou o rei para que lhe permittisse retirar se do serviço, a fim de restabelecer a sua saude gravemente compromettida pelos padecimentos da prisão, e pelos tractos barbaros, que soffreu: foi forçoso obedecer. Um anno depois D. João VI. em virtude de influencia estrangeira, alterou o seu ministerio, e cercou-se de individuos de opiniões moderadas, os quaes attrahio a si, desenganado por uma longa, e penosa experiencia; entre estes achamos de novo o nome do barão de Renduffe, que conservou sempre a confiança do seu soberano até á morte deste.

Depois do fallecimento de D. João VI., Renduffe apresentou á regencia a sua demissão; e como esta não fosse acceita, declarou por meio de uma circular impressa na Gazeta official de Lisboa, que ía sahir de sob a jurisdicção das authoridades do paiz, em consequencia do que, a regencia vio-se obrigada a nomear-lhe um successor. Quando D. Miguel, depois do seu regresso de Vienna, se proclamou rei, o barão de Renduffe, que então se achava emigrado, protestou contra aquelle acto, e associou-se immediatamente ao pequeno grupo dos defensores da joven Rainha, que se tinham reunido em Inglaterra. Durante o tempo do seu honroso exilio, prestou importantes serviços, encarregando-se de varias missões diplomaticas, que desempenhou com habilidade, e feliz resultado, sem jamais por isso receber subsidio algum, visto que os bens de seu pai, que não tinham sido confiscados, lhe tornaram possivel manter-se com os proprios recursos. Quando D. Pedro desembarcou nas praias do Mindello, Renduffe achava-se entre os que o acompanhavam, participou — com o exercito sitiado — de todas as privações do prolongado cerco, e sem ser militar, estava sempre prompto para pegar em armas como qualquer soldado. Posteriormente distinguiu-se Renduffe no parlamento pela energia com que defendeu o principio conservador, pelo seu desinteresse, e pela constante dedicação á causa da Rainha. Quando teve logar a revolução de setembro de 1836, e a constituição de 1822 foi substituida á Carta, Renduffe protestou contra esse movimento, como par do reino, e abandonou Portugal até ao momento em que a Rainha, e o paiz, acceitaram e sanccionaram uma nova constituição elaborada pelo congresso constituinte. Chamado ao seio das camaras pelo voto de mais de metade dos collegios eleitoraes, defendeu no senado os mesmos principios, que tinha sustentado como par. Ultimamente nomeado pela Rainha embaixador na côrte da Prussia, alcançou nessa honrosa missão a estima, e a consideração de todos os homens distinctos. Os acontecimentos do anno passado deram de novo ao barão de Renduffe o logar que antigamente possuia na camara dos pares.

demasiadamente a minha excursão para o sul. Parti de Lisboa na tarde do dia 5 de Julho, a bordo de um dos pequenos vapores, que navegam sobre o Tejo até á distancia de algumas legoas da sua foz. O senhor O'Neill, um dos primeiros banqueiros portuguezes, teve a bondade de me acompanhar, de prover a todas as minhas commodidades, e de responder com toda a paciencia, á infinidade das minhas perguntas.

O Tejo, que junto a Lisboa é bastante animado, a uma milha de distancia, só era cortado por barcos de pescadores, cujos compridos lemes, segundo a antiga construcção prolongam-se excessivamente no sentido longitudinal e terminam em ponta, dando áquelles barcos uma apparencia inteiramente singular. Causa pena realmente, ver este rio largo e magestoso, quasi inteiramente desaproveitado, quando seria possivel por meio delle, multiplicar as relações entre os dois paizes visinhos, por um modo tão completo, como economico. O Tejo, como já disse, é navegado presentemente por embarcações de consideravel grandeza, e barcos de vapor sómente até Villa-Nova da Rainha; barcos á vela vão até Santarem; comtudo sómente pequenas canôas, e jangadas ousam partir de Abrantes, e descer pelo rio: seria porém possivel sem grandes obras hydraulicas, levar a navegação até Alcantara na Hespanha. Ha pouco tempo se formou uma associação para pôr em execução aquelle pensamento, o que teria as mais vantajosas consequencias, em vista da estagnação do commercio entre os dois reinos peninsulares, e da difficuldade das communicações entre elles por causa da ruindade dos caminhos. Ha muitos annos foi tentado em Madrid fazer descer um bote pelo Tejo até Lisboa: comtudo encalhou muitas vezes; pois que o leito do rio é muito irregular, e nem sequer a corrente, e a altura media da agua, foram ainda determinadas: o bote explorador teve varias vezes de ser arrastado por terra. Os principaes obstaculos á navegação são causados pelos grandes bancos de arêa, que começam logo a algumas milhas de distancia acima de Lisboa, e dos quaes uns são pouco visiveis, outros elevam-se acima da superficie das aguas, tornando indispensavel a maior cautella da parte dos pilotos, principalmente nas passagens estreitas entre as lezirias, almoxarifado da Malveira, e Ponta d'Ervoa. Ha algumas pequenas enseadas cheias de agua estagnada, onde se navega, e onde se fundêa; pois que os vapores desembarcam alli muitos passageiros, que se dirigem para o interior do paiz. Em uma destas enseadas existe o

Valle de Zebro, onde nós desembarcámos. Uma estreita ponte de muitos centenares de passos de comprimento, conduz do ancoradouro por cima de terrenos enxarcados, até junto a uma grande padaria real, que antigamente era destinada para fornecer todo o exercito. Um moinho, que faz parte deste espaçoso edificio, põe em movimento oito pares de mós colossaes, que no tempo da maré podem trabalhar durante doze horas, e moer diariamente 160 saccos. Um grande celleiro, cuja abobada é sustentada por 48 pilares, pode recolher simultaneamente 70:000 saccos de trigo, e 32:000 barricas de farinha. Durante a guerra Peninsular preparavam-se alli diariamente em 27 fornos 100:000 rações de pão; em cada um daquelles fórnos, podem por uma vez cozer-se quatro saccos de farinha. Este grandioso estabelecimento é de origem muito antiga; comtudo não se sabe com exactidão a data da primeira edificação. No principio do ultimo seculo ardeu tudo; reedificou-se de novo em 1736, e finalmente Pombal levou a fabrica ao estado em que hoje se acha. Actualmente este util, e bem conservado edificio, está vasio, e desaproveitado, pois que o governo faz contractos com fornecedores, e já não manda cozer por sua conta o pão de munição. Como prova da desordem que antigamente grassava em todos os ramos de serviço, póde adduzir-se, que mesmo no tempo em que o governo se encarregava de preparar as rações de pão, durante muitos annos se alugaram para esse effeito, perto de Lisboa, e pela renda annual de doze contos de réis, alguns edifficios pequenos e incommodos, ao passo que se deixava arruinar o vasto estabelecimento do Valle de Zebro. Hoje em dia acha-se em muito bom estado, graças ao desvelo do inspector; fez-nos este vêr as diversas partes desta vasta fabrica, e como se achava tambem presente o governador civil de Lisboa, quiz mostrar-nos tudo até os mais insignificantes pormenores, para nos fornecer uma prova do seu zelo pelo serviço; de maneira, que tivemos de passar por todos os corredores, de entrar em todos os cubiculos, e de metter a cabeça nas portas de todos os fórnos, sem que elle nos absolvesse da observação da minima particularidade. Tudo se achava nitidamente rebocado de branco, cheirando ainda muito a cal. Quando chegámos ao termo desta exploração algum tanto fastidiosa, o inspector levou-nos ainda a um canto, e fez-nos aí observar uma loja a ponto de desabar em ruinas, ennegrecida pelo fumo, e pela antiguidade, e que estava cheia de immundicie, e de tijolos cahidos das paredes. « Eis-aqui, excla-

mou elle pavoneando-se, como se achava tudo; não consenti que se fizessem reparações neste canto, que deve permanecer nesse estado, para prova perpetua, do qne era este estabelecimento antes da minha entrada nelle, e do que ficará sendo depois da minha saída.»

Os terrenos na direcção do Valle de Zebro para o interior do paiz apresentam uma triste apparencia. Um solo coberto de arêa fina, d'um amarello claro, prolonga-se desde a praia até á montanha de Palmella, e á serra da Arrabida. Pinheiraes, e matos de alecrim, e de zimbro, cobrem esta superficie arenosa, por onde o transito é summamente penoso. Ao longo dos caminhos, gigantescas piteiras estendem em todas as direcções os seus braços ponteagudos; muitas dessas folhas em meia putrefacção caem por terra, e contribuem para augmentar o aspecto de abandono agricola, que apresenta esta região selvatica. A maior distancia junto á serra vêem-se cactos de grande altura, e algumas solitarias palmeiras; ahi é a cultura um pouco melhor, e as quintas muradas, as romeiras, e loureiros, dão indicio de mais laborioso desvelo, e mais pingue vegetação. O solo eleva-se pouco a pouco na direcção da serra, a qual se prolonga com variadas ondulações até ao cabo de Espichel. No ponto mais elevado sobre uma montanha conica existe o mosteiro, ou o castello de Palmella, que é visivel a remotissima distancia. A montanha é fragosa, nua, escarpada, de arrojados contornos, e fórma superiormente uma pequena planura, onde se acha situado o castello, cujas grandiosas dimensões me fizeram recordar de Santo Estevam de Gormaz, o celebre castello feudal junto ao Douro na Castella-Velha. Palmella foi durante muitos seculos o logar de residencia do Priormór da ordem militar de S. Thiago. Actualmente está deserto e abandonado, pois que as commendas, e priorados das tres ordens militares, foram abolidos juntamente com os conventos. Antigamente os jovens cavalleiros eram obrigados a passar algum tempo como noviços no castello junto ao Priormór, e havia tambem alli um hospicio, onde eram recolhidos e sustentados, os cavalleiros destituidos de meios. Já tudo isso acabou: hoje a antiga fortaleza é sómente habitada por alguns veteranos, que nos receberam com semblante melancolico, quando entrámos a porta. O castello foi edificado pelos Mouros, e teve então grande importancia; nos ultimos tempos, todavia, perdeu toda a especie de consideração. Algumas obras exteriores desmoronadas, e uma dupla linha de muralhas, poderiam ainda hoje permittir resisten-

cia a um ataque de arma branca; comtudo não se explica facilmente a razão por que D. Miguel collocou alli uma guarnição em pé de guerra, não sendo possivel de modo algum sustentar um sitio regular naquella posição, nem havendo ninguem de certo, que intentasse essa operação militar, de que se não tiraria resultado algum vantajoso. O interior comprehende um espaçoso recinto formado por uma torre de bastante altura, pela muralha interna, e pelas casas do prior e dos cavalleiros; a primeira destas é habitada por um velho official que serve de governador; a outra está devoluta, e deveria ser muito alegre no tempo em que alli viviam vinte jovens cavalleiros. Seis peças de artilheria velhas e inutilizadas, jazem desmontadas sobre os baluartes: o edificio inteiro é totalmente falto de belleza architectonica. Em um dos angulos da muralha do recinto, encontra-se uma pequena porta; no momento em que se chega junto della, abre-a repentinamente o veterano cicerone, e subitamente daquella immensa altura dilata-se a vista sobre o verdejante e pomposo valle de Setubal. Creio que não ha porção de terra alguma no mundo, que encerre um maior numero de laranjeiras, as quaes, dispostas em renques apertados, enchem o valle inteiro como se fôra um só pomar, formando um contraste pictoresco, com a escarpada montanha, e com as selvaticas penedias da Arrabida. O valle de Setubal fornece a maior quantidade das mais bellas laranjas de Portugal, que são cultivadas cuidadosamente em grandes quintas: pois que propriamente bosques de laranjeiras, isto é, multidões dessas arvores dispostas sem ordem alguma, e crescendo livremente, não se encontram em parte alguma, pelo menos em toda a peninsula iberica; são sempre terrenos fechados, cingidos de muros, ou de sebes, onde as arvores estão plantadas em compridas linhas parallelas: o proprietario, que possue cinco a seis mil laranjeiras, (quasi sempre distribuidas em varios pomares), é tido por um homem abastado. No valle de Setubal ha alguns centenares de mil laranjeiras, cujo crescimento e grandeza, podem em geral ser comparados com os das nossas arvores fructiferas de vinte annnos de idade. Os pomares são contiguos uns aos outros, de maneira, que observados da altura do castello de Palmella, parecem um unico laranjal, onde se vêem apparecer de espaço a espaço, as paredes alvejantes das casas de campo, das aldêas, e das igrejas, formando grupos pictorescos, encravados naquella vasta extensão de folhagem verde-escura. Este valle inteiro tem impresso o cunho da prosperidade de uma cultura de

longos annos, e de uma pacifica, e verdadeira alegria, por modo tal, que não é facil observar o mesmo em outros pontos de Portugal. Comtudo, affastando as vistas dalli, e olhando a alguma distancia n'uma direcção opposta, a scena muda completamente; para um lado, prolongam-se como uma especie de deserto, as áridas e requeimadas charnecas do Alemtejo, até perderem-se em remoto horizonte; mais á esquerda, para além dos pinheiros, e dos areaes, alongam-se as vistas por esse espaço dilatado onde as aguas do Téjo se misturam com as do Oceano, divisando-se ao longe o vulto de Lisboa debilmente desenhado, e envolto em uma atmosphera vaporosa; uma poesia melancolica derrama-se por todo este quadro; apparece de novo completamente o aspecto bello, mas triste do Portugal dos nossos dias — pomposo, mas fatigado já de viver, tal como se antolha, contemplado do alto da Pena.

O sol mergulhava-se no mar naquelle momento, e dourava os contornos das ruinas de Troya, que existem defronte de Setubal em uma lingua de terra, que se avança do areal: descemos então da montanha de Palmella por uma vereda ingreme, e atravessámos o valle por entre pomares de laranjeiras, cujos ramos vinham cruzar-se sobre o nosso caminho. Não pude resistir á tentação de colher e devorar immediatamente um desses formosos fructos. As laranjas portuguezas são muito maiores do que as de Malta, e de Maiorca; não têm a casca tão fina, mas conservam-se muito melhor. Nos ultimos tempos tem diminuido a procura, pois que as ilhas do Mediterraneo, as costas do norte de Africa, e os Açores fornecem esta fructa em grande quantidade. Por isso tambem diminuiram muito de valor os pomares á roda de Setubal; comtudo esta povoação occupa o logar mais importante entre as villas portuguezas, não só pela sua grandeza, e pelo numero de seus habitantes, que monta a 16:000 (segundo Balbi 14:826); mas tambem por causa do seu commercio, que é muito consideravel principalmente com Lisboa, e Porto. Só no fabrico do sal se empregam regularmente 2000 homens; cada um delles ganha ordinariamente dezoito vintens por dia, e ás vezes mais: no ultimo anno subiu o salario a um cruzado novo, pelo que houve uma tão grande concorrencia de jornaleiros, que os campos ficaram abandonados. O sal é recolhido em grandes receptaculos rectangulares, que têm tres pés de profundidade, e estão situados ao longo do mar e do rio Sado por uma extensão de nove leguas; têm a denominação de *marinhas*. A agua do

mar é introduzida n'esses receptaculos por meio de canaes, que se dividem em muitas ramificações: quando o receptaculo está cheio, fecha-se o canal. Em alguns logares corre primeiro a agua para grandes reservatorios, *(governos,)* d'onde é derivada para as marinhas. Quando em virtude do ardor do sol a agua seccou inteiramente, retira-se o sal em Junho por meio de pás, e empilham-no dentro de barracas de madeira, ou amontoam-no ao ar livre resguardando-o da chuva com uma camada de junco, que lhe sobrepõem. O sal é feito em grão muito grosso, adquire pouca humidade com o contacto da atmosphera, é limpo, muito branco, e de excellente qualidade para a salga do pescado. Tive occasião de reconhecer pela comparação, que o sal de Setubal é muito mais forte e mais claro, do que o de Aveiro, e mesmo do que o celebre sal de Cadiz. Todos os annos vêm regularmente hollandezes, francezes, russos, e prussos, (de Dantzig) carregar alli a quantidade, que necessitam; a preferencia que as grandes casas de commercio daquellas nações dão a Setubal, funda-se principalmente em que este mercado de sal é o unico das costas da Europa, em que os preços são constantemente invariaveis. Pagas todas as despezas o moio é posto na praia por 1$000 réis. O custo da conducção até a bordo paga-o o capitão por uma tarifa conhecida e fixa. Em consequencia d'estas vantagens é muito natural o como preferiram o porto de Setubal as nações acima mencionadas, saindo os seus navios unicamente para carregar sal. A respeito porém dos Americanos houve uma mudança por motivo de secundarios interesses; ha dez annos que se abastecem em Cadiz, para onde mandam annualmente de cem a duzentos navios, apezar do sal de Setubal ser mais barato, e melhor, e offerecer mais segurança no commercio; porém os direitos d'ancoragem, e o custo do lastro são ahi tão consideraveis, que os Americanos, que transportam o algodão, tomam uma porção de ferro como lastro, e desembarcam juntamente em Cadiz a carga, e o lastro. Actualmente entram ainda por anno no porto de Setubal — de quatrocentos a quinhentos navios, e carregam oitenta até cem mil tonelladas (*a*). Doze d'estes navios exportaram no ultimo anno la-

(*a*) No anno economico de 1842 entraram em Setubal 452 navios com o porte total de 80:100 tonelladas, a saber: 156 portuguezes, 105 seucos, 44 hollandezes, 36 francezes, 31 inglezes, 23 russos, 22 da America do norte, 11 anseaticos, 9 dinamarquezes, 8 prussos, e 7 Hannoverianos. No mesmo intervallo de tempo entraram em Lisboa 1874 navios sommando 197:231 tonelladas, e no Porto 768 navios

ranjas, e cortiça; todos os outros levaram unicamente sal. A pesca em Setubal era antigamente muito consideravel; comtudo, ha mais de meio seculo, tem decahido notavelmente; os seus productos são apenas consumidos no interior do paiz; a exportação acabou de todo. Antigamente Setubal, Sines, e Alcacer tinham feito uma liga entre si para o commercio das pescarias, e em 1353 os habitantes de Lisboa concluiram um tractado com o rei Eduardo III. de Inglaterra pelo qual lhes era concedido pescar nas costas britannicas. É muito notavel como tem diminuido o numero dos navios prussos: em 1796 entraram 68 no porto de Setubal; desde então o numero tem sucessivamente decrescido, até ao ultimo anno, em que, (como já disse na nota precedente), vieram sómente oito navios prussos. Em geral são os dinamarquezes, e suecos, os que mais frequentam aquelle porto desde os tempos mais remotos; no ultimo seculo entraram cada anno para cima de 300 navios escandinavos.

O porto de Setubal em que desembocca o rio Sado tem nove legoas de extensão na sua maior largura, e uma legoa sómente junto ao desembarcadouro. Poder-se-hia chamar bom se os bancos de arêa, que se acham junto á barra, não tornassem difficil a entrada. Defronte de Setubal, no meio do golfo, que fórma o porto, veem-se sobre uma estreita lingua de terra as ruinas a que se deu o nome de Troia, e que pelos monumentos que dalli se têm desenterrado em differentes épocas, parecem justificar a hypothese de que Setubal fosse antigamente uma colonia phenicia, e depois romana. (*a*) Hoje em dia observa-se já mui pouco d'aquellas ruinas: o vigario geral de Setubal possue uma collecção de medalhas, que se acharam alli; e em poder dos herdeiros do governador militar de Setubal D. Rodrigo de Lencastre fallecido em

---

com 85:474 tonelladas; por onde se vê que as embarcações que navegam para Setubal, são em geral muito maiores, e carregam muito mais do que as que vem aos outros dois portos.

(*a*) Apesar disto é ainda muito duvidoso, segundo o parecer d'alguns antiquarios, se a colonia romana Troia existiu no mesmo logar onde hoje se acham as ruinas, que tem aquelle nome. Tambem se não póde designar ainda com certeza onde eram situadas as quatro cidades romanas, Medobriga Cætobrix, Ottonobona, e Cæriana. Serpa, que conservou o seu nome romano; Braga, (Bracara Augusta), Béja, (Pax Julia), e Evora, (Liberalitas Julia), eram tambem colonias Romanas; porém sómente Lisboa, (Olisipo), tinha a cathegoria de cidade municipal; possuia um templo de Minerva junto á margem do Téjo, e Nero edificou alli um theatro, o mesmo que foi descuberto em 1798, e de que se fez menção no 3.º capitulo desta obra.

1818 acha-se uma caixa com ornatos domesticos de prata phenicios, que tambem se encontraram naquelle sitio, e de que têm fallado muitos eruditos.

Foi-nos inculcada uma hospedaria ingleza junto ao porto como uma das melhores do paiz. Quando nos apeámos alli era já noite; as janellas estavam brilhantemente illuminadas, e ouvia-se dentro o estrondo de musica, e de gritos de regosijo. Eram os capitães dos navios mercantes do Norte que solemnisavam a sua partida, e que se tinham previamente espiritualisado com boa porção de vinhos portuguezes em quanto não vinha a copiosa ceia, que tinham mandado preparar. Apesar do convite que me fizeram, acheime pouco disposto a associar-me áquelles cavalheiros; deitei-me em uma cama espaçosa, que formava toda a mobilia do quarto que me destinaram, e quiz em repouso aguardar a minha refeição. Passado porém algum tempo veio o estalajadeiro, e disse-me que tinha o maior pesar de me não poder apresentar comida de especie alguma, pois que tudo quanto havia em casa fôra empregado no banquete de partida dos capitães. Depois de muitas diligencias foi concedido aos meus criados, que tomassem para mim na cosinha um pequeno prato, com o que escapei ao risco de ter de me deitar faminto, depois de uma penosa jornada de sete horas, e em presença de uma lauta ceia. Na manhã seguinte percorri a povoação toda: não é muito grande; as ruas são estreitas, e immundas, e as casas pequenas. Apenas o caes, ao longo do porto, é ornado com maiores edificios, largo e bem calçado; é aonde moram os habitantes mais abastados. O porto é defendido ao noroeste da villa pelo forte de S. Filippe que foi edificado durante a usurpação hespanhola pelo rei D. Filippe II. e domina a villa e o porto. Os habitantes mostram alli algumas cavernas, que piamente acreditam serem terriveis carceres da inquisição, e da barbaria; talvez que fossem unicamente adegas, e depositos de viveres da guarnição. Em frente — a uma certa distancia, junto da barra acha-se sobre a falda de uma montanha a torre de Outão defendida por algumas peças de artilheria: sobre ella existe um pharol. A cinco milhas de distancia vê-se, quando o tempo está claro, a extremidade do cabo de Espichel, o qual juntamente com o cabo da Roca formam um extenso semicirculo onde se acha a emboccadura do Téjo. Á esquerda de Setubal descobre-se o palacio e tapada real do Pinheiro, e a nove legoas de distancia á esquerda de Grandola veem-se as montanhas do Alemtejo, que é o celleiro de Portugal. Só no valle que se

estende desde Setubal até Palmella ha seis conventos, aos quaes antigamente pertencia uma grande parte dos pomares de laranjas, e dos quaes cinco se venderam já, entre elles Brancanes, que é o mais bello, e mais consideravel. O Sr. O-Neill, que possue um grande estabelecimento em Setubal, teve a bondade de pôr á minha disposição um seu elegante carrinho no qual me dirigi a Brancanes. Esta casa pertenceu antigamente aos missionarios franciscanos, que dahi partiam para as terras dos antipodas. Como particular distinctivo da sua sagrada vocação, traziam uma cruz da ordem de Christo sobre habitos de burel. A situação do edificio é admiravel; para além dos laranjaes divisa-se com um lance de vista o castello de Palmella, e a paizagem maritima em torno de Setubal. Como aquella habitação existe no meio dos pomares, e cercada de muitas casas de campo, descobre-se dalli a cultura, e actividade de cada um dos ciscumvisinhos; é como se d'um ponto central olhos vigilantes espreitassem as occupações domesticas de muitos individos. Já que fallei de occupações domesticas, devo fazer menção de uma serie de quadros pintados de azul e branco em azulejos, que cobrem as paredes da casa de entrada, e que representam os bons missionarios occupados em todos os misteres domesticos imaginaveis; não esqueceu occupação alguma por humilde que fosse. É isto o unico objecto, que no edificio inteiro póde attrahir de algum modo a attenção. Não se encontra monumento nenhum artistico: uma Nossa Senhora de jaspe, que existia sobre o frontão, foi derrubada, e despedaçada. Mau grado todas as minhas diligencias não me foi possivel obter o menor fragmento daquella imagem; asseguram que tinha excessivo merecimento.

Esta penuria em objectos de arte, e o vandalismo com que se devastam os escassos restos, que ficaram dos tempos antigos é um phenomeno bem triste, mas universal por toda a extensão do reino, e que surprehende principalmente se attendermos a que no tempo em que no paiz visinho a pintura tinha atingido a maxima perfeição, e sob o sceptro dos Filippes contava em Hespanha os melhores professores, em Portugal pelo contrario não appareceu um unico artista que se elevasse acima da mais vulgar mediocridade. Talvez deverá attribuir-se esta decadencia á oppressão causada pela occupação hespanhola, que teve logar durante aquella epoca. Vasco, o unico pintor portuguez digno de menção, e de apreço existiu antes daquelle periodo; foi contemporaneo de Perugino, e os seus quadros têm todos os defeitos daquel-

la antiga escola. Vi delle tres grandes quadros, (que são apontados entre os melhores), na igreja de S. Julião de Setubal, onde se vêem pintadas umas descommunaes armas reaes portuguezas, que cobrem toda a abobada, pendendo inferiormente a ellas uma cruz da ordem de S. Thiago de cinco pés de comprimento, e que dá a entender que o edificio pertence ao castello de Palmella. No convento dos Capuchos de Jesus, o mais antigo da villa, e que foi edificado em 1439, vi alguns pequenos vidros coloridos, que se me antolharam como uma saudosa apparição da minha patria. Existe alli tambem uma grande columna torcida monolitha feita de granito negro. A totalidade dos frades dos conventos extinctos do valle de Setubal, estão recolhidos n'aquella casa conventual, que lhes foi concedida para sua habitação e onde desfructam a sua diminuta prestação. Actualmente existem apenas trinta: todos os outros morreram. Isto porém por triste, injusto, e insufficiente que pareça é muito mais do que se fez em Hespanha, onde os velhos frades egressos, que já não têm forças para trabalhar, andam mendigando pelas ruas, ou morrem de fome.

Terminada a minha excursão, dirigi-me á praça da villa, onde se achava muito povo renuido por ser dia da feira semanal. Era notavel a differença, que se observava entre os camponezes, e os habitantes da villa; os primeiros mostravam indicios de uma vida cheia de socego, e de commodidades: pelo contrario as classes mais pobres da villa tinham a apparencia de Lazzaronis; são pela maior parte maritimos, ou jornaleiros das marinhas, sujeitos á vicissitude dos annos bons e ruins, e não chegando nunca a obter uma posição abastada.

Tendo eu devorado um almoço de garfo que me deram, e que a ausencia dos capitães permittio, que fosse de algum modo abundante — parti de Setubal em um barco. Antes de nascer o sol tinha mandado os meus cavallos para a Arrabida pelo moroso, e ingreme caminho, que ahi conduz, e pude assim fazer essa jornada de um modo mais breve, e mais agradavel. Oito remadores fendiam as ondas com golpes compassados, e com a rara pericia que desde seculos possuem no mar os portuguezes. Deixámos á esquerda o castello de Alcacer, e á direita Outão e o pharol; passámos pela ponta de arêa de Troia, e então bradou-nos uma busina do forte do piloto, que costuma dirigir os navios quando chegam á barra, e que os adverte com um tiro de colubrina quando não respondem. Ao dobrarmos a ponta de um

rochedo, sentimos desde logo pela violenta agitação das vagas, que já nos não achavamos sobre as aguas tranquillas da bahia. Os remeiros tiveram de trabalhar com muito maior esforço; comtudo passadas duas horas abicámos em uma pequena lapa, a que se dá o nome de *portinho da Arrabida*. Saltámos em terra, e achámos-nos immediatamente na entrada de uma vasta caverna de stalactites, cujas curvas e espigões apresentavam admiraveis ornatos, e formavam uma abobada, como se fôra uma cathedral gothica. Em um espaço vasto semelhante á nave da igreja acha-se erigido um altar, aonde ainda hoje se fazem romarias, e que deu á caverna o nome de Santa Margarida da Lapa. Junto á entrada, e como guarda dessa gruta, existe um dragão com a cauda enroscada, que é uma das mais singulares stalagmites que alli se acham. Saindo da caverna, foi forçoso que trepassemos a pé pela empinada serra, pois que pela unica vereda que existe não podem subir as cavalgaduras. A dois terços da altura existe o mosteiro da Arrabida, onde finalmente chegámos cançados, e abrazados pelo terrivel ardor do sol do meio-dia. Este mosteiro teve antigamente grande importancia, e deu a uma parte da sua ordem o nome de *provincia da Arrabida*: foi extincto como todos os outros; mas houve ainda a fortuna de ser comprado pelo duque de Palmella, que nem teve a desgraçada lembrança de tornar mais util este monumento historico por meio de transformações á moderna, nem permittio que por incuria viesse a desmoronar-se. A situação da Arrabida fez-me recordar vivamente o mosteiro de Monserrat na Catalunha. Na verdade faltam ao primeiro as pontas aguçadas de rochedos torreados, que com as suas ermidas, e á semelhança de mãos abertas, coróam a Monserrat, e fazem que seja a montanha mais singular do mundo; com tudo o mosteiro da Arrabida suspende-se tambem meio debruçado sobre o abysmo do mesmo modo, que o celebrado convento da Catalunha tão visitado por perigrinos. Caminhámos largo tempo no interior do edificio por estreitos e compridos corredores, passando por varias pequenas capellas, e procurámos em vão o logar onde, segundo alguns escriptores, os monges se entregavam a toda a sorte de devassidão. Sómente uma grande má fé, ou a mais crassa ignorancia poderiam formar semelhantes suspeitas reconhecidamente infundadas para quem se der ao trabalho de examinar cuidadosamente aquelles aposentos. Em presença da mesquinha ermida, onde aquelles religiosos descalços se reuniam sómente para fazer penitencia, e orar, lembrou-me que para

os seus absurdos calumniadores seria a mais competente das punições encarceral-os alli por algum tempo afim de que elles com a dieta de uma apoucada ração, houvessem de passar a vida *dissoluta* dos frades, emmagrecendo-lhe o corpo com as expiações, e cilicios até chegarem a perder toda a maldade dos seus pensamentos. Nos claustros e junto ás paredes viam-se feitos de pedra monges de joelhos ou prostrados no chão; muitas cellas são cavadas na rocha, outras encostadas a ella; têm todas sómente alguns pés em quadrado, offerecendo apenas o espaço necessario para uma pessoa poder mover-se dentro d'ellas. As portas são estreitas e baixas, obrigando a curvar o corpo para se poder entrar; dão escassa luz a estes cubiculos pequenas janellas, que mais propriamente se devem chamar frestas. E quando os pobres monges, só introduzindo a cabeça n'aquellas apertadas aberturas, podiam contemplar além do mosteiro, das arvores, e da montanha — o Oceano, as serras longinquas, os prados risonhos, as embarcações velejando, e as nuvens atravessando rapidamente o ceo — que amarga saudade deveria então accommettel-os, e como lhes não pareceria penosa a vida cheia de privações, que passavam! Isto porém que tão pouco era, foi-lhes roubado; e ainda assim é fóra de duvida, que em toda a peninsula iberica nenhum frade, (á excepção de algum indigno de o ser), a quem se concedeu a liberdade, deixou de deplorar a perda da sua apertada clausura onde tinha gasto a vida nos jejuns, nas vigilias, e nas orações.

O convento da Arrabida não continha objecto algum de arte; pelo menos não se encontra lá nenhum hoje em dia; a sua poesia existe na sua historia, no sitio em que está, e na orfandade de um templo abandonado. O duque de Palmella encarregou um religioso secular de vigiar pelo edificio: graças ao seu desvello, têm louvavelmente sido feitas reparações mui apropriadas em todas as partes, que ameaçavam ruina.

Partindo da Arrabida para o interior do paiz, pela encosta da montanha, lançámos ainda as nossas vistas sobre Setubal, e a sua bahia; descobrimos a nossos pés, daquella immensa altura, o pequeno porto de Cezimbra, e mais além na extremidade do promontorio de Espichel a pequena igreja de Nossa Senhora do Cabo, que tem junto um vasto edificio destinado para hospedagem dos romeiros, que vinham antigamente aos milhares visitar aquella milagrosa imagem. Chegamos pouco depois ao Calhariz, palacio assaz consideravel do duque de Palmella. S. Ex.ª teve a bondade de me

dar uma ordem para o seu intendente, afim de eu alli poder pernoitar; ainda que a brevidade do tempo de que me era licito dispor, me não permittisse aproveitar daquelle favor, não foi inutil de todo a recommendação por escripto do hospitaleiro duque; reuni-a a uma collecção, que conservo, de recordações portuguezas, e o sobrescripto dei-o em presente a um celebre collector de authographos, o meu erudito, e talentoso amigo, o coronel R. embaixador em C. O Calhariz é tido em Portugal por um modelo de boa administração domestica, para cujo arranjo contribuio muito o pai do actual possuidor; foi alli o primeiro logar do paiz onde se fez o cultivo do trevo vermelho. Duas horas depois atravessámos Azeitão, villa de quasi 3000 habitantes, que commercia em azeite, e vinho, e que apezar da sua excellente posição entre dois portos de mar, (Lisboa, e Setubal) nem se acha em um estado de prosperidade, nem promette melhorar muito. Todos os annos vêm de Aveiro para Azeitão, durante o tempo da colheita, mais de cem cultivadores; pois que os jornaleiros das fabricas, que se empregam na fiação do algodão, e em tinturarias, entendem que fica abaixo da sua dignidade adquirir a sua subsistencia com os trabalhos da agricultura. Faz isto lembrar o que acontece nas grandes cidades manufactoras de Inglaterra, nas quaes, (apezar do que asseguram os periodicos), ninguem morre propriamente de fome, mas onde muitas vezes milhares de operarios antes querem percorrer as ruas, sem terem pão para comer, e despedaçar as maquinas, do que irem a algumas milhas de distancia durante a colheita alcançar um salario consideravel, e seguro.

Comtudo, apezar destas disposições anti-agronomicas, os terrenos em torno de Azeitão, são menos arenosos, e mais bem cultivados do que as circumvisinhanças de Palmella, e as charnecas do Alemtejo. Uma larga rua de castanheiros conduz á villa; os caminhos pareceram-me tambem alli estar em melhor estado de conservação. Dentro em uma hora de marcha rapida chegámos ao valle de Zebro, onde depois de uma breve demora chegou o vapor, que nos reconduzio a Lisboa, onde nessa mesma noite tive de ir assistir ainda outra vez á tediosa representação das prisões de Edimburgo.

Na manhã seguinte parti de Lisboa para ir passar alguns dias em Cintra. Tinha escripto ao camarista da infanta D. Isabel Maria, o senhor de Pancas, irmão do marechal Saldanha, para lhe perguntar, a que hora me poderia rece-

ber a princeza. Quando cheguei a Cintra, achei lá a sua resposta, e puz-me a caminho immediatamente no meu burro de aluguel, (por um modo já se vê bem pouco proprio para quem vai receber uma audiencia), dirigindo-me ao palacio do Ramalhão, residencia da ex-regente. Esta habitação existe a um quarto d'hora de caminho de Cintra, na direcção da estrada de Lisboa, e era antigamente uma propriedade particular da rainha D. Carlota Joaquina. O pretendente de Hespanha habitou alli durante os ultimos annos do reinado de seu irmão, quando as intrigas de sua cunhada o obrigaram a sair de Hespanha. O conhecido protesto, que elle fez contra a declaração do direito de successão de sua sobrinha a princeza D. Izabel, foi datado do Ramalhão.

Galopei montado no meu burro pelo chão calçado da *cour d'honneur*, e apeei-me junto á porta principal. Nas janellas viam-se formosos semblantes de aias e criadas, que sorriam e escarneciam provavelmente da modesta cavalgadura, com que eu me apresentava junto do Palacio; não lh'o levei a mal, e associei-me aos seus sorrisos. A infanta de Portugal D. Izabel Maria, é uma senhora de pequena estatura, de 40 annos de idade proximamente; tem grande parecença com sua irmã D. Maria Thereza, segunda esposa de D. Carlos; porém de certo não foi tão formosa como ella. O seu vestido negro muito singelo, e todas as mais exterioridades, inculcavam uma vida retirada, e pareciam constranger de algum modo essa princeza tão animada, e cheia de vivacidade; a sua conversação nos primeiros momentos fria, circumspecta, e remota dos interesses mundanos, torna-se interessante, e calorosa, quando se allude ás épocas da sua antiga vida politica. Fallou com intima, e penosa emoção, do seu nobre parente desterrado em Bourges; e como eu tomasse a liberdade de me referir ao tempo em que ella exerceu a regencia, scintillaram-lhe os olhos com todo o brilho de uma fogosidade juvenil, e meridional. Como é sabido, foi encarregada aos 25 annos de idade, da regencia do reino; primeiramente como presidente da junta da regencia, durante a enfermidade de D. João VI. e depois da sua morte, como regente até ao regresso de D. Miguel em 1828. Esta época de excitação febricitante, e de cruel incerteza, ha de provavelmente desapparecer até nas suas consequencias, em virtude da energica administração hoje á frente dos negocios publicos, e ficará apenas, como unico e piedoso monumento daquelle tempo, o hospital fundado pela infanta, cujo nome será ligado á historia pelas bençãos dos pobres. Nunca chegou

a ser desposada: a idéa de ver uma donzella presidir aos destinos de um paiz commovido com a violencia das agitações da idade media, é coisa tão insolita para os allemães, que me senti dominado pela maior curiosidade em ouvir a princeza, discursando sobre aquelles acontecimentos. Depois de ella, com gravidade viril, me haver longamente representado a situação do Portugal de então, accrescentou «Ah! naquelle tempo era Portugal como um ovo; pequeno, mas cheio.» Finalmente teve a bondade de me mostrar algumas curiosidades do seu palacio; varios modelos, raridades chinezas, uma sala em fórma de gruta, alguns quadros na capella, etc. Depois despedio-se de mim, porque desejava passear a cavallo, o que costuma fazer todos os dias: apparece pouco na côrte, e vive mui retirada.

ElRei tinha-me ordenado de acompanhar Suas Magestades á Pena. Esta digressão foi feita a cavallo, pois que a vereda que conduz ao castello, é larga, e bella; porém muito ingreme para seges, e carruagens. A Rainha montava em um grande burro cinzento, o mais robusto, e mais alto que tenho visto; sobre elle ia uma cadeirinha vermelha á semelhança dos *Artolas* dos pyrenéos; atraz vinha um moço que trazia um elegante degrau. O rei ia sobre um formoso cavallo cinzento inglez; é um ousado e habil cavalleiro, e faz a melhor figura a cavallo. A mim foi-me destinado um robusto corsel de raça portugueza; um animal de toda a confiança na verdade; mas de tão ampla barriga, que apezar do notavel comprimento das minhas pernas, fez-me durante o caminho, lembrar muitas vezes do cavallo de Troia. O camarista de serviço, o marquez de Santa Iria, um velho general, e destro cavalleiro, cavalgava adiante da Rainha, que era seguida por uma dama do paço, montada em um burro. O Rei ia apenas acompanhado por um seu ajudante, e pelo conselheiro Dietz. Este singelo cortejo foi adoptado pelas actuaes pessoas reaes em flagrante contraste com o fausto incommodo, e penosa etiqueta, que eram usados antigamente em ambas as côrtes da peninsula. Esta limitação deve principalmente parecer benefica, e ponderosa a quem puder conhecer e avaliar o pernicioso influxo que exercia em todos os ramos da politica, e mesmo nos negocios domesticos do paço, a camarilha formada pelo excessivo pessoal da côrte, desde os mais altos cargos junto ao soberano, até aos empregos mais subalternos; para poder caminhar atravez e em despeito destas complicadas ramificações, eram necessarias a vontade mais firme, e a resolução de adoptar uma medida violenta. Feliz-

mente para o paiz poz-se termo ultimamente a esta indecente associação; actualmente já não ha na côrte nenhuma influencia occulta, nenhuns canaes mysteriosos, embora intentem o contrario ou altas personagens, ou obscuros individuos. O integro caracter allemão d'ElRei tornou-se adverso desde o primeiro momento a estas insinuações dos seus familiares, a esta authoridade usurpada; a Rainha via igualmente com repugnancia este inveterado abuso; faltava só uma excitação forte para levar a effeito o que desde muito tempo se tinha resolvido. Um accaso feliz patenteou á Rainha, de um modo notavel, a insolencia de alguns chefes da camarilha; o Rei estava então ausente; porém a Rainha, que muitos não hesitam em tachar de falta de energia, obrou por si só peremptoria, e completamente. Individuos de elevada jerarchia, que pretendiam induzir a soberana ao que era contrario á sua vontade, ouviram immediatamente da sua bocca a ordem de uma formal despedida; como outros intentassem insistir, receberam tambem uma analoga sentença. Então retiraram-se todos em massa, esperando que de novo seriam chamados; porém não aconteceu tal; e a corôa, e o paiz ficaram livres daquella praga palaciana. Ha monarchas, que sem serem mulheres, e tendo uma idade dupla da desta joven Rainha, não ousam comtudo, conhecendo perfeitamente a sua situação, esquivar-se á influencia prepotente das pessoas, que os cercam de perto.

Á porta do castello da Pena recebeu o coronel de Eschwege a Suas Magestades, e conduzio-as por todos os porticos e aposentos, afim de examinarem as obras novamente concluidas. Um grande numero de escultores, e canteiros estavam occupados a fazer em calcareo branco columnas, frontões, balaustradas, capiteis, florões, e outros ornamentos, admirando-se em todas estas obras grande proficiencia artistica, muito gosto, e um esmero no acabamento, que entre nós se não attingio ainda. A Pena, antigamente uma casa filial dos jeronimos, e que servia ao mosteiro de Belem, como logar de penitencia, foi edificada por ElRei D. Manoel sobre aquelle rochedo, aonde muitas vezes subia para ver se lobrigava o regresso de Vasco da Gama, e d'onde effectivamente foi elle o primeiro, que descubrio a sua frota. Quando o mosteiro foi secularisado e vendido, veio a Pena a cair em poder de um particular, de quem o Rei actual comprou esse edificio meio arruinado, e o transformou com o maior engenho, e diligencia em um castello feudal. O genero de architectura, que alli se empregou, póde segundo a classificação de Mur-

phy, pertencer á cathegoria do moderno normando-gothico, que floreceu no fim do seculo decimo segundo, e que introduzido pelos Normandos, se naturalizou em muitos paizes maritimos da Europa meridional. Um torreão, varias torres lateraes, muralhas coroadas de amêas, e um pateo descoberto, cingem os dois edificios principaes. Tudo isto é construido, e como enclausurado entre elevadissimos cabeços da serra, e massas collossaes de basalto; os restos do antigo mosteiro foram escrupulosamente conservados, e restaurados, como o attestam algumas arcadas, a capella do castello, e um pequeno pateo revestido de azulejos de varias côres, tudo o que se mantem no estado em que se achava no tempo dos jeronimos, e onde apenas se pozeram de novo alguns pedaços que tinham cahido, e se repararam com artistico acerto, algumas pequenas faltas, que havia. Os quartos segundo o desejo de Suas Magestades, foram ornados com grande simplicidade; apezar do que, contêm um grande numero desses antigos moveis, de que Portugal é tão rico, e que entre nós têm sido imitados com tão pouca felicidade. Um largo caminho em parte murado, e em parte aberto na rocha, conduz depois de muitas circumvoluções, a uma ponte levadiça, que dá para a porta principal do castello, sobre a qual estão collocadas as armas reaes de Portugal, e Saxonia, em esculptura, e seguras alli com tanta firmeza, que resistirão de certo a todas as tempestades daquella região elevada, e reunidas contemplarão dessa altura, pela duração de seculos, o oceano, e as terras subjacentes. A Pena, pela sua situação e pela sua apparencia, é seguramente maravilhosa, e póde honrosamente desafiar o parallelo de todos os castellos feudaes, antigos e modernos, collocados ou no vertice de elevadas serras, ou nas margens de rios pictorescos; porém no que excede a todos, é na perfeição, no raro primor de seus ornatos architectonicos, e esculpturas. Existem no Rheno, e nos Alpes Bavaros castellos de reis, e de principes, achando-se todos elles em terrenos, que permittiam uma extensão de obras muito maior, e havendo alcançado a honra de serem celebrados em immensos escriptos tanto em prosa, como em verso; e todavia como parecerão pobres, e imperfeitos os seus ornamentos, se os compararmos com as delicadas laçarias, e phantasticos arabescos, que na Pena se elevam sobre as arcarias, e á semelhança de hera abraçam-se em torno das columnas, e péndem das agulhas, e das balaustradas das janellas, desenhando-se admiravelmente com a sua côr alvissima, no azul escuro de um ceo meridional, e

produzindo a mesma impressão que os sonhos, e canções Arabicas!

Quando voltámos da Pena, estava já a meza posta para jantar no palacio de Cintra. As pessoas convidadas, e a côrte reunem-se em uma sala comprida, em cujo tecto estão pintados em molduras separadas 27 cysnes coroados, cuja significação e origem são diversamente indicadas em varias legendas. Uma grande chaminé, que alli se acha feita de ferro lavrado, foi trazida das ruinas do paço de Almeirim, e tinha sido presente de um papa. O marquez de Pombal mandou trazer essa chaminé para o paço de Cintra, quando restaurou as devastações, que alli tinha feito o terremoto. Junto á sala indicada acha-se um gabinete, onde ElRei D. Sebastião resolveu commetter a desgraçada empreza de Africa, que terminou com a derrota de Alcacer-quibir, e com a morte do soberano (em 4 de Agosto de 1578). A sua poltrona, e o banco dos seus conselheiros, encontram-se ainda nesse gabinete; são feitos de louça, têm desenhadas varias grinaldas de vide: defronte existem duas delgadas columnas de granito.

Serve de casa de jantar a conhecida, e muitas vezes descripta *salla das pegas*. O tecto, e os frisos das paredes estão cheios de pegas pintadas, que tem no bico um bilhete em que se leem as palavras *Por bem*, que equivalem de algum modo ao *honni soit qui mal y pense*. D. João I, mandou traçar esses ornatos singulares para eternizar as palavras, com que elle respondeu a sua esposa quando esta o surprehendeu em flagrante delicto, de dar um beijo a uma formosa dama do paço. Esta salla é uma das mais antigas da parte christã do palacio, pois que pertence incontestavelmente ao tempo de D. João I, que reinou desde 1385 até 1433, e cuja devisa ou mote, ou era já aquelle *Por bem*, ou ficou-o sendo desde essa epocha. Póde ser tambem que o deduzisse da jarreteira, condecoração que elle possuia, e pela primeira vez fôra dada a um rei portuguez; e á qual, (talvez por deferencia galanteadora para sua esposa D. Filippa de Lencastre), parecia dar o maior apreço, pois que até no mausoléo que para si edificou, mandou-a collocar do lado da cabeça como um ornamento heraldico. Este grande rei foi o primeiro, que reconstruindo o antigo castello mourisco de Cintra o converteu em palacio para residencia durante o verão. Parece incontestavel, que essa habitação fôra anteriormente a Alhambra dos reis mouros de Lisboa, como o indicam a architectura arabe de algumas partes, (especialmente as cha-

minés), os repuxos, e aguas correntes, e repartidas por todo o edificio, e mais particularmente os nomes arabes que ainda conservam alguns aposentos do palacio. A irregularidade de toda a architectura mostra que houve diversos edificadores em epochas muito differentes. Cada passo que se dá n'este palacio cheio de reminiscencias historicas, faz lembrar esses edificadores reaes, e o tempo em que viveram. O rei D. Duarte filho de D. João I, residio longo tempo em Cintra, logar, que escolheu de preferencia para sua habitação, como o demonstra uma sua carta regia datada de Cintra em 1436, e pela qual é concedida toda a especie de privilegios aos habitantes d'aquella villa. Nesse palacio veio ao mundo, e falleceu D. Affonso V: seu filho o grande D. João II, foi ahi proclamado rei; este continuou, e D. Manuel concluio o que seus predecessores tinham começado. Foi igualmente de Cintra, como já disse, que D. Sebastião partio para a sua ominosa viagem. O palacio dos reis mouros, e dos grandes principes da dynastia de Aviz, permaneceu abandonado, e deserto sob o dominio hespanhol; e depois reinando a casa de Bragança adquirio uma triste celebridade, existindo ahi encarcerado D. Affonso VI, durante o espaço de quinze annos. Mostra-se o pequeno aposento dentro do qual o desditoso monarcha passeou tanto de um lado para outro, que nos ladrilhos do pavimento se vêm ainda os vestigios dos seus passos. Em um dos angulos do quarto permanecia elle durante horas inteiras olhando para o cabeço fronteiro da serra, que é coroado por um castello mourisco, e donde um dos seus partidarios costumava fazer-lhe sinaes. Comtudo esta pequena esperança, que elle nutrira por tanto tempo, de nada lhe aproveitou; descubriram esse furtivo meio de communicação, e D. Affonso foi transferido para uma cella ainda mais apertada, onde apenas entrava escaçamente a luz do dia. O quarto tinha uma pequena abertura que dava para a capella, e donde podia ouvir a missa sem ser visto pelo povo. Falleceu ahi a 12 de Setembro de 1683, e jaz actualmente em um caixão de madeira collocado por detraz do altar mór do mosteiro de Belem. D'este modo lamentoso falleceu esse desgraçado soberano, que possuio o epitheto de *victorioso* durante os primeiros annos do seu reinado, por quem combateram valerosamente Schomberg, e Marialva, e que finalmente n'esse carcere se definhou por tão longos annos com a penosa saudade de uma corôa perdida, e de uma formosa esposa arrebatada. Acommetteu-me um sentimento de amarga melancholia ao contemplar essas frias paredes teste-

munhas silenciosas de uma grandeza tão deploravelmente derribada; apenas a lembrança da negra ingratidão de D. Affonso VI, para com sua bella, e espirituosa mãi, a grande regente D. Francisca de Gusmão — tem o poder de permittir que esses tão arduos infortunios se affigurem como uma especie de justiça historica.

A *sala das armas*, ou dos *cervos* assim chamada por causa das cabeças de veados enfileiradas, que alli se vêem, — é muito notavel, e tem a maior valia para a nobreza de Portugal. É uma sala redonda situada no segundo andar, e a qual D. Mancel mandou adornar com os brazões de todas as familias portuguezas. No centro da abobada estão as armas reaes de Portugal e Algarves; em torno d'aquellas vêem-se pintados os oito brazões dos infantes, e infantas, que então viviam; e á roda desses ultimos — acham-se dispostos em dois circulos 74 escudos da fidalguia portugueza; dois d'entre elles foram apagados em tempos mais modernos; eram as armas dos Aveiros, e Tavoras, a que se infligio aquella degradação, por causa da conspiração contra D. José I. O escudo da casa de Coelho existe ainda na sala posto que todo aspado, por motivo, segundo se pretende, do assassinato de D. Ignez de Castro; comtudo não parece de todo verosimil essa opinião, pois que a formosa dama «que depois de ser morta foi rainha» foi apunhalada em 1355, isto é, quasi dois seculos antes da erecção da sala das armas, e álem d'isto as armas da familia Pacheco campêam ainda alli incolumes, posto que Lopes Pacheco fosse cumplice de Pedro Coelho, e tão criminoso como elle.

Muitas d'essas setenta e quatro familias extinguiram-se já, ainda que não decorreu muito mais de tres seculos dopois que alli se collocaram os seus brazões: por quanto D. Manoel reinou desde 1495 até 1521. Por sua ordem e para canonisar tanto a sala como a nobreza cujas armas se acham alli — foi traçada com letras d'ouro na parte superior das quatro paredes d'essa casa, a seguinte inscripção:

Pois com esforços e leaes
Serviços foram ganhados,
Com estes e outros taes
Devem de ser conservados.

As grandes casas portuguezas dão ainda hoje em dia muito apreço a terem os seus brazões na sala de Cintra; e vale isso como prova completa de linhagem de antiga no-

breza, pois que D. Manoel foi muito escrupuloso, e avaro em conceder aquella honra.

Infelizmete acha-se um bilhar no meio da sala; se tivessem posto n'ella uma grande mesa de hospedaria, seria fóra de duvida uma cousa detestavel, mas não chegaria a causar uma impressão tão desagradavel, como a anomalia de um bilhar na sala dos brazões das antigas familias.

Neste antigo palacio é tudo uma singular mistura dos tempos cavalheirosos tanto mouriscos como christãos; e mesmo quem não tiver grande instincto historico, deve perceber qne se não dá alli um passo, que não faça recordar a grandiosa historia dos seculos guerreadores, é aventurosos. Além dessas impressões — o murmurio, e o decorrer das aguas que se encontram por toda a parte — convidam a um sentimento de mui especial melancolia; levantam-se em differentes andares numerosos terrassos, e no meio destes jardins suspensos repuxa a agua de tanques de marmore descrevendo arrojadas curvas, que se elevam até ao vertice do edificio; e cahindo depois em espadanas, e cascatas — percorre todos os porticos, pateos, e salas deste palacio fantastico — abastece-os a todos, enche no primeiro andar um espaçoso tanque onde póde vogar um bote, e reparte-se em varios reservatorios, que n'um pequeno pateo, e n'um gabinete produzem uma chuva admiravel, e semelhante ao que em ponto pequeno se observa em Aigen junto a Salzburgo. A parte do palacio onde hoje se acham os aposentos de suas magestades era antigamente a residencia do governador mouro; as janellas abobadadas, ornadas de arabescos de granito, e divididas por delgados columnellos onde se apoiam arcos de volta abatida; os porticos, e torres, (de que ainda existia um maior numero antes do terremoto de 1755) é tudo ainda hoje conservado no mais puro estylo da architectura arabe, a illusão torna-se ainda maior pela circumstancia de que o castellão encarregodo de mostrar o edificio, conserva o antigo titulo mourisco de almoxarife. Em conclusão devo fazer menção da cosinha, que semelhante a uma sala de armas é alta, espaçosa, e abobadada, e dá idéa da cosinha real do palacio de Windsor; uma semelhança mais com esta ultima fornece-a o aceio da cosinha real de Cintra; louvavel propriedade, que devia tornar-se extensiva da côrte para todos os seus subditos, e casas publicas de comida. As chaminés singulares em fórma de torre, ou antes de pão de assucar têm interiormente tambem a mesma configuração conica; um inglez exercitou-se alli durante muito tempo em atirar laranjas para cima, a vêr

se alguma podia sair pela pequena abertura superior, o que é mui difficil, pois que dando ás laranjas a direcção apparentemente mais exata, iam sempre de encontro ás paredes convergentes da chaminé, e eram obrigadas a retroceder; finalmente a rara paciencia do insulano triumphou de todos os obstaculos, e assim chegou elle a alcançar a reputação de uma classica destreza.

Os arredores de Cintra têm sido muitas vezes descriptos, e decantados; limitar-me-hei a dizer que empreguei alguns dias em visitar Collares, os seus jardins, e vinhas, as modernas ruinas do palacio de Monserrate, e o celebre convento de cortiça, que D. João de Castro o grande vice-rei da India edificou em 1542 entre os mais elevados pincaros da serra, e que quatro annos depois recebeu do Papa Pio IV. alguns privilegios, que ainda se vêem esculpidos em pedra na ermida. Este pobre mosteiro entalhado na rocha, e cujas paredes são forradas de cortiça para evitar a humidade, é obra digna do seu fundador o piedoso, e pobre heroe, que á hora da morte disse a seu amigo, S. Francisco Xavier: «O vice-rei da India morre tão pobre que não tem dinheiro para pagar uma gallinha». D. João de Castro, quarto vice-rei e decimo terceiro governador da India, falleceu a 6 de Junho de 1547 e foi sepultado á custa da fazenda publica, pois que não deixou a minima herança. A magestosa figura deste «ultimo heroe portuguez na India» como lhe chamam geralmente em Portugal, é um dos pontos luminosos da historia lusitana em que a vista descança com prazer entre as scenas innumeraveis de horror, que maculam todas as victorias, e todas as descobertas daquelle tempo. A memoria deste grande heroe christão permanece ainda hoje viva, e arreigada entre o seu povo; o que fórma um notavel contraste com o que succede em outros paizes talvez mais civilisados, onde apenas ha quem commemore os grandes homens quando elles empunharam um sceptro; os outros valem quando muito para reflectir a gloria do rei a quem serviram. Na galleria dos governadores portuguezes de Gôa vêem-se os retratos dos seus predecessores, todos os quaes descobriam, conquistaram, e administraram esse reino admiravel, cuja posse disputaram entre si posteriormente a França, a Inglaterra, e a Hollanda. Estes notaveis retratos tornarám-se em grande parte conhecidos na Europa por intrevenção de um official portuguez, que todavia os publicou sómente em um numero de exemplares muito diminuto. Tive a fortuna de obter uma dessas collecções, o que devi ao favor da excellentissima

marqueza de F. O primeiro quadro representa D. Francisco de Almeida, o primeiro vice-rei da India, vestido de negro com mangas pendentes á moda da Polonia; seu olhar sombrio, diante do qual tremia a Asia inteira, parece fixar-se na lembrança dos incendios e carnificina — nas hecatombas de Mombaça, e de Dabul. Segue-se-lhe Affonso de Albuquerque, o heroe de Gôa e do mar vermelho, com uma comprida barba já encanecida, e que lhe desce até á cintura: delle diziam os Indios ao contemplarem o seu veneravel cadaver com essa longa barba, e coberto com a dalmatica branca de S. Thiago: «não morreu; chamou-o Deos a si para capitanear a milicia celeste.» Vêm depois Albergaria, Sequeira, e Menezes; segue-se então Vasco da Gama, o primeiro doscobridor, que como se sabe ficou esquecido durante o espaço de vinte e um annos. Tem sobre a cabeça um pequeno barrete; apoia a mão sobre o elmo, lendo-se inferiormente a inscripção — *D. Vasco da Gama conde almirante dos mares da India.* Depois de seis outros — vestidos com os mais formosos trajos antigos, segue-se D. João de Castro. Todos os outros empunham bastões de commando; apenas aquelle traz na mão um ramo de palmeira, e na cabeça uma corôa de louro. Um vestido longo e franzido vermelho e dourado com mangas tufadas envolve a grande figura do vice-rei; com a mão esquerda empunha a espada; por debaixo daquelle primeiro vestido vê-se outro de côr verde clara cingido ao corpo e abotoado com botões de ouro, ornamento este que se não vê em nenhum dos seus predecessores, provavelmente porque essa moda sómente começou no tempo delle. Nas suas feições lê-se a expressão de uma profunda melancolia; talvez pensava elle naquelle momento na morte de seus dois filhos, que perdeu no sitio de Diu, ácerca do que disse o grande poeta portuguez:

> Até que nas maiores oppressões
> Castro libertador, fazendo offertas
> Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
> Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem. (*a*)

Do convento de cortiça passa-se immediatamente para Penha-Verde casa de campo de D. João de Castro, onde elle repousando das suas victorias em duas partes do mundo, se occupava de serios estudos, e fazia plantações de arvores.

(*a*) Os Lusiadas C. X. Est. 69.

Acha-se ahi tambem uma pedregosa collina com poucas arvores, (eram primitivamente seis, ou quinze segundo outros) e que se chama o *monte das alviçaras*, o qual impetrou de D. João III, o modesto heroe, em recompensa dos serviços que prestara no cerco de Diu, — a fim de reunir esse terreno ao seu jardim. Um dos seus successores eternisou esse facto por meio da inscripção seguinte que se acha esculpida na rocha:

D. Joannes de Castro Indiæ Prorex Augustus Felix Pius triumphator invictus Orientis, opumque domitor ac contemptor collem hunc a Rege tantum pro Asia devicta postulatum victrici Crucis labro consecrandum reliquit.

Episcopus D. Franciscus de Castro nepos votum solvit anno Christi CIƆIƆCXXXXI.

D. João de Castro legou esta quinta aos seus herdeiros com a clausula singular de não poderem cultivar alli arvores fructiferas, e de manterem o jardim só para recreio, sem poderem auferir d'elle nenhum interesse pecuniario. Na casa que pertence a este estabelecimento acha-se uma curiosa collecção de antiguidades indianas, e entre ellas uma pedra com uma longa inscripção, que segundo toda a verosimilhança é dedicada ao deus Sceva ou Schiva; consta de 76 versos muitos dos quaes são ainda hoje ou inintelligiveis, ou duvidosos. Wilkins, e Murphi fallam desta pedra; o ultimo publicou um desenho d'ella.

Da Penha Verde dirigi-me aos Seteais, antigamente palacio do ultimo marquez de Marialva, e que actualmente pertence a sua filha a marqueza de Louriçal. Ahi foi concluida em 1808 a conhecida capitulação de Cintra, em consequencia da qual o exercito francez evacuou Portugal. Duas alamedas de castanheiros seculares limitam de ambos os lados uma espaçosa praça coberta de relva, fechada por uma gradaria de ferro, e conduzem ao palacio, que segundo o antigo gosto francez é formado de dois corpos lateraes ligados por uma especie de arco triumphal. Sobre este acham-se os bustos de D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina com uma inscripção muito empolada. Ha n'este sitio varios pontos d'onde tambem se gosa a mais bella perspectiva formada pelas circumvisinhanças, por extensas campinas, e pelo Oceano.

Restava-me ainda ver Mafra, que os portuguezes não hesitam em chamar o seu Escurial. Escolhi uma linda manhã, e parti antes do nascer do sol em companhia do conde Teleky, para esse convento affastado de Cintra tres legoas,

Os nossos fogosos ginetes corriam a galope pela estrada coberta de pedras, calçada mesmo n'alguns sitios — mas que se acha em um estado de extraordinario abandono, apezar da côrte ir a Mafra quasi todos os annos, e apezar de todos os estrangeiros que se demoram algumas semanas no paiz não deixarem de ir visitar o maior edificio de Portugal. Já á saida de Cintra descobrimos Mafra em frente de nós, e permaneceu á nossa vista quasi durante todo o caminho. Finalmente chegámos a um comprido muro que cinge a estensa tapada de Mafra, proseguimos ao longo d'elle durante algum tempo, demos a volta de uma esquina, e achámo-nos repentinamente ao pé do grande edificio. A primeira impressão é tão descommunal, tão fria, e tão melancholica, que o espectador sente-se involuntariamente acommettido por um sentimento de desconsolo. É a sensação que de certo se deverá exprimentar quando se percorrem os desertos do Egypto para comtemplar as pyramides, e outros monumentos meio derrocados. Sómente a D. João V, esse rei edificador, e meio frade, podia occorrer a lembrança de n'aquella solidão desperdiçar os milhões do Brasil em uma creação, que tinha na sua propria origem o germen de uma proxima decadencia. Como todas as edificações reaes portuguezas do seculo passado, Mafra foi emprehendida com a magnificencia propria de um dos maiores reinos do globo terrestre; e como se se quizesse fazer uma obra para a eternidade, começou-se de um modo gigantesco; porém as revoluções posteriores empobrecendo o paiz, fizeram-na parecer de uma grandeza totalmente desproporcionada. Quando se examinam com attenção os projectos, e fundações dos reis d'aquella época, acredita-se, que elles nunca anteveram a possibilidade de uma separação entre as longinquas possessões coloniaes, e a sua grande e poderosa metropole. Mediam o comprimento e largura dos seus bosques primitivos, e planicies na America do Sul, e a extensão das regiões desertas, que na Africa se prolongavam de uma até outra feitoria, e então comparavam isso tudo com o territorio dos mais poderosos reis da Europa, e julgavam-se iguaes pelo menos aos primeiros d'entre elles. Só d'esse modo se explicará a vaidosa mania, que tinham de exceder em tudo a todos os soberanos, e nações, de avantajar-se-lhes no fausto, e de prodigalisar em vãs ostentações milhares de milhões, que empregados rasoavelmente poderiam elevar o pequeno reino da peninsula ao grau de prosperidade, que hoje occupa a Inglaterra na jerarchia politica de ambos os hemispherios. D. João V. confirmou por mui-

tas vezes esta observação no seu longo reinado de 43 annos. Comprou á custa de consideraveis sacrificios o patriarcado de Lisboa, a fim de que o Patriarcha nas occasiões de solemnidade podesse representar o Papa, e o seu sacro collegio; quiz ter o titulo de «Magestade fidelissima», pois que Luiz XIV era o «rei christianissimo», e o monarcha portuguez queria hombrear com elle em lustro e dignidade. Gastaram-se innumeraveis milhões em conventos, capellas, doações ecclesiasticas, prestitos, procissões e pompas religiosas. Conta-se d'elle entre outras cousas, que nos ultimos annos do seu reinado mandava com tanta frequencia dizer missas por alma dos finados, que por fim já se lhe não dava parte de grande numero de fallecimentos, pois que logo que sabia da morte — mesmo de pessoas para elle inteiramente desconhecidas, mandava-lhes logo resar centenares de missas, no que eram consumidas sommas immensas de dinheiro. É singular a frequencia com que se observa nos reis da casa de Bragança esse mundano, e sensual deleite da pompa das ceremonias religiosas. Assim como se acha escripto do rei Frederico I da Prussia que elle por convicção se sujeitava diariamente a todos os preceitos da etiqueta por muito incommodos que fossem; assim tambem vemos que D. João V, D. Maria I, e D. João VI assistiam vistidos de galla, e com a maior pompa a innumeraveis festas de igreja, e ahi occupavam constantemente o logar, que segundo o ritual catholico é reservado ás primeiras dignidades religiosas, como patronos que são da igreja. A essa circumstancia muito mais ainda do que a um verdadeiro sentimento religioso se deve attribuir a erecção dos collossaes mosteiros e igrejas, que construiram n'essas eras passadas os soberanos, que mencionámos; mas seja isto dito sem intenção de por tal modo negar o merito devido ás boas obras d'esses monarchas.

Ácerca da origem da fundação de Mafra, diz-se que D. João V, ou durante uma perigosa enfermidade, ou (segundo outros) para que o ceu lhe concedesse um herdeiro, fizera voto de levantar uma abbadia no logar em que existisse o mais pobre convento do reino. Depois do restabelecimento, ou depois do nascimento de D. José I, indagou-se por toda a parte, e achou-se a algumas leguas de distancia, ao noroeste de Lisboa, uma cabana habitada por um pequeno numero de frades Arrabidos. Foi alli que o rei cumprio o seu voto, e onde se edificou o actual convento de Mafra. O plano foi mandado vir de Italia; observa-se porém nas suas disposições, que dominou ahi a desgraçada mania da

imitação, e que se pretendeu seguir o pensamento do Escurial de Philippe II. Tanto em um, como no outro edificio, a igreja acha-se no centro; e o convento, dividido em trezentas cellas, occupa a parte, que é posterior ao côro; do mesmo modo, em ambos existem os aposentos para a familia real nos dois lados da igreja. Comtudo, a todos os respeitos, D. João V foi apenas um ruim imitador de Philippe II. O Escurial, situado entre rochedos e em grande elevação sobre a importante serrania do Guadarrama, domina um extenso territorio, veigas, e rios, castellos e povoações, e finalmente a metropole do reino. Mafra, pelo contrario, acha-se em uma planicie escalvada, esteril e deserta. Do portal da igreja vê-se unicamente a pequena e miseravel villa, que jaz aos pés do colloso de pedra, como se fôra um aggregado de cellas de pygmeos. Apenas da elevação do terrasso se espraiam as vistas sobre o mar e sobre a terra, até ás montanhas de Cintra, e até ao Tejo, e Lisboa.

Murphy, que como architecto, e como entendedor em artes, possue tão fundada reputação, traçou o severo juizo seguinte, ácerca de Mafra. «Se os thesouros, que custou este convento, fossem empregados em executar um plano melhor, resultaria innegavelmente uma massa de construcções, superior no merito architectonico ao proprio Escurial. Comtudo infelizmente, o architecto nem possuia genio para inventar, nem mão para executar uma simples cabana, quanto mais uma Basilica. Esse individuo chamava-se Frederico Lodovici, e exercia o officio de ourives do ouro.» Por desabrido, e menosprezador, que haja de parecer este conceito, deve ser ouvido e ponderado com respeito, por o ter proferido uma tão grande authoridade; póde mesmo ter uma grande exactidão relativamente ás regras, e preceitos da arte; porém apezar disso, uma tão colossal massa de pedra, e em que foram dissipados os mais consideraveis capitaes, não pode deixar de parecer pomposa, ao menos por causa da sua grandeza. Disse-me um dia um celebre marechal. «Cem mil frades cartuxos armados poderiam apresentar uma respeitavel apparencia militar.» Não tenho duvida alguma em acreditar, que se poderia dizer uma coisa analoga a respeito de Mafra: um edificio de 1150 pés em quadrado; com 2500 janellas e portas, com 866 salas, camaras, e cellas, com duas torres principaes cada uma de 350 pés de altura, um elevado zimborio, um immenso pateo, dois de grandeza media, e seis mais pequenos; tudo isto considerado juntamente poderá embora parecer edificado tão viciosamente quanto se queira;

porém de certo não póde deixar de excitar a admiração, e de parecer grandioso. Se se passa a examinar detidamente os pormenores, cada vez parecerá mais incrivel como, apezar do tempo e dos milhões empregados, se poude chegar a concluir uma edificação tão descommunal durante o espaço de um só reinado, e com os recursos materiaes de um unico paiz. A importancia de todas as despezas que ahi se fizeram, nunca foi determinada com exactidão, pois que D. João V. não quiz que se fizesse nunca uma conta geral, talvez por desejar illudir-se a si proprio ácerca da sua importancia; com tudo, alguns fazem montar a despeza total a 19 milhões de cruzados; outros orçam-na em muito menos ainda; nenhum destes calculos porém está em harmonia com a tradição geralmente em voga em Mafra, e pela qual sómente os dois carrilhões das duas torres custaram dois milhões de cuzados em Antuerpia. Na verdade, estes carrilhões são excellentes, e têm entre outras cousas a particularidade admiravel, de que achando-se affastados um do outro mais de cem passos, tocam simultaneamente a mesma peça de musica como se fôra a quatro mãos, e com tanta perfeição, como quando Liszt, e Clara Wiek, em Leipzig, tocam em dois pianos, voltando as costas um para o outro. Os sinos que se acham collocados nos carrilhões, pezam 14:500 arrobas em cada um dos campanarios. Em toda esta fabrica gigantesca fez D. João V. que se trabalhasse incessantemente durante treze annos (desde 1717 a 1730); segundo alguns registos que ainda se conservam em Mafra, occupavam-se naquella obra, termo medio, 14:700 operarios de todas as partes do reino, uns trabalhando por salario, outros por *corvéa*. Não se póde formar uma idéa da multidão de igrejas filiaes, e capellas, que se acham no interior daquella vasta mole. Uma capella dos defuntos, com revestimento de marmore negro, era destinada para nella se rezarem os officios de corpo presente. A capella da enfermaria é cercada de alcovas azulejadas, onde se achavam as camas; além destas, as capellas para os presos, para os que viviam em reclusão, para o abbade, para o sequito real, e para a côrte; no corpo do palacio havia a capella particular do rei; e depois ainda outras destinadas para certos dias festivos, ou consagradas especialmente a certos santos, collocadas, e como perdidas nas partes mais remotas deste monstruoso edificio; finalmente um immenso numero de capellas lateraes da basilica, todas cheias com profusão de estatuas, e baixos relevos de marmore branco. Estes trabalhos de esculptura substituiram um grande numero de retabulos pin-

tados por francezes, italianos, e hollandezes, que D. João V. mandou recrutar sem grande escolha nem exame. Esses quadros sairam muito maus; comtudo as peças de esculptura que lhes foram substituidas, são tambem de diminuto valor, com poucas excepções. Esses lavores foram executados por esculptures portuguezes, dos quaes um italiano, por nome Justi, formou uma eschola. As pedras que se empregaram, foram tiradas das montanhas de Cintra, e das escavações de Pero Pinheiro, onde tambem se encontra o marmore negro, e vermelho de que são revestidas as paredes, e ornados os altares da igreja principal. Este marmore de cores é da maior belleza, e de grão muito fino; o que é negro, não tem o menor veio branco. Os dois palacios reaes que se acham dos dois lados da igreja, foram regularmente habitados pela côrte ainda no tempo de D. João VI.: o corpo do norte chama-se palacio do rei, e o do sul palacio da rainha. Nesses immensos palacios, apezar das suas longas enfiadas de camaras. não se depara uma unica sala, que corresponda a tanta grandeza; a propria sala do throno tem dimensões moderadas; varias soffriveis pinturas a fresco, e grandes cortinados vermelhos de veludo, e damasco, dão-lhe de algum modo uma decente apparencia. Os outros aposentos são incommodamente distribuidos e inhabitaveis, têm nas paredes desaprimoradas pinturas, e em nenhum delles ha um unico banco onde se possa sentar, quem sente cançadas as pernas de por horas inteiras atravessar corredores e salas, e subir escadas. O almoxarife fez-nos observar, como coisa de grande importancia, que toda a madeira de que eram feitas as portas e janellas dos quartos, tinha vindo do Brasil; o que na verdade não contribue nada para a belleza daqualles objectos, pois que sendo todos cobertos com uma camada de tinta verde azulada, aquella nobilissima qualidade de madeira vem a fazer a mesma vista como se fosse o pinho mais ordinario dos areaes da Silesia.

Por muitas imperfeições que se notem no edificio pelo que respeita aos preceitos architectonicos, é comtudo fóra de duvida, que são excellentes todas as obras de alvenaria. Os nossos cicerones, individuos amaveis, e inteimente inoffensivos, (*a*) conduziram-nos por muitas casas

(*a*) Entre elles achava-se o sacristão, que H. nas suas viagens a Portugal accusou tanto de emprezas de assassinato. Aquelle pobre e innocente velho, que certamente nunca formou projectos de assassinio, senão contra as aranhas das abobadas de Mafra, seguramente nunca lhe passaria pela idéa, que um viajante, e camarista allemão,

abobadadas, entre-solhos, escadas em caracol, e corredores, tudo o que pelo espaço de cem annos havia permanecido em tão bom estado de conservação, que nem um fragmento de estuque tinha cahido. Subimos depois ao terrasso, que é lageado com pedras de calcareo branco, e que fórma o tecto do convento. Dalli vimos inferiormente o claustro, que com seus teixos, ruas de buxo, louro, e roseiras, e alguns repuxos, fórma um jardim pelo antigo gosto francez. Descobre-se tambem dalli a tapada, que tem tres legoas em quadrado, e onde se encontra muita caça. O rei vem ahi caçar frequentes vezes. Vimos ainda depois a bibliotheca, que se acha estabelecida em uma grande sala abobadada, e que contém 40 mil volumes, entre os quaes muitas obras raras antigas. É mantida com uma ordem exemplar por dois velhos ecclesiasticos, um dos quaes está concluindo um excellente catalogo. Na antesala do convento, chamada Galilé, despedi-me dos respeitaveis ecclesiasticos, e sacristães, que durante seis horas com indisivel paciencia, me tinham conduzido por todos os recantos do colossal edificio de Mafra. Parti então para Cintra, donde na manhã seguinte regressei a Lisboa, a fim de me predispor para uma mais dilatada digressão no norte do paiz.

---

chegaria a ponto de asseverar que havia intima relação entre esses innocentes molhos de chaves, e o pensamento de derramamento de sangue, de roubos, e de vinganças politicas. Acredito que aquella desconfiança se deve lançar á conta da exaggerada fantasia do author, a qual lhe fez reputar muito prudente não ir com frequencia ao theatro italiano de Lisboa, a fim de não ser salteado nas ruas durante a noite.

V.

Viagem para a Figueira, e pelo Mondego — Coimbra — Jornada para Aveiro, e viagem nocturna sobre a ria de Ovar — Porto — Jornada a Braga, e Guimarães — Serra e convento do Bussaco — Pombal e Leiria — Mosteiro de Alcobaça e da Batalha — Regresso para Lisboa.

> ..... All were glad,
> And laughed, and shouted, as she darted on,
> And plunged amid the foam, and tossed it high,
> Over the deck, as when a strong, curbed steed
> Flings the froth from him in his eager race.
> *Percival.*

A doze de Julho pela manhã embarcámos no Vesuvio, um dos barcos de vapor portuguezes, que partem semanalmente de Lisboa para o Porto. Estas embarcações formam o principal meio de communicação entre as duas primeiras cidades do reino; por quanto as estradas do interior são tão más, que os correios de posta, que se encarregam tambem das cartas das estações intermedias, fazem aquelle caminho em quatro ou cinco dias, ao passo que os vapores portuguezes gastam na viagem trinta e seis horas, e os inglezes, dezoito sómente. Durante as primeiras horas navegámos favorecidos por um tempo bellissimo, e dentro em pouco affastaram-se rapidamente de nós as praias do Téjo, os seus pharóes, e o Cabo da Roca; comtudo, perto do meio dia, quando nos approximavamos ás Berlengas, levantou-se um vento rijo, a athmosphera tornou-se carregada, o mar cobrio-se de enormes vagas, e o nosso navio dançava como uma casca de noz, subindo a immensa altura ou submergindo-se nos abysmos: ao cahir da tarde, o tempo tornou-se cada vez peor, e ameaçava degenerar em uma tempestade formal. Todos os nossos companheiros de viagem, portuguezes de diversos calibres, achavam-se enjoados nos camarotes, berravam, e lamentavam-se em toda a especie de tons; o Conde Teleky, e eu,

embuçamo-nos nos nossos capotes, e deitamo-nos no tombadilho, visto que as arfagens e os balanços, ainda permittiam aquella posição ; e assim, no apathico e irreflectido repouso, que é proprio de taes momentos, procurámos da maneira menos incommoda sujeitar-nos ao nosso destino. Esta tempestade que nos estava imminente tinha ainda para nós a circumstancia desagradavel de poder transtornar o nosso itinerario, pois que pretendiamos desembarcar na foz do Mondego, o que seria impossivel se o mar continuasse a estar tãs violentamente agitado, e teriamos então, mau grado nosso, de fazer a viagem até ao Porto. Entretanto, a nossa boa estrella compadeceu-se de nós ; perto de meia noite nasceu a lua, e acalmou algum tanto as vagas ; o ceu tornou-se mais puro, e mais bonançoso, posto que o mar, refreando um pouco a sua braveza, mas açoutado de espaço a espaço pelas derradeiras rajadas de vento, ainda lançava massas de agua espumosa sobre a coberta. Ás tres horas da manhã achámo-nos em frente do Cabo Mondego ; tinhamos gasto vinte e duas horas em uma derrota, para a qual bastam ordinariamente dez até doze, O mar estava ainda tão agitado, que naquella paragem, onde a agua tem pouca altura, foi forçoso conservar-nos a uma milha de distancia de terra ; o vapor parou, mas não poude fundear. Deram-se alguns tiros de signal, e lançaram-se foguetes para advirtir os maritimos, que habitam na praia, de que estavamos á espera delles , comtudo, ou fosse por causa do mau tempo, ou do profundo somno, tivemos de esperar por mais de uma hora, consumindo quasi toda a nossa provisão de *blue-lights*, até que por fim appareceram dois barcos remando para o Vesuvio. Uma commissão mineralogica, que vinha de Lisboa para explorar as montanhas desde o Cabo Mondego até Montemór, apressou-se em tomar posse do primeiro barco, que chegou : comtudo, eram esses cavalheiros em grande numero, e acompanhados com pezada bagagem, de maneira que chegaram a terra ainda depois de nós, que, como particulares, e modestos viajantes, lhes cedemos o passo, e nos contentámos com o segundo barco. Por mais de duas horas andámos ao caprixo das ondas, que grandes e pequenas pareciam todas divertir-se á custa dos nossos balanços, e solavancos. Finalmente, o mar serenou bastante, para que os nossos dezeseis remeiros se podessem aventurar a caminhar com todo o esforço para terra, sem correr o risco de sermos despedaçados nos recifes meio-submergidos que se acham perto da praia. Já com dia claro desembarcámos junto da aldêa de Buarcos, e fomos

immediatamente acommettidos por um enxame de guardas da alfandega, que pretendiam apoderar-se do pouco que trazíamos comnosco. O conde Teleky apresentou a portaria, que haviamos obtido do ministro do reino; porém infelizmente nenhum dos alfandegueiros sabia ler, e foi forçoso sujeitarnos a ser acompanhados por dois delles, atravessando penosamente a pé por um quarto de hora, um balofo areal até á Figueira, onde o governador, homem entendido em leitura, deixou livremente partir a nós e á nossa bagagem. Carregámos os bahus acriminados ás costas de alguns pescadores, e caminhámos cheios de somno, de cansaço e de aborrecimento por entre enxugadouros cheios de sal, de peixe, e de redes; demos a volta do castello de santa Catharina da Figueira, que se acha junto á praia do mar, e defende a entrada do Mondego; vimos algumas atalaias meio derrocadas, que corôam os outeiros circumvisinhos; e tomámos posse finalmente de duas apertadas cellas, na unica hospedaria da Figueira, onde, deitando-nos sobre alguns saccos de palha de milho, esqnecemos dentro em pouco a ultima noite.

A Figueira é uma povoação pouco interessante, de seis a sete mil habitantes, que exportam sal, azeite, peixe, e fruta, e de cuja villa ninguem fallaria, se não existisse na embocadura do Mondego, rio a cujo nome se ligam a historia, e a poesia, as chronicas, e as canções do Portugal antigo. O castello tem pouca importancia, as atalaias estão desertas, e alluidas, e aos actuaes habitantes, pela maior parte pescadores, importam lhes pouco o cavalheiroso passado, e a actualidade politica da sua formosa patria. As suas relações com Lisboa e Porto, são pouco consideraveis, e mesmo a proxima Coimbra, (*a nossa Athenas* lhe chamam os portuguezes) não tem coisa alguma a tratar com a Figueira, senão mandar receber as cartas dos vapores que por alli passam, ou fazer embarcar ahi os estudantes durante as ferias. Por isso tambem não era intenção nossa demorar-nos alli muito tempo; comtudo, chegado o momento de pagar, não appareceu ninguem nem na hospedaria, nem nas lojas da maritima e commercial villa da Figueira, que fosse capaz de saber o valor de uma nota de moeda do banco de Lisboa, e que quizesse trocal-a. Portugal acha-se actualmente innundado de dinheiro de papel de toda a especie, que é emittido pelo banco, pelo governo, e pelo contracto do tabaco, e cuja importancia em parte é só satisfeita em cobre; quando as notas são desta ultima especie, soffrem um pequeno desconto, pois que ninguem tem vontade de substituir a um

pedaço de papel a carga de saccos de moeda de cobre, que demais a mais em Portugal é de grande espessura e pezo, á semelhança das moedas de 30 Kreuzer da Austria. Pratica semelhante a esta encontrei-a apenas em algumas partes de França, onde ha accumulada uma tão consideravel massa de dinheiro de cobre, que no tracto usual quasi tudo se paga em *sous*, que se pezam em saccos, como se pode observar nos arredores de Orleans, ou em Marselha, onde o cobre, trocado por prata, perde um por cento, e finalmente em Ruão onde, como em Portugal, ha letras *payables en sous*.

Por fim conseguio um dos meus criados mover um benefico negociante a punir-nos com o rebate de dez por cento pelo esquecimento de não havermos trazido prata de Lisboa. Não se encontravam cavallos, ou machos na Figueira, por isso que não se tornam necessarios para a pesca, e para o commercio da fruta ; tivemos de nos metter em um barco de vela, e confiámos á inconstancia dos ventos e á enchente da maré, o conduzir-nos pelo Mondego acima. Uma pequena camara a ré, protegia-nos contra os raios ardentes do lusitano sol de Julho, e podémos assim, á sombra e commodamente deitados sobre os nossos capotes, contemplar as encantadoras margens do Mondego sem estarmos expostos ao repugnante espectaculo de ver trabalhando, e suando os remeiros, cujos esforços, e cansaço é quanto basta para me tornar insupportavel qualquer passeio maritimo. As margens do Mondego têm muita semelhança com as do Waag ; descobrem-se veigas risonhas, prados verdejantes, e a pequena distancia, limitando a planicie, montanhas elevadas, e alcantilados rochedos coroados por antigos castellos, e ruinas. Assim caminhámos por muitas horas, solitarios sobre este rio pouco animado entre a mais pingue vegetação, arvores collossaes, e viçosos arbustos, que avançados até á extremidade da praia, vêm mergulhar seus compridos ramos nas aguas espelhadas. Uma suave briza, e a maré que se torna sensivel a muitas milhas acima da foz, impelliam o nosso barco com bastante rapidez. Finalmente chegámos ás paragens vadeaveis, que são muito frequentes no verão ; a acção da maré cessou, e quasi ao mesmo tempo o embate desencontrado da verga mostrou-nos que o vento tinha acabado. O apparecimento de todas estas calamidades veio immediatamente pôr termo ao encanto da nossa viagem ; os catraeiros tiveram algumas vezes de saltar á agua para desencalhar o barco ; finalmente chegou um momento em que já nem isto bastava ; e então elles, atrelados como cavalgaduras a uma corda, foram penosamente arras-

tando a sua embarcação ao som de uma monotona cantiga. Era já muito *fiasco* junto; saltámos em terra, e pozemo-nos a caminho a pé ao longo da vicejante margem, até que finalmente á entrada da noite chegámos a uma tasca solitaria, um quarto de legoa antes de Montemór-o-velho; fizemos alto, e resolvemos pernoitar alli. Uma grande fogueira, que ardia em frente da casa, e que provavelmente servia de signal aos contrabandistas, fez com que mesmo durante a noite nos conservassemos ao ar livre. As chammas que se pintavam sobre as ondas, algumas figuras agrestes de pescadores que estavam á roda, davam a esta scena a apparencia de um quadro de Hogarth, e transportaram-me pelo pensamento ao tempo que passei entre gente daquella especie, quando eu era testemunha dos seus feitos grandiosos. Com a claridade remissa do firmamento nocturno desenhavam-se no horisonte, como um espectro, os contornos do antigo castello de Montemór, e faziam recordar as sanguinosas canções, e horriveis tradições da antiga historia portugueza. Dalli partio para Coimbra o rei D. Affonso IV, quando este, pelos conselhos de Lopes Pacheco, Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves, meirinho-mór, decidio a morte da bella D. Ignez de Castro, (1355). Alli residiram tambem, nos tempos mais remotos, varios reis de Portugal. Essa habitação acha-se hoje desamparada, e solitaria; e suas veneraveis muralhas contemplam tristemente os valles subjacentes, que durante seculos foram regados com tanto sangue; e comtudo não florecem, nem são felizes tanto como o deveriam ser. As nymphas do Mondego, tão frequentemente invocadas por Camões, parece tambem terem fugido, pois que não é de esperar de damas tão ternas, que ellas contribuissem para assolar com inundações as campinas, que banha o seu rio; já que infelizmente não podem aproveitar invocações, que se lhes façam, consolamo-nos em accreditar, que a commissão hydraulica, estabelecida em Coimbra, ha de constranger o rebellado Mondego a regressar ao seu leito natural, dando assim de novo a esses campos admiraveis a sua abundancia primitiva.

De noite atravessaram a cavallo pelo váo junto da nossa tasca varios grupos de camponezes que vinham de umas bôdas; fizeram alto no meio do rio, e deram de beber aos seus corseis no proprio sitio em que a lua se espelhava na tremula superficie das aguas; o que offerecia uma perfeita semelhança com esses quadros da escola flamenga, que possuem tanta riqueza de verdade, que o espectador cuida que

tambem está montado, dando de beber ao seu cavallo. Finalmente, os nossos cavalleiros affastaram-se dalli a trote; alguns estudantes de Coimbra, que bebiam dentro da casa em companhia de varios contrabandistas, foram-se deitar; da torre de Montemór ouviram-se compassadamente soar doze badaladas, e então procurámos tambem nós logar onde podessemos dormir. Esperava eu sonhar com D. Ignez de Castro, e com as nymphas do Mondego; porém quer-me parecer, que sonhei com a Allemanha,

Ao nascer do sol partimos de Montemór montados em pequenos mas robustos cavallos caminhando ao longo do Mondego: este rio que no inverno, engrossado pelas torrentes que descem das montanhas, sae do seu leito, e alaga os campos, achava-se naquella occasião tão esgotado, que por toda a parte offerecia váos, e em muitos logares parecia sumir-se na arêa. Apezar de que esta circumstancia prejudicava muito a belleza da paizagem, com tudo o aspecto geral era indisivelmente encantador, muito mais risonho e animado, e por assim diser, mais contente do que as margens do Tejo; de ambos os lados elevam-se pouco a pouco encostas bem cultivadas cobertas de quintas, aldêas e conventos; as proprias margens do rio são plantadas de grande numero de arvores, particularmente bellissimos chorões. Grandes lavadouros onde se achava uma multidão de mulheres e crianças ou mettidas n'agua, ou sobre a arêa — davam ao todo uma apparencia de animação, e actividade. Alguns marachões principalmente na margem direita do rio defendem os prados, e campos, e são coroados por sebes floridas. No mais remoto horizonte elevam-se os cabeços da serra do Bussaco sobre cujo flanco ingreme assenta o celebrado convento dos Carmelitas. Do outro lado vêem-se as altas montanhas da Louzã: porém só uma legoa depois, quando se chega a pequena distancia, se descobre Coimbra a antiga Conembrisca de Antonino (*a*), edificada em amphitheatro sobre a encosta de uma ingreme montanha, como quasi todas as grandes cidades de Portugal. Esta collocação produz, em Coimbra principalmente, o maximo encanto. O Mondego atravessado por uma grande ponte de pedra, serpêa junto ás faldas da montanha, cujo lado occidental é occupado pela cidade, que metade se apoia sobre o monte e metade se derrama pelo valle. O grande convento de Santa Clara sobre a collina opposta, os conventos de Santa Annta, dos Bentos, e dos Marianos, um

(*a*) Segundo Plinio; foi edificada 300 annos antes de Christo.

bello aqueducto, o palacio da univercidade — tantos edificios grandes apinhados em um espaço tão limitado, e á roda as verdes planicies, a que se chama o campo de Coimbra, atravessadas por alamedas, repartidas em jardins, onde o loureiro cresce livremente — isto tudo dá á cidade e seus arredores um colorido tão poetico, tão meridional, e tanto da idade media, que o observador, a cada passo, julga-se transportado aos seculos passados. O primeiro momento da entrada em Coimbra não desfaz tão pouco esta illusão. As ruas estreitas e sinuosas, as praças irregulares, e as ingremes calçadas dão testemunho, mesmo com a sua tristeza, da antiga fortificação, e da importancia militar daquella praça. Quando as muralhas de Coimbra protegiam ainda a cidade contra os ataques dos romanos, alanos, e sarracenos, toda a povoação se mantinha sobre a collina; o espaço era então precioso. Sómente quando mais tarde acabou a importancia bellicosa, para ser substituida pela influencia das musas, foi então que a cidade se espraiou pela planicie em largas e compridas ruas. Comtudo ainda hoje as familias ricas e distinctas conservam o habito de morar na cidade alta, para o que podem tambem contribuir as excessivas innundações, e repentino esgotamento do Mondego, cujas exalações insalubres impregnam a atmosphera da planicie.

Excitado pelas impressões mais singulares divaguei eu pelas ruas de Coimbra; esssas casas estreitas, com telhados esguios, as sacadas salientes, e as pequenas janellas — antolharam-se-me inteiramente como se pertencessem aos nossos antigos tempos allemães. Os estudantes, com um trajo negro em parte ecclesiastico, em parte da idade media, como se foram discipulos de Fausto, ou de Paracelso percorriam as ruas, ou conservavam-se reunidos em grupos nas praças; formam decididamente a classe dominante, e mais respeitada da povoação. Coimbra ufana-se tanto com os seus estudantes, e Portugal inteiro está tão acostumado a não separar as palavras — estudante, e Coimbra —, que toda a poesia dessa antiga escola de instrucção superior, a emulação do paiz e a severidade, e bom resultado dos estudos haviam de ser gravemente prejudicados, se chegasse a executar-se o projecto, em que muitas vezes se tem fallado, de tranportar a universidade de Coimbra para Lisboa. Por muito que se tenha pretextado em todos os paizes sobre a conveniencia de transferir os estabelecimentos de instrucção superior para as capitaes; em Lisboa porém, onde os mancebos cheios de energia e fogosidade, pela reunião a más sociedades, e pela par-

ticipação nas desordens das ruas, e nas revoltas, haveriam de tomar desde os seus primeiros annos uma parte activa nos negocios politicos; ahi de certo não é crivel, que elles empregassem competentemente os annos consagrados aos seus estudos, ao que accresceriam os milhares de seducções, e distacções, que lhes deveriam ministrar — uma capital tão corrupta e sensual, o viver continuo nas ruas proprio dos povos do sul, e muitas outras cousas, de cuja influencia se acham inteiramente livres na sua Coimbra, tranquilla, retirada, e quasi campestre.

Por muitas vezes fiz a observação de que a acção constitucional, e a ingerencia em assumptos governativos, legal ou revolucionariamente exercidas, restringem-se em Portugal principalmente ás duas cidades principaes do reino — Lisboa, e Porto, existindo a mais completa indifferença a tal respeito nas menores povoações, nos campos, e particularmente nos logares que estão livres do inficionado contacto dos navios estrangeiros. A prova maior d'esta verdade offerece-a de certo Coimbra, onde apezar da numerosa e turbulenta mocidade que alli afflue de todos os pontos do reino — dá-se pouca consideração á politica, ás mudanças de ministerio, ou á substituição de constituições, e ninguem cuida em revoluções, e em exessos politicos. Os estudantes de Coimbra, verdadeiros successores d'aquelles que descreveu Cervantes, e que frequentavam a universidade de Salamanca — servem-se da espada e da guitarra com igual pericia; representam uma vez mensalmente em um theatro, que sómente se abre n'esses dias, diante de um publico de antigos professores, de donzellas de negros olhos, e de respeitaveis mães de familias; fazem bulha e regosijam-se nas aldêas e villas dos arredores, e parece que são afortunados n'essas excursões, como adiante terei occasião de o demonstrar. Nos dias de feriado percorrem os campos em cavalgadas e descantes, dão serenatas, correm em cavallos de aluguel até os derrancar, e ás vezes tambem batem-se ás pauladas. Em muitos destes pontos *c'est tout comme chez nous.* E quando voltam á sua Athenas, submettem-se de novo á severa disciplina do tribunal universitario ao qual unicamente estão sujeitos; obedecem voluntariamente a todas as prescripções; não sahem jámais senão com esse trajo inalteravel ha seculos; de noite ninguem os encontra pelas ruas; passêam tranquillamente pelos *geraes*, e *via latina*, da universidade, e quando chegam a entrar os paços do reitor — tiram logo respeitosamente o seu gorro ne-

gro. É sobre este povo juvenil que empunha o sceptro de um suave dominio o velho conde de Terena, D. Sebastião Corrêa de Sá. É vitaliciamente *Rector magnificus*, e o quadragésimo quinto successor de D. Garcia de Almeida, que em 1537 foi o primeiro reitor de Coimbra, de que ha noticia. Em uma das salas da universidade, forrada de damasco vermelho, ornada de esculpturas douradas, e que serve para os conselhos privados de Sua Magnificencia, acham-se collocados os retratos dos 45 reitores. D. Garcia era militar, e parece mais um *condottiere* do que o director de estudos superiores. Todos os seus successores foram investidos de dignidades ecclesiasticas; uma grande parte eram conegos de Coimbra, que ordinariamente passavam do reitorado á honra episcopal, e obtinham o condado de Arganil (*a*). O conde de Terena é de novo o primeiro reitor secular; era antecedentemente governador civil do Porto, logar que cedeu a seu filho, o mesmo que depois da ultima sublevação do Porto em 1843 foi substituido pelo irmão do ministro do reino. Logo que me achei accommodado em uma soffrivel hospedaria, mandei ao velho conde uma carta de Costa Cabral, em virtude do que enviou-me seu neto em uma carroagem, que seria digna dos mais distinctos bispos do decimo setimo seculo. Entrámos pois para esse *vis-a-vis* vermelho de quatro assentos, com almofadas de damasco, e oito vidros de cristal e quatro bellos machos montados por dois elegantes cocheiros: puxavam por aquella viatura, que com grande estrondo, atravéz das escabrosas ruas de Coimbra, nos conduzio pela montanha acima até ao edificio da universidade, que se acha sobre uma elevada planura, e domina a cidade, e os campos. As aulas, sala dos actos, e os paços occupam os tres grandes flancos. no extremo de um dos quaes se acha um edificio em fórma de igreja, que contém a bibliotheca. No quarto lado eleva-se o observatorio astronomico em frente do qual se acha um extenso terreiro, que offerece a mais pomposa prespectiva sobre as campinas do Mondego.

O conde de Terena achava-se n'aquella occasião occupado a presidir ás theses publicas, que no encerramento de cada anno lectivo duram varias semanas, e são celebradas com grande solemnidade. Seu neto, mancebo amavel e que trazia uma farda ricamente bordada de ouro, (se me não engano é secretario do governo civil de Coimbra), fez-nos subir as escadas do palacio, e atravéz de vastas salas condu-

(*a*) Os bispos de Coimbra são condes de Arganil, e hoje como taes — pares do reino.

ziu-nos a uma estreita galeria que corre em torno da parte superior da sala dos actos, tendo varias tribunas que dão vista para ella. Dalli vimos inferiormente enthronisado sobre uma elevada cadeira e debaixo de um baldaquino o velho conde de Terena que presidia a umas theses juridicas, vestido com trajo de côrte segundo o antigo uso portuguez; á roda estavam sentados os professores trazendo sobre seus habitos talares capellos amarellos, verdes, brancos, vermelhos, e azues ferretes, ou azues claros — segundo a côr das suas respectivas faculdades. As theses eram discutidas em latim mui fluente diante de um numeroso auditorio de estudantes, que com suas batinas negras tinham uma apparencia de muito maior gravidade do que os nossos adeptos da sciencia vestidos de varias côres á cavalleira: em contrapozição, falta aos estudantes portuguezes aquella serenidade jubilosa dos seus collegas Allemães. Póde em parte ser causa disso aquelle trajo quasi monacal, que tantas vezes tem sido reprovado; o marquez de Pombal quiz acabar com elle; representou-se-lhe porém que a universidade e o paiz tinham sympathia por aquelle uniforme tradicional: que além disso para os pobres tinha a vantagem de ser mais barato; que estabelecia maior semelhança entre os estudantes; que lhes poupava inuteis despezas, e os livrava de vaidosas ostentações de luxo.

Quando o reitor se levantou caminharam diante delle dois bedeis com maças de prata, e nós tambem deixámas o nosso logar de observação para lhe fazer uma visita. O conde de Terena é um excellente, e velho fidalgo, que está muito persuadido da excellencia da sua academia, e tem grande empenho em que ella possua o maior resplandor e dignidade; mostrou-nos varias aulas que me pareceram muito bem dispostas: em todas na parte superior da parede ha uma abertura, coberta por uma cortina por de traz da qual o reitor póde observar, sem ser visto, os professores, e os discipulos. O edificio da universidade ou os paços reaes das escolas, como lhe chamam em portuguez, comprehendem muitas aulas, que são frequentadas por um numero de estudantes proporcionalmente pequeno, (serão talvez mil); o corpo cathedratico compõe-se de vinte e um professores, (Lentes), e viute e sete substitutos, que estão distribuidos pelas seis faculdades, (theologia, canones, jurisprudencia, medicina, mathematica, e philosophia); dependente da universidade ha um instituto de instrucção secundaria. Esta distribuição dos estudos data do tempo do marquez de Pombal, e durante o espaço

de sessenta annos, que desde então decorreram, ainda não recebeu as saudaveis alterações, que exige o estado actual dos conhecimentos humanos, apezar de por varias vezes ter sido publicamente discutida a necessidade dessa reforma. Acontece talvez igualmente que pouco ou nada se tracta de alguns ramos, e em particular das sciencias praticas; o barão de Eschwege (*a*) censura com razão não se terem estabelecido cadeiras especiaes para o ensino da economia politica, meneralogia, sciencia florestal, e architectura. Pelo que diz respeito á profundidade com que se leccionam as outras sciencias, não me permitte formar juizo com algum fundamento a brevidade da minha residencia em Coimbra; comtudo o pequeno numero de professores que tive occasião de conhecer pareceram-me pessoas muito distinctas, e instruidas, particularmente o primeiro bibliothecario, e decano da faculdade de mathematica o doutor Agostinho José Pinto de Almeida, e o doutor Joaquim Gonsalves Mamede, primeiro ajudante do observatorio, que calculou a parallaxe de Venus. O primeiro destes individuos fez-me ver a bibliotheca. (*b*) Está adornada com muita elegancia, e parece ser muito rica em obras theologicas, mathematicas, e juridicas, possuindo todos os authores classicos portuguezes, e os antigos escriptores francezes. Nas salas proximas que pertencem á bibliotheca estão accumulados os livros dos conventos extinctos, e póde muito bem ser que nesta massa coberta de pó se achem muitos thesouros presiosos, e ainda pouco conhecidos; comtudo sempre me causou uma desagradavel impressão, contemplar essa especie de despojos profanados. O observatorio astronomico acha-se collocado em um edificio especial sobre o qual se eleva uma torre de dois andares de altura; pareceu-me arranjado com a melhor ordem, e rico de todos os instrumentos necessarios. Corresponde-se com os mais celebres observatorios, e publíca todos os annos os seus trabalhos; estão alli empregados sete profeseores, e ajudantes. A universidade foi creada em Lisboa no anno 1291 pelo rei D. Diniz; porém 16 annos depois foi pelo mesmo rei transferida para Coimbra; tempos depois veio de novo para Lisboa, e em 1537 D. João III. collocou-a definitivamente em Coimbra, e deu-lhe uma nova organisação, que persistio

(*a*) W. L v. Eschwege, Portugal, ein Staats-und Sittengemalde, Hamburg 1837.

(*b*) Foi fundada por D. Affonso V. (reinou de 1438 a 1481); em consequencia do terremoto de 1755 alluiu em grande parte, e nunca mais foi reparada de todo.

até ao tempo do marquez de Pombal. Muitos reis de Portugal contribuiram para augmentar esse estabelecimento, ampliaram os edificios, mandaram livros, e collecções scientificas, e por todos os modos procuraram manifestar a sua venerações pela antiga mansão das musas lusitanas. A maior parte dessas collecções não me foi possivel observal-as, por quanto só mui escassamente podia dispôr do tempo que tinha á minha disposição; despedi-me pois do amavel e ancião reitor, e apressei-me em ir ver a igreja de Santa Cruz, antigo edificio portuguez, que D. Affonso Henriques edificou e dotou generosamente, e onde elle jaz em um mausoleu mandado levantar por D. Manuel. Depios dirigimo-nos ao jardim botanico, que pela sua disposição, e arranjo — ainda que em ponto menor — offerece grande semelhança com o *jardin des plantes* de París. As estufas não são consideraveis: porém a collecção de plantas portuguezas é perfeita; alguns pomposos cedros de Góa, e palmeiras apresentam a corpolencia dos nossos abetos seculares. Pareceu-me tudo mantido com o maior esmero; um terrasso plantado de arvores e fechado por uma gradaria de ferro corre em torno do jardim, e é o passeio predilecto da população elegante, e instruida de Coimbra. Observámos seguidamente a vasta ponte de cantaria, debaixo da qual se acha outra mais antiga do tempo dos mouros, que foi inteiramente coberta pelas arêas do Mondego; dirigimo-nos pelo pequeno valle de Santa Clara á celebrada *quinta das lagrimas*, onde segundo os poetas, e a tradição foi assassinada D. Ignez de Castro. O possuidor daquella casa de campo teve a bondade de nos acompanhar pela quinta, que está cheia de arbustos e flores de toda a especie. No extremo de uma rua de louro deslizase susurrando a *fonte dos amores*, cantada por Camões; sobre a face de uma grande pedra acha-se esculpida a bella estancia dos Luziadas, que immortalisou aquella nascente d'agua:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome amores. (*a*)

(*a*) O duque de Palmella traduziu esse formoso trecho do 3.º canto da maneira a mais feliz; é como se segue-

Altos e delgados cedros acham-se em torno desta fonte, cujo murmurio semelha a um pensamento de amor dito em segredo. Aquellas arvores tinham resistido durante seculos ao tempo, e aos ventos, até que no ultimo anno a maior e mais antiga dellas foi derrubada por uma furiosa tempestade. No seu tronco estavam entalhadas as seguintes palavras: *Eu dei sombra a Ignez formosa.* O conde de Lavradio é quem actualmente possue esse tronco precioso; estimaria eu muito possuir uma taboa dessa madeira que mui particularmente é propria para fazer caixas onde se guarde uma certa especie de cartas.

Por causa da noite que já se approximava não me foi possivel senão mui superficialmente, ver as ruinas do convento de Santa Clara, a feitoria onde elrei D. Manuel mandou estabelecer uma cordoaria, e no interior da cidade a cathedral situada no largo da feira, e antigamente igreja dos jesuitas.

O meu obsequioso cicerone, o neto do conde de Terena, tinha-me arranjado alguns soffriveis cavallos; e então na manhã seguinte deixámos Coimbra, e caminhámos para o norte. O risonho aspecto do territorio não se estende além das proximidades do Mondego; a uma legoa de distancia de Coimbra aplana-se o terreno, abatendo na direcção do mar, e elevando-se para o lado do Oriente; ahi prolonga-se pelo horizonte uma comprida cordilheira, o monte Cantaro, a serra de Alcova, e subindo acima de tudo os bosques, e cabeços da serra do Bussaco. A vegetação reduz-se, n'uma vastissima extensão de areal, a plantas silvestres, e pinheiraes; apenas de longe em longe, particularmente na proximidade das raras aldêas, apparecem solitarios sovereiros e laranjeiras, e cultiva-se algum milho, e vinho. Perto do meio dia parámos junto a Vendas-Novas, lugar tão pequeno, e tão pobre, que me fez lembrar as saqueadas aldêas das montanhas no theatro da ultima guerra hespanhola. Vinho algum tanto azedo, sardinhas, toucinho, e pão de milho formaram o nosso jantar; comtudo havia rações para os cavallos, e um aposento onde

---

Aux bords du Mondego, berceau de leurs amours,
Les nayades en pleurs long temps les célébrèrent,
Et près de ces rochers on voit couler toujours
La source qui naquit des pleurs qu'elles versèrent;
Un ruisseau transparent garde jusqu'a nos jours
Encor, le nom d'Ignez que leurs voix conservèrent;
Vois ces bosquets touffus, ces rives et ces fleurs,
Et sous le nom d'amour combien coulent de pleurs.

podiamos estar ao abrigo do sol ardente, que então fazia; e isso era innegavelmente a coisa principal. Passadas algumas horas pozemo-nos de novo a caminho, e chegámos perto do anoitecer á Palhaça em um terreno mais agradavel, e muito mais bem cultivado. Um resto de antigas estradas calçadas, que o marquez de Pombal mandou fazer á custa de grande despeza, conduzio-nos, ao clarão da lua, por entre duas fileiras de grandes arvores até á cidade de Aveiro. Junto a uma antiga fonte, que se encontra no caminho, estavam algumas mulheres, enchendo agua; traziam á cabeça grandes cantaros á semelhança de amphoras, e offereciam de beber a um grupo de arrieiros, e cavalleiros. Algumas d'entre ellas traziam chapéos d'homem de grandes abas erguidas, e longos capotes, em que sabiam embuçar-se de um modo muito picturesco. Caminhámos atravéz de muitas ruas estreitas, e bastante animadas, entrámos uma porta, sahimos por outra, até que finalmente parámos junto a uma hospedaria, onde fomos recebidos, chamada a *estalagem da Felicia*, na praça, que fica fóra da cidade e defronte do caes. O Vouga que vem ahi desaguar no oceano, e que perto de Aveiro se derrama por uma largura de nove legoas, offerecia antigamente um dos melhores portos de Portugal. Por isso tambem Aveiro nos seculos 16.°, e 17.° era uma das mais consideraveis cidades commerciaes do paiz; comtudo, em virtude da successiva accumulação das arêas, a barra tornou-se mais apertada, e a entrada mais difficil; e no fim do ultimo seculo, desappareceu a riqueza de Aveiro, e o solo fecundo em torno daquella cidade, converteu-se em um pantano, cujas exhalações mephiticas empestavam as circumvisinhanças a muitas legoas de distancia. Como por uma serie de annos este estado houvesse successivamente peorado, finalmente em 1801, por ordem do conde de Linhares, emprehenderam-se grandes trabalhos, que no fim de sete annos, e tendo-se gasto uma somma de 100 contos de réis, deram de novo ao porto o seu antigo esplendor, e á terra o seu ar sadio. Um paredão de 1210 braças de comprimento, e 72 palmos de largura media foi construido sobre o alveo do Vouga. Como a sua elevação excedia geralmente em muitos pés a altura das maiores marés, aconteceu que as proprias aguas do rio arrastaram, e desfizeram os bancos de arêa, que se achavam na barra, e obstruiam a entrada: este braço do rio, que realmente semelha um lago, é separado do mar por uma larga lingua de terra, e vai desembocar abaixo da capella de Nossa Senhora das Arêas, na chamada *barra nova*, aberta em 1808; na

direcção de Aveiro para o norte até Ovar, prolonga-se a ria por espaço de tres legoas, estreita, e com pouca profundidade, depois alarga-se pela extensão de uma legoa, formando canaes lateraes, bancos de arêa, ilhas, e pégos, e finalmente acaba em um estreito canal de uma legoa de comprimento, que vai terminar em Ovar. Sobre este caminho maritimo que conduz desde o canal de Ovar até ao caes de Aveiro, ha sempre um transito muito frequente, que faz lembrar os barcos de carreira dos canaes da Hollanda; o maior commercio por mar limita-se a sal marinho, que é de muito boa qualidade em Aveiro, ainda que inferior ao de Setubal. As laranjas, o azeite e o vinho são apenas produzidos em pequena quantidade, e o peixe, principalmente a sardinha, é unicamente sonsumido no paiz.

Depois do pôr do sol entrámos em um dos barcos, que se achavam amarrados junto ao caes de Aveiro; estava cheio de camponezes em grande parte mulheres, que se dirigiam para Ovar e para o Porto; a noite estava fresca, e nós deitámo-nos do melhor modo que nos foi possivel dentro da pequena camera que tinhamos alugado; o nosso alojamento era situado na proa do barco, e estava cheio de comestiveis, que não exhalavam de si o melhor cheiro. O conde Teleky estendeu o seu capote sobre alguns enormes queijos da serra da Estrella, e eu encostei a cabeça aos meus *alforges*, objecto indispensavel em ambos os reinos da peninsula, logo que a gente se affasta das cidades maritimas, e das grandes estradas. De espaço a espaço encontravamos solitarios barcos, que atravéz das espessas trevas da noite apenas se tornavam reconheciveis pela pequena luz, que traziam á proa, como se foram simplesmente fogos fatuos que silenciosamente se deslisavam pela obscura superficie da ria. O leve rugido das aguas serenas, os golpes compassados dos remeiros, e a especie de canto-chão que entoavam, fizeram-nos mergulhar em tão profundo somno, que não poude perturba-lo e estrondoso roncar da numerosa sociedade de ambos os sexos, que ia em nossa companhia. Assim chegámos na manhã seguinte a Ovar, sem termos sabido muito da nossa viagem nocturna. Uma rustica taberna junto do canal estava cheia de moleiros, e junto della observava-se a maior actividade em desembarcar as mercadorias vindas de Aveiro, e em carrega-las para seguir a jornada em direcção ao Porto. Nós tambem depois de pequena demora montámos a cavallo, e partimos vadeando, pouco tempo depois, uma vasta extensão de arêas finas, claras, e tristonhas, que me trouxeram á lembrança vivas

reminiscencias da minha patria. Todavia, os pinheiros com suas corôas graciosas ministravam a esta superficie morta um colorido meridional, um extranho encanto, que os nossos pinheiros bravos não podem produzir. Fomos acompanhados até alguma distancia de Ovar por dois carabineiros a cavallo, e isto porque se diz que o caminho atravéz dos extensos pinhaes não é muito seguro; foram-nos mostrados, é verdade, alguns casaes solitarios, quarteis nocturnos dos carvoeiros, contrabandistas, e moleiros; porém accredito que as terriveis narrações, que nos fizeram ácerca daquellas casas, foram excessivamente exornadas pela phantasia meridional dos que no-las contavam.

Depois de um caminho de muitas horas pela floresta, chegámos ás dunas, que pela extensão de algumas legoas, como uma estreita lingua de terra, formam uma orla de milhares de passos de largura entre o mar e uma vegetação riquissima, e prolongam-se até pequena distancia do Douro. Era aqui antigamente o limite entre a Beira, e a antiga provincia de entre Douro e Minho. Um extenso e profundo braço de mar que atravessa o caminho, passa-se em pequenas catraias, e quasi todos os cavallos, ao entrar nellas, é necessario faze-los ir ou de cabeça para traz, ou de olhos tapados; o meu ginete, cavallo a toda a prova, de pura e antiga raça portugueza, que já não tinha nada que admirar naquella operação, com toda a prudencia e circumspecção, e de olhos bem abertos pôz na canôa vacillante primeiro as patas dianteiras, depois as posteriores, uma depois da outra. Terminada em um quarto d'hora esta pequena viagem, tivemos de caminhar de novo sobre arêa solta, a qual na proximidade de um outeiro é substituida por terreno mais rico de vegetação; dirigimo-nos então por uma estrada larga, e soffrivelmente bem calçada, entre jardins, e casas de campo, até que finalmente descobrimos do alto de uma collina o apertado valle do Douro, e as sinuosidades desse verde rio correndo por entre as suas margens alpestres. A nossos pés via-se o Porto edificado em semicirculo, e como em socalcos sobre uma montanha. Visto de longe, o Porto é talvez menos bello, e grandioso do que Lisboa; comtudo o que lhe dá preferencia sobre a metropole, é a vida, e actividade tanto sobre as aguas como em terra; o grande numero de barcos, e navios, que se apinham sobre as vagas do Douro; as laboriosas massas de povo que se agitam nas ruas, e nas praças, e que apresentam o quadro de uma cidade commercial cheia de vida, e de energia; e finalmente, (pareça embora insignificante o

que vou accrescentar), além de todas aquellas coisas, a cidade possue tambem uma torre. Saudei pois com um sentimento de intima recordação patria a torre dos clerigos, essa que no Porto se diz ser a unica torre de Portugal, e que effectivamente, á excepção das duas torres de Mafra, é a mais alta do paiz.

Passado pouco tempo deixámos atraz de nós Villa Nova de Gaia, a antiga Cale, com os seus muitos armazens de vinho, e lançámos as vistas sobre o convento da serra, que durante o ultimo cerco, sendo a unica posição do exercito de D. Pedro ao sul do Douro, adquirio uma certa celebridade; caminhámos então pela ponte de barcas, que era a unica que antigamente unia as duas margens do Douro; estavam já collocados alguns pilares para se formar uma ponte pensil, julgo que feita por subscripção; posteriormente deverá ser inteiramente entregue á communicação. O Douro estava cheio de grandes navios mercantes; até áquelle ponto é navegavel para embarcações dessa grandeza; os barcos sem quilha sobem até Zamora, porém unicamente em certas epochas do anno; mais para cima o rio tem quasi sempre mui pouca profundidade, e junto de Penafiel, e Aranda está tão alastrado de arêas, que quasi por todo o anno se póde atravessar a cavallo.

O Porto primeiramente em consequencia do seu cerco, depois por todas as questões politicas, e commerciaes que se ligam á vinicultura, e finalmente pelo papel decisivo que representa em todos os movimentos do paiz, tem de tal sorte, por uma longa serie de annos, attrahido a attenção de toda a Europa, que não é possivel a um viajante, depois de uma residencia de poucos dias, conceber a pretenção de dizer alguma coisa de novo ácerca desta muitissimo conhecida, e descripta cidade da peninsula, particularmente dando-se a circumstancia de que varios dos nossos compatriotas, que alli residem, informam regularmente o primeiro dos jornaes allemães de tudo o que observam de notavel na terra em que habitam. Esses individuos são pela maior parte negociantes, e gosam uma geral consideração, o que aliàs é muito natural n'uma terra que tem a mais obsequiosa hospitalidade para com os estrangeiros. Dois d'entre elles deram-se ao maior incommodo a fim de me poderem ser uteis durante a minha residencia no Porto; são os Srs. Kebe e Moser, amaveis mancebos a quem me comprazo de expressar aqui o meu profundo reconhecimento. O Sr. Kebe, em tempo em que fazia um excessivo calor, levou-me a ver todas as ruas, passeios, e fortificações da cidade. É verdadeiramente encantadora a perspe-

ctiva, que se gosa em muitos pontos, especialmente no passeio chamado *das Fontainhas*, donde se descobre o valle do Douro, e o convento da serra, e que faz lembrar os *Bastiões* de Vienna. Visitámos tambem o celebrado *Freixo*, que offerece uma vista magestosa da cidade e do rio; a montanha da Arrabida; o hospital de que só está edificada a quarta parte, e que se se concluisse seria um dos maiores do mundo; e finalmente o convento de Santo Antonio: cumpre-me porém renunciar á descripção de todos estes pontos interessantes, remettendo os meus pacientes leitores para a *Portuguese Scenery* de Forrester, que desempenha aquelle fim com tanta exactidão como engenho.

Apprendi do meu illustre e espirituoso amigo o principe P. a ser a primeira coisa que faço logo que chego a uma cidade, subir á mais alta das suas torres para obter uma idéa geral da situação topographica, e receber como a impressão de uma especie de desenho de planta; nas outras cidades de Portugal era-me impossivel pôr em pratica essa proficua lição, pela simples razão de que não havia nellas uma unica torre; pelo contrario no Porto foi o meu primeiro proposito subir á torre dos clerigos. É um campanario de cantaria edificado com bastante simplicidade, que se eleva até á altura de 63 varas; o architecto Nicolau Nazzoni, levou trinta e um annos para concluir a edificação, (desde 1732 a 1763). A torre em si é tão pouco digna de uma attenção minuciosa, quanto pelo contrario é maravilhoso o panorama que do alto della se observa. Descobre-se o curso do Douro até ao mar, além da barra, e vê-se o castello e pharol de S. João da Foz. O horisonte é limitado para o lado do norte pela serra de Vallongo, e por entre encostas verdejantes vê-se serpear o rio até perder-se atravéz das montanhas vinhateiras, que junto a Lamego, e Pezo da Regoa, a doze legoas de distancia do Porto, produzem o vinho preciosissimo que é conhecido em ambos os hemispherios sob o nome de vinho do Porto; como se sabe, junto mesmo do Porto dá-se unicamente vinho agro, que sómente é consumido pelas classes mais pobres do povo; e as celebradas vinhas, que pela maior parte pertencem a habitantes do Porto, naturaes, ou estrangeiros, são cultivadas exclusivamente no alto Douro, e por isso dellas se prepara o dominado *vinho do alto Douro*. Descobrimos tambem do nosso elevado ponto de observação os vastos armazens da companhia, onde se deposita o vinho, e donde é exportado para todas as regiões do mundo; são construidos e dispostos com

excellente arranjo; a exportação monta ainda hoje annualmente, (apesar de varios contratempos que o commercio tem soffrido, e apesar de ter augmentado em jnglaterra o consumo do Sherry, e do vinho do Cabo), de 25 a 30 mil pipas, (*a*) pelo preço medio de 25 libras esterlinas a pipa.

Removendo as nossas vistas da contemplação das preciosas vinhas, e dos vastos armazens, e dirigindo-as para as circumvisinhanças, podémos distinguir do nosso pouso aerio as linhas de fortificação, e todos os pontos, que durante o ultimo cerco gozaram de alguma consideração. As fortificações, e paliçadas dos miguelistas, com duplas trincheiras, e prolongadas por extraordinario comprimento, começavam ao sul a legoa e meia da cidade junto á igreja de S. Christovão, dirigiam-se sobre Villa-Nova de Gaia, o ponto mais forte em frente da Arrabida, e prolongavam-se até á lingua de terra denominada o cabedello ao sul do rio defronte de S. João da Foz. Um campo intrincheirado, e alguns redutos nos pontos culminantes deveriam ter sido de grande utilidade. As fortificações pedristas, que tinham sido effectuadas com o maior esmero e diligencia, em virtude dos combates pouco decisivos de Penafiel, e Souto Redondo, e em consequencia de se haver abandonado a offensiva, offereciam a todos os respeitos uma linha mais forte, e mais terrivel, cujos pontos principaes eram o convento da serra, e o costello de S. João da Foz. O primeiro, como já disse, está situado na margem esquerda, e dominava a cidade, a passagem do Douro, e a muitas das posições miguelistas; o ultimo assegurava o livre desembarque, e a communicação necessaria e indispensavel com o mar. Estes dois pontos, mau grado todos os esforços dos miguelistas, nunca poderam ser tomados. Apesar disto parece incrivel como o Porto não cahiu dez vezes em poder de D. Miguel; todavia a impericia dos seus officiaes era extraordinaria, e Bourmont chegou muito tarde.

Depois de termos descido da torre dos clerigos, quizemos visitar um museu recentemente estabelecido, a que ha annexa uma galeria de pinturas; porém como era domingo, estava tudo fechado. Passeámos então por algum tempo n'um sitio destituido de sombra, e empoeirado, a que se dá o nome de passeio publico, e depois fomos ver algumas igrejas. Vimos primeiro uma igreja novamente edificada sob a invocação da Santissima Trindade; porém esta desengraçada caixa de

(*a*) Cada pipa contém 672 garrafas.

pedra, não excitou em mim a menor attenção, e fiquei pensando n'um problema para mim insoluvel, que vem a ser, o motivo porque nesta terra se edificam ignobeis igrejas á custa de immenso dinheiro, ao passo que se deixam caír em ruinas as obras primas architectonicas da idade media. Vimos então a igreja da Lapa com o seu altar caido, e feita no estylo ruim do ultimo seculo; um monumento feito de granito, contêm o coração de D. Pedro. A igreja do Carmo, e a igreja militar, ambas muito sobrecarregadas de douraduras interiormente, são dignas apenas de uma rapida observação; a ultima por causa de uma festa achava-se coberta de tapeçarias por toda a parte; uma apertada multidão de povo, e a repugnante voz desafinada de um castrado, que estava cantando, obrigaram-me a saír dalli dentro em pouco tempo. Ainda devo fazer menção da pequena igreja, que se acha junto da torre dos clerigos, que contêm no coro algumas cadeiras de pau santo muito bem lavradas, alguns altares de marmore, e uma sachristia adornada de espelhos. Deixei de visitar algumas outras igrejas, que não offereciam grande interesse, e depois de um soffrivel jantar que me deram na minha hospedaria no largo da Batalha, abandonei tamhem a resolução que formara de ir ver o theatro, para ter occasião de aproveitar a frescura da tarde, fazendo um passeio sobre as aguas do Douro. Um barco ligeiro e coberto de toldo conduzio-nos em pouco tempo por entre navios e numerosos botes desde o caes mal construido, mas animado, e cheio de mercadorias, até S. João da Foz, onde costumam residir durante a estação calmosa os mais abastados habitantes do Porto. Alguns brigues mercantes inglezes, ligeiros e elegantes como navios de guerra estavam ancorados muito perto da cidade; entre elles fluctuava como um pato entre os cysnes, uma ampla e pezada galiota hollandeza: seguiam-se navios americanos, e finalmente agrande distancia, no logar em que o Douro na sua maior largura vai reunir-se ao oceano, alguns navios mercantes portuguezes, que navegam para o Brasil, comparaveis a naus pela sua corpulencia. As margens do Douro até á foz são agradaveis, e muito cultivadas; as suas povoações, e fabricas dão-lhes uma apparencia de prosperidade, que talvez desapparecesse em virtude de um exame mais aprofundado. Os nossos remeiros mostraram-nos um sitio onde annos antes, segundo nos asseveraram, costumava reunir-se toda a especie de vagabundos, que roubavam os barcos que por alli passavam, para conseguir o que empregavam o ardil de cha-

mar os barqueiros, e estes, julgando que eram mais passageiros, que queriam aproveitar-se da carreira, aproximavam-se á praia, e pagavam caro a sua credulidade; estas historias de salteadores são em geral meio fabulosas; um unico caso que aconteça é quanto basta para que viajantes, e individuos do povo — terroristas, ou credulos, o generalisem para uma nação inteira, e para a duração de annos.

S. João da Foz, e Mattosinhos, como todos os pequenos logares de banhos na proximidade das grandes cidades, são agglomerações de formosas, e de feias casas de campo, cujo encanto principal consiste na localidade em que se acham; pareceu-me porém depois de uma observação prefunctoria, que faltavam alli um certo conforto, as requintadas commodidades, e as necessarias previsões para o alojamento, e recreio dos estrangeiros; coizas todas ellas, que têm augmentado em grande escala em quasi todos os paizes da Europa occidental. Illuminados e conduzidos pelas estrellas, fógos de vigia, e luzes dos navios, regressámos pelo Douro acima, auxiliados pela enchente da maré, com tanta celeridade como tinhamos vindo; foi sómente ao luar que as dimensões do Porto nos pareceram verdadeiramente grandes, e magestosas; a cidade alta, e a cidade baixa com as suas duas collinas da Sé, e da Victoria, com os seus cinco bairros, e na margem esquerda Gaia, e Cabeçudo, prolongam-se em amphitheatro, precipitam-se do mais alto cabeço da montanha até mergulhar-se na superficie das aguas; e ao passo que as luzes mais elevadas resplandecem junto ás estrellas, as pequenas chammas que existem na margem, parecem submergir-se no tenebroso rio.

Quando atravessávamos as ruas da cidade baixa, dirigindo-nos á nossa hospedaria, vieram atacar-nos alguns mendigos, e pediram-nos esmola com o tom e decisiva resolução dos *Bravos* italianos, ou dos heroes dos *Mysterios de Paris* de Eugène Sue. Segundo se affirma, divagam pelas ruas do Porto alguns milhares destes mendigos, que em grande parte foram defensores da sua patria, que ficaram sem pão para comer. Ainda que eu os encontrava a todas as horas, e em todas as partes da cidade, affigurou-se-me consideravel de mais o numero indicado, e póde ser que seja tão inexacto como o numero de habitantes do Porto, que é elevado por quasi todos os portuguezes a 85:000, e que talvez não passa de 60:000. Em consequencia dos imperfeitos recenseamentos de população, desde antigos tempos tem sido coisa muito difficil designar com exactidão o numero de habitantes das

maiores cidades de Portugal, e principalmente do Porto; e assim Antonio Alvares Ribeiro, na sua *Descripção topographica e historica*, e Lima na sua *Geographia de Portugal*, disseram que nos annos de 1732 a 1736 o numero dos habitantes do Porto não chegava bem a 21:000; comtudo o primeiro daquelles escriptores assegura que em 1787 esta cidade tinha 63:500 almas, e Murphy que viajou no paiz no fim do ultimo seculo, falla tambem de mais de 60:000. Link pelo contrario, que esteve em Portugal em 1797, persuade se que Murphy incluio no seu calculo a população dos concelhos circumvisinhos, e assegura que o proprio corregedor lhe apresentara um computo de sómente 30:000: Balbi porém auctor de grande merito, mas algum tanto elogiador, dá ao Porto pelo menos 70:000 habitantes. Como acontece em muitos paizes, os portuguezes das classes infimas são muito adversos aos recenseamentos, pois que julgam ver nesta operação uma base para novos impostos; póde ser que lessem no antigo testamento, que o rei David foi punido pelo Senhor, por haver feito a resenha dos judeos; em conclusão, qualquer que seja o motivo, a verdade é, que existe uma constante vacillação em todos os calculos estatisticos.

Á noute fomos a um *casino*, que se acha com menos mau arranjo; alli encontrámos todos os jornaes portuguezes, muitos inglezes, hespanhoes, e francezes, mas nem um unico allemão, nem se quer o nosso Allgemeine Zeitung, que se encontra por toda a parte, até mesmo na Russia.

O limitado espaço de tempo que podia empregar na minha jornada, não me concedeu percorrer os celebrados valles do Minho, a parte mais ao norte de Portugal; com tudo quiz ao menos ver um specimen, e contemplar a entrada da Suissa lusitana; e por isso resolvi que fossem Braga, e Guimarães o termo da minha digressão. As circumvisinhanças do Porto na direcção do norte não mostram de maneira alguma estarem na proximidade de tão decantadas regiões; vêem-se apenas montanhas de granito, terra negra contendo carvão de pedra, o que fórma um contraste com os terrenos calcareos da provincia da Beira; e valles apertados cobertos de pinheiros, e plantas silvestres onde se encontram raras aldêas, e casaes solitarios; assim continúa por espaço de varias legoas. Passámos pela ponte de Leça, quartel general de D. Miguel durante uma parte do cerco do Porto; é uma pequena aldêa situada no valle, e assombrada por alguns castanheiros; mostraram-nos um palacete, que tem alguma elegancia e que foi a habitação de D. Miguel. A seis legoas do

Porto junto a Villa-Nova de Famalicão apparece finalmente um dos valles do Minho, que nos primeiros momentos faz recordar vivamente o risonho territorio do Tyrol do sul. O solo ennegrecido, os montes escalvados, o campo inculto, e selvatico, e o matto definhado desapparecem como por encantamento: e em uma planicie verdejante entre montanhas, e coberta pela mais rica vegetação vêem-se surgir as mais formosas aldêas entre grupos de arvores antiquissimas; os carvalhos e castanheiros estão plantados em espessas alamedas e são envolvidos por vides trepadeiras, que pendem como grinaldas festivaes de tronco a tronco. Da villa para fóra prolonga-se uma extensa varzea plantada de enormes castanheiros; e no limite desta verde superficie eleva-se o vulto azul escuro da serra Catharina. Desde aqui até á raia hespanhola, vive um povo industrioso e activo, que sabe aproveitar todas as pollegadas da sua bella provincia; comtudo o solo não é sufficiente para satisfazer as necessidades de uma população, que vai crescendo rapidamente; e por isso os habitantes dos valles do Minho partem em bandos dirigidos por chefes a que chamam capatazes, e percorrem o paiz procurando achar emprego para o seu trabalho em outras partes do reino; antigamente emigravam em grande numero para o Brasil. Se a cultura da seda, que ultimamente foi introduzida naquelles valles, e para a qual tudo assegura um bom resultado, vier a tomar incremento, e prosperar, como é muito de esperar se não houver descuido, e erros da parte do governo, e dos cultivadores, nesse caso a sorte dos habitantes daquella formosa região deve melhorar seguramente; o auxilio, e protecção mais efficazes consistiriam em que existisse uma administração publica regular, e uma paz profunda que permittissem o estabelecimento de grandes fabricas nos pontos mais apropriados; por quanto ha talvez poucos paizes, que tenham a possibilidade de um desenvolvimento tão seguro, e tão rapido.

Caminhámos entre valles cultivados, e bosques, percorrendo algumas suaves collinas junto a S. Thiago da Cruz, e chegámos a uma igreja isolada, logar de romaria, que tem a invocação de Nossa Senhora dos Afflictos, e que era antigamente visitada por muitos milhares de peregrinos, como o indica uma fileira de grandes fornos de pão, que juntamente com varios poços se encontram debaixo das arvores junto á igreja. Dentro em pouco tivemos de novo de deixar, mas só por breve tempo, os viçosos, e bem cultivados valles e collinas para nos dirigirmos a uma arida montanha co-

berta de miseravel matto: passámos então por entre massas enormes de granito; a concava estrada aperta-se cada vez mais a ponto de parecer que vai fechar-se de todo; quando repentinamente ao dar uma volta, descobrimos diante de nós uma extensa campina revestida com todas as galas da vegetação meridional, e varias montanhas cobertas até ao cume de folhagem verde escura, e no centro deste quadro apparecia a veneravel Braga, a Augusta Bracarorum dos Romanos, a antiga capital dos Suevos, a historica cidade episcopal das grandes eras portuguezes, onde por milhares de annos estiveram enthronisados os Primazes das Hespanhas. O periodo mais brilhante desta cidade durou até ao seculo decimo-quinto; comtudo depois da importancia, que successivamente foram adquirindo as cidades maritimas em virtude das grandes descobertas que se fizeram, Braga soube alcançar tambem uma especie de consideração e renome por meio da riqueza, e authoridade do seu arcebispado (*a*), bem como pela concorrencia de muitos estrangeiros de todas as partes da peninsula, que vinham alli em romaria. Todavia nos ultimos tempos, depois que o arcebispo de Braga foi em grande parte despojado das suas riquezas, e da sua influencia temporal em virtude das ultimas revoluções, e depois que poderosas commoções politicas ameaçam de desviar o pensamento do povo da velha crença, e dos antigos habitos — é muito natural de entender o como aquella séde do poder, e grandeza ecclesiastica se tem tornado em apenas uma triste sombra do que antes era. Ainda no ultimo seculo foram dois principes da casa de Bragança arcebispos de Braga, quando havia já muito tempo que essa cathedral tinha decahido de sua altura politica, mas quando ainda pela sua riqueza, e pelos seus privilegios sustentava a posição, que hoje em dia ocenpa Olmutz nos estados hereditarios do imperio austrico. O arcebispo tinha mais de 100:000 cruzados de renda, e exercia jurisdicção sobre a cidade de Braga, e sua comarca; nomeava o corregedor, e um juiz ecclesiastico, e outro secular; Braga era a unica cidade que não recebia corregedor, ou juiz de fóra de nomeação regia. Nos

---

(*a*) Até ao tempo da erecção do patriarcado de Lisboa no reinado de D. João V. — era o arcebispo de Braga, o primeiro prelado do reino; foi um arbebispo de Braga, que sobre o campo de Lamego corôou o primeiro rei de Portugal D. Affonso Henriques, (em 1143), com a grande corôa de ouro dos reis Visigodos, que era conservada na abbadia de Lorvão.

coutos (*a*) das circumvisinhanças o arcebispo decidia em ultima instancia até mesmo casos criminaes. Muitos reis tinham feito a esta primeira sé episcopal do reino doações de dominios, e palacios na provincia de entre Douro, e Minho, e por uma serie de seculos o arcebispo de Braga gosou a honra de primaz de Hespanha e Portugal, a principio effectiva, e depois nominalmente. Nesta cidade historica, presentemente tão destituida de consideração, tudo faz lembrar as suas tres grandes epochas, tudo é animado pelo prestigio dessas recordações. Do tempo dos Romanos podem ainda alli hoje observar-se as ruinas de um templo, de um aqueducto, de um amphitheatro, e de outras construcções de menos importancia; encontram-se tambem fragmentos de uma muralha do tempo do dominio Suevo, e a cathedral com o tumulo do fundador da monarchia Portugueza é o monumento mais rico de recordações do periodo episcopal, que se achava em intima ligação com os grandes tempos feudaes sob o governo dos reis borgonhezes; admiravel raça de heroes — de principes cavalheirosos, e galanteadores, que tinham por servidores homens extraordinarios, e que offereciam grande semelhança em muitas cousas com os Valois, e em outras com os Stuarts.

Apeei-me junto do portal da cathedral, pois que seria até peccaminoso estar uma hora que fosse em Braga sem visitar aquelle templo. É um edificio gothico antigo, de fórma algum tanto abatida, e angulosa, ainda que bastante vasto, feito de cantaria e — infelizmente — rebocado de branco interiormente. Não me souberam dizer com exatidão a data da sua primeira fundação; o proprio sacristão indicou, (o que dizem tambem algumas obras modernas), como primeiro edificador a Henrique de Borgonha conde e senhor de Portugal (*b*), o qual todavia apenas completou, melhorou, e ampliou a cathedral. Falleceu nos ultimos dias de Abril, ou nos primeiros de Maio de 1112, e jaz á direita do altar mór. O seu acanhado monumento sepulcral feito de grês, (sobre elle existe o vulto do defunto com armadura completa; faltam-lhe o braço esquerdo, e a mão direita) foi erigido 400 annos depois pelo arcebispo de Braga Diogo de Sousa, pon-

---

(*a*) *Locus cautus* originariamente asylos, ou logares onde tinha jurisdicção a authoridade ecclesiastida; *cantatæ* propriedades isentas, e privilegiadas.

(*b*) O Conde D. Henrique possuia já este titulo um mez depois da morte de Affonso VI rei de Castella e de Leão, (a 29 de Junho de 1109: Vid. Ribeiro *Diss* t. III. p. 52.

do-lhe a seguinte inscripção em harmonia com as idéas historicas d'aquelle tempo: *D. O. M. D. Enrico Vngarorum Regis filio, Portug. Com.* Esta confusão de Borgonha com a Hungria era geral no seculo 16 em Portugal; por isso tambem Camões diz no canto 3.° dos Lusiadas, (Est. 25.)

> D'estes Henrique, dizem que segundo
> Filho de um rei de Hungria exprimentado, etc.

e tres estancias depois «*O forte e famoso Hungaro*», quando é evidente por todas as tradições, e authoridades, que o conde D. Henrique era o quarto filho de Henrique de Borgonha, neto de Roberto I. duque da baixa-Borgonha, e bisneto de Roberto rei de França. Em frente do grande conde ao lado esquerdo do altar acha-se o sepulcro da sua bella esposa Theresa de Castella, filha de Affonso VI. e da sua amante Ximene Muñoz. O seu vulto talhado tambem emgrés jaz sobre um sarcophago de fórma meio antiga; um escultor mais moderno accrescentou formosas feições á figura d'esta mulher de celebrada belleza; tem igualmente sobre a sepultura a coróa real, por quanto durante a sua regencia possuia o titulo de rainha, ainda que no tempo em que viveu seu esposo, sómente era designada como infanta de Hespanha e condessa — (Infantessa Cometissa). Falleceu no 1.° de Novembro 1130. Esta mulher, que desempenhou um papel tão importante na historia portugueza, (aliás muito rica em todas as epochas de mulheres celebres, e formosas), foi tractada de maneira mui desabrida por um poeta incontestavelmente galanteador, e terno; reputou-a mais criminosa do que Progne, e Medéa; e parece tomar á má parte as suas aventuras amorosas com Fernando Peres conde de Transtamara, como se conclue da *incontinencia má (a)*, que desapiedadamente assevera ser o seu vicio principal.

Datam d'este tempo os distinctos privilegios, e direitos do arcebispado de Braga, pois que D. Affonso Henriques teve de prometter as mais dilatadas propriedades, e isenções ao arcebispo Pelagio pelo auxilio, que este prelado lhe prestou contra sua mãi a rainha Theresa; as cousas chegaram a ponto, de que o rei então principe ou infante no pacto subscripto a 28 de Maio de 1128 dirigiu ao arcebispo as seguintes palavras; «*Ut tu sis adjutor meus*». O principe da igreja cumprio a sua palavra, e um mez depois D. Affon-

(a) Luz. Canto 3.° Est. 32.

so Henriques reinou livre da tutela de sua mãi, e do seu partido. — O actual arcebispo tem apenas, segundo creio quatro cavallos, e dois machos: — isto sómente, ao passo que o seu poderoso antecessor contava ás suas ordens milhares de cavalleiros.

Vimos tambem o sepulcro de um joven infante, filho de D. João I, que falleceu ainda creança em Braga no principio do 15.º seculo, e que jaz debaixo de um pulpito. O seu tumulo é de bronze, coberto por um pequeno baldaquino, e do lado da cabeça acha-se um anjo de joelhos; toda esta obra é executada grosseiramente, mas não deixa de ter um certo merito artistico, e é um dos poucos monumentos de bronze d'este paiz. Os outros quatro filhos de D. João I, estão sepultados no seu jazigo da Batalha.

Em um claustro repousa em um nicho o grande arcebispo de Braga Lourenço octagesimo sexto primaz das Hespanhas, que tão notavelmente figurou durante o cerco de Lisboa, (em 1384 quando D. João I, de Castella atacava o mestre de Aviz) — e que morreu com as armas na mão na celebrada batalha de Aljubarrota a 14 de Agosto de 1385. É ainda hoje um dos heroes mais populares de Portugal principalmente nos districtos do norte. Não ha portuguez algum que não saiba, que elle, na madrugada do dia decisivo, apresentou-se á frente do exercito do rei D. João com armadura completa, e trazendo uma cruz alçada, abençoou os combatentes, promettendo absolvição em nome de Urbano VI a todos os que combatessem contra os scismaticos castelhanos, partidarios do anti-papa Clemente VII (Roberto de Gent.) Li em uma velha chronica da cathedral de Braga, que o bellicoso prelado trouxera durante a batalha como adorno do elmo a imagem da mãi de Deos feita de prata, e na mão a sua cruz primacial. Depois narra a chronica diffusamente como outorgou ao exercito a absolvição, e benção do Todo-Poderoso, e accrescenta «*Após as acções de bom pastor, passou o Arcebispo ás de bom caualeiro*». O que é muito singular — nunca se poude saber com certeza o nome de familia d'este celebre principe da igreja; nenhuma obra portugueza de historia o indica, e a mesma chronica mencionada é inteiramente omissa n'este ponto. O arcebispo Lourenço foi sepultado na sé de Braga em 1397; o seu actual monumento é do anno 1663, e foi erigido por um dos seus successores.

A igreja em si, como a maior parte das de Portugal é pobre em objectos de arte; ha apenas algumas imagens de

madeira desfiguradas sobre os altares, e nos nichos; o côro pelo contrario é de notavel belleza; o revestimento das paredes, a cadeira do arcebispo, e os assentos dos 32 conegos são de pau santo primorosamente lavrado, coberto de riquissimas douraduras com a maior pompa, e o melhor gosto. Sobre os espaldares das cadeiras do côro acham-se collocados os nomes, e brazões das mais nobres familias de Portugal, que tiveram antigamente a investidura de canonicatos de Braga. O actual arcebispo estava apenas apresentado ao tempo da minha residencia, e faltava-lhe a confirmação papal.

Um obeso mulato, e um portuguez de idade mui avançada, ambos sacristães da igreja, levaram-me finalmente a vêr a sacristia; está cheia de despojos de muitos conventos, e igrejas extinctas — os quaes dispostos sem consciencia, nem tino dão á casa a apparencia de uma loja de adélo; a par de cousas interessantes, e cheias de valor historico, ou material, encontram-se moveis triviaes e grosseiros misturados ridiculamente com objectos de um uso inteiramente profano. E assim vi a um canto, trazidos d'um convento de Franciscanos algumas talhas da India á semelhança daquellas que vem de Calcutta para Londres, e para Amsterdão, e que vemos sobre as nossas mezas cheias de conserva de cidra, e gengibre; n'aquell-outro sitio eram destinadas para guardar reliquias. Achava-se alli tambem um calix de prata dourada, adornado de muitas campainhas obra do 16.º seculo executada com a maior belleza; e outro mais pequeno de prata lavrada com que celebrava S. Geraldo, é feito igualmente com o maior esmero. Observei perfunctoriamente o sino, e casulas de Gaspar de Bragança arcebispo de Braga, diversos vasos de muito valor de prata, e prata dourada, (os de ouro, e cravejados de diamantes extraviaram-se), um altar com altos relevos de diversas côres, e dourados, que representa o triumpho da religião, e que é muito velho, e semelhante a um quadro de Hemeling ou de Cranach; e muitos outros objectos de alguma valia. Ao sair da igreja vimos á entrada um baptisterio de granito, d'um lavor antiquissimo; quatro leôas que devoravam seus filhos sustentavam a pia. Deixo aos theologos a explicação d'esta allegoria.

Dirigimo-nos á praça do mercado por varias ruas estreitas, e angulosas. Parece que sómente existem hoje em dia diminutos restos da industria de Braga outr'ora consideravel; os armeiros, que na idade media tiveram

uma certa reputação, desappareceram, e as chapelarias em grande parte já se não occupam senão em fazer a especie particular de chapéos de que usam os camponezes do Minho. Os ourives do ouro porém têm-se conservado em grande numero, e as suas obras são muito apreciadas em todo o Portugal, e nas provincias do noroeste da Hespanha: vi alguns objectos de bastante belleza feitos de filagrana e ouro lavrado, no gosto do 16.° seculo, e cravejados de perolas, e pontas de diamantes; a maior parte d'estes objectos eram bocetas para reliquias, que presas a grandes grilhões de ouro costumam ser trazidas ao pescoço pelas mulheres: ou tambem arrecadas de fórma arredondada com pequenas cabeças de anjos, e arabescos.

A grande praça a que depois nos dirigimos para procurar a nossa hospedaria — *Os dois amigos*, — é de vastidão consideravel, tem uma apparencia agradavel e risonha com um certo colorido de ancianidade, de modo que parece pertencer a uma cidade imperial do sul da Allemanha. O celebre logar de romaria — *o senhor Bom Jesus do Monte* — sobre uma montanha coberta de vegetação até ao cume, domina a praça da cidade, posto que se ache a meia legoa de distancia. Depois de *os dois amigos* nos haverem dado um jantar, que não era dos mais apetitosos, alugámos dois potros, para deixar descançar os nossos cavallos fatigados por uma accelerada marcha, e caminhámos pelos arrabaldes, e atravéz de quintas em direcção á mais notavel das igrejas portuguezas, que são visitadas por romeiros. Um caminho murado e escabroso adornado de capellas, e cruzeiros, coberto e assombrado pelas mais bellas arvores, muitas das quaes são cortadas á tesoura — conduz entre duas balaustradas de pedra até meia altura da montanha, donde se elevam uns sobre os outros doze a quatorze terrassos guarnecidos de estatuas, fontes, canteiros de flores, e repuxos, e communicando entre si por meio de escadarias. Na planura da montanha existe a igreja por detraz de um jardim maior adornado de balaustradas, estatuas, e fontes donde se descobre em pomposa perspectiva Braga, seus prados verdejantes, as proximas collinas cobertas de vegetação, e as longinquas e elevadas cordilheiras. Falta apenas um grande rio ao valle de Braga para o fazer um dos sitios mais encantadores do mundo; por quanto o Cavado, e o Deste entre os quaes é comprehendido o termo da cidade são muito insignificantes, e não se acham em proximidade bastante para dar vida, e variedade áquelle formoso quadro de verdura. Quando a agua escacêa de todo na planicie, são tan-

to mais bellas então as fontes que se encontram em todos os terrassos da montanha, e principalmente observando-se do valle, é um lindo espectaculo ver tantas aguas repuxando umas sobre outras; e pois que as espadanas de cada repuxo attingem ordinariamente a altura do tanque immediatamente superior — parece, com a mais perfeita illusão, que é uma unica massa collossal de agua, que vai trepando ao longo da montanha. A igreja que tem um zimborio, e dois pequenos campanarios, é edificada no estylo corrupto italiano, e não contém nem um só objecto de arte, nenhum quadro, nenhuma estatua, nem se quer uma miseravel esculptura em madeira, ou em metal. A condição da arte n'este paiz tem realmente um não sei quê de afflictivo; póde-se desejar unicamente aos portuguezes de hoje, que se propague entre elles alguma cousa do instincto artistico do seu rei, por quanto D. Fernando II não sómente é um conhecedor muito perito, mas exerce elle proprio as bellas artes com a maior proficiencia e com o gosto mais depurado. Muitas estampas gravadas a agua forte pela sua mão, (das quaes possuo algumas por graça especial de Sua Magestade), dão mais completo testemunho do que levo dito, do que tudo quanto eu poderia adduzir. Se não houvesse cabido em sorte ao joven monarca o distincto logar que occupa, poderia entre a classe media obter exuberantemente a sua subsistencia, como artista peritissimo, e nas primeiras capitaes alcançaria uma reputação tal como infelizmente a não póde adquirir na arte nenhum dos seus subditos.

Para formar um contraste singular com a igreja do Bom Jesus do Monte, inteiramente destituida de quadros — ha duas pequenas sacristias cheias de retractos que na verdade são tão mal pintados, e representam individuos tão obscuros, que só desempenham um fim — aquelle para que foram alli collocados, e vem a ser, excitar a vaidade para obter doações a beneficio da igreja; com effeito são esses os retractos de todos os bemfeitores d'aquelle estabelecimento de devoção, que alcançaram o direito de expôr as suas physionomias á critica do publico; nunca vi uma reunião de mais deformes feições, nem maior miscellania de cabeças taes como raramente se encontram no mundo. Entre todos elles fiz apenas o reparo de que junto ao ultimo duque de Cadaval, que era sacristão-mór d'aquella igreja e que apresenta um rosto juvenil *à la Régence*, acha-se a velha physionomia tuberculosa, a cabeça de cervejeiro de um rico burguez de Braga que mandou concluir alguns dos pequenos jardins da montanha. Tu-

do aquillo junto era tão horrivelmente feio, que foi para mim o mais cordeal prazer sair d'esse recinto; e caminhando por entre carvalhos, pinheiros, cedros, e toda a especie de viçosos arbustos, dirigi-me a Braga, e entrando na minha hospedaria procurei ahi o repouso do somno apoz um dia algum tanto laborioso.

Na manhã seguinte partimos de Braga antes do nascer do sol, e subimos durante hora e meia ao longo de ingremes encostas até chegarmos ao mais alto pincaro de uma montanha onde se acha o pequeno convento da Falperra; aqui fizemos descançar os nossos cavallos, e lançámos ainda uma ultima vista sobre o formoso valle de Braga, cujos jardins, boscagens, e prados cobertos com o fresco orvalho matutino, e brilhando com mil côres desdobravam-se em um magnifico quadro de pompa meridional; á direita sobre uma altura dominante levantava-se o Senhor Jesus do Monte com os seus jardins e fontes, e limitavam o horisonte em tres direcções duas fileiras de serras — as mais remotas sobranceiras ás mais proximas. Espesso nevoeiro pousava sobre os terrenos baixos, e enchia os concavos das montanhas; todo este extenso quadro jazia em solemne repouso, e sómente o monotono chiar dos carros campestres perturbava essa harmonia de grandeza, e tranquillidade, até que os primeiros raios do sol nascente avermelharam os cabeços da serra do Gerez. O despertar da vida nas ruas de Braga saudava o rosado clarão do dia; os sons de instrumentos militares partindo do valle vinham ter até á nossa altura, e tambem n'esse logar — como outr'ora tantas vezes me acontecera em mais serias conjuncturas — revocaram-me de novo dos meus sonhos para a vida prosaica.

Montámos a cavallo e caminhámos por um solo cortado por regatos que parecia bem cultivado, e a que não faltavam tambem encantos agrestes; duas horas depois passámos pelas caldas das Taipas, pequena povoação de banhos muito visitada pelos habitantes dos arredores, mas que de modo nenhum corresponde ás idéas, que costumâmos ligar a um estabelecimento d'aquella especie. Era um bello dia de verão; e como durante a noite havia chovido copiosamente, estava a atmosphera mais pura, e agradavel do que costuma succeder alli no dia 19 de Junho; muitos camponezes, e pequenas caravanas de individuos abastados, e habitantes da cidade davam animação aos caminhos, e dirigiam-se em parte aos mencionados banhos, ou ao mercado de cavalgaduras em Guimarães; o maior numero iam montados em machos, e

em cavallos, os homens sobre antigas celas portuguezas semelhantes ás dos nossos dragões, as senhoras sentavam-se em cadeirinhas atravessadas, e afiveladas sobre os animaes, pendendo inferiormente pequenas taboas em que se apoiam os pés das cavalleiras; aquelles assentos semelham as Artolas dos banhos dos pyrenéus, e das serras da Biscaia. Pareceu-me muito singular, que todos os homens, que no seu trajo não indicavam ser camponezes das circumvisinhanças, vinham armados; pendiam-lhes das sellas clavinas, bacamartes, ou velhos sabres enferrujados — o que de certo é mais um habito, do que a necessidade de defeza, apezar das muitas narrações de assassinios com que principalmente certos jornaes Allemães costumam brindar o publico quando tratam de Portugal; pela minha parte não tenho motivo algum para considerar este paiz tão falto de segurança, como se tem dito; pois que nas minhas jornadas algum tanto extensas nunca me aconteceu o menor encontro desagradavel, apezar de constantemente haver dispensado escoltas, e apezar de que as armas do meu pequeno sequito consistiam unicamente em alguns talheres de meza, que muito bem guardados dentro dos seus estojos, no fundo dos nossos alforges, apenas viam a luz do dia ao tempo das comidas. A pouca distancia das Caldas das Taipas encontrámos um grande cavalheiro dos arredores, que me foi indigitado pelo meu guia miguelista como um dos mais zelosos partidarios do seu rei expulso. Este desgraçado principe conta particularmente no districto de Braga mais amigos dedicados do que no resto do paiz, visto que foi elle, desde muito tempo, a unica pessoa regente de Portugal que residio em Braga; e porque o clero que n'essas terras possuia grandes bens, e avultados beneficios exerce ahi ainda hoje um influxo consideravel; os frades expulsos, pela maior parte oriundos d'aquelles sitios, regressaram depois da abolição dos seus conventos, e mosteiros para o lar paterno, e naturalmente mantiveram entre os seus parentes aquelle seu modo de pensar; comtudo é tambem innegavel que o maior numero dos camponezes, e cazeiros dependentes dos dominios ecclesiasticos achavam-se muito melhor sob a antiga authoridade, do que actualmente ligados a ambiciosos especuladores, que tendo á custa de sommas diminutas, entrado na posse de ricas herdades, agora com soffreguidão, e extorsões de toda a especie esforçam-se por ganhar no menor tempo possivel, cento por cento do preço da compra, para, (no constante receio de um regresso á antiga ordem de cousas), abandonarem os edificios deteriorados, e o solo exhausto a quem mais offerecer.

O cavalheiro miguelista, que encontrámos, dirigia-se na companhia de sua esposa, uma ingleza loura, e engraçada, ás Caldas das Taipas dentro d'um *cabriolet*, mais apropriado ás ruas de Paris do que aos caminhos montanhosos do Minho; alguns cavallos com selins inglezes para homens e para senhoras eram conduzidos á mão por *grooms;* á excepção desta familia não encontrei no interior do paiz individuo algum que viajasse de um modo em harmonia com os costumes do resto da Europa civilisada; quem não vai a cavallo, ou a pé, tambem não usa de carrinho, ou carruagem, mas deixa-se levar atravez dos campos e bosques, e subindo ou descendo montanhas dentro de uma caixa fechada, que tem exactamente a mesma apparencia das liteiras de Dresde, e de Vienna: adiante vai um macho, e atraz outro, que levam suspenso por corrêas a dois varaes o vacillante receptaculo dos viajantes, interiormente ha dois assentos para duas pessoas uma em frente da outra, de maneira que uma dellas, nestas regiões montanhosas, tem de constantemente cair desamparadamente sobre o companheiro; o que faz ainda mais insupportavel esta primitiva especie de viatura, são as campainhas, e guizos que prezos ao pescoço, na cabeça, e muitas vezes nas costas dos machos, produzem, durante o moroso andar daquelles animaes, um estrondo monotono, que ensurdece, que impossibilita toda a conversação, e que nada tem de commum com o tinir cadenciado dos cavallos, que pucham a galope os nossos trenós. Comtudo nada me admira já em Portugal a este respeito, desde que vi a infanta D. Anna de Jesus, marqueza de Loulé, partindo da festa do duque da Terceira no Sobralinho, dentro d'uma carruagem puchada por bois.

Pois que nós felizmente não tinhamos de sevir-nos de animaes tão morosos, chegámos ainda antes do meio-dia a Guimarães. Esta primeira, e mais antiga capital de Portugal, existe sobre uma altura cingida por agradaveis, e fecundos valles. Não me foi possivel ver coisa alguma das antiguidades romanas — o templo de Ceres, e os banhos thermaes, de que fallam muitos escriptores; por quanto nenhum dos habitantes a quem perguntámos, e que sómente se occupam com o presente, nos pôude dar a menor noticia ácerca daquelles objéctos notaveis. Pelo contrario a collegiada que se achava defronte da nossa hospedaria, não foi muito difficil de achar. Na parede exterior da igreja existe esculpida em pedra uma inscripção a principio muito antiga, e quasi illegivel, e depois em caracteres mais modernos, a qual attesta que D.

João I, filho de D. Pedro, (*a*) e Rei de Portugal mandou começar a edificar este templo a 6 de Maio de 1425 por motivo da victoria da Aljubarrota, obtida sobre o exercito de D. João de Castella. A pouca distancia acha-se uma oliveira, que já no tempo daquelle Rei assombrava uma cruz de pedra, (Nossa Senhora da Oliveira), que na terra gosa da maior veneração; uma segunda cruz inteiramente semelhante a esta encontra-se fóra da villa; diz-se que D. João I, em consequencia d'um voto que fizera, depois da sua grande batalha, caminhou a pé e em oração desde uma das cruzes até á outra. Estas recordações do dia decisivo, que ha quasi tres seculos assegurou a Portugal a sua independencia, estendem-se por todo o paiz como um rasto luminoso, vivem na altiva memoria de todos os portuguezes, ao passo que nada sabem já dos romanos, e dos suevos, e parece terem esquecido o tempo da oppressão hespanhola. Talvez foi essa mesma oppressão do povo visinho, o que fez que contra elle se tornasse cada vez mais geral e energico o odio dos portuguezes, e que a gloria do seu triumpho sobre a poderosa Castella, se conservasse com tanto resplandor, que durante o dominio dos Philippes, foi até severamente prohibido proferir a palavra Aljubarrota.

A entrada daquella notavel igreja de Guimarães, acha-se a pia em que foi baptisado no fim do 11.º seculo, D. Affonso Henriques (*b*) primeiro Rei de Portugal, e a qual, depois de edificada por D. João I esta igreja, foi para ahi trazida da antiga ermida. O interior do templo é vasto, alto, arejado com abobadas de arrojado lançamento, como era natural que fosse a edificação feita por um Rei, sob o qual a architectura floreceu tanto. Na capella onde são guardadas as sagradas particulas, acha-se para aquelle effeito um sacrario de prata lavrada; ainda me admirou menos a belleza do seu trabalho, do que a circumstancia de ainda alli se achar naquelle logar, apesar do metal precioso de que é feito. O altar é rico em boas esculpturas, e douraduras; comtudo o que mais me admirou, foi o côro de páo santo trabalhado com o primor que é geral em Portugal nas obras de madeira, e além disto adornado com a mais engraçada marchetaria, como os pequenos

(*a*) D. João I fundador da dynastia de Aviz era filho natural de Pedro o cruel, e de uma mulher de Galliza, de humilde nascimento.

(*b*) Nenhum documento designa o logar do nascimento de D. Affonso Henriques, nem tão pouco a época do casamento de seu pai; deve porém ter sido antes de 1095.

moveis de Boule; almofadas de damasco vermelho realçam ainda o effeito deste côro, que se acha desconhecido, e perdido n'um dos extremos de Portugal, e que poderia ser o ornamento das primeiras sés de grandes capitaes. N'um canto da igreja uma gradaria de ferro dá entrada para uma rotunda meio affastada, que contém o mausoléo de D. Maria Pinheira heroina portugueza, que apesar de não estar canonisada, é venerada na terra como santa; na muito preconisada batalha de Aljubarrota, precipitou-se sobre os inimigos á frente das tropas portuguezas, e com um ramo de palmeira na mão. A conclusão das minhas visitas ás igrejas, costuma sempre ser, observar os objectos notaveis guardados nas sacristias, onde muitas vezes entre grande quantidade de farrapos se vai encontrar alguma peça preciosa, ou digna de exame. Não pude chegar a ver o thesouro da igreja, por quantó o primeiro sacristão, que é o clavicularío, tinha ido para o campo; não tive remedio senão contentar-me com a narração bombastica de um conego, que primeiramente me fallou muito da antiga magnificencia, e dignidade desta abbadia, cujo mitrado prior se manteve sempre meio independente de Braga; e dos 30 canonicatos que reduzidos hoje a 22, estavam em caminho de serem todos abolidos; depois o bom do ecclesiastico, que passeava de um para outro lado com toda a solemnidade da sua murça rouxa, e da sua sobrepeliz de rendas, progredio na descripção das coisas notaveis, infelizmente fechadas para mim, a saber: uma cota de malha de D. João I, uma corôa de diamantes (?) dada por D. João III, e outros objectos analogos; no fim da narração tinhamos percorrido em todas as direcções o claustro, que é muito bello e antigo, ainda que algum tanto deteriorado, e preparavamo-nos tambem para deixar a sacristia, quando o meu conductor ecclesiastico descobrio a um canto um specimen, não encarcerado, do thesouro invisivel, e com um olhar triumphante quiz indicar *ex ungue leonem;* era uma cruz de prata de seis pés de altura toda lavrada, executada com esmero magistral, gôsto, e a maior delicadeza, e com a fórma, que pela expressão heraldica franceza, é denominada *croix fleurdelysée.* (*a*) Esta cruz ia alçada adiante do prior quando este assistia aos actos religiosos de maior solemnidade: foi um presente de el-rei D. Affonso V. (reinou de 1448 a 1481).

Quando regressámos á nossa hospedaria, achamo-la cheia

(*a*) Cruz que termina como meios lizes, ou pontas em fórma do ferro de uma lança; porêm nos angulos não tem lizes.

de honrados habitantes dos arredores, que com botas de montar, e pezadas esporas faziam tanta bulha, quanta lhe era possivel, pelas escadas, e solhos, e pertendiam pôr embargo em todos os víveres da casa: a venda de uma propriedade ecclesiastica tinha-os arrancado ao seu repouso campestre, e havia-os feito montar a cavallo, e dirigir-se para a cidade. Pareciam muito irritados contra alguns especuladores de Lisboa, que ameaçavam supera-los com maiores lanços, e que além disto intentavam apoderar-se, por meio de compra, das propriedades, que os outros traziam por arrendamento, dos conventos, e ultimamente do governo; e (se é que eu percebi inteiramente a confusa narração do meu estalajadeiro) as quaes já por muitas gerações tinham sido possuidas pelas familias daquelles individuos, de modo que estes se achavam para com os conventos em uma relação de dependencia, que correspondia ao que tinha logar a respeito do vidama francez.

Os meus criados conseguiram porêm obter um quarto, e um logar junto ao lar; e depois d'um jantar frugal, que ainda podémos alcançar, partimos de Guimarães para voltar ao Porto pela serra de Santa Catharina, o que é uma jornada de oito leguas portuguezas. Os caminhos eram aqui, se é possivel, ainda mais impraticaveis do que nos outros districtos, que tinhamos percorrido, pela razão de que esta estrada é menos transitada do que a que vai de Coimbra ao Porto, e a Braga. O territorio é muito bello, e romantico; e ainda que, percorrendo carreiros ingremes, e atulhados de montões de pedras, ou saltando barrancos, tivessemos frequentemente de exercitar a nossa paciencia, comtudo faziamos alto muitas vezes para conceder um lanço d'olhos aos prados viçosos, ás suaves, e bem cultivadas encostas, e ás serras magestosas. É realmente admiravel o como é rica de arvoredos esta provincia; sem haver um grande numero de bosques propriamente ditos, comtudo, todos os campos, quintas, caminhos, e planicies estão cheios de arvores tão cerradas, que o territorio inteiro mostra uma apparencia de tão esmerada cultura como a Touraine, Flandres, e Dessau, como os territorios do continente europeu mais celebrados pela sua economia agricola. Comtudo uma critica severa não faria um elogio sem restricções ao modo como em geral são agricultados os valles do Minho; nem tão pouco se poderia estabelecer parallelo entre elles e as encantadoras regiões de algumas partes da Inglaterra, onde a condição do maximo rendimento se associa á do gosto mais depurado.

Á tarde parámos um momento no Carneiro, aldêa situa-

da entre as montanhas; depois caminha-se por um valle comprido, e bastantemente largo; á nossa esquerda, e encostando-se á serra, existiam os banhos de Visella; viam-se rapazes mendigos, arrastando-se para fóra de cabanas tão mesquinhas, que nascia naturalmente a curiosidade de parar, e perguntar como era possivel, que n'uma terra tão magestosa, e tão ricamente dotada pela Creador, os homens, e suas habitações fossem tão miseraveis. Os mendigos corriam junto aos cavallos, e davam cambalhotas, exactamente do mesmo modo como fazem os das estradas do sul da França junto ás carruagens de posta, que correm a galope.

Perto da meia noite chegámos ao Porto; depois de poucas horas de descanço montámos de novo, pois que tinhamos ainda de fazer uma longa marcha. Entrámos na provincia da Beira por um valle agradavel junto á Feira; ao meio dia, depois de uma jornada de cinco legoas, parámos além de Oliveira de Azemeis em uma pequena aldêa meio occultada por um grande numero de arvores, e que se chama S. João da Madeira. Á tarde descobrimos entre a nova, e a velha Albergaria a primeira, e mais completa matta de córte de Portugal; são pinheiros de grande altura, quasi todos da mesma especie; os córtes fazem-se regularmente, e tem-se mesmo feito novas plantações; era isto mais do que eu esperava, e explica-se pela circumstancia de se achar esta matta proxima do mar, e ter sido aproveitada desde muitos seculos para construcções navaes. Atravéz de uma clareira descobria-se uma bella prespectiva de extensos valles, o Vouga, e a planicie e ria de Aveiro. Tendo atravessado o Vouga sobre uma grande ponte, fizemos alto á noite na Albergaria velha, que é a estação media no caminho do Porto a Coimbra. Muitas caravanas de machos, que tinham chegado antes de nós, haviam tomado já a maior parte do espaço nesta grande mas unica hospedaria, de maneira que nós só com difficuldade obtivemos alojamento; alguns allemães que vieram mais tarde, entre elles o sobrinho do meu amigo Meyer, consul geral em Bordeos, e o Snr C. de Hamburgo, tiveram de contentar-se com o pavimento da casa de jantar. Ainda que diariamente chegam aqui muitas cavalgadas, (por que quasi ninguem viaja só), e nunca se encontra nem logar, nem comida sufficiente; comtudo até agora nem o estalajadeiro tratou de fazer melhores accommodações, nemo utro individuo se lembrou de estabelecer uma segunda hospedaria; a industria, e o conforto acham-se ainda n'um estado muito primitivo naquella terra. Esta região parece em geral

ser um dos sitios mais pobres do paiz; a cultura dos campos acha-se ainda em grande imperfeição, e atrazo, e as aldêas pela maior parte apresentam um aspecto de indigencia, e solidão; os seus habitantes occupam-se mais com as artes fabris do que com a agricultura, e creação de gados: vimos por exemplo uma aldêa de alguma grandeza, mas muito miseravel, denominada Moris, cujas casas semelham a cavernas de troglodytes, onde a povoação tira unicamente a subsistencia das suas officinas de pregaria; felizmente ainda alli não penetraram as maquinas de vapor: aliàs morreria de fome toda aquella gente.

Na manhã seguinte percorremos um territorio algum tanto mais bem cultivado; a principio seguimos um largo caminho por entre pinhaes que se prolongam excessivamente para o interior do paiz; depois viemos ter ao Sardão, junto ao rio Agueda, que é um dos affluentes do Vouga; esta povoação estava na maior actividade, pois que era dia de feira: a praça, as margens do rio Agueda, e as planicies relvosas circumvisinhas achavam-se atulhadas de uma grande multidão de gente em activo trafego, e fazendo excessiva bulha; as cordilheiras, que a Leste da serra de Beisteros, até á serra de Alcoba, se estendem até duas legoas de distancia do Sardão, são ricas em metaes, e carvão de pedra. Por isso ha pouco tempo veio alli estabelecer-se uma companhia de inglezes, que tem feito excavações em procura de mercurio, cobre, e carvão de pedra. e tem derramado muito dinheiro entre o povo indigente. Encontra-se ahi tambem o grès granitico vermelho, que é muito abundante á róda de Homburgo dos montes, e é empregado na construcção das casas, pilares, e póços. Partindo do Sardão seguimos ainda por duas legoas a estrada real de Coimbra, e depois cortámos á esquerda em direcção ás montanhas, a fim de chegarmos ainda de dia á serra, e convento do Bussaco.

Quanto mais nos approximavamos á região da serra, tanto mais rica se ostentava a vegetação e o solo mais bem cultivado, e mais agradavel; fiz reparo particularmente em uma grande quantidade de herva moura, que florecia, e recendia junto a antigos arvoredos, e nas sebes das quintas. Comtudo este quadro formoso é de pequena duração, e como uma pequena orla, cessa logo ao levantar-se o terreno da serra. Então viam-se de novo miseraveis aldêas, e casas, que me faziam recordar as regiões montanhosas da Segre alta na Catalunha. Finalmente, depois de uma jornada de muitas horas chegámos a um muro comprido e elevado, cujo princi-

pio, e fim não podiamos ver, porque se perdiam nas circumvoluções do terreno. Estava aberta uma pequena porta por onde entrámos no bosque sagrado de Bussaco. Acredito haver eu colhido alli uma idéa completa dos bosques do Libano. Ao longo de veredas tortuosas interrompidas por torrentes que nasciam da montanha, caminhámas nós á sombra de cedros (*a*) de seculos de idade, os quaes crescem aos milhares nesse abençoado canto de terra; seus elevados troncos são abraçados por espessa hera, e os ramos vigorosos cobrem e protegem impenetraveis mattas de louro; por entre as folhas aciculares dos cedros mistura-se a folhagem de platanos gigantescos, de castanheiros, de nogueiras sempre verdes; vêem-se tambem muitos pinheiros maritimos, as corôas engraçadas dos pinheiros sylvestres, e os troncos expessos e nodosos dos sovereiros. Como neste sanctuario nunca penetrou o ferro de um machado, acontece que as novas plantas de todas aquellas especies de arvores surgem de um solo fecundo, formando espessas mattas ao pé desses antigos troncos, que magestosa, e seberanamente elevam a grande altura a sua cabeça por de cima da nova geração. Isto tudo reunido, e por uma tão grande extensão, causa necessariamente a mais profunda impressão; accredita-se, que se está transportado aos antiquissimos bosques do Oriente; o que é certo é que o parque, ou cerca do Bussaco, não tem outro na Europa, que se lhe possa comparar. O religioso e louvavel respeito com que durante tantas gerações se tem conservado intacto aquelle bosque, explica-se facilmente quando á entrada principal do parque, se lê esculpida em marmore branco a Bulla, pela qual o Papa Urbano VIII (em 1643) declarou, que ficariam excommungados todos aquelles que derrubassem alguma das arvores da cerca do Bussaco. A mui pequena distancia acha-se n'um espaço fechado por um muro, uma segunda Bulla do Papa Gregorio XV, (em 1622) em que se prohibe a entrada de mulheres, e a irrupção neste recinto. Todo este luxo de precauções, e prohibições, e a pompa de

---

(*a*) O cedro portuguez (*cupressus lusitanica*), foi trazido ha duzentos annos para o Bussaco das altas montanhas, que cercam a Goa; medra sómente nas regiões medias de Portugal, onde está menos exposto ao calor. Nos arredores de Lisboa é muito raro, e pequeno, e ahi encontram-se com mais frequencia os cyprestes; o cedro portuguez da-se melhor em Inglaterra, e em França, do que o cedro commum. É sabido, que os cedros do Bussaco semelham tão perfeitamente os do Libano, que mesmo alguns botanicos os confundiram com estes á primeira vista.

todo aquelle sitio, fizeram que eu procurasse com bastante anciedade o convento, onde esperava encontrar uma obra magistral de architectura; comtudo, vimos apenas no meio de um pequeno prado, e como se fôra pousada de caçadores, um edificio muito pobre, muito pequeno, e muito immundo, com cellas mui estreitas, e uma igreja cavernosa. Antigamente era habitado por 16 carmelitas, dos quaes tres ainda alli sobrevivem á abolição do seu convento; um delles foi o nosso cicerone; os outros dois, tornados ao estado de primitiva innocencia, divagam imbecilmente e com um olhar fixo, no pateo devastado, e coberto de herva. O nosso cicerone conduzio-nos por um obscuro claustro onde se acham os retratos de todos os abbades; as molduras bem como os tectos, são de cortiça; uma especie de antesala com mosaico grosseiro feito de calhaos, e escorias metalicas, pareceu ao nosso conductor ecclesiastico a coisa mais notavel. Mostrou-nos tambem na igreja com muita satisfação alguns quadros com hediondos rostos humanos; então abrio com desdem uma porta, e disse, como por incidente. «Aqui dormio o duque de Wellington na vespera da batalha do Bussaco, e aqui esteve estabelecido o seu quartel general; ha pouco tempo pernoitou tambem nesta casa o Sr. H. secretario da embaixada Austrica em Lisboa.» Ouvimos com inteira edificação tanto a aventura militar como a diplomatica; e quando a primeira nos levou naturalmente a lembrar-nos do dia 27 de Setembro de 1810, pozemo-nos immediatamente a caminho, para visitar o campo de batalha, e principalmente a celebre planura. Tinhamos trazido comnosco do convento um guia, mas em flagrante contraste com os inevitaveis guias de Napoleão, e de Wellington no Mont-Saint-Jean, era aquelle excessivamente laconico, posto que affirmasse ter sido testemunha ocular da batalha. Primeiramente dirigimo-nos á falda da montanha, onde Ney estava postado em columna cerrada defronte do convento; posteriormente eleva-se uma pequena collina, onde se achava Junot com a reserva a um quarto de legoa de Ney, Estes pontos são de importancia, pois que nelles teve começo a batalha: a qual, em consequencia de um ataque de Ney, foi transferida para as alturas, onde se achava postado o exercito inglez por detraz do convento do Bussaco. Estas alturas são tão empinadas, e cobertas de tanta pedra solta, e massas de rocha confusamente espalhadas, que se torna difficil de conceber, como se póde emprehender uma operação militar contra aquella posição: segundo creio, foi o campo de batalha europêu o mais elevado, e seguramente

tambem o mais alcantilado. Na verdade essas alturas, que Ney quiz assaltar, e ao cume das quaes conseguiu subir, são de tal sorte intransitaveis, que mesm osem haver inimigo, nem fogo de artilheria, parece quasi incrivel como massas compactas podessem ser dirigidas para aquelles pontos. Uma destas alturas é coberta de montões de basalto, por detraz dos quaes se achavam os caçadores do general Crawford antes de atacarem a columna de Ney. No ponto mais elevado da planura existe um telegrapho, estação media entre Lisboa, e Porto: a alguns milhares de passos dalli ao nordeste do campo de batalha, acha-se formado por uma montanha saliente uma especie de promontorio, (*ponta da serra do Bussaco*), donde se descobre o mais extenso panorama, que jámais se tem offerecido á minha vista nas muitas jornadas, que tenho feito sobre elevados montes, e serranias. Á direita jaziam a nossos pés as verdes planicies, pelas quaes entre arbustos corre o Mondego, dirigindo-se ao mar; Coimbra, Montemór, Figueira, e o seu porto pareciam achar-se nas circumvisinhanças; além da extensa orla de costa occupava o occeano a maior parte do quadro; mais perto da região montanhosa viam-se, como tocas de toupeiras, centenares de collinas umas menores, outras maiores; depois seguiam-se bosques, prados, e campos, que semelhavam a taboleiros de jardim; finalmente n'uma direcção opposta estendia-se no horizonte do Norte ao Sul a escabrosa, e obscura cordilheira da serra da Estrella. Nesse momento mergulhava-se no mar o sol, como se fôra uma balla ardente, e com a rapida transição propria dos climas meridionaes desappareciam apressadamente do circulo da nossa vista os objectos remotos. Uma aragem fresca do occeano substituia-se ao abrasado calor do dia; era tempo de nos retirarmos; descemos difficultosamente pela encosta da montanha, démos um adeus ao Bussaco, e aos seus cedros, e trouxemos ramos de louro, e conchas das grutas; chegámos então á porta principal já indicada, e vimos ao crepusculo a antiga habitação do porteiro, a qual, cercada por um pequeno jardim, consta de duas cellas e o parlatorio, e é toda revestida de grosseiro mosaico. Finalmente, depois de duas horas de marcha para além dos Fórnos, chegámos de noite á nossa antiga habitação em Coimbra.

Na manhã seguinte caminhámos por um terreno montanhoso, e bem cultivado; uma estrada larga restos de uma antiga calçada prolonga-se até Condeixa, a duas legoas de Coimbra: estas estradas, que foram construidas no tempo do

Marquez de Pombal. e foram calçadas com pedras redondas das que se encontram a granel pelo campo, acham-se no estado da maior deterioração, pois que provavelmente desde que se fizeram nunca mais houve o menor cuidado na sua reparação; e por isso os intelligentes machos das muitas caravanas, que por alli passam, têm formado um carreiro, que vai por entre as pedras soltas, e donde é forçoso que se não saia: de maneira que n'uma estrada muito larga vêem-se os viandantes obrigados a caminhar um a um por aquellas estreitas veredas. Condeixa em Allemão *Blumenkorb* (cesto de flores), é o nome de uma aprasivel aldêa cercada por loureiros e jardins, que justificam inteiramente aquella denominação; colhem-se alli em grande quantidade laranjas doces, e saborosas. Em um livro antigo, que trata de Portugal tinha eu lido: *Les femmes de Condeixa sont fort jolies et plus libres que dans aucune autre ville de Portugal: le voisinage des étudians de Coimbre en est la cause.* Uma vez que não tive tempo de demorar-me sufficientemente na muitissimo aprasivel Condeixa a fim de indagar motivos e applicações, devo contentar-me de acceitar com credulidade essa observação interessante, e transcrevel-a aqui para utilidade dos que vierem apoz mim. Por detraz de Condeixa levanta-se a Leste uma cadêa de montes escalvados e brancos; o solo aplana-se mais, e é monotono, e menos cultivado. Extensas charnecas com alguns solitarios sovereiros, magras searas de milho, e oliveiras interiçadas, dão apenas alguma variedade a esta região. Tudo mostra a proximidade das aridas e vastas planicies da Estremadura. Depois de cinco immensas legoas, e tendo passado pela Redinha, chegámos ao Pombal, que jaz no centro de um valle aprasivel, e semelha uma especie de oasis. Aqui o grande ministro portuguez passou em desterro os ultimos annos da sua vida; o seu nome é ainda hoje pronunciado com respeito, e gratidão pelo povo daquella terra, onde elle em ponto pequeno, assim como em Lisboa em ponto grande, prodigou toda especie de auxilios, e beneficios. Qualquer creança falla delle naquella povoação, e existem ainda homens de idade mui avançada, que relatam como o *grande Marquez* mandou edificar um celleiro para os habitantes de Pombal, e como diariamente depois do seu jantar centenares de pobres se reuniam diante da porta da sua singela casa e todos achavam de comer, e recebiam esmola. Fui examinar essa casa; é edificada com as proporções mais modestas; póde nella ter havido alguma especie de commodidades; mas de certo nunca alli entrou o luxo. Em uma

vallina proxima, á qual se encosta uma parte da villa, existem as ruinas de um antigo castello de origem mourisca; é falso o dizer-se que o marquez de Pombal habitou naquelle castello, onde vivia com grande pompa, e numeroso sequito; Pombal vivia unicamente com sua mulher, a condessa Daun. e com um secretario que costumava ler-lhe; o castello já no tempo de Pombal estava inhabitavel, e desmoronado. A unica coisa, que ainda hoje faz lembrar a presença daquelle grande homem, é um notavel desenvolvimento de cultura nas circumvisinhanças da villa, alguns aqueductos de alvenaria, e poços de pedra, alguns edificios publicos, e uma certa extensão de estrada larga e bem calçada cingida por uma dupla alameda, e que conduz até aos limites dos antigos dominios do ex-ministro.

Quando o sol declinava já algum tanto, e ia diminuindo o intenso calor do dia, partimos de Pombal e atravessámos uma ponte, que dá passagem sobre o Soure, torrente da montanha, que vai desaguar no Mondego pouco acima da Figueira. O nosso designio era caminhar seguidamente até Leiria; comtudo a noite cerrou-se tanto, que passadas quatro horas de marcha por um solo coberto de arvoredo, parámos nos Machados ou Boa-Vista, uma pequena aldêa, e resolvemos pernoitar alli n'uma venda de arrieiros. Na manhã seguinte ao nascer do sol estavamos em Leiria, e subimos immediatamente a montanha onde se achava um castello, que domina a cidade e os arredores. O rio Liz percorre uma rica e bem cultivada planicie, que muitas vezes foi testemunha de calorosos combates. Da altura do antigo castello do bom rei D. Diniz, (reinou de 1279 a 1325), descobrimos sobre as proximas collinas os pinhaes que elle mandou plantar para que as arêas movediças da costa não fossem arrojadas pela violencia dos ventos sobre as sementeiras. O castello de Leiria, hoje em ruinas, e sem importancia alguma, no tempo dos Suevos, dos Visigodos, e dos Mouros, era posição muito consideravel, e figurou notavelmente sob D. Affonso Henriques por occasião da batalha de Ourique (1139). A cidade foi por largo tempo a séde de um proconsul Romano. Esquecida por muitos seculos apezar do seu corregedor, e sé episcopal, obteve de novo consideração em 1808 por intervenção do duque de Wellington. Já se não falla nas fabricas de vidros, e branqueamento de tecidos que alli existiam; é provavel que tenham cessado de trabalhar.

Depois de uma jornada de duas horas por um terreno em grande parte coberto de arvores, chegámos á Batalha.

Passei um dia inteiro nesse templo o primeiro entre todos os da peninsula iberica, enchi folhas de papel de apontamentos, e depois de ter concluido, reconheci, que nunca deveria intentar uma descripção da Batalha. Todos os que se interessam pelas artes e pela antiguidade, conhecem a pomposa obra de Murphy ácerca da Batalha (*a*); para a sua descripção aproveitou-se da historia deste mosteiro escripta no seculo 17.° por Fr. Luiz de Sousa; as plantas, e desenhos traçou-os o architecto inglez n'uma residencia de tres mezes, que fez em 1789 naquelle sitio; ambos esses escriptores são accusados de superficialidade, e inexactidão em uma obra mais recente do actual Patriarcha de Lisboa D. Francisco de S. Luiz. (*b*) Em vista do que, poderei apenas relatar como leigo as minhas proprias impressões, e limitar-me-hei á maxima concisão possisel, enviando para as mencionadas obras especiaes aquelles que acharem deficientes as minhas indicações.

O mosteiro da Batalha, recordação capital, e monumento da tão celebrada victoria de Aljubarrota, acha-se logo ao sair de um valle comprido mas de pouca largura junto ao Lena, um dos affluentes do Liz. D. João I. fundador desta grande fabrica, tinha-se obrigado á sua edificação por um voto que fez á Mãi de Deos na manhã do dia da batalha, (14 de Agosto 1385), e começou, segundo toda a verosimilhança, a cumprir a sua promessa nos primeiros mezes do anno 1388. Doou o mosteiro aos dominicos, e nomeou primeiro prior ao seu confessor Fr. Lourenço Lamprêa. É assumpto controvertido quem fosse o primeiro architecto, que traçou o plano da obra; todos os escriptores se contradizem a este respeito; parece comtudo que Matheus Fernandes, a quem se atribue commumente essa gloria (e como tal é designado por Murphy) apenas continuou a obra, e edificou a celebre casa do capitulo. D. Francisco de S. Luiz conta quatro architectos antes daquelle, e entre esses, tres portuguezes; e Murphy indica ao todo tres, dos quaes, dois eram estrangeiros. Sem nos empenharmos mais nesta lucta de vaidade nacional, deve con-

---

(*a*) *Plans, Elevations and Views of the Church of Batalha in the province of Esremadura in Portugal, with the history and description by Fr. Luiz de Sousa; with remarks, etc. by James Murphy Arch.*

(*b*) *Memoria historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha. Por D. Frei Francisco de S. Luiz, Bispo reservatario de Coimbra, etc. Lisboa* 1827.

ceder-se todavia ao architecto desconhecido a gloria de ter projectado uma das edificações mais perfeitas de todos os paizes e de todos os tempos, ainda que a idéa fundamental sómente foi seguida na construcção da igreja durante os dois primeiros reinados (D. João I. e D. Duarte), ao passo que as obras posteriormente executadas, foram feitas por outros planos, e em parte n'um estylo diverso. A estas pertencem o edificio do convento, com o seu *claustro real*, a mencionada casa do capitulo, e o jazigo incompleto começado por D. Manuel o grande no 16.° seculo, e que é conhecido pelo nome de *capellas imperfeitas*, cujo plano se perdeu, e para cuja conclusão Murphy em 1793, enviou uma composição admiravel ao então principe do Brasil, (depois D. João VI.). Todas as construcções são feitas com a pedra calcarea branca, que em todo o Portugal se tem empregado em edificações daquella especie, e que se deixa lavrar com facilidade, endurecendo depois, e tornando-se amarella com o contacto do ar. Ainda hoje a duas legoas da Batalha se cortam pedras nas mesmas pedreiras, donde ha perto de quinhentos annos se foi procurar o primeiro material para a edificação. É coisa muito notavel, que a igreja em si, a mais antiga e principal parte de todo o edificio, eleva-se com a mais augusta simplicidade a uma excessiva altura, conservando sempre a maxima pureza de linhas nas suas columnas, arcos, abobadas, e arcadas, ao passo que todas as construcções mais recentes são adornadas pela mais caprichosa fantasia, e cobertas com as mais delicadas, e elegantes esculpturas, arabescos, fructos, flores, bestiães, e emblemas heraldicos. Compridas janellas em ogiva com formosos vidros de côres, (que datam do primeiro periodo da edificação) derramam uma luz trémula sobre a nave, onde em frente do altar-mór repousam o rei D. Duarte, (reinou de 1433 a 1438) e sua esposa D. Leonor de Aragão. As suas figuras de grandeza mais que natural, estão voltadas para o altar. Comtudo a ambas falta o nariz, o que foi uma das muitas barbaridades commettidas pelos soldados francezes. Aquelle soberano foi quem edificou a nave, e a abobada do ultimo arco segundo o plano de seu pai: e tinha concluida já essa obra, quando foi arrebatado pela peste. Seu filho, e successor D. Affonso V. (reinou de 1438 a 1481) edificou muitas partes do mosteiro; a grande e aventurosa vida de D. João II. não concedeu tempo algum a este monarcha, para se occupar com a edificação do mosteiro; comtudo D. Manoel seu primo, e successor, começou o jazigo incompleto, de que já

fiz menção, e não póde, ou não quiz continua-lo, tanto que falleceu o esculptor a cuja mão perita, e a cuja fantasia poderosa tem Portugal a agradecer aquelles baixos relevos, aos quaes se não póde comparar coisa alguma do que se encontra nos outros paizes. Um amplo arco dá entrada para este jazigo, o qual, abaudonado á invasão dos ventos, e das chuvas, e apezar de todo o desleixo, conserva-se ainda uma obra digna de admiração. Entre as laçarias do arco de entrada, acha-se uma inscripção meio jeroglyphica, que tem sido repetida duzentas vezes, e que até agora tem dado muito que fazer a todos os escriptores, e interpretes. Tambem eu a copiei com toda a impaciencia, já que a não pude ler, e todavia sem suspeitar que essas palavras continham uma celebre difficuldade. São characteres gothicos-antigos, que litteralmente expressam as palavras «*tanyas erey.*» Fr. Luiz de Sousa, e depois delle Murphy, explicam-nas deste modo: *Tangos e Rei;* e D. Francisco de S. Luiz entende que são escriptos em grego, e dizem: — ταιας ιρει — o que será uma allusão á paixão pelos descobrimentos que dominava a el-rei D. Manuel.

Uma das partes mais notaveis deste pomposo edificio é o jazigo do fundador, o qual, ainda que construido por elle proprio, desdiz da simplicidade classica da edificação principal, e com oito arcos, e pequenos coruchéos cerca uma grande torre em fórma de obelisco adornada com lavores *à jour.* Este edificio, bem como as *Capellas imperfeitas* fórma um todo independente da igreja, que só está em communicação com ella por meio de uma gradaria. É de fórma quadrangular, e contêm no centro o tumulo de D. João I, e de sua esposa D. Filippa de Lencastre. Em cima vê-se a figura do rei com uma cota d'armas, e apresentando a mão direita á sua esposa, que descança junto delle. As armas reaes de Portugal, e as insignias da jarreteira estão collocadas do lado da cabeça; entre silvas, e em baixo relevo, lê-se o moto do rei «*Il me plait pour bien*» que allude de algum modo á promptidão com que Moisés obedecia ás ordens do Senhor. O vestido da rainha tem gravados arabescos, que antigamente, segundo o indicam sensiveis vestigios, eram pintados, e dourados. Ao longo de um muro, jazem em quatro nichos os tumulos de seus filhos mais moços. D. Henrique, o navegador, o grande duque de Viseu, apresenta-se com o rosto descoberto sobre o seu tumulo, como se fôra para que a sua imagem excitasse ainda hoje a emulação dos portuguezes: no sócco acha-se gravado o seu moto «*talant de bien fere.*»

Os seus tres irmãos D. Fernando, D. João, e D. Pedro repousam sob os seus escudos. D. Pedro, que reinou durante a menoridade de D. Affonso V, e sucumbio na Alfarrobeira, (a 20 de Maio 1449) combatendo contra seu sobrinho, e rei, tem o moto «*désir.*» Na sepultura de D. João lê-se «*Je ai bien reson*» e na de D. Fernando, o infante santo, que morreu martyr em Marrocos (3 de Junho 1443), acha-se a inscripção: «*Le bien me plait.*» Todos estes monumentos são de marmore branco ornados com baixos relevos, emblemas, e arabescos; porém as estatuas em si não têm grande merito artistico. É principalmente notavel, como a par da grande perfeição de todos os ornatos de pedra, não se encontre alli uma unica estatua, que se ache acima da mais trivial mediocridade, bem como se procuraria em vão um quadro sequer sobre cada um dos altares, nas gallerias, ou sallas. Batalha é o triumpho da architectura; ella só fez tudo, e nenhuma outra arte contribuio de modo algum para o embellezamento do edificio. Essa mestria na arte de canteiro nobilitada, se posso expressar-me assim, é coisa que até hoje pertence propriamente aos portuguezes: julgo ter já indicado, que uma analoga proficiencia se observa neste paiz nas edificações de todos os seculos; Belem, e a Pena são brilhantes provas desta verdade. Por esta occasião cumpre mencionar com louvor, que apezar de as finanças se não acharem em um estado florecente, comtudo ha tres annos applica-se para as reparações da Batalha a somma annual de dois contos de réis; occupam-se alli constantemente 30 operarios, e muitas pequenas torres, e arcos preparados por elles, mostram que a sua arte não tem degenerado em Portugal. Esta providencia, que deve conservar para a posteridade um dos mais admiraveis monumentos da idade media, é devida ao genio artistico d'el-rei D. Fernando, que visitou a Batalha ha muitos annos, e depois do seu regresso ordenou aquelles trabalhos com o maior empenho, e intelligencia.

Depois de termos visto a casa do capitulo com a sua abobada atrevida, que tres architectos viram desabar, e sómente o quarto obteve a sua conclusão definitiva, vagueámos ainda muito tempo pelas arcarias do claustro, e despedimo-nos finalmente desse admiravel edificio, depois do qual nada ha mais a ver em Portugal. Achava-me de tal sorte repleto e fatigado de pasmo, e de excitação, de ver e de ouvir, de obras primas, e de recordações historicas, que verdadeiramente sentia o desejo de respirar de novo o ar livre, e de voltar á vida usual de todos os dias; um esforço tão excessivo con-

funde e embota o espirito; e ainda hoje as minhas reminiscencias da Batalha assemelham-se mais a um sonho do que á realidade. Ao chegar áquelle sitio não apparece coisa alguma, que predisponha para a impressão, que se vai receber; descobre-se no meio do campo, entre miseraveis barracas, essa fabrica collossal e magestosa, onde cada passo que se dá, faz retrogradar o pensamento a uma antiguidade de quasi quinhentos annos; e apenas se volta as costas ao edificio, e se chega ao côncavo da montanha, nada mais se vê senão um valle extenso, verde, e pacifico, em cujo extremo opposto existe uma aldêa insignificante; porém o nome dessa aldêa acha-se inscripto em todos os livros de historia; chama-se Aljubarrota, e o valle é o celebre campo de batalha, cantado tão pomposamente por Camões no quarto canto dos Lusiadas.

Nessa tarde chegámos a Alcobaça, que fica a tres legoas da Batalha. Alcobaça e Batalha são os nomes que usualmente são pronunciados pelos portuguezes, e pelos estrangeiros quando se trata de uma digressão no interior do paiz, ou quando se vem a fallar ácerca das suas coisas notaveis; comtudo é pena que estes dois pontos capitaes da grande historia portugueza se achem tão perto um do outro; por quanto necessariamente um delles deve enfraquecer a impressão do outro. É o que acontece, principalmente quando se vem da Batalha. Apesar de grandes recordações historicas, e poeticas, Alcobaça perde muito na comparação que inevitavelmente tem de fazer-se, quando ainda se conserva profundamente gravada a lembrança da regia Batalha. O tumulo da formosa D. Ignez, e de seu esposo D. Pedro I, que o amor tornou cruel, é naturalmente a primeira coisa em que se pensa em Alcobaça, onde as sepulturas, como geralmente em todo o Portugal, são objectos de grande consideração, grande principalmente em relação ao quanto é apoucado o presente: todavia o exterior de Alcobaça não corresponde de modo algum á sua alta antiguidade, á sua celebridade, e ás grandes recordações, que se ligam ao seu nome.

Esta abbadia cisterciense foi erigida por D. Affonso Henriques, em memoria da tomada de Santarem, como o indica na denominada «*sala dos reis*» a noticia da fundação, que se acha traçada em azulejos, e a qual contém um anathema contra aquelle de seus successores, que tratasse de abolir o mosteiro. Acha-se tambem alli o celebre documento, que tem dado que pensar a muitos historiadores, e pelo qual D. Affonso Henriques declara o seu reino tributario ao convento

de Clairvaux, segundo se pertende, em paga da intercessão de S. Bernardo em Roma. Em contraposição a estes significativos monumentos dos primeiros periodos do reino de Portugal, a faxada do mosteiro corresponde ao pensamento de uma edificação do ultimo seculo. A parte central é formada por uma igreja flanqueada de duas torres, e cujo frontão sustenta uma grande imagem de Nossa Senhora; de uma e outra parte da igreja prolongam-se dois corpos lateraes de grandes dimensões, de 18 janellas de comprimento, e de um andar de altura, que contém os aposentos do mosteiro, e semelham de algum modo a quarteis de tropa. Tudo se acha em estado de grande deterioração, principalmente os alojamentos do mosteiro; a igreja, para onde se entra subindo alguns degráos, é alta e vasta, d'um estylo normando-gothico puro e simples, e construida com a mesma pedra branca empregada na Batalha. Um grande espelho, *(rosace)*, acha-se sobre a porta principal, e semelhante a um kaleidoscopio, é cheio de vidros de varias côres. Na igreja não ha obra alguma de esculptura, á excepção de um orgão de madeira; e como em todas as igrejas de Portugal, não se encontra ahi tambem nenhuma estatua, nem quadro. Cinco capellas collateraes no cruzeiro, com pezadas douraduras em madeira, um altar mór branco e dourado com figuras de páo, que se não podem chamar estatuas, e tendo á roda 10 grandes columnas jon'cas, formam todo o ornato desta igreja aliàs nobre, formosa, e de merito architectonico. Um sol, ou gloria dourada, e colossal, que por traz do altar-mór se prolonga em todas as direcções, não se póde dizer que tenha notavel belleza, porém produz grande impressão, principalmente quando ao descer o sol ao horisonte, essa grande massa brilhante se illumina, e scintilla. Em geral nesta igreja tudo parece disposto com o fim de produzir effeito; deste modo por detraz do altar-mór, e em semicirculo acham-se em sete nichos, ou capellas, outros tantos altares que se conservam obscuros, e que atravéz d'uma grade de ferro se observam como sepultados n'uma profundidade; é isto de um effeito singular, e parece de algum modo uma illusão optica. Alli repousa tambem o primeiro abbade de Alcobaça, irmão do fundador.

Visitámos depois algumas capellas, uma das quaes, formando notavel contraste com a igreja, é coberta por toda a parte com as mais ricas esculpturas, e arvores com folhas e fructos; outra muito antiga é inteiramente dourada, e cheia com alguns centenares de bustos de madeira pintados, que são effigies de santos, que cobrem todas as paredes como se

fôra um gabinete de historia natural, e trazem sobre o peito bocêtas de vidro onde se acham reliquias; algumas destas figuras, que se achavam mais no interior, foram dalli arrancadas pelos francezes, que esperavam poder nellas encontrar thesouros; porém como só achassem pequenos fragmentos de ossos, deixaram intactas todas as outras. N'uma grande sachristia meio queimada, achei notavel unicamente um tecto muito bello, azul e branco com rosas douradas.

Ultimamente para concluir as nossas investigações viemos ao carneiro, ou antes sala, onde repousam D. Ignez, e D. Pedro. Em frente um do outro acham-se dois sarcophagos de marmore branco de dezeseis palmos de comprimento, sete de alto, e cinco de largura; são ambos cobertos com os mais delicados arabescos, e altos relevos: as figuras dos dois amantes, de grandeza mais que natural, estão collocadas por ordem expressa de D. Pedro, com os pés de uma contra os da outra, de maneira que no dia de juizo se resuscitarem na mesma posição, veem-se immediatamente um ao outro, logo depois de terem visto o céo. D. Ignez tem um vestido franzido, cujas mangas curtas deixam ver dois braços redondos, que se cruzam sobre o peito; as mãos são compridas, estreitas, mas pequenas para a grandeza da figura; uma dellas tem calçada uma luva sem dedos; o corpo do vestido é justo, e prezo por meio de alamares, e botões antigos á semelhança dos da Hungria; com uma das mãos pega n'um fio de perolas que lhe cinge o pescoço, e na outra tem uma luva. Como a descortezia dos francezes não poupou nem o nariz daquella formosa dama, é impossivel formar uma idéa completa das suas feições, as quaes o artista (que era contemporaneo) manifestamente quiz representar bellas; o rosto é algum tanto cheio, mas não deixa de ter graça; as orelhas estão quasi inteiramente cobertas por um toucado muito justo, uma pequena bocca, e uma covasinha na barba, dão a essa physionomia de pedra um não sei quê de chistoso. Quando se reflecte que el-rei D. Pedro, que seguramente era entendedor na materia, mandou cinzelar á sua vista este mausoléo, deve presumir-se, que pelo menos haverá alguma semelhança com o original. Tem na cabeça uma coróa real, e superiormente estende-se um pequeno baldaquino; seis pequenos anjos estão dispostos em torno de D. Ignez, protegem a sua cabeça, fazem mover thuribulos, e pegam na cauda do seu vestido. O tumulo é sustentado por seis figuras em fórma de esfinges, das quaes porém sómente duas são de mulher; as outras apresentam rostos de homem

com barba, ou sem ella. Ao longo do friso alternam-se as armas reaes portuguezas com os seis dinheiros da casa dos Castros. O sarcophago de D. Pedro é sustentado por seis leões; o seu rosto severo e barbado, (ao qual felizmente deixaram intacto o nariz aliàs bem feito) mostra as mesmas feições nobres, e ternas, que lhe dão todos os retractos; é coberto por um longo trajo franzido, e com ambas as mãos pega na espada; a seus pés está deitado um cão da raça que em Inglaterra tem o nome do rei Carlos II; infelizmente falta uma parte da cabeça daquelle formoso animal. As quatro faces de ambos os tumulos são cobertas de pequenos altos relevos, que representam o juizo final, o purgatorio, a resurreição e os padecimentos de muitos martyres; a execução destas obras indica de algum modo a infancia da arte; geralmente poderão notar-se muitos erros artisticos, ou contra a verdadeira belleza, nestes dois monumentos; mas quem se lembrará de fazer taes observações ahi onde campeam tão romantica poesia, e ao mesmo tempo tanta verdade historica?

Em alguns cantos do carneiro, e da igreja acham-se tambem as sepulturas dos tres filhos de D. Ignez, o de D. Urraca esposa de D. Affonso II (em 1220), e muitos outros de mui pouca importancia, o que contém infantes, e infantas fallecidos no 13.º e 14.º seculos. Comtudo os dois mausoléos célebres no mundo inteiro, tinham de tal sorte absorvido todo o interesse da nossa observação, que aos outros sómente podémos conceder ligeira attenção. Uma coisa porém deve surprehender depois de uma tal viagem ao reino dos mortos, e vem a ser que em todo o paiz haja tantas sepulturas de reis espalhadas por toda a parte. A impressão torna-se absolutamente maior, e mais solemne; e é historicamente mais justo, e mais verdadeiro, que esses principes repousem, onde quizeram repousar, onde lidaram, ou triumpharam, ou onde fizeram fundações; pára-se n'uma pequena povoação d'uma montanha, ou n'uma solitaria abbadia, a fim de grave, conscienciosa, e solemnemente visitar a lousa de um rei, ou de um heroe, que ahi falleceu; em quanto os jazigos geraes, como S. Diniz, a capella de S. Jorge, e a dos Capuchinhos deixam frio o observador, e chegam a enfadar depois de uma longa demora. Coimbra, Guimarães, Batalha, Alcobaça, e outros logares, que infelizmente não podémos ver, conservarão provavelmente os seus tumulos reaes, por quanto nenhum interesse momentaneo exigirá imperiosamente que o espirito de centralisação se faça tambem extensivo aos mortos.

A hospedaria em Alcobaça era tão má, que ainda durante a noite tivemos de partir, e depois de uma marcha de tres horas, chegámos á povoação célebre pelos seus banhos, chamada as Caldas da Rainha, que tem a reputação de ser uma terra interessante, e onde obtivemos em recompensa do nosso trabalho, a vantagem de mais algumas commodidades. Não era-porém então a estação propria, e por isso o melhor que podémos fazer, foi montar de novo a cavallo logo depois de algumas horas de descanço. Caminhámos com vento, chuva, e um tempo fresco, por uma estrada soffrivelmente calçada, e atravéz de um territorio agreste, coberto de pinheiros, o matto, atè que finalmente chegámos a Villa-Nova da Rainha, estação superior dos vapores do Tejo, onde o Sertorius nos recebeu, e nos desembarcou em Lisboa, ainda antes de findar a tarde.

VI.

Partida de Portugal.

> Let winds be shrill, let waves roll high,
> I fear not wave nor wind;
> Yet marvel not, Sir Childe, that I
> Am sorrowful of mind.
>
> *Childe Harold.* (*a*)

Depois do estabelecimento de uma communicação regular por meio dos vapores, quasi ninguem se lembra já de por terra vir a Portugal, ou sair delle. Sobre tudo não me poderia passar pela idéa o desejo de atravessar a Hespanha de um a outro extremo. Para não fazer de novo a viagem bastante enfadonha, que me trouxe a Portugal, resolvi fazer uma viagem costeira em torno da peninsula; e para isso alcancei do embaixador hespanhol, por intervenção de Lord Howard, um passaporte para os pontos, que designei. Por este tempo fez signal o telegrapho maritimo, que tinha chegado á barra do Porto o vapor inglez Lady Mary Wood, e então aproveitei as ultimas vinte e quatro horas para ir a Cintra despedir-me de Suas Magestades, fazer algumas visitas, e ir a Pedrouços a um jantar de despedida em casa do duque da Terceira, em companhia das pessoas com quem mais tinha convivido. Na manhã seguinte 5 de Agosto entrou no Tejo a Lady Mary Wood, e perto do meio dia parti de Lisboa.

Em quanto foi visivel no horisonte uma unica collina, não desprendi as vistas da formosa capital desta formosa terra; e com os votos que fiz pela sua prosperidade vieram unir-se no meu pensamento melancolicas imagens a par da recordação de gratos acontecimentos.

Com um bello tempo, e com o auxilio de um vento favoravel, o nosso navio, que é um dos melhores, e mais elegantes da Companhia, voava como uma setta sobre as ondas. Conservámo-nos quasi sempre á vista de terra; á noite do-

(*a*) Canto I.

brámos o Cabo de S. Vicente, e depois de uma viagem de 22 horas fundeámos ás duas da tarde diante de Cadiz, que com a sua brancura de neve, e a sua apparencia fantastica, como se fôra uma capital dos tropicos, desenhava engraçadamente no azul escuro do firmamento a linha angulosa dos seus contornos. Montes, o celebre toureador, achava-se então em Cadiz e punha em movimento a cidade e seus arredores de maneira, que com difficuldade alcançámos alojamento. Por toda a parte, de dia e de noite, se ouvia fallar em Montes; mesmo as mais graves questões politicas excitavam apenas um interesse muito secundario; em outras occasiões pedia-se «*pan y toros*»; naquella porém os espectaculos circenses por si só satisfaziam a toda a gente, e não se sentia nenhuma outra necessidade; por isso tambem passou desapercebida, e sem perturbar ninguem no seu jubilo, a declaração que os officiaes da guarnição de Cadiz publicaram nos jornaes gaditanos, e na qual se asseverava «que não tendo elles sido pagos havia anno e meio, não podiam comprar calçado, em consequencia do que não lhes seria possivel sahir.»

Empregámos alguns dias em visitar os poucos objectos notaveis que ha naquella cidade; as tardes e noites passavamol-as ainda mais agradavelmente no circo, na opera italiana, e na Alameda, ponto de reunião das mais bellas mulheres do mundo. Depois dirigimo-nos em um barco de vapor pelo Guadalquivir até Sevilha. A cathedral, e a Giralda, as obras primas de Murillo, Cano, Velasques, Herrera, Zurbaran etc., o Alcazar, a casa de Pilatos, a Lonja, a Caridad, a Universidade, o museu, e cem outras coisas admiraveis tem sido em todos os tempos tão extensamente descriptas, e celebradas, que devo limitar-me a dizer, que tambem eu vi tudo, e que espero de meus leitores hajam de agradecer-me não ter eu juntado ás tantas descripções que existem, mais outra que necessariamente seria imperfeita.

Depois de uma breve residencia partimos de Sevilha, e dois dias depois achámo-nos em Gibraltar. A fragata austriaca Bellona estava então fundeada naquelle porto, e tive a honra de jantar com o archiduque Frederico, em casa do governador e tenente general Sir Alexander Woodford, amavel, e distincto cavalheiro. O joven principe que recentemente havia encetado brilhantemente a sua carreira militar na campanha da Syria, era objecto da mais viva, e geral attenção; a sua figura varonil, e sem affectação, agradava aos velhos maritimos inglezes, muitos dos quaes, mesmo de graduações superiores, se achavam reunidos á mesa de Sir Ale-

xander. Infelizmente tive de mui cedo abandonar esse jantar excellente, e a formosa commensal, que se achava sentada junto de mim, pois que a chaminé do vapor, que devia transportar-me a Marselha, começou a fumegar. O *Phénicien* vapor francez immundo, mal arranjado e ainda peor dirigido, onde nos deram uma comida insupportavel, e onde nos acompanhava uma sociedade de todas as classes, levou-nos, rangendo, e oscillando desencontradamente sobre um mar espelhado, a Malaga onde nos demorámos um dia, e depois a Carthagena, Alicante, e Valencia. Em todos estes sitios demorámo-nos muito pouco tempo não podendo por isso examinar com vagar os pontos principaes, e objectos notaveis; comtudo essa demora foi bastante para que a viagem se prolongasse de mais, sem a compensação de um sufficiente recreio.

No dia 20 de Agosto de manhã, sete dias depois da nossa partida de Gibraltar, vimos surgir das aguas as ameias do castello de Monjuich, e algumas horas depois démos fundo junto ao caes do porto de Barcelona. Logo que nos foi permittido vir a terra, deixei o nosso navio em companhia do conde Teleky, e dois inglezes o capitão Drew, e o reverendo Daniel Moore. Entrámos n'uma carruagem com a intenção de nos dirigirmos á cidade; porém quando chegámos á «Puerta del mar» fizeram-nos parar alguns carabineiros, e exigiram que os acompanhassemos. Depois de pequena demora junto ao edificio da alfandega, quizeram levar-nos ao Chefe politico; porém a rogos dos dois bretões, permittiram que fossemos ao consulado inglez. Ahi, depois de varias explicações de parte a parte, concederam-nos a liberdade, e soube então do chefe dos carabineiros, que a prisão tivera logar sómente por minha causa, e em consequencia da denuncia do capitão de um navio negreiro, o qual tinha sido feito prisioneiro alguns mezes antes na bahia de Maçambique pelos cruzadores inglezes, e tinha vindo comnosco como passageiro a bordo do Phénicien. Aquella denuncia pareceu-me muito acreditavel, pois que esse homem tinha-se já encontrado comigo havia muito tempo, em circumstancias totalmente diversas.

Tanto que nos achámos livres, esquecemos em um alegre jantar na hospedaria «*de las cuatro naciones*,» este episodio, que até alli era sómente rediculo; e pela minha parte tive apenas a cautella de relatar este incidente a d'Ogny consul geral da Prussia, que veio visitar-me, rogando-lhe, que me escolhesse um local idoneo, e désse os necessarios passos a fim de eu ficar a coberto de similhantes desaguizados.

Encarreguei ao consul de declarar ás authoridades, que eu tinha effectivamente servido no exercito carlista, que não havia sido amnistiado, e que pertencia a uma cathegoria, que nem póde impetrar nem aceitar amnistia; que as minhas circumstancias eram perfeitamente conhecidas ao embaixador hespanhol em Lisboa, quando este rubricou o meu passaporte, que me facultava até mesmo dirigir-me a cidades, que se acham fóra do caminho que seguem os vapores; que a minha residencia em Barcelona era motivada e forçada pela demora da parte das authoridades hespanholas, que não queriam deixar sahir o Phénicien antes do dia 22, bem como pela mui tardia chegada daquelle navio; finalmente que se as authoridades de Barcelona achavam o menor inconveniente em eu vir a terra, que voltaria immediatamente a bordo para nunca mais desembarcar.

Depois da ausencia de uma hora, voltou o consul, e trouxe-me as desculpas do capitão general da Catalunha D. António Van Halen, e do Chefe politico de Barcelona D. Juan Gutierres que me mandavam pedir, que lhes nomeasse os individuos, que me tinham desattendido, a fim de serem punidos; acrescentavam que sentiam muito que a interrupção das relações entre a Prussia, e Hespanha lhes não permittisse virem pessoalmente fazer-me estas declarações, e affiançaram completamente ao consul, que me era concedido sem a menor restricção ir para toda a parte, segundo me aprouvesse. Satisfeito com esta liberdade, não quiz representar o papel de delator, particularmente em presença de authoridades, que não eram reconhecidas pelo meu governo; contentei-me pois com ter recebido esta declaração em fórma de protocollo, e depois de haver passado algumas horas na cidade, voltei a pernoitar a bordo do Phénicien.

Uma vez que eu não tinha fundamento para desconfiar coisa alguma, e que além disso havia como garantia da minha segurança a palavra de honra dada ao consul por parte do capitão general, e do chefe politico, no dia seguinte, que era domingo, entrei n'uma carruagem para me dirigir á cathedral. O Conde Teleky, e os dois inglezes acompanhavam-me ainda. É verdade que nessa manhã tinha eu visto a bordo algumas figuras sinistras, que por modo facil de reconhecer traziam no rosto impresso o cunho de officiaes da policia secreta, e os quaes haviam fallado em segredo com o capitão do Phénicien; comtudo não me paraceu que houvesse motivo bastante para me acautelar. Logo que chegámos á mencionada «Puerta del mar» encontrámos esses espiões em

companhia de alguns carabineiros; fizeram parar a nossa carruagem, e declararam aos dois inglezes, que lhes era permittido retirarem-se, pois que sómente tinham de seguil-os, eu, e o meu companheiro de barbas louras, (significavam o conde Teleky). Como o capitão Drew, e Mr. Moore recusassem abandonar-nos, fomos, através de ruas atulhadas de povo, conduzidos dentro da nossa carruagem á Rambla, onde parámos em frente da casa do chefe politico. Durante o caminho tinha eu mandado o meu moço barcelonez dar parte do acontecido ao consul prussiano, o qual dentro em pouco se apresentou na secretaria com o seu uniforme consular. Depois de uma hora de espera appareceu o chefe politico cingido com a sua facha azul e dourada, perguntou por mim, e declarou com o meu passaporte na mão, e na presença do consul prussiano, e dos tres individuos, que me acompanhavam, que eu ficaria prisioneiro até ulterior decisão do governo de Madrid, ao qual passava a officiar. Quando me endereçou estas palavras, desviei delle a vista, e dirigindo-me ao consul prussiano, disse-lhe em hespanhol, o em voz alta, que naquelle momento se havia infringido a palavra de honra que no dia precedente me fôra dada; que tinha por illegal a minha prisão; que não reconhecia a authoridade do chefe politico, e que para mim na cidade de Barcelona havia uma unica authoridade legitima, que era o consul nomeado pelo rei meu soberano; e finalmente que o Snr. Gutierres escusava de tornar a dirigir-me a palavra, por quanto nada tinha a tratar com elle, e não lhe daria reposta alguma. Sentei-me então, e observei tranquillamente a continuação do debate. O consul prussiano, que se comportava com a possivel energia na difficil posição em que se achava, pois que não tinha *exequatur*, tomou então a palavra, e protestou com as expressões mais vigorosas contra esta infracção do direito internacional, contra a falta de consideração para com a palavra que se havia dado, e para com um passaporte expedido, e rubricado com todas as formalidades; e finalmente contra a flagrante illegalidade de uma similhante prisão tão arbitraria quanto violenta. Ultimamente, o consul responsabilisou-se pessoalmente por mim. A isto respondeu o chefe politico, que a respeito do meu passaporte *o visto* do embaixador hespanhol não era para elle obrigativo, além do que vinha apenas assignado pelo secretario da legação, (G. de Teran) e não pelo chefe da missão; accrescentou que algumas partes da Catalunha se achavam em estado de sitio, em consequencia dos bandos de carlistas armados, que as

infestavam, e que eu tinha feito a guerra na Catalunha; finalmente no tocante á promessa que no dia antecedente me tinha dado, fôra isso por ignorar as minhas relações com D. Carlos, e por não ter examinado com attenção o meu passaporte.

Em summa estes ultimos fundamentos, e em particular o que dizia respeito ao estado de agitação da Catalnnha, foram a cousa mais plausivel, que pôde adduzir em sua defeza, e então reconheci facilmente que elle se limitaria áquella apparencia de legalidade. Roguei por tanto ao consul, que se não fatigasse mais com inuteis discussões, mas que tractasse de terminar este negocio, que já começava a parecer-me tediosamente demorado. Comtudo o meu velho consul achou conveniente apresentar de novo em meu abono a sua caução, e responsabilidade pessoal e affiançar garantias analogas da parte de muitos dos seus collegas. Porém foi tudo baldado; e como por ultimo o meu honrado protector quiz excitar a piedade, e abater-se a ponto de fazer supplicas, então enterrompi rapidamente a conversação, e pedi que me levassem dalli para fóra. Antes de sairmos da secretaria, o consul chegou á janella, e fez que o chefe politico reparesse, que se tinham reunido na Rambla alguns milhares de individuos, e que se apinhavam junto á porta por onde deviamos sahir; porém Gutierrez replicou, que nada havia a recear, que elle respondia pela vida e segurança do seu prisioneiro, ao que accrescentou repetidas vezes, que o governo era forte bastante para reprimir todo o movimento de qualquer natureza que fosse, e para proteger os seus presos, mesmo no meio das ruas e cercados pela multidão. Depois de eu, ao lado do director da policia, ter atravessado os corredores, e os pateos interiores do palacio, achei todas as avenidas defendidas por guardas dobradas, e á porta formada uma companhia de tropa. Então conheci qual era a excitação e curiosidade dessa plebe, pois que basta um motivo tão insignificante para atulhar as ruas, e praças com multidões turbulentas. Todavia conservaram-se tranquillos, e nós chegámos incolumes á hospedaria das quatro nações, que está situada na Rambla quasi em frente da casa do chefe politico, e que me foi designada como local da minha prisão, depois que o chefe politico, apoz longa contestação com o consul, cedeu da primeira resolução que tinha de me mandar para a prisão do estado. Foi posto um soldado de sentinella á minha porta; pertencia a um corpo que me fôra conhecido em circumstancias mui diversas, o corpo dos mi-

ñones, (*mozos de esquadra*), e havia servido debaixo das ordens do conde de Hespanha.

Tinha eu feito os meus arranjos para acommodar a minha nova habitação ás necessidades de uma longa residencia; estava tomando um almoço de garfo, e dictando ao conde Teleki um protesto, que eu tencionava mandar a Madrid ao embaixador inglez como representante de uma potencia em boa harmonia com a Prussia; quando vejo entrar precipitadamente o chefe da policia, que pediu que me fosse mostrar á janella do meu quarto. Era o caso, que alguns agitadores, talvez comprados, tinham persuadido ao povo reunido que nós eramos Cabrera, e o seu cunhado Palo; o meu comparecimento era indispensavel para os despersuadir daquella abusão. Quando me apresentei á sacada, vi toda a Rambla cheia de gente; de todas as ruas affluiam novas massas, e todas as cabeças olhavam para cima. Não era preciso grande penetração para perecber tambem facilmente, que a opinião geral me não era favoravel; comtudo entre o confuso alarido, que todos faziam, não pude entender claramente o que pretendia aquella gente. Logo que me viram, bradaram alguns, que não era Cabrera, ao que replicaram outros «então é outro dos facciosos.» Algumas expressões pouco animadoras eram proferidas aqui, e alli; então um moço esfarrapado trepou a uma arvore, e começou a orar ás turbas. Por algumas expressões destacadas que chegaram aos meus ouvidos, percebi que elle tinha sido feito prisioneiro em 1838 no forte Caral a pouca distancia de Berga, e que me tinha visto ao lado do tigre: assim qualificava o conde de Hespanha. todos o ouviam com bastante attenção; e quando terminou o seu discurso, tornou-se tão frenetica a gritaria, que preferi não me dar por mais tempo em espectaculo á multidão. Regressando ao meu quarto, reparei que o chefe de policia, receando talvez alguma pedrada, ou facada, havia muito que tinha abandonado o seu posto junto de mim, procurando a sua segurança n'uma prompta retirada; entretanto o meu consul tinha entrado furtivamente na hospedaria por uma porta posterior, e veio contar-me que o capitão general, a quem tinha fallado naquelle instante, queria mandar sahir um regimento de dragões para n'um momento fazer evacuar a Rambla. Como a promptidão das authoridades Hespanholas me era conhecida por uma experiencia de muitos annos, pude apenas abandonar-me á agradavel esperança de qne os dragões chegariam quando por muito tempo o povo tivesse jogado a bolla com a minha cabeça.

A algazarra de grande numero de individuos que subiam a escada, que queriam vir ter comigo, e que o estalajadeiro só com muito custo conseguio que se retirassem, mostrou-me como muito proximo aquelle momento. Pouco depois tratava já o povo de applicar uma escada de mão á varanda do meu quarto, quando o filho do estalajadeiro, que era vice-consul de Sardenha em Barcelona, me propoz o levar-me para um aposento retirado, onde eu por alguns instantes me acharia mais seguro. O meu bom *gendarme* a quem muito desagradava aquella sedição, condescendeu com essa transferencia, e apenas eu e o conde Teleky (o qual contemplava todo este tumulto com inteira tranquillidade, ainda que tanto a elle como a mim nos podia custar a cabeça) tinhamos entrado no nosso pequeno escondrijo, quando o meu quarto foi invadido por uma turba armada com o conhecido *cuchillo;* depois de uma baldada pesquiza por todos os cantos, deixaram-se illudir pelo estalajadeiro, que lhes asseverou, que eu tinha sido transferido para uma prisão publica. Finalmente voltou de novo o director da policia para me expressar o desgosto que sentia o chefe politico por uma sublevação que elle já não podia reprimir, e exigio de mim que quanto antes procurasse evadir-me em sua companhia. O filho do estalajadeiro levou-nos pela cosinha, e por obscuros corredores a uma pequena porta secreta, que dava para uma proxima travessa. Durante este tempo ouviamos o clamor e tumulto do povo irritado, que não queria accreditar na minha ausencia, e ameaçava de demolir a casa se eu não fosse lançado da janella abaixo. Quando chegámos á pequena porta, e divisei muito atraz de mim a minha sentinella, fiz reparar ao chefe da policia, que se nós caminhassemos pelas ruas acompanhados por aquelle individuo, qualquer reconheceria em mim o preso, que se procurava. Porém o homem olhou para mim com desconfiança, e reconheci que elle receava, que o conde Teleky, e eu, abusando da sua velhice, empregariamos a violencia para nos evadirmos. Dei-lhe pois a minha palavra de honra de o seguir; e então caminhámos inteiramente sós por varias ruas, até que chegámos a um remoto bairro, onde encontrámos o consul Prussiano, que por prudente cautela tinha despido o seu uniforme, e que ainda havia pouco tinha feito as maiores sollicitações ao chefe politico para se apressar em soccorrer-nos. Este denunciava claramente achar-se ainda mais perturbado do que o consul, e do que nós. O benevolo d'Ogny ficou muito admirado de nos ver assim andar soltos por toda a parte; com

tudo bem depressa lhe tirámos essa illusão, e teve de nos acompanhar á cadêa da municipalidade (la Alcaldia), onde o director da policia pedio para nós ao carcereiro a melhor camera: este respondeu com um arteiro sorriso: « *La mejor esto es la mas segura* » e levou-nos á galeria superior, onde abrio duas portas de ferro, e indigitou-nos silenciosamente um pequeno receptaculo de alguns pés em quadrado: depois do que, rangeram os ferrolhos, deu-se volta ás fechaduras, e ficámos sós.

Então tivemos vagar para examinar este muito aprasível *boudoir*; o pavimento era de tijolos, e não havia nem mesa, nem banco, nem se quer uma enxerga, de maneira, que tivemos de deitar-nos no chão; uma fresta obliqua munida com apertadas grades de ferro, e com uma especie de rostro de madeira, era a unica janella, que havia; uma pequena abertura na parede dava communicação do nosso carcere para o immediato, que era habitado por um bandido. Este mostrou-se logo, fallou-nos como a camaradas, e pedio-nos cigarros. Demos-lhe alguns para podermos descançar, e então comecei eu, escrevendo sobre os joelhos com o lapis da minha carteira, a concluir o protesto, que tinha deixado incompleto, e que o conde de Teleky tinha trazido comsigo. Uma hora depois ouvimos murmurio na rua. O conde Teleky encostou-se ao muro; eu subi-lhe a cima dos hombros, de modo que cheguei á altura da nossa fresta onde, senão podia vêr, ao menos ouvia alguma cousa. Então percebi uma conversação animada pela qual conclui que o caudilho do troço de gente reunida em frente da alcaldia, procurava induzir a força da guarda nacional, que estava de serviço á porta da cadêa, a fim de que a deixassem abrir; e como os individuos da milicia nacional recusavam prestar-se a semelhante exigencia, o agitador popular replicava, que elles como Barcelonezes livres não deviam desairar-se a ponto de dar protecção a um carlista. Por ultimo propoz-lhes, que como necessariamente ao anoitecer haviamos de ser transferidos para uma prisão militar, para Monjuich, ou Atarazanas, então deveriam elles nacionaes durante o caminho affastar-se um pouco para o lado, porque uma boa facada decidiria toda a questão. Como esta conversação durava já de mais para a minha paciencia, e para os hombros do conde Teleky, desci do meu observatorio para ambos aguardarmos tranquillos o que houvesse de acontecer. Dentro em pouco desappareceu a claridade do dia; e como nos não deram luz, sentamo-nos por um longo intervallo ás escuras sobre os duros, e in-

commodos ladrilhos do pavimento. Finalmente veio o director da policia, e com elle o meu incançavel consul, que me assegurou anhelante, que desde 25 annos, que gratuitamente e sem receber condecorações tinha a honra de servir ao meu soberano, como consul geral na Catalunha, e ilhas Baleares, ainda não havia passado um dia tão angustiado como aquelle. Com o escasso lenitivo destas bondosas protestações — fomos ter a uma porta trazeira junto á qual entrámos todos quatro em uma grande carruagem fechada, que com a maxima rapidez nos levou á prisão do estado.

Este grande edificio, que no seu genero é digno de alguma attenção, era antigamente um convento da ordem de S. Paulo, e existe abaixo do castello de Monjuich no extremo septemtrional da cidade. Cingido por uma dupla linha de muralhas munidas de seteiras, e solidamente fortificado, assemelha-se a um castello, é defendido por uma porção de tropa de linha, e permitte uma energica resistencia a qualquer attaque do povo. Chegámos ahi ás 11 horas da noite do dia 21 de Agosto, e fomos recebidos pelo primeiro carcereiro, como governador do estabelecimento, *(alcalde de la carcel)*, com muitas cerimonias, e cumprimentos. Apresentava-se exactamente como um mordomo, que tem de fazer as honras de um grande palacio; conduzio-nos com as mais elegantes cortezias á sua secretaria onde tivemos de dictar ao seu secretario os nossos nomes, e qualidades como se estivessemos n'um registo de passaportes. Tanto que se certificou da identidade da minha pessoa, endereçou-se com obsequiosas expressões ao conde Teleky, e depois ao meu creado, e disse-lhes que podiam sair immediatamente da prisão e então nunca mais deveriam voltar, ou ficarem tambem presos e nesse caso não sairiam mais. Ambos escolheram a ultima indicação. Seguidamente levou-nos á mais bella das suas prisões, uma grande e vasta sala, que parecia mais adequada para uma academia de esgrima do que para um carcere. A unica janella que havia, sem vidros mas munida de fortes e apertados varões de ferro, dava para um grande pateo, onde 140 bandidos, assassinos, e ladrões desde pela manhã até á noite cantavam, gritavam, jogavam, e lavavam-se com a agua que tiravam de um poço. Fechava o nosso aposento uma pezada porta feita de taboões de carvalho, com uma abertura defendida interiormente por um postigo de grades convexas para o lado do quarto, e munida exteriormente com uma corrediça por onde se fazia a inspecção nocturna. O sr. Yover, o nosso amavel carcereiro, facultou-nos o mandar vir moveis, e comida da

nossa hospedaria, e declarou-me que rigorosamente as portas deviam estar constantemente fechadas; que elle porém mandar-me-hia encerrar unicamente durante a noite, e finalmente que eu poderia a toda a hora passear no corredor, ou sobre o terrasso; a sua officiosidade chegou a ponto de me dizer, que se me podesse ser desagradavel a sociedade dos outros presos *distinctos*, que tinham tambem a faculdade de passear no terrasso, então á noite depois que os outros entrassem para as suas prisões, abriria o terrasso por duas horas para nós unicamente. Aproveitei-me frequentemente de todas estas concessões; mandei vir camas com cortinas contra os mosquitos, mezas, e cadeiras, e todas as manhãs apparecia o meu moço Barcelonez com um excellente almoço de garfo, e com os jornaes. Na segunda manhã vi nas folhas de Barcelona extensas narrações, onde se me depararam as historias mais fabulosas ácerca do acto da minha prisão, e dos motivos d'ella; naturalmente eram todas contra mim á excepção unicamente do jornal republicano — o Papagayo — que tomava a minha defeza, fazendo contra o governo as mais longas, e vehementes accusações. Com grande recreio meu li de novo posteriormente os artigos, que me eram adversos, (principalmente os do Constitucional), transcriptos em algumas folhas allemãs, e reconheci que os conscienciosos traductores, não preteriram nenhuma das supposições, por mais absurda que fosse, e até mesmo, em um tom analogo, accrescentaram paraphrasticas observações.

O meu primeiro passeio ao terrasso foi á hora geral; além do que, muitas vezes conversaram comigo os presos «distinctos» no proprio extenso corredor em que residiamos; um d'elles era um empregado civil que tinha falsificado a rubrica do governador em ordens de pagamento; outro era um mestre fundidor da casa da moeda, que effeituara por um modo fraudulento a liga dos metaes preciosos; outro era o antigo alcalde, que tinha de fazer publicamente a extracção da loteria, e em uma occasião foi surprehendido, quando já pela setima vez empalmava as sortes, que eram contrarias aos numeros que elle possuia. O mais innocente de todos pareceu-me ser um inoffensivo mancebo, que zeloso pela sua bella, tinha-lhe feito uma espera junto ao theatro, e quiz dar um tiro no seu rival afortunado que a levava pelo braço; infelizmente porém a balla passando a pouca distancia do namorado, foi matar um homem estranho, que casualmente por alli passava. Varios outros individuos, cujos delictos me esqueceram, pertenciam tambem a essa escolhi-

da sociedade; e uma vez que eu não reputava todos innocentes, como o fazia o meu philantropo companheiro de soffrimentos, pelo simples fundamento de que nós sem culpa haviamos sido presos, resolvi d'alli em diante ir sómente passear nas horas nocturnas, que para isso me eram concedidas. Ordinariamente jantavamos ás 7 horas da tarde; mau vinho de Champagne, que nos vinha da hospedaria, e excellentes vinhos do sul de Hespanha, dadiva do meu interessante amigo o consul francez Mr. de Lesseps, contribuiam para tornar muito supportaveis estes jantares, que as mais das vezes eram animados pela presença de varios consules; especialmente vinha visitar-me com frequencia o consul francez, (que posteriormente adquirio uma celebridade Europea), e igualmente me faziam muitas vezes um analogo favor os seus collegas de Austria, e Sardenha. Todos estes cavalheiros, bem como o pobre velho d'Ogny, (que infelizmente já não existe), desvelavam-se quanto podiam para amenizar a minha reclusão, empregavam para a encurtar o mais possivel toda a sua influencia perante as authoridades, ás quaes procuravam fazer encarar a questão que me dizia respeito debaixo do seu verdadeiro ponto de vista; a todos elles sou devedor da mais intima gratidão, e approveito com prazer este ensejo para a expressar publicamente.

Um dos mais desagradaveis incommodos da minha reclusão era a bulha infernal que desde pela manhã até á noite faziam os 140 presos, que se agitavam debaixo da minha janella; ás 5 horas da madrugada, quando os deixavam sahir dos seus dormitorios, acordavam-me logo com o ruido excessivo, que faziam quando iam guardar as suas enxergas: então tinha logar no pateo a mencionada *toilette du matin*, e desde esse momento até ás nove horas da noite era impossivel até mesmo conversarmos, tal era o alarido com que elles se regosijavam, cantavam, e berravam. Preferiam principalmente os jogos os mais estrondosos, e todo o preso que chegava de novo era recebido com um continuado e intenso rugido, e com um chuveiro de pedradas. Um dia uma dessas ballas mal dirigida entrou pelo meu quarto; levantei-me da mesa em que escrevia, e arrojei para baixo o projectil; esta acção alcançou-me boa reputação entre essa multidão, que aliás não gosta muito dos «presos distinctos.» Passadas algumas horas vi eu com grande admiração, (a minha habitação era n'um andar elevado) uma cabeça junto á grade da janella, e ouvi com uma timida supplica pedir-se-me alguns charutos; tinham feito o que elles chamam *la escala*

de los ladrones; isto é, tres homens tinham-se encostado á parede; sobre os hombros d'estes subiram dois outros, que finalmente sustentavam o meu interlocutor. Dei os charutos que pediam, com a promessa de repetir o meu presente, se todos os dias estivessem socegados uma hora. Como eu tinha de sustentar uma correspondencia epistolar para mim de grande importancia, aproveitava essa hora para escrever; e devo declarar em honra dos meus contrahentes, que os seus caudilhos tinham sobre elles tanto poder, que á custa de uma duzia de *cigarros puros*, (charutos) tive todos os dias algumas horas de tranquillidade. No domingo ás 6 horas da manhã disse-se missa: no meio do terrasso havia uma capella envidraçada por todos os lados, e disposta de modo, que do pateo, e de todas as prizões podia ser visto o padre; os criminosos communs ajoelhavam no pateo em duas compridas fileiras; os distinctos e os perigosos, bem como as mulheres, que habitavam um corpo especial do edificio, ouviam a missa das suas janellas; o som agudo de uma sineta dava o signal: é um momento solemne, e melancolico aquelle em que o padre da elevada posição em que se acha, e no meio de um silencio profundo, abençôa essa multidão de presos, alguns dos quaes ouvem missa pela ultima vez.

Uma noite, que em frente de duas garrafas, estavamos alegremente sentados no terrasso, e contemplávamos o ceo brilhantemente estrellado, a bella planicie de Barcelona, e o elevado Monjuich — veio ter comigo o alcalde e meio confundido disse-me em segredo ao ouvido, que me não assustasse na manhã seguinte, se tivesse logar um movimento insolito nos corredores, e passasse junto da minha porta uma especie de procissão; porque seria isso o prestito de um criminoso, que ía a ser estrangulado. Quando o alcalde vio a desagradavel impressão, que não pude reprimir no primeiro momento ao ouvir esta noticia, appressou-se em accrescentar: «mas repare que é um criminoso muito trivial, a quem se applica o *garrote vil*, e que é conduzido a pé com habitos de penitente (restos do sanbenito dos autos da fé); agora quando se leva a morrer um cavalheiro então funcciona o *garrote noble*; vai o individuo vestido com habitos talares negros, e montado em um macho coberto de pannos de lucto, e toda a cerimonia perfaz-se com a maior decencia, e pompa.» — Para que esta consolação, talvez sinistramente allusiva a mim proprio, se tornasse ainda mais perfeita, n'essa mesma noite vieram-me dizer por authoridade fidedigna, que a maioria da milicia nacional tinha-se reuni-

do debaixo do commando dos seus officiaes, e com previo conhecimento do ajuntamiento, haviam endereçado ao general uma representação por escripto, em que pediam que eu fosse julgado, e punido quanto antes, ou então que fosse entregue ás suas mãos, que elles proprios exerceriam o cargo de julgadores. Ainda que eu podia esperar algum tanto dos sentimentos de honra, e dever militar do capitão-general, que elle apezar da sua lethargia haveria de resistir a esta exigencia, ainda quando ella fosse levada perante as authoridades civís, todavia a minha situação era extremamente melindrosa, pois que Zurbano achava-se em Gerona, era esperado, e podia chegar qualquer dia. Achava-se elle investido com o direito de formar conselhos de guerra em toda a parte, e segundo toda a verosimilhança haveria de dar execução ao paragrapho pelo qual ficavam sujeitos ao julgamento de um conselho de guerra os generaes carlistas, que pizassem o territorio hespanhol sem previamente haverem prestado juramento de obediencia nas mãos de um embaixador esparteirista. Assim passaram para mim os dias um apoz outro na constante expectativa de eu vir a conhecer de perto esse general, que se tinha tornado contrabandista.

Por fim estava já acostumado a toda a especie de boatos assustadores, a anonymas cartas ameaçadoras, a proclamações affixadas nas ruas, a artigos aleivosos etc. e era já superior a tudo isso; alguns dos ultimos (então como depois) serviram até para recrear-me; por exemplo um dia o Constitucional deu-se ao trabalho de copiar um romance de muitas paginas, que o V. d'A. tinha impresso no seu livro simplorio chamado «*Le Pélérin*», e onde eu era representado como o heroe de uma historia profundamente estupida; o Constitucional reproduzio tudo aquillo para dar uma prova do meu «*genio despotico hasta el estremo.*»

Ao decimo dia veio ter comigo o consul francez Lesseps, levou-me ao mais elevado pinaculo da nossa prisão, e mostrou-me á entrada do porto a fragata de guerra franceza Venus, que salvando com a sua grossa artilheria, entrava rapida e magestosamente com todo o panno largo; a bandeira tricolor tremulava altivamente sobre o mastro grande, e dominava aquelle ousado edificio, que engraçadamente parecia como escorregar sobre as aguas. «Agora, disse-me Mr. de Lesseps, podeis ter já a certeza de que não sereis victima do furor da plebe, e da indolencia das authoridades; essa embarcação espera por vós, e logo que chegar de Madrid a ordem da vossa soltura, ha de proteger-vos em des-

peito de todas as machinações, e revoltas; os seus quinhentos homens de tripulação, e as suas cincoenta e duas peças são sufficientes para o conseguir.» Sómente quem se achou n'uma situação analoga á minha, póde comprehender o sentimento de intimo jubilo, de que fui repassado ao contemplar essa negra deusa do mar.

Um dia depois, regressou felizmente o correio que se tinha mandado a Madrid, e que trazia a ordem que annullava a minha prisão, e uma reprovação official ácerca do acontecido, enviada por Espartero, e pelo conde de Almodovar então ministro dos negocios estrangeiros. Despedi-me do meu bom alcalde, que até aos ultimos momentos me mostrou sempre a mais amavel consideração, e indulgencia, e entrei para a carruagem de Mr. de Lesseps.

Aconselhara-me este que dispensasse a escolta que nos facultára o capitão-general para nos acompanhar até ao logar do embarque, e tinha proposto levar-me comsigo. «Ninguem insultará o laço francez» disse elle com uma altiva segurança, que ostentava sempre nas mais arduas circumstancias. Mr. de Lesseps, e o seu collega da Austria Mr. Gibert acompanharam-me até a bordo da bella fragata, cujo digno commandante Mr. Troude com cavalheirosa hospitalidade me offereceu protecção, e passagem a bordo do seu navio; elle e os seus officiaes tiveram para comigo as mais delicadas attenções, e na elegante camara do commandante fui encontrar uma mesa esplendida, e todas as commodidades de que ultimamente tinha sido privado. N'essa mesma tarde suspendemos ferro, e confiado na briza, que suavemente nos impellia pude adormecer tranquillo a bordo da hospitaleira Venus entregue a fagueiros sonhos de liberdade.

Como ainda a desgraça me não tinha de todo abandonado, perto da meia noite fui acordado por uma furiosa tempestade, que nos accommetteu na altura do cabo Creux, e depois de uma duração de desasseis horas impellio-nos até á vista da costa da ilha de Sardenha perto do golfo de Oristano. Ás 4 horas da madrugada a procella tinha de tal modo crescido, que nos rasgou algumas velas, partio vergas, e arrebatou comsigo dois escaleres. O commandante quiz a principio dirigir-se a Palma, e quando isto se tornou impossivel, demandou as costas do sul da ilha de Sardenha. Na manhã seguinte a tempestade começou a abrandar algum tanto; achámo-nos a dez milhas maritimas de distancia das costas da Sardenha, cujos rochedos ponteagudos e elevadas serras pareciam mui perto por estar o tempo muito claro. Ventos

inconstantes substituiam-se rapidamente a alguns momentos de calmaria, de modo que o mar continuava a estar muito agitado. Bordejámos constantemente entre Mahon e a costa Sarda, de modo que á noite sómente nos tinhamos affastado da ultima mais duas milhas maritimas. Um pequeno passaro arrojado pela tempestade cahio sobre o nosso tombadilho; veio-me á lembrança o celebre verso de Victor Hugo, apanhei a pobre ave, e encarreguei um dos carpinteiros do navio de lhe arranjar uma gaiola: porém o animal não chegou a viver até ao dia seguinte. De noite as rajadas de vento sopraram com mais violencia, e as vagas inundavam de novo o tombadilho. Um grande macaco de Angola de que me tinha feito presente a rainha de Portugal, e cuja caixa estava presa ao mastro grande, gritava e assoviava desesperadamente quando a agua fria chegava até ao seu aposento. E deste modo sentindo-me com o penoso desgosto e aborrecimento de, á semelhança do nobre Unstern de Uhland, ser constantemente desviado da parte aonde desejava chegar, fui deitar-me na elegante camara, que o commandante havia destinado para a minha habitação, e que estava disposta com todo o aceio, e commodidades. No dia seguinte o vento tinha serenado, e tivemos de bordejar como na tarde precedente; por um modo analogo continuou o tempo pelo espaço de quatro immensos dias, durante os quaes velejámos de um para outro lado entre Minorca, Sardenha, e Corsega de maneira que de manhã uma, de tarde outra d'essas ilhas vinha collocar-se diante de nós como uma terra amaldiçoada; ás vezes o vento acalmava de tal sorte, que tendo nós largado todo o panno, viamos apenas mover-se a agua para levemente açoutar o costado do navio, e passada uma hora tinhamos sómente adiantado um terço de milha maritima. Finalmente oito dias depois da nossa partida descubrimos Toulon e dahi a sete dias achei-me em Nizza, onde acabaram para mim os cuidados, os desgostos, e a miseria.

FIM.

NOTAS.

Pag. 13 — *Mindello, (antigamente chamado* — Arnoza de Pampelido) *etc.*

O desembarque do exercito de D. Pedro teve logar junto da pequena povoação — Arnoza de Pampelido: o Mindello fica perto de meia legoa de distancia, todavia dá o seu nome á praia que se estende até ao sitio do desembarque.

Pag. 16 — *a fragata Duqueza de Bragança .... duas naus, D. João 6.º, e o Vasco da Gama, ultimas reliquias da magestade passada, etc.*

O A. dá a entender que eram aquelles os unicos vasos de que se compunha a nossa esquadra. A marinha de guerra consta actualmente das seguintes embarcações: duas naus, D. João 6.º de 80 peças, e Vasco da Gama 80; seis fragatas, D. Pedro 50, Diana 50, Duqueza de Bragança 50, D. Fernando e Gloria 50, Rainha 48, D. Maria 2.ª 48; oito curvetas, Iris 24, D. João 1.º 22, Urania 22, Oito de Julho 22, Izabel Maria 22, Infanta Regente 20, Relampago 18, Damão 18; nove brigues, Tejo 20, Mondego 20, Serra do Pilar 20, Douro 20, Audaz 18, D. Pedro 18, Villa Flor 18, Vouga 13, S. Boaventura 8, o brigue-escuna Tamega 13; oito escunas, Faro 10, Meteoro 8, Nimpha 8, Cabo-Verde 8, Fayal 6, Esperança 6, Boa Vista 6, Constituição 6; o cuter Andorinha 6; dois vapores, Terceira, e Mindello (em construcção); e tres charruas, Maia Cardoso 32, Princeza Real 24, Principe Real 16.

Pag. 18 — *No meio acha-se uma estatua equestre de D. José 1.º bastantemente destituida de gosto, etc.*

Link na sua Viagem a Portugal, fallando do monumento de D. José 1.º diz tambem «Esta estatua pareceu-me muito mediocre; o cavallo e o cavalleiro são rigidos; os attributos, ao menos segundo a minha opinião, são de ruim escolha, e de ruim execução.» Este conceito deve attribuir-se á falta de um instincto proprio, e de um conhecimento especial na materia, se não quizermos antes dizer que o celebre

botanico allemão, se esqueceu frequentemente, e mais do que devêra, da declaração que tinha feito no prefacio da sua obra — *Ich nahm die Feder in Vertheidigung meiner Portugiesen*, (peguei na penna em defeza dos meus portuguezes).

Um conceito muito mais favoravel, e ao mesmo tempo com a authoridade de um entendedor mui competente tinha já antes sido publicado na obra do celebre architecto Murphy. Diz elle que «a figura e o cavallo são producções muito bellas» e que «os grupos emblematicos que se acham nos lados do monumento, bastariam elles só para estabelecer a reputação do esculptor» accrescentando pouco depois que «os talentos de Joaquim Machado de Castro lhe assignalam um logar a par dos primeiros artistas do seu seculo.»

Pag. 18 — *no meio da qual (Praça do Pelourinho); existe um formoso obelisco .... que me disseram ter servido antigamente para* forca dos fidalgos. *Ainda chegou a funccionar no tempo de D. Miguel, etc.*

O monumento do Pelourinho servio *uma unica vez* de patibulo em 1790, quando alli foi degolado um cadete, que assassinou seu irmão perto da Villa de Almada.

Pag. 20 — *Foi edificado, (o theatro de S. Carlos), em* 1773 *no espaço de* 5 *mezes por um italiano chamado José da Costa, etc.*

O architecto José da Costa e Silva era aliàs portuguez e natural da villa de Povos. Estudou a architectura em Bolonha e Roma, e d'ahi procederá talvez o equivoco do A. Foi tambem obra sua o plano para o palacio, e hospicio de Runa, e conjunctamente com Fabri dirigio as primeiras construcções do paço de Ajuda; foi academico de merito da Academia Romana de S. Lucas, e falleceu em 1819 no Rio de Janeiro.

O theatro de S. Carlos apromptou-se em seis mezes, para a primeira representação, que teve logar em 29 de Abril de 1773, dia do nascimento da Senhora D. Maria Thereza tia de S. M. F.; porém as obras não se achavam então de todo concluidas.

O que se lê no texto ácerca das «representações patrioticas» é uma singular illusão, cujo motivo ignorâmos, a não ser uma infidelidade de memoria tão grande como aquella, com que o A. descreve a pintura do tecto da sala do espectaculo.

A severa censura que se faz á posse hereditaria dos dois camarotes do conde de Farrobo, parece-nos tambem não ter cabimento. Os camarotes de SS. MM. foram apenas tomados

depois da restauração de 1833; e os do conde de Farrobo são pequena retribuição da generosidade com que o barão de Quintella antigo e mais contractadores do tabaco concorreram para a edificação do theatro, em que despenderam 160 contos, devendo elle passar a propriedade da Casa Pia de Lisboa, logo que pela renda do edificio seja pago aquelle capital.

Pag. 39 — *e quando Napoleão em Bayona perguntou ao conde de Lima, etc.*

O A. pertende aqui fallar de D. Lourenço de Lima, que era o orgão principal da chamada deputação da nobreza, que foi a Bayona pedir a Napoleão houvesse de escolher um rei para Portugal.

Pag. 40 — *esta medida, (a nova pauta das alfandegas) sujeitou todos os productos estrangeiros sem distincção a um direito de entrada de* 15 *por* 100, *etc.*

Até 1835 epocha em que se declarou sem vigor o tractado de 1810, e em consequencia das suas disposições as mercadorias inglezas pagavam por direitos d'importação 15 por 100 *ad valorem*, e as mercadorias das outras nações 30 por 100. Pela nova pauta cessou a distincção que havia em favor da Inglaterra, e os direitos já não são pagos *ad valorem* pelas declarações das facturas; mas sim de um modo fixo pelas medidas de peso, capacidade, etc. Não se estabeleceu tão pouco uma tarifa universal de 15 por 100, como se lê no texto no logar citado, a imposição é em geral muitissimo maior. Para se fazer idéa da severidade da pauta em alguns artigos bastará dizer que as lãzinhas pagam 50 por 100, e os duraques perto de 70 por 100.

Para acclarar e corrigir o que se diz na pag. citada sobre o valor total das importações e exportações de Portugal, apresentaremos os seguintes dados extrahidos da interessante publicação de estatistica commercial, que o governo apresentou ás côrtes, sob o titulo — Mappas geraes do commercio de Portugal com suas possessões, e nações estrangeiras, durante o anno de 1842 —.

O valor total das importações naquelle anno foi réis 9.826:023$928, e das exportações 6.580:533$901.

Destas sommas corresponderam ao nosso commercio com Inglaterra e suas possessões — importação 5.715:943$103, exportação 3.292:303$751.

Na primeira destas sommas comprehendem-se como addições mais notaveis

Algodões..... 2.889:612$200
Lãs ..... 631:907$320
Metaes..... 475:699$463
Pescarias..... 169:748$900
Grassina ..... 162:984$000
Linho, etc..... 137:315$400
Pedras, terras, etc..... 102:553$700
E finalmente nas pescarias vindas da Terra Nova ..... 657:226$000

E na exportação para o mesmo paiz avultam principalmente

Aguas, e bebidas..... 2.277:148$066
Metaes..... 421:827$300
Fructas ..... 332:185$500

Pag. 42 — *Aqui (no palacio de Queluz) existe uma vasta poltrona de marroquim vermelho, onde jazeu enfermo D. João 6.°, onde D. Miguel padeceu com a fractura de um fémur, e onde D. Pedro exhalou o ultimo suspiro.*

É exacto o que se diz a respeito de D. João 6.°, e D. Miguel; porém D. Pedro expirou no leito, que ainda se conserva exactamente no estado em que se achava quando elle falleceu. A poltrona havia já muito tempo que tinha ido para o palacio dos Carrancas no Porto a cujo dono, fizera della presente D. Pedro.

Pag. 46 — *A lingua portugueza tem muitos vocabulos para indicar a palavra allemã* Garten.

Link que fez uma observação analoga, deixou egualmente de apresentar mais ampla prova da abundancia de termos, que ha na nossa lingua para designar as varias especies de terrenos cultivados. Sem pertendermos fazer o inventario completo das nossas riquezas a tal respeito, indicaremos de mais as seguintes denominações: pomar — onde se cultivam as arvores fructiferas, e de que ha a conhecida divisão de pomares de espinho, e de caroço; varzea ou vargem — planicie abundantemente cultivada; vergel — onde predomina a cultura das fructas; viveiros, e seminarios — onde se criam plantas novas; lezirias, e insuas — terras alagadas pelas innundações de rios; agro — terra lavradia; selva, matta, bosque, souto, que especialmente se diz dos bosques de castanheiros, e deveza que se applica particularmente ao mato fechado, além de um grandissimo numero de vocabulos, que designam a especie de plantas que se cultivam n'um terreno — como são os termos, laranjal, nabal, pinhal, olival, peral ou pereiral, amoreiral, rosal, montado, etc.

Pag. 50 — *Nossa Senhora das Necessidades era um convento de freiras, etc.*

O palacio das Necessidades não foi habitado por freiras, mas sim pelos padres da Congregação do Oratorio, que alli ensinaram humanidades depois do terremoto de 1755 até que se reedificou no tempo da Senhora D. Maria 1.ª a casa que tinham no Espirito Santo.

Pag. 58 — *vi uma dellas (procissões) que teve logar por occasião de uma festa de igreja em Cacilhas, etc.*

É apenas um folguedo popular, uma especie de mascarada sem caracter algum religioso o prestito, que vio o A. em Cacilhas no dia de S. João, e que elle suppoz ser uma procissão; e partindo dessa errada supposição não admira, que formasse um conceito muito desfavoravel da maneira como em Portugal é celebrado o culto externo da religião.

Pag. 59 — *Apenas os pobres pretos .... que passeam aos milhares pelas ruas de Lisboa, etc.*

É isto uma exageração, que seria mais desculpavel ha sessenta annos, e que de certo foi escripta por uma reminiscencia de leitura, e não por reminiscencia de observação. Em uma viagem feita a Portugal e Hespanha em 1772 e 1773 por Richard Twiss lemos o seguinte «quasi uma quinta parte dos habitantes de Lisboa consta de pretos e mulatos.»

Pag. 75 — *No tempo de seus religiosos habitadores estavam alli (em S. Bento) estabelecidas a torre do tombo, e a aula de diplomatica, etc.*

Esses estabelecimentos conservam-se ainda hoje em S. Bento. O archivo esteve collocado antecedentemente em uma torre do Castello de Lisboa, e d'ahi lhe proveio a denominação de «torre do tombo»: depois do terremoto de 1755 foi transferido para o local onde se acha actualmente.

Pag. 78 nota — *Saudade em allemão* Sehnsucht *é palavra que unicamente possuem a lingua portugueza, e a allemã.*

O vocabulo *Sehnsucht* está mui longe de corresponder devidamente á nossa saudade; significa aliàs o ardente desejo de possuir alguma coisa, e nunca o melancolico, e meditabundo sentimento com que a imaginação nos representa de mil maneiras todas as perfeições de um objecto querido, cuja perda deplorâmos, ou cuja ausencia anhelâmos ver acabada; a palavra allemã é perfeitissimamente traduzida pelo nosso verbo *almejar*, tomado substantivamente.

Pag. 84 — *É muito notavel (na cocheira do Calvario) o coche de galla do rei D. Affonso Henriques, etc.*

É visivel que nesta descripção, que se faz dos coches

da casa real, houve uma chrisma singularmente anachronica; o A. acceitou de certo sem o minimo reparo a informação ignorante de algum empregado infimo nas cocheiras do paço. A invenção e uso das carruagens não é de muito antiga data na Europa. A primeira viatura desta especie que talvez appareceu em Paris foi o carro que em 1457 offereceu á rainha de França o embaixador de Ladislau 5.º rei de Bohemia e Hungria — paiz que parece ter sido o berço daquella descuberta sumptuaria.

Até á epocha da invasão hespanhola os nossos monarcas, não usavam de coches, mas sim especies de liteiras, que se denominavam andas. D. Filippe 2.º foi o primeiro, que os trouxe a Portugal, e desde então ficou o uso delles estabelecido na nossa corte.

Pag. 87 — *Os gallegos tomam parte em todas as corridas de touros portuguezas, etc.*

A gratuita carta de naturalisação, que o A. concedeu aos homens de forcado pugna não só com os factos, mas até com a indole natural dos gallegos, gente mais apta para os trabalhos passivos do que para o arrojo da perigosa offensiva.

Pag. 94 — *Não occultou (o conde de Villa Real) de modo algum que havia sido amigo e partidario de D. Miguel, etc.*

O conde de Villa Real servio D. Miguel sómente em quanto este se conservou fiel aos seus juramentos; saío do ministerio da guerra em 1828 por não subscrever ás demissões dos militares, que então se projectaram, e deixou finalmente o logar que ainda conservava no ministerio na repartição dos negocios estrangeiros immediatamente depois da dissolução das côrtes, que foi o primeiro passo official e significativo da usurpação.

Pag. 99 — *O material de que se formou o edificio (mosteiro de Belem) é o bello calcareo branco primitivo, que com tanto acerto se empregou no Coração de Jesus, na Pena, em Mafra, e na Batalha, etc.*

Toda a pedra empregada neste typo portuguez do estylo architectonico, que talvez Rickman comprehenderia nos *Debased* é sim calcareo branco, mas primitivo não; é secundario bem abundante ás vezes de petrificados. E em geral é a mesma pedra lioz de Mafra, e do Coração de Jesus (Estrella) extrahida pela maior parte das pedreiras de Pero-Pinheiro. Esta pedra nada tem de commum com o grês em que geralmente vemos na Pena os entalhados feitos com a maior perfeição; nem tão pouco com o grés calcareo mais branco, e mais molle de que se fabricou todo o convento da Batalha

(como o A. diz adiante tractando deste edificio); grês que vem a ser a mesma pedra boroeira de que em Coimbra existem tantas obras na Sé Velha, e em Santa Cruz, denominando-se ahi pedra d'ançã, nome do logar donde a tiram. Desta pedra, que até se corta a canivete, são feitos varios tumulos notaveis, que existem espalhados por tantas igrejas do reino, v.g. os de D. Pedro, e D. Ignez de Castro em Alcobaça, e os mais ricos dos conventos da Graça, e S. Francisco em Santarem: os dos antigos Abrantes na igreja do castello da Villa daquelle nome, o de certo guerreiro anonymo (Martim Travassos?) na antiga capellinha contigua á portada da Sé do Porto, o de um dos balíos em Leça, etc.

O que augmenta o valor do mosteiro dos Jeronymos além da fantasiosa originalidade da sua architectura (que no embate dos diversos pensamentos que presidiram á construcção attingio o de representar aquelle reinado, e por isso foi denominada mui competentemente *manuelina* pelo Sr. Varnhagem, na curiosa memoria que publicou sobre aquelle monumento) — é sem duvida ser a pedra, de que é feito, o mais duro marmore calcareo. O tempo não o tem endurecido mais; porém revestio-o de uma côr tisnada que dá ao edificio uma sombria apparencia de respeitavel ancianidade.

Pag. 100 — *A par de todos estes ornamentos dizem muito mal as columnas jonicas agrupadas da nave, etc.*

Visivelmente se pertende aqui alludir aos intercolumnios jonicos da capella-mór. O revestimento do côro, bem como as cadeiras, que nelle existem são feitas de madeira denominada *bórdo*, e não da que os francezes chamam *palixandre*, como se lê no texto.

Pag. 102 nota — *Outros, por exemplo Balbi, asseveram que foi el-rei D. Manuel, quem edificou a torre de Belem, segundo o plano que tinha adoptado D. João 2.°*

Effectivamente foi D. João 2.° que projectou a edificação desta torre, adoptando o plano, que para esse effeito lhe apresentou o seu chronista Garcia de Resende; porém a execução daquella obra é devida a D. Manuel, que a concluio ainda no seu reinado, e fez doação da capitania della a Gaspar de Paiva em 25 de Setembro de 1521.

As edificações bastardas, que tanto desfeiavam aquelle veneravel monumento, já felizmente desappareceram; deixou por tanto de ter logar a merecida censura que o A. fez á depravada reunião, que existia alli de architecturas disparatadas, censura que muito tempo antes tinha já sido publicada pelo Sr. Garrett, e quasi pelas mesmas expressões «É

o primeiro edital, escrevia elle, que está logo á entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro, que chega — aqui moram barbaros. »

Pag. 123 — *e ficará apenas como unico, e piedoso monumento daquelle tempo o hospital fundado pela infanta, etc.*

O A. parece referir-se ao Asylo militar de Runa cuja abertura teve logar no dia 25 de Julho de 1827 anniversario do nascimento da augusta fundadora a Senhora D. Maria Francisca Benedicta irmã da rainha a Senhora D. Maria 1.ª Toda a despeza da edificação, que subio a mais de 600 contos de réis foi feita por aquella magnanima princeza, a qual deixou tambem por sua morte um importante legado ao estabelecimento de Runa.

Pag. 135 — *Acerca da origem da fundação de Mafra, diz-se, etc.*

D. João 5.º fez um voto, e promessa a Fr. Antonio de S. José arrabido de levantar um mosteiro da sua ordem em Mafra no caso da rainha dar um successor ao throno.

Pag. 140 — *Ao passo que os vapores portuguezes gastam na viagem (de Lisboa ao Porto)* 36 *horas, e os inglezes* 18 *sómente, etc.*

Não existe desigualdade entre a marcha dos vapores inglezes e portuguezes, e por isso é muito de admirar a excessiva differença indicada no texto. É risco quasi inevitavel dos viajantes estrangeiros, serem illudidos pela ignorancia, ou má fé de quem os informa.

Pag. 148 nota — *Os bispos de Coimbra são condes de Arganil, e como taes — pares do reino.*

Pelo decreto de 29 de Abril de 1829 tem assento na camara dos pares os arcebispos, e bispos, pelo simples acto da sua elevação áquellas dignidades; porém a cathegoria nobiliaria de qualquer ordem que seja não dá o direito de pertencer á 2.ª camara.

Pag. 149 — *As theses eram discutidas em latim mui fluente, etc.*

Desde a reforma do marquez de Pombal são discutidas em portuguez as theses, ainda que o texto dellas bem como a dissertação inaugural sejam redigidos em latim.

Pag. 149 — 150 — *Esta distribuição dos estudos (na Universidade) data do tempo do marquez de Pombal .... ainda não recebeu as saudaveis alterações, etc.*

O decreto de 11 de Janeiro de 1837 deu uma nova fórma á organisação dos estudos superiores em Coimbra; reuniram-se em uma só as duas faculdades de direito, e cano-

nes, e em geral o ensino tomou um caracter menos exclusivamente especulativo, de maneira que cessou de ser exacta a censura que faz o autor á organisação, e caracter dos estudos da nossa Universidade. Pelo decreto de 20 de Setembro de 1844 foram ainda reformados aquelles estudos.

Pag. 158 — *As fortificações pedristas, que tinham sido effeituadas com o maior esmero e diligencia . . . offereciam a todos os respeitos uma linha mais forte, e mais terrivel, etc.*

É muito de admirar o quanto é opposta á verdade esta asserção. As linhas de defesa do Porto, em parte interrompidas, e desligadas, em parte batidas de flanco, e de enfiada, porque a diminuta força, de que podia dispor-se dentro da cidade não permittia dar-lhes maior desenvolvimento, ou que comprehendessem pontos de que se podesse tirar mais algum partido — eram por isso linhas mui debeis, e dominadas: n'alguns pontos até de fraco perfil; o fosso facilmente transposto por toda a parte; as baterias de protecção não podendo flanquear os ataques convenientemente, porque cada obra era feita aos bocados, sempre com a maxima penuria de material de guerra, e de braços, e muitas vezes debaixo de fogo.

Ao contrario as linhas do exercito sitiante mais pareciam linhas de defeza, do que um campo ligeiramente intrincheirado; tinham perfís, e fossos desmedidos; estacada dupla, e de grossas dimensões; grandes barreiras que pareciam invenciveis; n'alguns pontos até o fosso era praticado em rocha viva; tudo isto protegido por soberbos reductos feitos com esmero, e segundo todos os preceitos da arte, offerecendo por isso uma defeza poderosa, e independente. Nestes trabalhos andavam diariamente empregados mais de 10:000 fachinas de todo o reino. Quem observasse pois estes dois campos, e conhecesse a arte da guerra, diria que o sitiante estava de dentro. E não se enganaria, por quanto os defensores do Porto no diminuto recinto em que se achavam encerrados pozeram em sitio o reino inteiro, e conseguiram expugnal-o.

Pag. 164 — *Do tempo dos Romanos podem ainda alli (em Braga) observar-se as ruinas de um templo, de um aqueducto, e de um amphitheatro, e de outras construcções de menos importancia, etc.*

Além dos objectos expressamente indicados, mereciam tambem especial menção as celebres columnas romanas, ou antes massas de granito com inscripções latinas, que se acham no Campo das Carvalheiras.

O tumulo que o A. diz ser o do fundador da monarquia portugueza é o do conde D. Henrique, que se acha juntamente com sua mulher D. Thereza ao pé da capella-mór da Sé de Braga, como se lê pouco depois.

Pag. 165 — *Esta confusão de Borgonha com a Hungria era geral no seculo 16.° em Portugal, por isso tambem Camões, etc.*

A confusão a que allude aqui o texto não existia exclusivamente em Portugal, nem era ignorancia geographica; era a incerteza que então havia sobre a origem da genealogia da casa real portugueza. Dessa incerteza dá testimunho o proprio Camões, alludindo a uma opinião, que então vogava tambem, e fazia proceder o conde D. Henrique da casa de Lorena, como se vê da Est. IX do Canto VIII

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crêm ser em Lotharingia os estrangeiros: etc.

A opinião que fazia proceder D. Henrique de um rei de Hungria, sem designar que rei fosse, adoptaram-na Duarte Galvão na chronica de D. Affonso Henriques, e André de Rezende no livro 4.° das suas antiguidades de Portugal: a outra que o fazia descendente dos duques de Lorena foi abraçada por Damião de Goes na Chronica de D. Manuel, seguindo nisto os dois bispos D. Rodrigo Sanches de Palencia, e D. Affonso de Carthagena de Burgos.

A duvida sobre este ponto importante da nossa historia continuou até 1596, em que juntamente com as historias de Cylabro, e Sugar, foi impresso em Francfort o manuscripto achado na abbadia floraciense da ordem de Cluni na Borgonha, obra de um contemporaneo do nosso D. Henrique, pela qual se conheceu ser elle o 4.° filho de um dos filhos de Roberto 1.° duque de Borgonha, o qual era filho de Roberto o sabio rei de França, e por elle neto do rei Hugo Capeto. A authoridade daquelle manuscripto tem depois sido reconhecida e acceita por todos os historiadores. V. Hist. Geneal. da Casa Real T. I, e o tom. 9.° das Mem. da Acad. R. das Sc. de Lx.ª

Pag. 166 — *Vimos tambem o sepulchro de um joven infante filho de D. João 1.°, etc.*

Foi o infante D. Affonso segundo filho de D. João 1.°, e que chegou a ser jurado successor do reino: falleceu aos

10 annos em 1400: o seu tumulo de bronze dourado, que existe na cathedral de Braga, foi mandado de Bolonha pela sua irmã a infanta D. Izabel. V. Mappa de Portugal de J. B. Castro.

Pag. 172 — *Não me foi possivel ver (em Guimarães) coisa alguma das antiguidades romanas, etc.*

Admira que o A. nada diga dos famosos restos dos antigos paços da primitiva côrte portugueza, nem da Torre de Guimarães, onde diz a tradição ter estado presa por seu filho D. Affonso Henriques a rainha D. Thereza.

Pag. 182 — *Já se não falla nas fabricas de vidros e branqueamento de tecidos que alli (em Leiria) existiam, etc.*

A fabrica de vidros e a do alcatrão da Marinha Grande tem continuado a prosperar até hoje.

Pag. 184 — *o jazigo incompleto começado por D. Manuel .... e que é conhecido pelo nome de* capellas imperfeitas, *etc.*

É notavel que geralmente se accredite que as *capellas imperfeitas* foram começadas por D. Manuel, quando (como primeiro fez observar o Sr. Varnhagen) o testamento daquelle soberano decidia a questão em sentido contrario áquella commum opinião, que até foi adoptada pelo nosso erudito D. Francisco de S. Luiz. Parece-nos pois de interesse o transcrevermos a parte da 1.ª nota da Noticia do Mosteiro de Belém, pelo Sr. Varnhagen, que diz respeito a este assumpto:

«Quanto á época do começo das capellas imperfeitas eis o conteudo da verba do testamento de elrei D Manuel:

«Item rogo muito e encomendo *que se mandem acabar «as capellas da Batalha*, naquella maneira, que melhor pa«recer, que seja conforme á outra obra, e asy lhe dem en«trada para a Igreja do Mosteiro da milhor maneira que pa«recer: e mandem mudar para ellas, sendo primeiro de to«do acabadas e asy seus altares, e todas as outras cousas «necessarias — El-Rey D. Duarte *que foi o primeiro princi«piador dellas*, e assy elrey D. Affonso meu thio e ElRei D. «João, que Deos aja, e o Principe D. Affonso meu sobri«nho.»

«Facil é deduzir que tendo sido começadas cada uma das capellas com igualdade por elrei D. Duarte, e ainda sem destino determinado, receberam-no provavelmente em tempo de elrei D. João 2.º ou D. Manuel quando estando já determinadas as leis da armaria se disposeram nos tectos os respectivos escudetes e emblemas. Consulte-se o que diz o sabio A. da *Memoria* da Batalha p. 219 do T. X da Academia.»

Pag. 185 — *entre silvas .... lê-se o moto do rei (D. João I)* «Il me plait pour bien» *que allude de algum modo á promptidão com que Moisés obedecia ás ordens do senhor.*

Estas palavras são o resumo da opinião de Fr. Luiz de Sousa na sua descripção da Batalha. Para melhor intelligencia do logar citado transcreveremos as expressões do nosso classico «são dois grandes moimentos (de D. João 1.°, e de sua esposa) tão juntos que parecem hum só. O marmore muito alvo e fino, lavrado todo em roda de hum silvado de meyo relevo com seus espinhos, e amoras e a espaços huma letra franceza, que diz: *Il me plait, pour bien.* É empreza de fundamento tão alto, que nos dá nella este principe um conhecido penhor do seu bom juizo. Porque se a tomamos na verdadeira significação do nome Latino *Rubus*, que é silva, ou sarça, representa-nos um Moysés libertador do seu povo chamado por Deus do meyo della, e não refusando a empreza como elle: mas obedecendo sem tardança com a palavra: *il me plait*, como quem queria dizer, que alegremente se offerecia a todo trance e trabalho polo bem dos seus, e amor de quem o mandava, etc.» *Chron. de S. Domingos Tom.* 1.°

Pag. 190 — *Em alguns cantos do carneiro e da igreja acham-se tambem as sepulturas dos tres filhos de D. Ignez, o de D. Urraca esposa de D. Affonso* 2.°, *e outros muitos de mui pouca importancia, e que contém infantes, e infantas fallecidos no* 13.°, *e* 14.° *seculos.*

Na segunda nave do cruzeiro acham-se os jazigos dos reis D. Affonso 2.°, e D. Affonso 3.° e de suas mulheres D. Urraca, e D. Brites, e a de Fr. Pedro Affonso irmão de D. Affonso Henriques, que foi embaixador em França, e morreu em Alcobaça onde tomára o habito de S. Bernardo.

INDICE.

Pag.

Capitulo I — *Viagem da Allemanha pela Hollanda, Inglaterra, e Bahia de Biscaia — Vigo — Os Gallegos — Mindello, e o desembarque de D. Pedro em* 1832 — *As Berlengas — Lisboa — Theatro de S. Carlos — Duque da Terceira — Seges, Ruas, e Cães*..... 1

Capitulo II — *Cintra — Dietz — Lord Howard — Tractado de Commercio com a Inglaterra — Queluz — Aqueducto de Alcantara — Quintas nos arredores de Lisboa — Observações botanicas, e geognosticas — Bemfica, e Quintella — Palacio das Necessidades — O Rei e a Rainha — O exercito — Embaraços nos negocios da Igreja — Procissões, e ingerencia do Clero na politica — O Duque de Palmella*..... 33

Capitulo III — *Costa Cabral, e os partidos politicos — Eleições; Oradores — Cavalhariças reaes — Corridas de touros — Alhandra, e Sobralinho — O Conde de Villa Real — Igrejas e edificios de Lisboa — Belem — Ajuda*..... 64

Capitulo IV — *Viagens, e livros — O Barão de Renduffe — Viagem sobre o Tejo — Valle de Zebro — Castello de Palmella — Setubal, e Troia — Arrabida, Calhariz, e Azeitão — A infanta D. Izabel no Ramalhão — A côrte, e a camarilha — Os palacios da Pena, e de Cintra — Arredores de Cintra — O convento de cortiça, e Penha-Verde — D. João de Castro — Seteais — — Mafra*..... 105

Capitulo V — *Viagem para a Figueira, e pelo Mondego — Coimbra — Jornada para Aveiro, e viagem nocturna sobre a ria de Ovar — Porto — Jornada a Braga, e Guimarães — Serra e convento do Bussaco — Pombal e Leiria — Mosteiros de Alcobaça e da Batalha — Regresso para Lisboa*..... 140

Capitulo VI — *Partida de Portugal*..... 192

Notas..... 209

ERRATA.

Pag.	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
8	14	nobre	pobre
14	23	doze milhas nauticas	doze legoas
14	31 34	Penha	Pena
20	18	gastronomas	gastronomicas
26	43	Urzelina	Urzulina
35	39	prespectivas	perspectivas
42	36	deitar-me	sentar-me
45	32	feudamental	fundamental
56	22	bisdos	bispos
72	37	correr	corre
77	20	da côr	de côr
80	35	a voz	a sua voz
83	19	absurta	absurda
83	21	Automendon	Automedon
92	30	a original	o original
95	11	elegencia	elegancia
	12	especto	aspecto
	33	feiras	freiras
101	24	Hejo	Hoje
104	4	jadim	jardim
106	14	Altas	Atlas
106	27	lisongeirista, e optimo	lisongeiro, e optimista
141	10	tãs	tão
	12	de meia	da meia
145	42	Annta	Anna
147	23	exessos	excessos
148	24 25	cristal e	cristal :
	25	cocheiros :	cocheiros
149	39	vinte e um	quarenta e um
151	5	venerações	veneração
158	25	costello	castello
159	6	caido	caiado
163	33	austricos	austriacos
164	40	cantatæ	*cautatæ*
190	22	o que	e que
196	19	o em	e em

Omittem-se varios erros, e irregularidades de orthographia.

LIBRARY OF CONGRESS
0 029 963 709 8